A TERRA LIVRE (JORNAL) – Anno I – Números 8 a 14

CADERNOS DO
GRUPO DE ESTUDOS
DE HISTÓRIA SOCIAL
vol 2 – n 10
2018

Junho 2018

São Paulo-SP

O GRUPO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA SOCIAL é a divisão de pesquisa e publicações do CÍRCULO ALFA DE ESTUDOS HISTÓRICOS : associação sem fins lucrativos fundada em São Paulo em 1986 com a finalidade de incentivar o estudo do desenvolvimento histórico das sociedades e das culturas, de promover a compreensão das obras e atividades humanas em suas relações com o meio social.

O GRUPO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA SOCIAL reúne pesquisadores e especialistas da história da formação social brasileira, da história do movimento operário e dos temas da modernidade e da cultura contemporânea.

contato: gehistoriasocial@gmail.com

blog: www.gehistoriasocial.blogspot.com.br

Sobre o jornal A Terra Livre:

"Jornal anarquista fundado na cidade de São Paulo em 30 novembro de 1905 pelo português Neno Vasco, com a colaboração do brasileiro Edgard Leuenroth e do espanhol Manuel Moscoso, com o objetivo de organizar os operários brasileiros. Foi extinto em 1910.

Em seu número de lançamento, o jornal afirmava ser um órgão de "anarquistas e socialistas", evidenciando em seus exemplares posteriores uma tendência pró-sindicalista. No entanto, A Terra Livre não dedicou espaço somente às questões sindicais ou à organização dos trabalhadores, disseminando, por exemplo, campanhas de solidariedade internacional. Uma dessas campanhas aconteceu no ano de 1906 e visou a ajudar financeiramente anarquistas e socialistas perseguidos pelo regime czarista russo. Nessa ocasião, Neno Vasco recebeu (e publicou) uma carta que o anarquista Pedro Kropotkin lhe enviou em agradecimento à ajuda.

O jornal foi publicado em São Paulo com periodicidade quinzenal até 8 de junho 1907, quando a redação foi transferida para o Rio de Janeiro. Em sua fase carioca, continuou sob a direção de Neno Vasco, mas sob a administração do anarquista José Romero, até junho de 1908. Desde então, passou a ser novamente editado em São Paulo, e assim permaneceu até maio de 1910. Nesse ano, após a implantação do regime republicano em Portugal, Neno Vasco regressou a seu país de origem, e A Terra Livre deixou de circular."

Autora: Carolina Vianna Dantas, disponível em:

http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/TERRA%20LIVRE,%20A.pdf

Para uma extensa pesquisa e historiografia de Neno Vasco, fundador de A Terra Livre, recomendamos o excelente artigo de Alexandre Samis, *"Contra limites e fronteiras: Neno Vasco e o anarquismo em dois continentes"*, publicado no periódico Navegar, vol 3, no 4, Jan-Jun 2017, pp. 10 a 38, disponível em:

http://www.labimi.uerj.br/navegar/edicoes/04/4_DOSSIE_1.pdf

Sumário

A Terra Livre, São Paulo, 01 de Maio de 1906, Anno I, Número 8. 5

A Terra Livre, São Paulo, 16 de Maio de 1906, Anno I, Número 9. 9

A Terra Livre, São Paulo, 13 de Junho de 1906, Anno I, Número 10. 13

A Terra Livre, São Paulo, 28 de Junho de 1906, Anno I, Número 11. 17

A Terra Livre, São Paulo, 13 de Julho de 1906, Anno I, Número 12. 21

A Terra Livre, São Paulo, 28 de Julho de 1906, Anno I, Número 13. 25

A Terra Livre, São Paulo, 15 de Agosto de 1906, Anno I, Número 14. 29

A Terra Livre, São Paulo, 01 de Maio de 1906, Anno I, Número 8.

a Terra livre

O HOMEM LIVRE SOBRE A TERRA LIVRE.
GOETHE

ANNO I — SÃO PAULO (BRASIL) — TERÇA-FEIRA, PRIMEIRO DE MAIO DE 1906 — NÚMERO 8

O CANTO DOS TRABALHADORES

(IL CANTO DEI LAVORATORI (*)

Companheiros! Companheiras!
Levantai-vos! vinde em massa!
O pendão livre esvoaça
Ao sol claro do porvir!

Nos insultos e nas penas,
Mutuo pacto nos aperta;
A grande obra que liberta,
Quem de nós a irá trair?

São os filhos do trabalho
Quem o ha-de redimir;
Ou viver pelo trabalho,
Ou lutando sucumbir!

—

Pelo campo e pela mina,
A buscar um magro ganho,
Somos brutos dum rebanho,
Tosquiados p'lo patrão.

O senhor por quem lutamos
Não nos dá direito á vida:
A ventura prometida,
Quando a vemos nós então?

São os filhos do trabalho, etc.

—

Entre as máquinas deixamos
Corpo e cérebro aos pedaços;
Hão-de á força os nossos braços
Terra alheia fecundar.

O instrumento do trabalho,
Entre as mãos dos homens novos,
Mate os odios entre os povos,
Chame o justo a triunfar.

São os filhos do trabalho, etc.

—

Separados, somos fracos,
Somos fortes bem unidos;
Dá vigor aos oprimidos
Quem tem braço ou coração.

Tudo vem do suor nosso;
Derrubar, erguer podemos;
Seja a senha: despertemos!
Foi bem longa a sujeição.

São os filhos do trabalho, etc.

—

O' irmãs no sofrimento,
Companheiras nos enganos,
Que aos negreiros, que aos tiranos,
A belleza e sangue dais;

Aos submissos, aos imbeles,
Não mais deis vosso sorriso!
Para o exército indeciso
Os desastres são fataes.

São os filhos do trabalho, etc.

—

Maldição a quem se espoja
Nos banquetes, nas orgias,
Junto a quem passa os seus dias,
Sem um pão e sem amor!

Maldição a quem não sofre
Com a atroz miseria alheia,
E de paz nos palavreia
Sob a pata do opressor!

São os filhos do trabalho, etc.

—

Guerra ás patrias, apaguemos
Os confins do mundo inteiro;
Que o inimigo, que o estranjeiro,
Não é longe, é entre nós!

Guerra á guerra, sem descanso!
Sem descanso, morte á morte!
Do direito do mais forte
Já o termo vem veloz!

São os filhos do trabalho, etc.

—

Se a igualdade não é fraude,
Ironia, falsidade
O clamar fraternidade
O viver livre e viril:

Eia avante! companheiros,
Que nós todos somos servos;
Com os fracos e protervos
Transigir é baixo, é vil!

São os filhos do trabalho, etc.

(*) «Pecado juvenil» de Filipe Turati.

EXPEDIENTE

A TERRA LIVRE, que se publica por SUBSCRIÇÃO VOLUNTARIA, aceita tambem assinaturas nestas condições:

Serie de 25 números	4$000
« « 12 «	2$000
« « 6 «	1$000

Administrador: EDGARD LEUENROTH.
Toda a correspondencia a *Neno Vasco*,
Rua Santa Cruz da Figueira, 1 — São Paulo.

Aos camaradas, aos simpatizantes, aos amigos sinceros de Terra livre, *fazemos notar que devem sobretudo atender á* SUBSCRIÇÃO VOLUNTARIA, *porque a assinatura é mais para os estranhos, para os curiosos, do que para os camaradas que desejam colaborar eficazmente na nossa obra.*

O Primeiro de Maio

De 1884 a 1886, as organizações operárias norte-americanas resolveram agir directamente para obter a jornada de 8 horas de trabalho. Durante 1885 houve, pelo menos, 250 boicotagens, mais de metade com bom exito. Assim, um teatro de Nova-York, severamente boicotado durante mais dum mês, cedeu por fim em tudo, e ainda teve que dar 400 dollars para a caixa dos desocupados, e, pelos mesmos motivos, foi o célebre e poderoso jornal, *New-York Herald* obrigado a dar 500 dollars.

Foi então que, em seus congressos, as organizações operárias resolveram redobrar de actividade em favor das 8 horas, fixando no 1.º de maio de 1886 a data a partir da qual seria realizada a conquista.

Fez-se uma agitação febril, entusiastica, ardente. Espalharam-se innumeros jornaes e manifestos, realizaram-se comicios sobre comicios, manifestações ruidosas, cortejos formidaveis, e em todos os cantos se viam cartazes, boletins, etiquetas, repetindo em todas as linguas, insistentemente, como uma obsessão, a vontade e o conselho de levar a cabo a conquista.

O impeto foi tal que, antes do 1.º de maio de 1886, os patrões já começavam a conceder as 8 horas, com o mesmo salario, é claro: antes daquella data mais de 30 mil trabalhadores viam satisfeita a sua reclamação. E na data fixada, mais de 200 mil operarios alcançaram as 8 horas de trabalho.

O movimento não foi limpo de sangue: atestam-no os oito propagandistas que em Chicago perderam a vida ou a liberdade, bodes expiatorios sobre os quaes a burguesia fez cair o seu odio turvo, vingando-se nelles, pelo suborno e pela falsidade, do que era acção e reivindicação de multidões.

Quando, em 1889 e 1890, os congressos socialistas propõem a manifestação universal do 1.º de maio, o proletariado aceita-a de boamente com o seu caracter reivindicativo. A greve geral é esboçada nos factos. E ainda no 1.º de Maio de 1901, o sangue proletario tinge o solo da Republica francesa, em Fourmies.

O proletariado francês retoma, com ardor igual aos dos norte-americanos de 1886, a reivindicação que anda ligada ao 1.º de maio: e é este, por certo, o melhor modo de o celebrar...

Oh! é muito facil, para os profetas baratos e superficiaes, o prenúncio de possivel fracasso: certamente, a victória não será tão geral, completa e deslumbrante que não deixe aos espiritos prevenidos ou de má-fé a possibilidade de organizar um todo armonico dos pontos fracos e desdizer, desdenhosamente, do valor do movimento.

Não se trata, com efeito, de victorias definitivas: o movimento é uma escaramuça e o seu objecto uma conquista transitoria, pois que a sociedade capitalista é de tal modo organizada que, com o seu simples funcionamento normal, a anulará, talvez por completo.

Mas esta escaramuça é um exercicio. Este movimento é o exercicio da luta de classe. O operario faz a sua gimnastica com meios seus, proprios, adequados ao seu fim de emancipação e á nova concepção de vida social, que não pedidos ao ilusorio democratismo burguês.

Perante os beneficios da acção, não ha derrotas: os resultados estão JÁ obtidos em França, com essa bella agitação de propaganda, com esse forte despertar de energias operarias, com esse potente sacudimento de vontades.

E' só assim que se faz a educação proletaria, e não delegando em outros o cuidado de agir, não esperando a salvação caída do ceu parlamentar, não insuflando nas massas o espirito de resignação com a superstição legalista.

A acção directa! a greve geral! Eis o resultado das necessidades presentes, a consequencia da comprehensão do mecanismo da evolução social, que não se opera exteriormente, em fórmulas e decretos, mas dentro das consciencias e das vontades. Eis o que constitue a acção de classe, a *politica* — digamos a palavra, — necessaria e bem propria, do proletariado, que afirmou, e proclamou, e demonstrou na história que «a emancipação dos trabalhadores é obra dos mesmos trabalhadores.»

A Revolução Social

E' evidente que a apropriação por uma minoria privilegiada de tudo o que constitue a grande produção (terra, minas, maquinas, meios de transporte) faz a escravidão economica, e por consequencia a miseria material e moral do resto da humanidade.

Impudentes sofismas, clichés solenes baldadamente proclamaram a liberdade, a igualdade e a fraternidade. Os que apenas possuem os seus braços têm de os vender como podem, para não morrer de fome: tal é a verdade.

Trata-se pois (fim proclamado pelo socialismo libertario) de fazer voltar á comunidade dos seres humanos o que póde assegurar a vida e o bem-estar de todos, respeitando, claro está, o que é de uso pessoal. Transformação economica para a qual nos encaminhamos, através de todos os conflictos do Trabalho e do Capital, pelo simples jogo dos fenomenos sociaes.

Como a rua, por onde passa toda a gente, a escola, a biblioteca, o museu, que se tornaram publicos, comuns, hão-de as minas, as explorações industriaes e agricolas, etc. hoje monopolios de ociosos accionistas, tornar-se a propriedade comum, indivisa, dos trabalhadores livremente agrupados, organizando elles proprios a produção e a troca.

Basta tomar uma rapida vista geral da historia do trabalho durante o seculo XIX para descobrir que marchamos para essa revolução social, bem mais larga e fecunda que as revoluções feitas em proveito destes ou daquelles politicos.

Sendo os trabalhadores infinitamente mais numerosos que os capitalistas e sendo elles que alimentam o exercito que os mantem sob o jugo patronal, é evidente que, quando elles se quiserem unir, a feudalidade capitalista sucumbirá como sucumbiu no fim do seculo XVIII a feudalidade nobiliaria que detinha nas suas mãos todas as engrenagens do Estado.

Quanto mais depressa se tornar consciente a massa trabalhadora, mais depressa se fará essa revolução. Certamente, se se devesse esperar que *todos* os desherdados compreendessem, nem dentro de três mil annos chegaria a data desejada. Mas a historia nos diz que as grandes revoluções, largamente populares, se effectuam frequentemente ao menor choque, quando, creado um certo ambiente, existe uma minoria decidida á acção e uma massa simpatica.

Pela propaganda creamos e desinvolvemos o ambiente. Nos agrupamentos de trabalhadores, hontem ainda rotineiros e particularistas, mas cada vez mais conscientes, acham-se o escol que ha-de ousar e a massa que ha-de seguir.

Assim será feita a libertação dos escravos modernos: deixarão de ser bestas de carga.

CARLOS MALATO.

Federalismo anarquista

Assim como estamos convencidos de que, abolindo o matrimonio religioso e o matrimonio civil, juridico, restituimos a vida, a realidade, a moralidade ao matrimonio natural unicamente fundado sobre o respeito humano e a liberdade dos dois individuos, homem e mulher que se amam; que reconhecendo a cada um a liberdade de se separar do outro quando quiser, e sem necessidade de pedir licença seja a quem for, negando igualmente a necessidade desta licença para se unirem os dois, e repelindo em geral toda intervenção de qualquer autoridade em sua união, nós os tornaremos mais estreitamente unidos, bem mais fieis e leaes um para o outro; assim tambem estamos convencidos de que, quando deixar de existir o maldito poder do Estado para obrigar os individuos, as associações, as comunas, as provincias, as regiões, a viver juntos, elles se ligarão muito mais frequentemente e constituirão entre si uma unidade muito mais viva, mais real, mais poderosa do que aquella que têm hoje de formar, sob a pressão, para todos igualmente esmagadora, do Estado.

...Quando tiverem desaparecido os Estados, a unidade viva, fecunda, benefica tanto das regiões como dos povos, e da internacionalidade de todo o mundo civilizado primeiro, e depois de todos os povos da terra, por meio de livre federação, e de organização de baixo para cima, desinvolver-se-á em toda a sua majestade, não divina, mas humana.

...Mas convem distinguir federalismo de federalismo... O federalismo regional não poderia ser senão uma instituição aristocratico-oligarquica, porque, em relação ás comunas e ás associações operarias — industriaes e agricolas, — seria ainda uma organização politica de cima para baixo. A organização verdadeiramente popular começa, ao contrário, com um facto de baixo, com a associação e com a comuna. Organizando assim de baixo para cima, o federalismo torna-se então a instituição politica do socialismo, a organização livre e espontanea da vida popular.

MIGUEL BACUNINE

Aos nossos leitores pedimos encarecidamente que nos forneçam todas as informações possiveis, escrupulosamnte exactas, sobre as condições operárias, moraes e materiaes, nos diferentes logares e fábricas, horarios, salarios, custo da vida, etc.

A Propriedade

Um operario habita uma casa que foi construida por outros operarios; é o morador que a lava, limpa, conserva, embelleza, ao mesmo tempo que tira della utilidade; se é necessario um concerto, são ainda trabalhadores que acodem.

No fim do mês, porém, um intruso, que não se serve da casa nem trabalhou nella, que nunca fez outro serviço senão o de *ver as obras*, chega, recebe o aluguel e passa o recibo. E' a sua unica função.

Mas que direito tem esse homem não só a mandar fazer a casa, que não utilizará, mais ainda a receber o imposto que lhe paga o locatario?

E' bastante singular o direito desse «proprietario». Muitas vezes não fez mais do que *herdá-lo*, isto é, recebê-lo dum morto!

Um seu antepassado qualquer juntára, mal ou bem, honestamente ou não, um tesouro, um capital. Mas por esse facto póde viver sem trabalhar o resto dos seus dias e até deixar essa faculdade a seus descendentes! Porque numa familia um só homem trabalhou, gerações e gerações vivem parasitariamente do trabalho alheio!

Mais ainda: os que nascem ricos não têm sòmente o direito de viver á custa dos outros; a exploração vai mais longe. O Proprietario, senhor dos meios de produção, diz ao proletario, ao pobre: «Em troca do teu trabalho, dar-te-ei apenas uma parte do que produzes, uma parte do valor do produto; se não aceitas, morres de fome, porque só tens os teus braços».

E como as possibilidades de comprar são assim reduzidas para o pobre, este não consome o suficiente, e assim a produção pára, já não dando ganho ao Proprietario, que só faz produzir para vender. A produção é estorvada.

E' este terrivel direito de viver á custa alheia (sem trabalhar) e de impedir a produção, isto é, de esfomear os outros, que é transmitido de geração em geração e que, em vez de se atenuar, se agrava, pois que a herança aumenta, sem que os herdeiros façam mais do que receber os alugueis, os dividendos, os juros, os rendimentos!

Suponhamos agora que o Senhorio não herdou, mas *ganhou* os seus bens —com o suor do seu rosto. Não devem ser grandes, esses bens: nós vemos tanta gente que trabalha e poupa toda a vida, e nunca tem vintem... É possivel explicar pelo trabalho pessoal as fabulosas riquezas dos arquimilionarios norte-americanos?... Serão os ricos extraordinariamente mais activos e inteligentes do que os pobres?

Mas, mesmo grandes, esses bens acabar-se-iam, deixando o seu possuidor de trabalhar. Ora, como é que elles, pelo contrário, se conservam e aumentam? Porventura o dinheiro dá filhos? Além de senhorio, o Proprietario é patrão, é industrial. De pé á porta da sua oficina, diz ao operario, que pede licença para ser explorado nessa penitenciaria: «Vendo-te caro o direito de rebentar de fadiga em minha casa; pagar-me-ás com a maior parte do que produzires».

O Proprietario é tambem agricultor. Nunca semeou um grão de trigo ou de café, uma batata ou um feijão, ou antes, não precisa de o fazer para guardar em seus navios e depositos todos os produtos da terra. Possue ainda as minas, as máquinas, as ferrovias, etc.

Muitas vezes distrai-se e deixa escapar: «Os meus capitaes trabalham». Mas, como os papeis, que representam esses capitaes, apenas serviriam, quando muito, para acender cigarros, mais justo seria que dissesse: «Os meus escravos trabalham». Porque os capitaes não frutificam sòzinhos.

E para conquistar o direito de dizer aos outros: «trabal[illegible] para mim», e de ver a ordem cumpr[illegible]a, trata cada um de saltar por cima dos outros, sem se importar com os esmagados. O egoismo toma formas brutaes, que, afinal, não realizam o fim buscado: esta luta feroz entre os homens não é util ao egoismo do individuo e da especie. Aquelle fica ferido, embora vencedor, esta degenera. Os homens não são muito conscientes ainda da solidariedade, que tem feito progredir a humanidade. Onde, afinal, é a cooperação de forças que triunfa, a concorrencia, a mentalidade que della resulta faz ver a utilidade da luta.

O estado de espirito proveniente da concorrencia tem duas faces: o desejo de trepar, o arrivismo; e o servilismo. O homem faz-se servil e baixo com os que têm o poder, dado sobretudo pela riqueza, e orgulhoso e prepotente com o que está abaixo delle na escala social.

O fraco não tem meios de defesa; e fraco é o que, por circunstancias fortuitas de nascimento ou por incertezas da luta, que não garante a victoria ao mais forte fisica e intelectualmente, está privado dos meios economico-politicos de ser independente ou de dominar.

Mas, se o *fraco* ataca o *forte*, todos os meios de repressão e toda a moral da sociedade se põem em acção. Um operario não acha trabalho; rouba: logo a noção de roubo, que se perdera por entre as operações dubias dos banqueiros e comerciantes, entre a exploração capitalista, entre o banditismo social legalmente organizado, resurge implacavel e inflexivel, e o gladio da justiça fere.

Cumpre á consciencia nova organizar uma sociedade em que não haja juro nem herança, em que os trabalhadores não deixem os meios e a melhor parte da sua produção nas mãos dos capitalistas, em que os meios de produzir, de ser livre, pertençam a todos, em que todos cooperem no bem-estar de todos.

Valor da greve geral

Segundo Sydney Webb (oráculo dos Fabianos de Inglaterra, burgueses mascarados de socialistas, uns por SNOBISMO, outros por cálculo), a greve geral é uma utopia, que se produz na origem do movimento socialista, uma ilusão de juventude. Eu respondi: «O SOCIALISMO OPERARIO seria portanto uma utopia» conclusão que talvez não desagradasse absolutamente a este burguês. E acrescentei ainda: «Se verdadeiramente o proletariado se tornou bastante forte e bastante bem organizado para realizar REVOLUCIONARIAMENTE o ideal de Engels, isto é, para fazer desaparecer o conjunto das instituições tradicionaes do Estado, deve provar a sua FORÇA com uma luta na qual fará valer os meios constituidos no proprio seio. Não vejo outra luta senão a greve geral para decidir esta QUESTÃO DE FORÇA».

A greve geral parece ás vezes um meio bem barbaro aos partidos politicos que acham mais seguro conquistar mandatos nas lutas eleitoraes; mas a conquista dos poderes feita por um partido é coisa bem diversa do derrubamento do Estado tradicional e da sua substituição pelas organizações operarias. Declarou-se varias vezes no congresso internacional de 1900 que o partido socialista é um grupo de pensadores que conduz o proletariado, de cuja confiança deve mostrar-se digno. No dia em que este grupo fôr o patrão de todas as forças de coerção do Estado burguês, poderá muito bem continuar a GOVERNAR, impondo de novo aos trabalhadores a autoridade de HOMENS DE ESTADO.

Para os operarios, a revolução é coisa bem diversa da victória dum partido; é a emancipação dos produtores, desembaraçados de toda a tutela politica; é o esfacelo do poder; é a organização economica das relações sociaes fóra dum governo de NÃO-TRABALHADORES. A greve geral não será pois a greve generalizada sob a direcção dum partido politico, mas a revolta consciente dos operarios completamente organizados e tornados capazes de passar sem os conselhos de qualquer partido politico.

J. SOREL

A Revolução Russa

Esboço de comunismo anarquista

Os camponeses do governo de Kutais apoderaram-se das terras e do gado, sem negociações com os proprietarios e sem lhes dar condições. Aos que não resistiram, deixaram a casa, um pequeno lote de terra e uma vaca, dizendo-lhes: «Isso vos bastará para viver trabalhando como nós.» Os que resistiram, tiveram peor sorte. Os camponeses levaram as armas e munições que acharam nas casas dos proprietarios, dizendo-lhes que então precisavam dellas e que as restituiriam depois.

Além dos proprietarios, havia ainda as autoridades, os juizes e outros parasitas com que era preciso ajustar contas. Carregaram-nos em carros, dizendo-lhes: «Vão-se embora, não precisamos de vocês, e se cá voltam, acautelem a pelle!» Os padres tambem não foram poupados. Ninguem se apresentou desde então, para o serviço militar, e os impostos ficaram por pagar. Os camponeses forçaram mesmos os pequenos burgueses a recusar o pagamento dos impostos ao governo, afim de terem mais baratos certos produtos, como o assucar, o petroleo, etc. Expulsaram os professores que, numa tirania estupida, obrigavam as crianças a aprender na lingua russa, que essa população não conhece.

Em summa, tornaram-se senhores em sua casa, e, sem nenhum govêrno, executaram elles mesmos os trabalhos comunaes. Construiram bellas estradas durante esse curto intervalo de liberdade, e aboliram os privilegios da nobreza e dos padres, fazendo-os trabalhar, se queriam viver, na obra comum. O trabalho da terra fez-se em comum em todo o territorio de Kutais; grupos de camponeses passavam duma aldeia á outra e ajudavam-se mutuamente. — Censuraram e desprezaram publicamente os ladrões e os ebrios, e tiveram uma grande influencia moral sobre estes ultimos, em tão curto espaço de tempo!

Esmagada a insurreição de Moscou, o governo russo enviou para Kutais tropas sobre tropas, comandadas por uma fera, e a formosa construção de liberdade, armonia e bem-estar foi sufocada em sangue.

Mas o fruto foi saboreado; o sol do socialismo e da anarquia brilhou; o regresso ás trevas será insuportavel. E os camponeses aproveitarão o primeiro ensejo para a reconquista e aperfeiçoamento do paraiso — não já na ilusoria vida de além-tumulo, mas sobre a terra, material, palpavel... Assim pensou já um grupo, que se retirou armado para as montanhas, porque á escravidão prefere a morte em combate.

Companheiros: Este bello movimento é digno de todo o nosso amor. Auxiliemos a revolução russa!

A subscrição continúa aberta em nossas colunas.

Desperta, escravo!

A religião gerava crimes.
LUCRECIO

Tudo neste mundo progride e se aperfeiçoa; senão, ai tendes a franca escravidão antiga que desde o seculo XVIII, segundo a minha anterior asserção, mudou de forma e processos, sempre mais *adiantados* afim de favorecer a classe privilegiada, mas no fundo em nada mudou, porque, pergunto eu, — ¿que diferença ha do escravo antigo comprado ao escravo moderno assalariado? Nenhuma.

O porquê desta evolução, não vantajosa ao proletario, está em sua inconsciencia e embrutecimento. E um dos principaes auxiliares desse embrutecimento, além da miseria, foi, é e será, até um dia, a religião. Por causa da religião se perderam fortes raças, cuja recordação se perde na noite dos tempos. Qual foi a causa da decadencia das raças egipcias e hebraicas?

As religiões foram sempre funestas aos povos, como está eloquentemente demonstrado. Da religião se têm valido os tsares para dominar a seu gosto, satisfazendo todos os seus caprichos; della são partidarios todos os autocratas, pois que paralisa a acção dos seus vassallos.

A sua influencia benefica sobre a moral dos povos é nula, porque, como observa Max Nordau, nunca a criminalidade teve maior número de adeptos do que na idade-media, quando não havia ninguem que não cresse a pés juntos no ceu e nas penas eternas do inferno. Hoje, é nos paises onde mais preocupa a religião que a estatistica criminal regista maior número de crimes; por exemplo, em certas regiões da Espanha e da Baixa-Italia, etc. Não consigna a historia criminal tantos casos de psicologia mistica nesses bandidos célebres de Espanha e outros países, os quaes ofereciam cirios a certa imagem, antes ou depois de executarem alguma empresa da sua profissão?

O proletario não deve aceitar nenhuma religião; o consciente é um iconoclasta. O paria deve beber agua nas fontes da escola racionalista, não deve consentir que lhe embotem os sentidos: deve ter a dignidade do que é.

Desperta, escravo! parte a tua cadeia de monstruosos elos, destroi estas instituições arcaicas chamadas Capitalismo, Estado e Igreja, anacronicas e mentirosas. Tem consciencia do teu poder, da eficacia da greve geral, recordada por este 1.º de Maio, cuja significação é tantas vezes mistificada.

Desperta, escravo! Não cometas a indignidade de lamber a mão de teu estrangulador, não queiras baixar á consideração dum cão, mas fazer-te solidario com teus irmãos da oficina ou do campo, que se agitam pelo mundo, tentando despedaçar num esforço titanico a cadeia que vos subjuga e mata.

Sorocaba, abril de 1906.

M. B. ORIACH

Vão-se as leis

A grande revolução da nossa época consiste em terem as leis perdido o seu imperio. Se alguem fala da majestade da lei, como se fosse uma deusa descida dum mundo superior, todos o escutam com ares de incredulidade, porque já sabem que a lei é de origem humana, como a religião, e que, como esta, passou por transformações análogas. Tem-se por averiguado que os seculos idos legaram ao presente tanto as suas leis como as suas superstições, e essa velha herança, celta, ibera, judia ou romana, franca, sueva ou visigotica, não é para nós mais do que um resumo de todas as opressões antigas. Assim como, comparando as religiões, se demonstrou que procediam todas duma mesma origem quimérica, assim o estudo da legislação comparada nos convenceu de que as leis, fabricadas pelos fortes contra os fracos, foram sempre uma agravação da injustiça. Não é um capricho, não é uma malvadez, não é uma infamia terem-se erigido em artigos de lei as injustiças que nos rodeiam?

Em todas as revoluções, quem resistiu ás rebeldias da equidade, foram sempre os patrões e os padres.

Actualmente é tão grande a diferença entre as leis e as concepções modernas da justiça, que os proprios juizes, investidos da magistratura e encarregados de pronunciar veredictos de culpabilidade ou de innocencia contra um reu, vêem-se obrigados não poucas vezes a pôr-se em contradição com a lei para obedecer ao seu sentimento de equidade. Os juizes, para salvar uma cabeça que a justiça historica reclama, negam tranquilamente um acto de cuja realidade estão certos.

Se o juiz se apercebe de tal ou obedece á sua consciencia simplesmente, isso não significa que seja menos verdade resultarem as leis um obstaculo ao nobre e espontaneo: em cada caso elle apella, não para uma jurisprudencia exterior, mas para a sua propria consciencia; as leis, como os dogmas, ao passar pelo tamiz da critica, perderam o seu caracter augusto. Já não vivemos nos tempos em que ellas appareciam no cume duma montanha entre o zigue-zague dos raios e o ri-bombo dos trovões, aos olhos dum povo ajoelhado: o Codigo, como a Biblia, não é mais do que um livro sem autoridade, ao qual cada seculo e cada homem arrancaram algumas folhas.

ELISEU RECLUS.

Os camaradas que desejarem distribuir gratuitamente o folheto «Porque Somos Anarquistas», podem obter nesta redacção 1 pacote de 50 exemplares por 500 reis. Todos os pedidos, até total esgotamento da edição, serão satisfeitos, embora não acompanhados da respectiva importancia

Em defesa do comunismo

«O comunismo é irrealizavel, dada a deficiencia dos produtos da terra e o contínuo aumento dos seus habitantes, pois que está provado scientificamente que, se um pedaço de terreno produz hoje para o sustento de dois individuos, é *impossivel* que amanhã possa produzir para manter quatro — a não ser que os comunistas libertarios tenham a habilidade de duplicar a superficie da terra.»

«Os comunistas afirmam que a terra produz mais que o necessario para o bem-estar de todos os homens que vivem sobre ella, e, para provar a sua afirmação, dizem que todos os armazens regorgitam de produtos. Mas não pensam que, se cada individuo tivesse o necessario, não só os armazens ficariam vazios, mas não haveria produção bastante para satisfazer as necessidades das três quartas partes do genero humano.»

Vejamos se taes argumentos resistem á crítica.

Nós de nenhum modo dizemos que hoje a produção é exuberante, e não nos deixamos iludir pelos armazens regorgitando de mercadoria. Sabemos perfeitamente que a chamada *sobreproducão* não é na realidade senão *subconsumo*, e que, se todos pudessem consumir segundo as suas necessidades, se descobriria logo que a produção actual é insuficiente. Mas depende esta insuficiencia de causas sociaes eliminaveis, ou da impossibidade real de produzir mais?

Eis a questão.

Hoje os proprietarios, que dispõem da terra e de todos os materiaes e meios de produção, fazem produzir, não para satisfazer as necessidades dos homens, mas para sua propria e exclusiva vantagem, e detêm a produção quando com ella não podem ganhar. A concorrencia que uns aos outros fazem os proprietarios e a consequente desordem em todo o campo da produção fazem com que num dado momento se trabalhe febrilmente e se produza mais do que o que o público requer, e noutro momento a produção pare, e os operarios, sem trabalho, fiquem famintos e nus a contemplar os armazens cheios dos objectos que elles produziram e não podem consumir; mas, em média, não se produz senão o que se póde vender, nas condições em que, num periodo dado, se encontram os homens.

Por consequencia, como os homens não podem hoje consumir segundo as suas necessidades, é natural que a produção cesse antes de ter produzido o suficiente para todos.

Mas o facto de não se produzir o suficiente não quer dizer que não se poderia produzir.

Em todos os paises, mesmos nos mais densamente povoados, ha immensas extensões de terrenos incultos, e das terras cultivadas tira-se muito menos que o que se poderia tirar, se fossem cultivadas com os melhores métodos conhecidos; miríades de máquinas ficam inertes e os operarios que poderiam fabricar outras e mais aperfeiçoadas ficam inactivos á força; em todos os ramos da industria abundam os operarios desocupados; em todos se observa um desperdício incrivel de forças e de materia... Quem ousaria, pois, dizer que as coisas faltam porque não ha possibilidade de as produzir? Quem ousaria afirmar que a gente anda descalça porque não se pode fabricar calçado suficiente para todos? que a gente está mal alojada porque é impossivel fabricar novas casas?

*

Mas tudo isso, dirão, pode ser hoje verdade; mas, com o crescer contínuo da população, chegará um dia em que realmente a terra será insuficiente para a conter e sustentar, e os homens deverão fatalmente devorar-se uns aos outros.

Poderiamos responder que o perigo de se tornarem um dia os homens excessivamente numerosos, não sería uma razão para estar mal hoje, quando ha um meio de estarem todos bem.

Mas existe afinal esse perigo? E se existe, não podem os homens dar-lhe um remedio?

A sciencia não disse ainda uma palavra segura e decisiva sobre a lei segundo a qual se desinvolveria a população, se a vontade humana não interviesse para a modificar. Mas a vontade não serve então de nada? Não é, porventura, a procreação um acto voluntario, tanto mais voluntario quanto mais moralmente elevado é o homem e quanto melhor sabe prever as consequencias dos seus actos e dominar e regular os impulsos naturaes? Não vemos, porventura, que o aumento da população se detém nos paises — como, por exemplo, em muitas partes da França — onde se crê util não ter muitos filhos?

Mas isto, repetimos, são problemas que podemos facilmente deixar para o longinquo futuro. (1) Hoje, sobre a terra, ha logar para que todos os homens actuaes e dez vezes mais estejam bem; — e está-se mal só porque a sociedade está organizada a dano da grande maioria. Derrubemos o privilegio, ponhamos tudo á disposição de todos, trabalhemos todos em boa armonia no bem geral e não será decerto a falta de produtos que nos impedirá de ser felizes.

*

«Sem ainda levar em conta,» acrescenta-se, «que cada individuo tem o temperamento e as necessidades diferentes dos dum outro, (e que por isso) será impossivel aos comunistas organizar sob um mesmo regime de vida todos os habitantes da terra.»

Mas que necessidade temos nós desta uniformidade de regime? Numa sociedade individualistica, isto é, baseada sobre a luta e sobre a concorrencia, tende-se necessariamente para a uniformidade, pois que os vencedores na luta social submetem os outros e impõem-lhes, directa ou indirectamente, uma determinada maneira de viver. Em comunismo, pelo contrario, quando todos os homens forem livres e iguaes, cada um se agrupará com os da sua opinião e viverá a seu gosto.

É inutil dizer, demais, que o comunismo, como todas as outras coisas que dependem da vontade humana, só se fará quando os homens o quiserem.

Para isto fazemos nós a propaganda.

HENRIQUE MALATESTA.

---

(1) Hoje mesmo o neo-malthusianismo (o seu orgam mais importante é *Regeneration*, 27, rue de la Duée, Paris, XX) preconiza a procreação voluntaria com sólida argumentação. Trata-se de evitar os filhos NÃO DESEJADOS. É, portanto, além de tudo, uma questão de ordem moral. E de ordem higienica: o não nascimento de doentes, de degenerados. Quanto aos motivos economicos, o esperar-se a revolução não é razão para se condenar um ser á miseria: coisa facil de comprehender para os que, adiando para mais tarde, ás vezes demasiadamente, a união fecunda, que exige certa situação economica, procuram *entreter* a dolorosa espera, recorrendo á prostituição, essa horrivel chaga necessaria na presente organização social, ou á sedução de raparigas ingenuas, depois abandonadas, com os filhos nos braços. Sem contar que se preparam, com a procreação voluntaria, homens «capazes de justiça e de verdade.» Não é pessimismo, como se tem aventado irreflectidamente: muito pelo contrário.

N. da R.

Governos e bandidos

Acontece com os governos o mesmo que com as quadrilhas de bandoleiros; a diferença é que os bandoleiros atacam especialmente os ricos, em quanto os governos abusam sobretudo dos pobres e protegem os ricos que os ajudam a praticar os seus crimes.

O bandido da Calabria que impõi um tributo aos que querem livrar-se dos seus assaltos, ao menos arrisca a vida. Os governos não arriscam nada e tudo põem em execução com a mentira permanente e o diario engano. O bandido não fórma a sua quadrilha violentamente; mas os governos recrutam os seus exercitos á viva força.

Para o bandido, todos que lhe pagam um tributo desfrutam das mesmas garantias de segurança; para o Estado, os que se aproveitam da força e ajudam o engano, não só se tornam mais protegidos, mas até recompensados; os mais garantidos (uma guarda constante os rodeia) são os imperadores, os reis, os presidentes, cada um dos quaes recebe a maior parte das riquezas que se repartem, arrancadas ao contribuinte; logo, segundo a maior ou menor participação que tenham nos crimes do governo, são garantidos e recompensados os generaes, ministros, governadores e assim sucessivamente até aos mais modestos polícias. Os menos garantidos são os que recebem menos ordenados.

Os que permanecem alheios ás manobras governamentaes, e que se negam ao pagamento dos impostos ou ao serviço militar, são severamente castigados; o mesmo fazem os bandidos.

O bandido não perverte premeditadamente as suas víctimas; mas os governos, para conseguirem os seus propositos, entregam á depravação gerações inteiras de crianças e adultos, ensinando-lhes doutrinas mentirosas de religião e patriotismo.

Os mais crueis dos bandidos — Stenka, Racine, Cartouche, Mandrin, — pela sua crueldade implacavel e refinada — sem recordar aqui os tiranos célebres como João, o Terrivel, Luís XI, Isabel, etc. — não podem comparar-se aos governos contemporaneos, constitucionaes e liberaes, com as suas prisões celulares, os seus batalhões disciplinados, as suas carnificinas, — a que dão o nome de guerras.

Os governos, como as igrejas, não devem ser tratados senão com veneração ou com desprezo.

O tempo da veneração vai passando para os governos, apesar de toda a hipocrisia que empregam para conservar o seu prestigio.

A hora chega e os homens comprehenderão finalmente que os governos são instituições mais que inuteis, daninhas e immoraes, ás quaes nenhuma pessoa honrada deve prestar o seu concurso, nem aceitar os seus favores.

LEÃO TOLSTOI

O CRIME

Sobre o sagrado princípio da Propriedade repousa inteiro o sistema social. Fazer respeitar esse princípio é o fim principal das forças coercitivas, da justiça de classe.

Todo atentado contra a propriedade é severamente reprimido; mas donde vem então que tantos individuos transgridem as leis sociaes, lutam sem treguas contra a ordem estabelecida, e vivem á margem dos codigos?

A frequencia dos atentados contra a propriedade é o indice mais probante do estado de miseria em que vegetam tantos seres.

Porque, a não ser a necessidade de viver, haveria uma razão suficientemente forte para levar tantos individuos a expor a propria liberdade?

Quando sei dum roubo, se procuro os motivos do acto, encontro invariavelmente como causa determinante a penuria, — desocupação ou trabalho penoso e mal retribuido.

D'aí concluo que, se todos pudessem viver normalmente, desapareceria o roubo com seu inevitavel corollario: a astucia.

O roubo é inerente á má repartição da riqueza. É consequencia do parasitismo das classes privilegiadas; só poderá desaparecer com a ordem social que o produz.

A sociedade, responsavel pela maioria dos crimes e delictos, arroga-se cinicamente o direito de punir. Os possuidores, representados pelos juizes, reconhecem-se, como sendo os mais fortes, o direito de condenar os não-possuidores bastante temerarios para se apoderarem da parcela da propriedade com que satisfarão as suas mais urgentes necessidades.

Subtis criminalistas acham que por três razões se pune:

a) para prevenir, pelo temor, os crimes e os delictos;

b) para reparar o dano causado;

c) para *moralizar* o *culpado*.

Se o medo da prisão é um obstaculo temivel, a fome é um irresistivel motor. O instinto que impelle o ser a satisfazer as suas necessidades transpõi todas as barreiras, moraes ou materiaes, que pretendam opor-lhe.

O temor do castigo obriga o delinquente a empregar taticas, a costear habilmente a lei afim de lhe evitar as ciladas.

A sociedade fere; não impede a perpretação dos delictos.

Quanto ao dano causado, todos sabem que a repressão nunca o repara.

O regime penitenciario não póde tambem emendar quem o sofre.

Á sua saída da prisão, o detido vê aumentarem as dificuldades de achar um ganha-pão, dificuldades já bem grandes em tempo ordinario.

Num mundo de burocracia prepotente, onde o estado-civil tem uma capital importancia e de todos os instantes, onde, para ganhar um salario mesquinho, é preciso fornecer preciosas referencias, um recem-saido da prisão é condenado á revolta ou á morte.

A adaptação ao meio social ser-lhe-á desde então impossivel. Para não desaparecer, se ainda alguma energia vital possue, continuará a sua luta clandestina contra a sociedade que o reduz á fome.

Longe de o corrigir, a prisão não fará mais do que exacerbar o seu desejo de viver, apesar dos obstaculos acumulados no seu caminho por uma pessima organização social.

Quando o estomago exige alimentos, é fraco estorvo a moral burguesa, severa para os pobres.

Não é a terapeutica, mas a higiene, o tratamento preventivo que urge aplicar; em quanto subsistir a causa fundamental da delinquencia, a apropriação individual dos meios de produção que mantem a sociedade num estado de sofrimentos e de immoralidade, a justiça, além do ser de classe, de «dois pesos e duas medidas», será perfeitamente impotente.

F. D.

El Hombre y la Tierra

Esta grandiosa obra de Reclus tem uma edição espanhola monumental. A tradução é devida á penna do conhecido e integro revolucionario Anselmo Lorenzo, sob a revisão de Odón de Buen.

EL HOMBRE Y LA TIERRA divide-se em quatro partes — *Os primitivos*, *História Antiga*, *História Moderna*, *História Contemporanea*, — e formará 4 tomos de regulares dimensões, com cêrca de mil gravuras.

Publicar-se-á semanalmente em fasciculos de 24 páginas, por 50 CENTIMOS DE PESETA.

Os pedidos podem ser feitos directamente ao administrador ALBERTO MARTÍN — Apartado de Correos 266 — Barcelona; ou por intermedio desta redação, ao preço de 300 reis cada fasciculo.

Miseria e Revolução

«Está-se melhor, quando se está peor» — é uma frase vulgar na boca de muita gente de ideias novas. Parece-nos, porém, um erro afirmar que o excesso de miseria acaba por provocar a revolução consciente.

A questão é na sua base um

Problema de fisiologia

Encarada sob este aspecto, a solução está achada. A mente é sau num corpo são, diziam os antigos; e a sciencia moderna o confirma.

Os organs influem-se mutuamente. As condições do pensamento dependem das condições geraes do organismo. A miseria enfraquece ao mesmo tempo o braço e a inteligencia. O homem pensa como come.

Todo o sofrimento provoca a principio uma reacção; mas prolongando-se, o homem acaba por habituar-se. A acção duradoura e gradual da miseria traz a depressão mental o desanimo, a abdicação da dignidade (Dr. Pierrot).

Mas, pela observação quotidiana dos factos e pela historia, vejamos se o que é individualmente (fisiologicamente) verdade, o é tambem socialmente.

Observação quotidiana

A critica socialista especialmente tem chamado a atenção para os frutos constantemente observados da miseria, como o alcoolismo, a tuberculose, as epidemias, etc.

Quem sabe ver atentamente o que se passa á sua volta, nota não só que miseria e alcoolismo costumam juntar-se, mas que só a primeira, ou os dois males fornecem o maior contingente dos traidores nas greves, dos espias, dos policias.

Quando, particularmente, o operario se vê cercado de familia na necessidade, o servilismo entra-lhe no sangue. Curva-se humildemente, aceita todos os ossos; a miseria extrema exerce uma influencia deprimente sobre as energias. O mendigo é um triste documento dessa influencia.

Huxley perguntou um dia á um policia magro e debil como podia conter tantos miseraveis como os dos bairros de Liverpool, e o policia respondeu: «Esses pobres diabos já estão meio roidos pela doença e pelo alcool.»

Na Italia, como em toda a parte, os propagandistas sabem como o socialismo abre dificilmente caminho entre as populações miseraveis. Isto observa-se comparando nações, comparando regiões do mesmo país, e certas camadas da mesma cidade.

Experiencia historica

Falando do cristianismo, o Dr. Romeu Manzoni diz no seu bello opusculo — «O padre na história da humanidade» — que a religião de Constantino, de humildade, triunfou graças aos escravos, não porque pregasse em favor delles, mas porque elles eram infelizes, doentes, deprimidos, excitaveis. Por isso é que todas as religiões recomendam o jejum.

Thorold Rogers, na sua «Interpretação economica da história», cita varios factos em apoio desta tese, entre elles a guerra dos camponeses de Inglaterra, que estalou durante um periodo de barateza e de salarios remuneradores.

Malatesta, escrevendo acerca dos tristes cortejos de desocupados de Londres, exclamava: «É a miseria que sufocando todo sentimento humano reduz o homem ao estado de besta esfomeada e medrosa; a miseria que embrutece sem ao menos dar vontade de morder e escoicear.»

As revoltas da fome

As revoltas da fome (ás vezes nem estas são possiveis) são como o coice da alimaria. São instintivas; acalmam-se com uma sova de pau e um feixe de erva. Quando triunfam, são uteis sobretudo aos especuladores ou ás classes preparadas.

Diz o citado Thorold Rogers: «As forças conservadoras da sociedade triunfam facilmente dos impetos de desespero; sirvam de exemplo: a Jacquerie em França e a guerra dos camponeses na Alemanha.»

Não ha muitos annos o governo italiano, com um pouco de chumbo e uma distribuição de pão, aquietou facilmente os sublevados da Sicilia, de todo o sul.

Causas de equivoco

As agitações cronicas, profundamente radicadas na tradição, são ás vezes mais fortes que a miseria. É o que diz Thorold Rogers: ...«E' inutil tentar provocar uma revolução social se as classes que se deseja arrastar não gozam já dum certo bem-estar. Falo, bem intendido, das tentativas dum proselitismo novo, nunca de agitações seculares, como a dos catolicos da Irlanda.»

Mas mesmo essas agitações vão cedendo gradualmente sob a acção da miseria prolongada.

Nos individuos como nas sociedades, sucede que «a excitação brusca produz uma reacção, a principio intensa, que diminue pouco a pouco, *apesar da permanencia da excitação*... Passado o primeiro momento, o homem habitua-se ao seu novo estado, adapta-se.» (Dr. Pierrot).

E' essa mudança brusca para peor que provoca a *revolta*, cuja causa parece ser a miseria. Se as excitações bruscas (vexações, prepotencias, etc.) são repetidas e frequentes, a *revolta* é mais facil.

Mas essas *revoltas* só dão o que está nas consciencias, preparado pela propaganda (actos e palavras), tanto mais dificil quanto maior *fôr* a miseria.

Outra causa de equivoco é que o bem-estar, o *privilegio assegurado* faz conservadores. Mas então o que estimula a *revolta* é a incerteza, a instabilidade, a queda, não a acção da miseria.

Os revolucionarios

A sociedade não está rigorosamente dividida em classes impenetraveis e incomunicaveis. O contacto de meios e civilizações diferentes, as comunicações entre povos, classes, ambientes dissimilhantes, as mudanças de situação, subidas e quedas duma classe noutra, todo esse movimento que agita a sociedade oferece fecundo terreno para a revolução.

Mas para que brote o espirito revolucionario, é necessario que haja a sensação viva do sofrimento, o sentimento da injustiça, a consciencia da situação.

Esta consciencia é dada pela propaganda, que na miseria encontra o maior obstaculo. A propaganda faz-se pela palavra e pelo exemplo. O facto colectivo, como a greve, é das melhores. Como vimos, a agitação continua chega a triunfar da miseria: eis porque, mesmo derrotadas, as greves mantêm o espirito de revolta e exercitam na luta, no antagonismo de classe. E' uma insurreição economica parcial, que prepara a revolução essencialmente economica. Todas as revoluções foram precedidas de insurreições parciaes: assim a franceza.

A propaganda, desse modo, prepara as consciencias para as mudanças bruscas, e torna intoleravel o sofrimento.

Para que uma reforma não produza conservadores, é necessario ainda demonstrar sempre que ella é transitoria e que urge mudar a sociedade em suas bases; assim não se gira num circulo vicioso de reformas mil vezes perdidas e reconquistadas, e cada melhoramento efectivo prepara pelo contrário a revolução.

Miseria e revolução contradizem-se; se é revolucionaria a miseria, porque não se fez ainda a revolução?

A familia burguesa

Na epoca presente, na burguesia pelo menos, já não ha, em materia de uniões sexuaes, senão prostituição ilegal ou legal, algumas vezes as duas reunidas pelo adulterio lucrativo.

E os nossos moralistas, admirando-se depois por verificarem em França uma média de 9.000 divorcios por anno, voltam-se contra a faculdade de separação que a lei de 1884 deu aos casaes em desarmonia. Deviam estar surprehendidos apenas da exiguidade desse número. E preciso que o hábito seja um cimento bem forte, e que o amor dos filhos tenha um poder de cohesão bem consideravel, para que não se dissolvam mais associações matrimoniaes; porque, na realidade, existem tão poucos casamentos reaes, resultando da união dos corações, da aproximação das ideias, da afinidade dos caracteres, que na prática se póde ousadamente argumentar como se nenhum existisse.

Conhecem-se porventura os jovens que se unem — melhor diria, que são unidos? Pensaram sequer em perguntar a si proprios se jamais poderão amar-se? São considerações, essas, que pouco influem sobre as decisões a tomar. Um amigo, desinteressado muitas vezes, muitas vezes tambem um medianeiro interessado, — porque não dizer um corretor? — vai ter com o pai duma moça e notifica-lhe a existencia dum moço casadoiro com quem sería vantajosa a união.

Abre-se logo inquerito cuidadoso sobre a respeitabilidade da familia, e a isto nada tenho que objectar, mas tambem e mesmo principalmente sobre os haveres. Pesa-se o saco de escudos do pretendente para averiguar se equivale ao da futura, e se as posições sociaes parecem bem equilibradas, está concluido o negocio. Resta apenas uma formalidade — mas quão pouco importante! — a que consiste em fazer que os dois moços se encontrem e se certifiquem de que fisicamente não existe entre elles nenhuma repulsão invencivel.

Falo da repulsão fisica, porque é evidente que nessas poucas entrevistas de parada não se póde apreciar nem o espirito nem os sentimentos; e digo dessa repulsão que não deve ser invencivel, porque embora só a custo possa ser dominada, os genitores suplicarão ao filho ou á filha que não a leve em conta, se parece suficientemente compensada pelo peso da carteira.

A sociedade censura muito severamente as desgraçadas que fazem comercio do seu corpo e os homens que vivem á custa das amantes. Não desejaria certamente fazer a apologia do amor venal, mesmo se é livre; mas desejaria saber que diferença poderá haver, sob o ponto de vista moral, entre a horizontal que se vende por dinheiro ou o rufião que lhe explora os encantos, e esses conjuges da burguesia, que são entretanto devidamente casados pelo oficial do registro civil, e cuja união é abençoada pelo ministro duma religião em que já não crêem, embora fingindo crer.

Não vejo nenhuma.

Sucede algumas vezes que as prostitutas se afeiçoam aquelle de quem quiseram apenas aproxima-se durante poucas horas. E do mesmo modo sucede, em certas uniões regulares contraidas ao acaso, que o amor que não presidiu á ligação seja consequencia della. Mas isto é excepcional. Na immensa maioria dos casos, os casamentos persistem taes quaes foram feitos, associações de interesses, sociedades em nome colectivo que exploram uma forma social comum, nada mais.

E como, no entanto, se trata de coisa diferente duma empresa comercial, como os deveres dos esposos se estendem muito além e invadem a liberdade dos dois, por pouco que entre em scena o coração, até então silencioso, eis o adulterio que se introduz furtivamente no lar. Ei-lo que aparece ainda, se a mulher, para satisfazer os seus instintos de luxo aos quaes não póde fazer face o marido, experimenta a necessidade de arranjar uma relação produtiva.

Está toda preparada para isso. Directamente, ou por intermedio dos pais, fez o negocio com o noivo; porque não haveria de o fazer com um amante? Sob o ponto de vista da moral estricta, os dois actos equivalem-se; e quaesquer que sejam as subtilezas com que os moralistas tentem distingui-los, os seus sofismas naufragam perante a imperturbavel logica das coisas.

O homem por seu lado não deixa de manter concubinas com o dinheiro da sua legitima, e é bastante natural que a dita legitima tire a sua desforra, fazendo-se manter da sua parte.

Se, portanto, não se desfazem mais uniões do que aquellas que são consignadas nas estatisticas, é porque as estatisticas são incorrectas, e porque a maior parte das familias desfeitas conservam pró-forma uma aparencia unida — como esses velhos edificios gretados, que muito tempo antes de desabar, permanecem de pé, se um choque exterior não vem precipitar a sua queda.

ALFREDO NAQUET

a Terra livre

no proximo número, além das secções do costume — OS PRESIDIOS INDUSTRIAES, DO BRASIL PROLETARIO, FACTOS DA ACTUALIDADE, ETC. — *publicará a continuação da subscrição pró Russia livre e a lista do dinheiro recebido para o jornal, e ocupar-se-á extensamente do Congresso Operario ha poucos dias realizado no Rio.*

Como a esse congresso foram assistir, enviados pela Federação Operaria, dois dos encarregados deste jornal, o tempo faltou-nos ainda mais que de costume, atrasando-se o número presente e a correspondencia administrativa com os camaradas. Estes terão certamente um pouco mais de paciencia até ao número proximo, atendendo aos motivos da falta.

Ficam tambem de reserva alguns artigos, que foi impossivel inserir no presente número.

Terminamos, anunciando aos camaradas que a edição do folheto de Merlino. — PORQUE SOMOS ANARQUISTAS? — *está quasi esgotada. Que se apresse quem quiser aproveitar o preço de 500 reis por 50 exemplares. O preço do opusculo, que em breve editaremos, embora reduzido, tem de ser necessariamente mais elevado.*

Acaba de chegar

¡¡¡Huelga de Vientres!!!

Medios praticos para evitar las familias numerosas

PREÇO 100 REIS

O ESTADO

Consentido pelos povos com a condição de ser o defensor de todos e especialmente dos fracos contra os fortes, o Estado tornou-se a cidadela dos ricos contra os sem-nada, do proprietario contra o proletario.

Para que serve essa immensa máquina que chamamos Estado? Serve porventura para impedir a espoliação do operario por parte do industrial, do camponês por parte do dono das terras? Para lhes assegurar o trabalho? para os defender do usurario? para lhes fornecer o alimento, quando a mulher só tem agua para acalmar o bébé que chora junto do seu seio mirrado?

Não, mil vezes não! O Estado é o protector da especulação, da propriedade privada — que é o fruto da rapina. O proletario, que tem apenas os seus braços para fazer fortuna, nada pode esperar do Estado; nelle encontrará apenas um organismo creado para impedir a todo o custo a sua emancipação.

Tudo pelo proprietario vadio, tudo contra o proletario trabalhador: a instrução burguesa que corrompe a criança desde tenra idade, inculcando-lhe os prejuizos anti-igualitarios; a Igreja que peturba o cerebro da mulher; a lei que impede a troca das ideias de igualdade e de solidariedade; dinheiro, onde seja necessario, para corromper o defensor da solidariedade dos trabalhadores; a prisão e a metralha á discreção para tapar a boca dos que não se deixam corromper: ahi está o que é o Estado!

PEDRO KROPOTKINE

Pró Russia livre

CAMARADAS:

Auxiliemos de modo eficaz, na medida das nossas forças, os revolucionarios que na Russia se batem desesperadamente pela emancipação propria e, em virtude da solidariedade natural que liga todos os seres humanos, todos os países, todos os acontecimentos, pela emancipação de todos!

Continúa aberta em nossas colunas a subscrição pró Russia revolucionaria: o seu produto será enviado a Pedro Kropotkine, como tem sido feito de muitas outras partes, para ser destinado a auxiliar materialmente o movimento revolucionario russo.

Subscrição Pró Russia livre

Resto (depois da 2.ª remessa)	39$300
Abreu, ...	1$000
M. D. d'Almeida. (Rio) . .	2$000
José Bianchini	2$000
Centro de E. S. de Campinas	5$000
Total	49$300

Leiam:

NOVO RUMO
Periodico socialista-anarquico.
Endereço: Rua do Hospicio, 210 (1.º andar)
Rio de Janeiro.

LA BATTAGLIA
Periodico settimanale anarchico.
Anno, 10$000; semestre, 5$000; trimestre, 3$000.
Caixa postal 547 — S. Paulo

L'UNIVERSITÀ POPOLARE
Rivista quindicinale diretta dall'avv. Luigi Molinari
Via Tito Speri, 13 — Mantova, Italia.
Anno, 5$000; semestre, 2$500. (Nesta redacção)
(Manda-se um número especime).

IL PENSIERO
Rivista quindicinale di sociologia, arte e letteratura.
(Propaganda socialista-anarchica)
Redattori: P. Gori, L. Fabbri e L. Merlino.
Anno, 5$500; semestre, 3$000 (Nesta redacção).

LES TEMPS NOUVEAUX
Ex-journal «La Révolte»
Paraissant tous les samedis
avec un supplément littéraire illustré
4, rue Broca — Paris, V
Anno, 6$000; semestre, 3$000. (Nesta redacção).
(Manda-se um número especime)

RÉGÉNÉRATION
Organe de la Ligue de la Régénération Humaine
Fondée par Paul Robin.
Procréation consciente et limitée
27, rue de la Duée — Paris, XX
Anno (12 numeros), 1$500 (nesta redacção)

A Terra Livre, São Paulo, 16 de Maio de 1906, Anno I, Número 9.

a Terra livre

O HOMEM LIVRE SOBRE A TERRA LIVRE. — GOETHE

ANNO I | SÃO PAULO (BRASIL) — QUARTA-FEIRA, 16 DE MAIO DE 1906 | NÚMERO 9

ATENÇÃO

para o novo endereço do nosso jornal.

NOTRE NOUVELLE ADRESSE
a Terra livre
Rua Maria Domitilla, 88
S. Paulo - Brésil

EXPEDIENTE

A TERRA LIVRE, que se publica por SUBSCRIÇÃO VOLUNTARIA, aceita tambem assinaturas nestas condições:

Serie de 25 numeros	4$000
« « 12 «	2$000
« « 6 «	1$000

Administrador: EDGARD LEUENROTH.
Toda a correspondencia a *Neno Vasco*, **Rua Maria Domitilla, 88 — São Paulo.**

Uma carta de Kropotkine

A Revolução russa não está terminada, mas precisa de tempo. — A reacção de momento são as contorsões de monstro. — Os contrastes das revoluções; terror branco e liberdades tomadas. — Greves e agitações mundiaes; o momento presente. — Que fazemos nós?

«Caro camarada,

Agradeço-te bem fraternalmente — a ti e aos camaradas de S. Paulo — o envio de dinheiro (4 libras esterlinas) para os revolucionarios russos.

Divido esta somma em duas partes iguaes entre os socialistas revolucionarios e os anarquistas.

Não, queridos camaradas e amigos, a vossa subscrição não chega tarde demais. A Revolução na Russia não se fará num dia. Ella exigirá dois, três annos para se realizar, como a Revolução Francesa e a Inglesa (de 1648). Neste momento, sofremos um instante de reacção terrrivel. Mata-se, fere-se, viola-se... Os horrores praticados nas provincias Balticas, no caminho de ferro Moscou-Kazan, pela Guarda imperial, sobre os camponeses que se revoltam, e enfim sobre as raparigas que, cansadas de ver esses horrores, atiraram sobre o chefe da policia em Minsk e sobre o vice-governador em Tambof, — esses horrores excedem tudo quanto se teria podido conceber. É necessario remontar *á idade media* para imaginar o que essas duas jovens heroinas, A. Ismailovitch em Minsk, e Maria Spiridonoff em Tambof, sofreram.

E, no entanto, são as contorsões do animal que morre. Por toda a parte penetra o espirito de revolução. Por toda a parte ha um sopro novo.

A imprensa *toma* as liberdades, e, apesar das perseguições, diz tudo. A nossa literatura anarquista aumenta e circula. E, como sempre em Revolução, acham-se lado a lado os contrastes mais frisantes, de terror branco e de liberdade tomada.

— Sabeis sem dúvida da greve immensa das minas que começou nos Estados-Unidos, e da grande greve dos mineiros do Norte, em França.

A Europa ocidental agita-se tambem, e uma grande greve se prepara em França para o primeiro de maio. Que fazeis vós, camaradas, nesta direcção? Se estalar uma greve geral num só país da Europa, haverá immensas greves por toda a parte.

Vosso, caros camaradas, e da Revolução Social.

Muito fraternalmente,

PEDRO KROPOTKINE.

Que bonito nome, «a Terra livre», que tomastes para o vosso jornal! Vai bem?»

O calvario do mineiro

Disparai, canalhas! Assim, ao monos, não morrerei numa explosão de grisú.!

(De *Les Temps Nouveaux*)

Publicação semanal de «a Terra livre»

Cedendo ás instancias de muitos camaradas e amigos, e em vista das necessidades da propaganda e da simpatia de que é objecto a nossa folha, como bem o prova a subscrição voluntaria em seu favor, resolvemos publicar SEMANALMENTE «A TERRA LIVRE»

A PARTIR DO NUMERO 13

É preciso, porém, que a actividade dos nossos amigos não sofra quebra nem interrupção, que o seu apoio persista e se fortaleça, que o nosso jornal não seja esquecido em nenhum momento.

Esta pequena folha não é uma empresa mercantil ou jornalistica, não é um instrumento de especulação individual ou um repositorio de pequeninas vaidades. Nós não fazemos jornalismo, nós não somos jornalistas. Dedicamos á propaganda, — com prazer, certamente, — as horas vagas que nos deixa o trabalho quotidiano.

E é só esta prapaganda que nos leva a apellar para os que a ella queiram prestar um concurso livre, sem compromissos, para os que sintam a necessidade deste instrumento de propagação de ideias — que não é nosso apenas, mas de todos quantos estão de acordo com a sua feição.

Os camaradas sabem que este jornal vive das assinaturas e sobretudo da subscrição voluntaria; não tem outros recursos. Para viver precisa do dinheiro bastante para o papel, a impressão, a composição, uma pequena quantia para renovação do tipo e o correio: esse apenas, mas não menos, porque nenhum dos que lhe dão o seu esforço voluntario e gratuito dispõe de recursos que não sejam os estrictamente necessarios para viver.

Que os camaradas tenham isto presente, que os agentes não o esqueçam! Qualquer quantia recebida para o jornal deve ser prontamente enviada. Notem todos que um saldo é rapidamente absorvido num momento de inacção, ou com uma despesa imprevista, como a dum número especial. Devemos começar a publicação semanal de *Terra livre* com um saldo seguro, camaradas.

Esperamos poder contar convosco. A actividade até hoje desinvolvida, crescerá ainda, por certo. É preciso que os camaradas colaborem, não só enviando correspondencias e informações, mas... *trechos* para a subscrição voluntaria, munições.

As despesas poderemos talvez fixá-las em 90$ por número. Serão, portanto, 360$000 reis por mês.

Procuraremos melhorar cada vez mais o jornal; e ao lado delle, trataremos activamente de organizar a propaganda pela conferencia (tendo já feito tentativas, no Rio, para chamar aqui um camarada que possa fazer, de vez em quando, excursões pelo interior), e pelo folheto, devendo publicar-se o primeiro (*O que querem os anarquistas*, de J. Thonar) muito brevemente. Se a edição deste folheto for prontamente esgotada, facilitar-se-á não só a publicação immediata de outro, como a vida do jornal.

O Commercio de S. Paulo, *no domingo p.p., 6 do corrente, estampou o retrato de Pedro Kropotkine, assim como o autografo da carta que nos enviou e algumas referencias á sua obra.*

Quem desejar adquirir esse número do referido quotidiano paulista póde escrever a esta redacção, enviando 100 reis por exemplar, pelo menos.

Por absoluta falta de espaço, fomos obrigados a deixar para o proximo número muita materia, de certa urgencia mesmo, como seja um artigo sobre o Congresso Operario.

CARTA ABERTA

AO SR. OLIVEIRA E SILVA

Eminente senhor, — Permita vossa bondade que o mais altivo de todos os anarquistas vos escreva estas linhas. Tenho lido, e com bastante interesse o faço, vossos artigos catolizantes nas colunas de dois dos mais poderosos organs da imprensa burguesa nesta cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro. Pois bem, catolico senhor, não fôra o carrancismo que pódem acarretar as vossas opiniões e certamente eu não perdera o tempo nem o meu papel em vos escrever esta carta por intermedio da *Terra livre*. Mas é de convir que um anarquista decidido não póde nem deve deixar despercebida a atitude manhosa pela qual se manifesta a Igreja na situação operaria. E porque essa atitude manhosa leva a crer certamente nas boas intenções dos padres burgueses em favor do operario, é que eu, eminente senhor, venho dizer bem alto a hipocrisia de vós outros em falar mal dos capitalistas, sendo vós os primeiros protegidos delles e proclamadores de suas excelencias, principalmente quando, a troco do vil metal, o vosso santissimo chefe lança da sua catedra de Roma a bençam apostolica ao primeiro bandido ricaço que aparece.

Dizei-me agora, muito catolico senhor, será o ideal anarquista algum espantalho, senão uma generosa aspiração da alma humana? Vós outros, que prègais a doutrina do amor, sabeis com certeza até onde póde chegar a bondade nossa e dos nossos companheiros? Certamente não o sabeis, porque vós todos tendes o que nos falta, — a miopia do sacristão boçal e a manha do padre explorador.

Não leveis a mal o que vos digo, muito amavel inimigo. Bem diverso será o meu intento se a vossa ignorancia permitir que eu traga os bolsos cheios de dinamite para atear nas oficinas dos vossos jornaes negociadores.

Muito singular se torna a resolução a que pretende chegar a Igreja no problema das classes obreiras. Já sois vós mesmos que proclamais o *egoismo* (notai bem, o *egoismo!*) do que se convencionou chamar o *capital*. Pois bem, eminente senhor, o que vós chamais *egoismo* dos capitalistas, nós chamamos *roubo* das acumulações, a ladroeira dos que tiraram ao operario o fruto laborioso da sua actividade. Ah! sois bastante cegos para ver estas coisas, e, como estigma ao nosso grito de dôr, vós outros nos classificais de demagogos gritadores e resumis toda a nossa aspiração neste lemma que mais serviria a vós, eminente senhor: — Palavras! palavras! palavras!

Vêde bem, escutai o que se passa no fundo das fábricas, e pasmai! Pasmai, sim, da barbaridade exploradora que ali ha, pasmai e depois, eminente senhor, vinde me dizer se não é um roubo o capital, se não são miseraveis ladrões os que acumulam o trabalho dos pequenos para a satisfação dos seus instintos viciados, da sua alma pôdre. Pelo amor do vosso Deus, catolico senhor, não venhais me dizer que a Igreja resolverá o problema atirando em rosto dos capitalistas a hediondez do seu crime. Os corações apodrecidos não se sentem nunca dos vossos insultos, ou, antes, da vossa covardia. Notai bem como outra se torna a solução dos anarquistas: Sendo caso decidido, e vós mesmo o verificastes, que as greves têm contra si o *lock-out* dos patrões poderosos e dest'arte bem cedo se dá o esgotamento dos grevistas,

que fazer, meu ideal senhor, senão suprimir os patrões, acabar com elles? Não é tudo: para suprimir os patrões, um outro inimigo mais poderoso nós encontramos, — o Estado, que tem leis protectoras para os direitos da propriedade e que para executar essas leis possúe tambem exercitos e policias, canhões e metralhadoras. Então os anarquistas, impossibilitados na rua marcha, gritam aos quatro ventos:

— Acabemos com o Estado, com as leis, com os exercitos, com a patria, com tudo o que nos possa impedir na nossa campanha de verdade e justiça.

E vós outros, catolicos ou não, burgueses sim, dizeis que proclamamos sofismas, envenenamos a humanidade e (oh estupidez da alma humana!) derrubamos as tradições dos vossos avós!

Pois bem, catolico senhor, essas coisas que a vossa ignorancia e a dos vossos pares não vêem, eu as professo e por ellas derramarei o meu sangue como tambem o derramaram os primeiros martires do cristianismo.

Finalizando, aceitai, senhor, a hostilidade do vosso figadal inimigo,

FREDERICO BESSA.

Rio de Janeiro.

13 DE MAIO

É a data da famosa «lei aurea», que *aboliu* no Brasil a escravatura negra. Repitamos, a este respeito, o que temos dito e antes de nós disseram outros, desde que em publicações socialistas se começou a analisar este facto historico.

Quando nos Estados-Unidos foi suprimida, *legalmente*, a escravatura, o facto deveu-se sobretudo ao desinvolvimento da industria manufactureira. Os industriaes tinham o maior interesse em que fosse abolida a escravatura, para que os escravos forros, procurando vender o melhor possivel a mercadoria trabalho, alugar os braços, unico bem que lhes restaria, corressem ás cidades, augmentassem a concorrencia entre salariados, fizessem baixar os salarios... Ahi está! Ahi está o mais forte motivo das bellas tiradas sentimentaes, e ahi está porque, em 1860, entre os Estados do Norte, *industriaes*, e os Estados do Sul, *agricolas*, estalou uma guerra (a da Secessão), que acabou com a victoria dos primeiros.

Mas, no Brasil? O Brasil era e continúa sendo um país «essencialmente agricola», como diz o outro. Como explicar, pois, com uma razão economica, a abolição... legal da escravatura negra?

Vinha de longe o movimento de opinião em favor da libertação dos escravos; esse movimento era em grande parte um reflexo das ideias agitadas e das revoluções efectuadas na Europa e na America do Norte. A lei abolicionista está longe de ter sido um dom todo espontaneo e facil; foi muito puxada. Muito antes della veio o *facto*.

E a legislação abolicionista tem em grande parte raizes na luta politica. O ultimo acto legal, o de 13 de Maio de 1888, por exemplo, nasceu do intuito de salvar o imperio. O resultado foi oposto: precipitou o advento da republica. Os fazendeiros deixaram de ter interesse em conservar a monarquia; hoje têm uma republica sua, uma republica onde dominam elles.

Mas, por muito grande que tenha sido o avanço nos factos, a abolição *legal* ainda não corresponde perfeitamente á abolição de facto. Subsistiu o velho senhor feudal, o vasto latifundio no meio das vastas terras incultas: o regime feudal subsistiu... Não quer morrer e despedaça a legalidade a cada movimento. Da *lei* ao *facto*, vai sempre uma distancia respeitavel: e é isto que põe a mentira legalista a descoberto. Não mudando os factos, as condições economicas, a natureza intima da sociedade, podem inscrever na lei todas as liberdades imaginaveis, que tudo ficará como d'antes. No Brasil vê-se coisa analoga quanto á constituição: não ha estatuto mais liberal... O Brasil, porém, é que está muito longe de ser o país mais liberal. É uma verdade demonstrada quotidianamente pelos factos.

Como as condições economicas, as formas da propriedade não mudaram, tambem não mudou, a não ser no apelativo e na cor da pelle, o escravo antigo. Na essencia, tudo ficou como estava.

Não quer isto dizer que o *escravo* se fez *proletario*, valendo este, no fundo, o mesmo que aquelle.

Não. Surge-nos ainda, a cada passo, o *escravo*, do mesmo modo, com as mesmas formas, as mesmas servidões. Temos, literalmente, a escravatura pessoal.

D'antes havia a empresa privada, o negreiro, que se encarregava de ir comprar ou caçar o negro, em regra pela astucia, e o vendia depois aqui ao agricultor. Hoje o empresario desse negocio é o Estado. Este não compra o escravo, mas paga-lhe a passagem: não caça o negro a laço ou mostrando-lhe barretes e missanga, mas engana-o com falsas promessas de bem-estar.

O escravo chama-se *colono* e é branco, e o Estado não é «negreiro», mas agente de immigração, representante dos fazendeiros. Temos aqui um exemplo tipico de «governo de classe.»

Mas, pondo o pé em terra brasileira, o colono não é *livre*? Perdão, deve ir para a «Hospedaria dos Immigrantes...» E ali a liberdade de dispor da sua propria pessoa é bem mesquinha: se for preciso, a mesma polícia lho fará sentir.

Mas, na fazenda, o colono é pago, e é livre: póde mudar de patrão, sair... Devagar. Fugir, ainda ás vezes lhe é possivel, de noite, por causa dos *capangas*. Não faltam na fazenda os aparelhos de escravidão: o administrador, o capanga, o chicote, o tronco, a tortura, a sequestração das pessoas, o direito de *pernada*, o calote, e a multa ou a cantina obrigatoria, que fazem voltar para o bolso do senhor ou do feitor o salario que porventura foi dado. Os factos são diarios, em Guatapará e noutras partes; nós temos narrado alguns. E os casos ignorados? Basta reflectir que aquelles que chegaram a ser conhecidos estiveram por muito tempo ocultos. O terror, a coacção fisica e moral impede as revelações. Lá, na fazenda, não ha para quem apellar; mandam os caciques, os fazendeiros. As autoridades são elles mesmos, ou estão ás suas ordens. Como dizia o outro: «Eu aqui sou presidente da republica, do Estado, juiz, delegado, tudo!» E tinha razão. O governo central, esse nada quer fazer, claro está, nem poderia.

É certo que os fazendeiros precisam dos immigrantes: — um dos meios propostos mais geralmente para dominar a crise do café, cuja produção é superior aos pedidos do mercado, ás possibilidades de comprar, (não ás necessidades reaes do consumo), é precisamente activar a immigração para fazer baixar os salarios mais ainda! E sob o aguilhão dessa necessidade, os fazendeiros e o seu governo amaciam-se um pouco... Mas a realidade economica é mais forte que as suas medidas superficiaes de protecção.

Entretanto, a nova escravatura *branca* traz em si o germe da sua morte... Embora os immigrantes sejam buscados — isto é dito claramente todos os dias — entre as populações mais miseraveis e resignadas, «sobrias, pacientes, e laboriosas», como as da Baixa Italia, do Veneto, da Andaluzia ou do Japão, a immigração traz consigo perigos immensos para a exploração descuidosa das energias da besta-de-carga humana...

Cumpre á consciencia nova iluminar a instintiva revolta, facilitar a evolução. O recente congresso operario ocupou-se da questão: que o operario tenha em vista que é do interesse solidario de todos os trabalhadores a execução do voto formulado ali.

Pela propaganda

Afim de continuar a propaganda por meio do folheto, decidimos encetar a BIBLIOTECA DA «TERRA LIVRE» *com a brochura de 16 paginas*

O QUE QUEREM OS ANARQUISTAS

do camarada Jorge Thonar, fixando desde já os seguintes preços:

1 exemplar	$100
25 exemplares	2$000
50 »	3$500
100 »	5$000

O produto da venda deste novo folheto é destinado á publicação de outro e ao jornal.

Os pedidos podem ser feitos desde já, e, sendo possivel, desde já acompanhados da sua importancia, havendo urgente necessidade de dinheiro para as primeiras despesas, que, dadas as nossas possibilidades, não são insignificantes. Não poderemos mesmo dar começo de realização a esta iniciativa sem esse adiantamento de fundos por parte dos camaradas.

O folheto, que vamos editar, é interessante, resumindo o socialismo anarquico, nos seus varios aspectos. Os outros opusculos da biblioteca serão o desinvolvimento do primeiro, que é, por assim dizer, o prologo, a introdução.

Apellamos vivamente para a boa vontade dos camaradas.

GREVE NA PAULISTA

Á última hora, dá-nos um diario a notícia de que estalou a greve na C.ª Paulista. Faltam-nos dados positivos e completos sobre a importancia e caracter do movimento: mas, se é exacta a informação que lemos, esta greve será talvez a mais importante até hoje realizada no Brasil, paralisando o trafego numa extensa e movimentada arteria ferroviaria deste Estado.

Entretanto, limitamo-nos neste número a reproduzir o manifesto espalhado pelos grevistas, cujas reivindicações são extremamente moderadas.

LIGA OPERARIA

COMP. PAULISTA

Ao operariado e ao publico

COMPANHEIROS!!!

Somos forçados por uma serie de vexações e de injustiças sem nome, a emprehender uma luta que procurámos evitar, mas que circunstancias superiores á nossa vontade tornam inevitavel.

Multiplas são as causas que nos levam á greve, das quaes citaremos algumas:

Não é de hoje que o operariado e demais empregados da tracção e do trafego estão sofrendo as perseguições do sr. Monlevade.

Não satisfeito em fazer comemorar qualquer dia santificado ou feriado, mandou fazer feriado 3 segundas-feiras por mês, exigindo do pessoal o mesmo serviço e ainda mais de quando trabalhava-se seis dias por semana.

Esta imposição, que reduziu o nosso ordenado de 10 por cento, não era suficiente para satisfazer as exigencias do dr. Monlevade, que ainda lançou na miseria, dispensando-os do serviço, centenas de chefes de familia, pretendendo ainda mais reduzir o pessoal de certas repartições de 30 por cento.

Notando que as economias arrancadas dos exiguos ordenados dos operarios, são esbanjadas em favoritismos de afilhados deste dr. que estão estendendo os seus tentaculos por toda a Companhia Paulista, verdadeiras sanguesugas que, eliminadas, trariam vantagens á Companhia, sem notar-se a minima falta.

Afim de ocupar alguns parentes e protegidos, decretou obrigatoria, para os empregados da C. Paulista, a Sociedade Beneficente, devendo portanto cada empregado pagar 3$ mensaes á dita Sociedade que são descontados nos pagamentos, e cujo rendimento é totalmente absorvido em ordenados fabulosos de medicos e farmaceuticos inhabeis e deshumanos, que, pouco se importando com os enfermos, trascuram-nos ou negam-se a visitalos, e receitando medicamentos baratos que nada fazem, e que mais prejudicam do que favorecem a cura.

Isto quanto á acção do dr. Monlevade, que impossivel seria expor por completo neste documento.

Agora quanto ao chefe da estação Jundiahy-Paulista: este homem sem consciencia, sem ter em conta o respeito devido aos trabalhadores, julga-se com direito de ameaçar, insultar, até por motivos insignificantes, os empregados subalternos, chegando a atacar com palavras aviltantes a nossa associação.

Estes factos que vêm ofender a nossa dignidade de honestos operarios, que não se julgam escravos, nem querem submeter-se ás arbitrariedades dos superiores despotas, não podem nem devem continuar.

O despotismo do chefe da estação Jundiahy-Paulista passou os limites da tolerancia, e o nosso protesto energico contra todos estes abusos é, por isso, mais que justificado.

Eis entre muitos, os actos que levaram á greve o pessoal das oficinas, trafego e linha.

Por isso, confiando na demonstrada solidariedade dos nossos companheiros de trabalho, certos de que o proletariado do Brasil não nos negará o seu apoio, nos lançamos á luta com a constancia e o entusiasmo que a justiça da nossa causa nos dá.

Esta luta, que repetimos, procurámos evitar, dirigindo-nos por duas vezes ao inspector geral da Companhia, que não quis tomar em consideração os nossos oficios, afrontando com palavras despreziveis a comissão directiva da Liga, que foi solicitar a resposta além de serem chamados, esta luta nós não a cessamos senão depois que nos seja feita justiça, aceitando os nossos pedidos que são os seguintes:

Demissão, do seu cargo de chefe da locomoção na administração da Companhia, do dr. Francisco Paes Leme de Monlevade, do seu ajudante Henrique Burnier, insinuador de todas as vexações, e do chefe da estação Jundiahy-Paulista, bem como que a inscrição na Sociedade Beneficente seja voluntaria e não obrigatoria.

Companheiros!

Confiamos na vossa inquebrantavel solidariedade.

A solidariedade operaria, sem a qual não poderemos fazer vingar a mais ligeira reclamação, o mais humilde pedido, talvez vos seja indispensavel amanhã, num futuro proximo.

Nenhum de vós trairá a nossa causa, certamente; o nosso triunfo será tambem o vosso, será de toda a classe trabalhadora.

Ao publico!

E do publico em geral esperamos igual solidariedade; apesar da nossa humildade entre nós e elle estabelecer-se-á uma corrente de simpatia que será vantajosa aos interesses de todos.

Jundiahy, 15 de maio de 1906.

Os operarios e mais empregados da Companhia Paulista.

As ultimas noticias dizem-nos que a greve é geral em toda a Companhia e que se estende, em Jundiahy, ás oficinas estranhas á Companhia.

No proximo número, seremos mais minuciosos.

Do Brasil proletario

SANTOS

Em quanto na Russia o povo luta corajosamente para conquistar a sua liberdade e na França os trabalhadores tombam victimados pela metralha da burguesia assassina, aqui os maus pastores imploram a seus verdugos o favor de lhes deixar santificar um dia. Que contraste vergonhoso! Lá se luta, aqui dobra-se o joelho: é doloroso, mas é verdade. Depois que os interessados fizeram do 1.º de Maio um dia de festa (pascoa do proletariado, como dizem os jornaes de grande circulação) obrigado a musicatas, discursos e gritos, que mais parecem reclamos de palhaços de feira, os trabalhadores voltam no dia seguinte a retomar o trabalho, mais embrutecidos do que antes: é o sucede em toda a parte onde os nossos inimigos têm assentado os seus arraiaes. Elles fazem com que as reclamações e protestos devam ser feitos com bandeiras e vivorios e que os que se sacrificaram pela humanidade devam ser lembrados com lamurias, e não como um incitamento á revolta. Quando acabará esta comedia da qual são autores burgueses e socialistas, e comparsas os trabalhadores inconscientes e tambem os que têm a pretensão de ser conscientes e se esforçam para que a farça seja posta em scena todos os annos? Em resumo, os inconscientes e os que se arvoram em redentores concorrem para que seja levada a efeito.

Precisamos acabar com esta farçada, e dizer ao povo alto e bom som, que o 1.º de Maio nada de extraordinario significa, e por isso não deve ser comemorado religiosamente como actualmente sucede e que para rehaver o que é de todos não é preciso guardar datas determinadas e que a luta contra os tiranos que nos oprimem (e os mistificadores tambem) deve ser todos os dias e por toda a parte, sem recorrer a intermediarios, porque estes (com raras excepções) quasi sempre são uns traidores e só trabalham em seu proveito; que não é com canticos nem trapos que se consegue coisa alguma. Deixemos que os farçantes mordam o chão de raiva, mas não escutemos as suas perfidas e enganadoras palavras, que os de bôa fé se compenetrem do seu erro, e que os inconscientes cheguem ao conhecimento da verdadeira causa da nossa desgraça. Enfim, o 1.º de Maio deixou de ter o significado que tinha, porque os interessados em explorar e governar o povo viam naquellas manifestações energicas e vibrantes a vertiginosa carreira da onda de justiça, que em breve afogaria a opressão e viria implantar a armonia sobre a terra; elles prevendo a sua proxima e inevitavel derrocada, trataram com arte de arranjar as festas, isto é, as reclamações platonicas e duma ridiculez sem nome que o operariado inconsciente comemora com fanatismo inconcebivel, muito embora os potentados riam-se destas pantomimas nojentas que lhes asseguram a mais absoluta tranquilidade, e ao mesmo tempo vêm demonstrar o atraso moral do proletariado. É doloroso, mas é verdade.

NILO FERREIRA.

A organização operaria e os anarquistas

Temo-lo repetido: sem organização, livre ou imposta, não póde haver sociedade; sem organização consciente e voluntaria não póde haver nem liberdade, nem garantia de que sejam respeitados os interesses dos que vivem em sociedade. E quem não se organiza, quem não procura a cooperação dos outros e oferece a sua em condições de reciprocidade e de solidariedade, coloca-se necessariamente em situação inferior, e é como roda inconsciente do mecanismo social que os outros movem a seu modo — e em vantagem propria.

Os trabalhadores são explorados e oprimidos, porque, estando desorganizados para tudo quanto respeita á protecção dos seus interesses, são coagidos pela fome ou pela violencia brutal a fazer como querem os dominadores, em cujo proveito é organizada a presente sociedade, e fornecem elles proprios a força (soldados e capital) que serve para os manter sujeitos. Nem poderão emancipar-se em quanto não achem na união a força moral, a força economica e a força fisica de que necessitam para vencer a força organizada dos opressores.

Anarquistas tem havido, e ainda ha um resto, que, reconhecendo embora a necessidade da organização na sociedade futura e a necessidade de nos organizarmos hoje para a propaganda e para a acção, são hostis a todas as organizações que não têm como fim directo a anarquia e não seguem metodos anarquicos. E alguns têm-se mantido afastados de todas as associações operarias cujo proposito é a resistencia e o melhoramento de condições na actual ordem de coisas; em quanto outros admitiram que se podia fazer parte das sociedades de resistencia existentes, mas consideraram quasi uma deserção tentar organizar outras.

Parecia a esses companheiros que todas as forças organizadas para um escopo não radicalmente revolucionario fossem forças subtraidas á revolução. A nós parece, pelo contrário, e a experiencia nos deu já razão, que esse seu metodo condenaria o movimento anarquico a uma perpétua esterilidade.

Para fazer propaganda é preciso estar entre a gente, e é nessas associações operárias que o operario acha os seus companheiros e especialmente os que mais dispostos estão a comprehender e aceitar as nossas ideias. Mas ainda que se pudesse fazer fóra das associações toda a propaganda possivel, esta não poderia ter efeito sensivel sobre a massa operária. A' parte um pequeno número de individuos, mais instruidos e capazes de reflexão abstracta e de entusiasmos teoricos, o operario não póde chegar de golpe ao anarquismo. Para ficar anarquista a serio, e não apenas de nome, é necessario que elle comece a sentir a solidariedade que o liga aos seus companheiros, aprenda a cooperar com os outros na defesa dos interesses comuns, e que, lutando contra os patrões e contra o governo que apoia os patrões, comprehenda que patrões e governo são parasitas inuteis e que os trabalhadores poderiam conduzir elles mesmos a sociedade. E quando comprehendeu isto, é anarquista, embora não use esse nome.

Demais, favorecer as organizações populares de todas as especies é consequencia logica das nossas ideias fundamentaes, e deveria por isso ser parte integrante do nosso programa.

Um partido autoritario, que aspira a apoderar-se do poder para impor as suas ideias, tem interesse em que o povo continue sendo uma massa amorfa, incapaz de agir directamente e portanto sempre facil de dominar. E por isso logicamente não deve desejar senão o pouco de organização, e só de certo genero, que lhe é necessaria para chegar ao poder: organização eleitoral, se espera lá chegar com os meios legaes; organização militar, se conta com uma acção violenta.

Mas nós, anarquistas, não queremos *emancipar* o povo; queremos que o povo *se emancipe*. Não acreditamos no bem feito do alto e imposto pela força; queremos que o novo modo de vida social surja das entranhas do povo e corresponda ao grau de desinvolvimento atingido pelos homens e possa progredir á medida que os homens progridam. Importa-nos, pois, que todos os interesses e todas as opiniões achem numa organização consciente a possibilidade de se fazer valer e de influir sobre a vida colectiva em proporção com a sua importancia.

Tomámos a tarefa de lutar contra a presente organização social e de derrubar os obstaculos que se opõem ao advento duma nova sociedade em que a liberdade e o bem-estar sejam assegurados a todos. Para conseguir este fim, unimo-nos e procuramos aumentar o mais possivel em número e em força. Mas se sòmente nós estivessemos organizados; se os trabalhadores ficassem isolados como unidades indiferentes umas ás outras, e só ligados pela cadeia comum; se nós proprios, além de organizados como anarquistas, não nos organizassemos com os trabalhadores como trabalhadores, nada poderiamos conseguir, ou, no mais favoravel dos casos, só poderiamos impor-nos... e então não seria já o triunfo da anarquia, mas o nosso. Poderiamos chamar-nos anarquistas, mas na realidade seriamos simples governantes, impotentes para o bem como todos os governantes.

Fala-se a cada passo de revolução, e com esta palavra pensa-se ter resolvido todas as dificuldades. Mas que deve, que póde ser esta revolução que desejamos?

Derrubar os poderes constituidos e declarar abolido o direito de propriedade. Está bem: isso póde faze-lo um partido... e ainda, é preciso que esse partido, além das suas proprias forças, tenha em seu favor a simpatia das massas e uma suficiente preparação da opinião pública. Mas depois? A vida social não admite interrupções. Durante a revolução, ou insurreição, como queiram, e logo depois, é preciso comer, vestir, viajar, imprimir, tratar dos doentes, etc. etc., e estas coisas não se fazem por si mesmas. Hoje mandam-nas fazer o governo e os capitalistas para dellas tirarem proveito; expulsos o governo e os capitalistas devem os operarios fazê-las espontaneamente em proveito de todos; do contrário, brotarão, com um nome ou outro, novos governos e capitalistas.

E como poderiam os operarios satisfazer as necessidades urgentes, se não estivessem já habituados a reunirem-se e a discutirem uns com os outros os interesses comuns, se não estivessem de certo modo já prontos a aceitar a herança da velha sociedade?

No dia seguinte áquelle em que, numa cidade, os negociantes de cereaes e os patrões padeiros perderam os seus direitos de propriedade e, portanto, o interesse de abastecer o mercado, é necessario que se encontre nos armazens o pão necessario para a alimentação pública. Quem pensará em tal, se os operarios padeiros não estão já associados e prontos a agir sem os patrões, e se, á espera precisamente da revolução, não pensaram em calcular as necessidades da cidade e como satisfazê-las?

Não queremos com isto dizer que para fazer a revolução se tenha que esperar que todos os operarios estejam organizados. Isso seria impossivel, dadas as condições do proletariado; e felizmente não é necessario. Mas é preciso que ao menos haja os nucleos em torno dos quaes possam rapidamente agrupar-se as massas, apenas se libertem do peso que as oprime. Que, se é utopia querer fazer a revolução quando todos estiverem de acôrdo e prontos, maior utopia é querer fazê-la com nada e com ninguem. Ha uma medida em tudo. Entretanto, trabalhemos para que cresçam o mais possivel as forças conscientes e organizadas do proletariado. O resto virá por si.

H. MALATESTA.

Os presidios industriaes

O Castello do Votorantim

Tenho dito que a fábrica do Votorantim se ia convertendo em castello feudal; mas os factos foram além das minhas previsões. Como *a Terra livre* é lida nos centros operarios de S. Paulo, Rio e até no exterior, quero divulgar o mais possivel as injustiças cometidas pelo tsar chamado sr. Marins, gerente da fábrica de Votorantim, propriedade do Banco União de S. Paulo.

Sei d'antemão que, apesar do meu protesto e do de muitos operarios da fábrica em cujo seio o sr. Marins já sabe que reina o descontentamento, a atitude desse senhor não mudará, porque tem o tsarismo na massa do sangue. As suas obras o indicam.

Entretanto, se esse tsarinho conhecesse um pouco o que poderiamos chamar a historia proletaria, saberia que a opressão provoca a resistencia e que recolhe tempestades quem semeia ventos. Mas, enfim, lá se arranje; cada um é filho dos seus actos. Limitar-me-ei a descobrir este millionesimo exemplar dos inimigos do operario universal, para que tomem nota os leitores.

Na fábrica, ha pelo menos um anno que os operarios trabalham até ao serão: das 6 da manhã ás 8 1/2 da noite, prolongando-se esse martirio, em algumas secções, até ás 10 da noite, a maior parte dos dias. E se é nocivo aos adultos esse esbanjamento de forças, mais nocivo é ás crianças, dos dois sexos, que as ha ali que sofrem este jugo por 500 reis apenas! Além desta pesada exploração, os operarios têm que sofrer a fiscalização nos mais intimos pormenores da sua vida privada. Se, por exemplo, um operario quer unir-se livremente com uma companheira, por espontaneo e mútuo consenso, o *moralista* tsar apresenta aos dois este dilema: ou casarem-se civil e canonicamente ou rua!

A fiscalização vai até ás visitas recebidas pelos operarios! É certo que as casas dos operarios estão num recinto cercado de arame, propriedade particular: mas nellas habitam homens *livres* (?), inquilinos que pagam, e muito, e não servos da gleba, de cuja pessoa os proprietarios possam dispor a seu talante. Mas a verdade é que ali impera o feudalismo; as modernas formas de escravidão cedem o logar a formas antigas, mais francas. Quem possue os meios de viver, possue os homens que delles necessitam. Pagar um feudo ou pagar um aluguel, pertencer á terra necessaria ou depender dum salario indispensavel, — é sempre ser governado pela fome. O sr. Marins determina que pessoas elles devem receber: não tardará a descer a outros pormenores da vida íntima...

Neste periodico e em *La Battaglia*, alguem disse verdades que não agradaram ao despota: por simples suspeita, toda a sua colera se descarregou sobre o signatario destas linhas, prohibindo-me a entrada no seu *castello* sem mais razões ou explicações, como a animal perigoso, e ofendendo os trabalhadores de ali, a cuja paciencia devia, entretanto, ser grato, por lhe dever os meritos que tem aos olhos dos accionistas do Banco União.

Mas não pense o sr. Marins que póde isolar os seus vassallos do contacto da verdade e livrar-se de colher os frutos que semeia: os seus capangas e aduladores interesseiros e inconscientes, esses mesmos o abandonarão, se o virem sem poder ou em perigo.

Na noite do dia em que me foi vedada a entrada no castello, foi este rigorosamente guardado, como se houvesse receio de que o assaltasse o inimigo, e quando alguns trabalhadores recolhiam a casa, por volta das 10 horas, foram examinados por guardas armados, que no dia seguinte serviram-se de algumas palavras innocentes ditas em confiança, para arranjar uma calunia, sobre infracções não cometidas.

Foram despedidas 7 familias, mas desfeita a calunia em presença dos caluniadores, a pena caiu sobre duas.

Os dois trabalhadores expulsos tiveram apenas 2 horas para a mudança! A um delles, que se ausentára, os moveis foram-lhe postos na estação e despachados para Sorocaba; o outro teve de os vender á pressa, e veio para Sorocaba entre praças da policia! Os patrões têm todas as forças da sociedade burguesa a seu favor — mesmo para as peores injustiças e prepotencias, que neste caso teriam mesmo o nome de *ilegalidades*... Mas que lhes importa a legalidade? Só os pobres é que são coagidos a respeitá-la.

Até outro número.

Sorocaba, abril de 1906.

ANTONIO ESCAÑO.

N. da R. — A' ultima hora, comunicam-nos que o Marins deixou de ser gerente da fábrica.

ATENÇÃO!

A edição do folheto *Porque Somos Anarquistas* está quasi esgotada: restam-nos apenas poucos exemplares, que reservamos para a venda avulsa, a 100 reis cada um. Não satisfaremos mais pedidos de pacotes de 50 a 500 reis.

COMUNICADOS

Companheiros da TERRA LIVRE:

Com grande pesar vos comunicamos que resolvemos dissolver o «Centro de Estudos Sociaes», que fundámos nesta em dezembro p. p., pelas razões seguintes: No mês de dezembro pagaram as suas mensalidades 14 companheiros, no mês de janeiro 8, no mês de fevereiro 1, e no mês de março nenhum. Total das mensalidades 55$500; recolhido numa reunião 11$000; total das entradas 66$500; gastos 14$100 — saldo 52$400. Vendo a indiferença dos companheiros, uns porque se retiraram de aqui, outros porque pensam retirar-se, alguns por medo e quasi todos por ser-lhes dificil pagar ou por pouca vontade, tomámos a decisão exposta porque, como se pode ver, é impossivel continuar.

O saldo de 52$400 decidimos distribui-lo da forma seguinte: para a Revolução Russa 5$000, para «Novo Rumo» 20$000, para «a Terra livre» 10$000, para folhetos que serão repartidos entre os que pagaram mensalidades, 14$500, para registro e correio 2$900. Total 52$400.

Cremos que os companheiros do Centro não terão razão de queixa pela forma como foi distribuido o dinheiro e muito menos por terem sido avisados para a ultima reunião e não tererem comparecido.

Temos feito o possivel para levar avante o Centro, mas, pelo que expomos, vê-se que é impossivel; não é nossa a culpa.

Vossos e da ideia.

Campinas, 12 de abril de 1906.

BONIFACIO GARRIDO
FRANCISCO RIOS
LAZARO ROSALEZ.

—

BIBLIOTECA DE ESTUDOS SOCIAES

Prestação de contas do primeiro trimestre de 1906

Entradas

Vendas de livros e opusculos	157$800
Saidas	
Deficit anterior	128$000
Pago aos cditores (liras 310)	153$000
Gastos de expedição, ect. .	18$700
Total	299$700
Entradas	157$800
Deficit	**141$900**

Aos companheiros que têm contas velhas conosco fazemos notar o deficit. Se continuarem fazendo ouvidos de mercador, teremos de recorrer a outros meios.

São Paulo, 1 de abril de 1906.

O encarregado
ATTILIO GALLO.

ECOS DO PRIMEIRO DE MAIO

EM S. PAULO

Nada de importante. Um pouco de festa... e foi tudo!

Na vespera, á noite, houve dois espectaculos, um organizado pela União dos Trabalhadores Graficos, onde um orador, o companheiro Vassimon, disse qual deveria ser o caracter do 1.° de maio; o outro levado a cabo pelo *Gruppo Filodrammatico Libertario*, em favor dos revolucionarios russos. Ambos estiveram muito concorridos, sendo distribuida profusamente *a Terra livre*.

No proprio dia, houve, na Lapa, conferencias de Piccarolo, Sorelli e Machado, a representação de «Il Maestro», a bella scena dramatica de Rousselle, e do «Leone», de Rapisardi, e uma pagodeira de comes-e-bebes.

Na Cantareira, realizou-se uma boa bambochata gastronomica, organizada por um grupo de socialistas com o concurso dum ou outro anarquista puro.

A «Federação Operaria»... calada como um rato.

EM SANTOS

Passou o 1.° de maio. Depois das decantadas salvas do estilo, passeatas pelas ruas com uma banda de musica, piedosas e cristans romarias aos cemiterios, realizou-se na Praça Telles, em frente á Internacional, um comicio, falando Oreste Ristori, Valentin Diego e Constantino Vasques. Estes principiaram por lamentar não estar reunido ali todo o operariado de Santos, que em sua maioria se acha trabalhando, quebrando dessa maneira os laços de solidariedade que o devia unir num mesmo sentimento do confraternização e amor.

Ao terminar os discursos dos oradores e indo-se dissolver o meeting, assoma á sacada da S. I. União dos Operarios, o sr. Antonio Dias e convida o povo a assistir a uma conferencia na séde da mesma associação, á noite.

— Á noite, na Internacional, era grande o numero de operarios que afluiam para ouvir a anunciada conferencia.

Ás 7 e tanto é aberta a sessão pelo sr. Antonio Dias, e dada a palavra a Ristori. Este principia o seu discurso sobre a angustiosa QUESTÃO SOCIAL e mostra como os males que actualmente afligem tres quartas partes da humanidade não podem ser minorados senão destruindo de vez a presente organização social e implantando na terra a sociedade livre e igualitaria.

Segue-se na tribuna Valentin Diego, que entra em longas considerações sobre a luta operaria e sobretudo as 8 horas, assunto este que o orador entra com boa argumentação e apaixonamento a tratar. Incita o operariado de Santos a organizar-se fortemente para a reivindicação de seus direitos postergados. Refere-se ao estupido proceder da C.ª Docas em ameaçar despedir todo o operario que no dia 1. de maio não comparecesse ao serviço, e diz que a burguesia santista é tão estupida que não avaliou o perigo que corria com similhante proceder — fiada talvez na vinda do cruzador Barroso para garantir a sua prepotente exploração. Aconselha ao operariado que trabalhe activamente para a conquista das 8 horas.

Replíca Ristori e diz que as 8 horas não livram o proletariado da exploração capitalista.

Treplíca Diego, e com factos faz ver que o homem que menos trabalha está mais disposto ao estudo e a ir conhecendo os seus direitos até chegar á Revolução Social.

Falaram ainda alguns operarios sobre a luta e união operaria.

— Na sociedade «União Operaria», realizou-se uma sessão solene, falando os drs. Fontes, Genaro e Borba Junior.

— Excepto pedreiros e artes correlativas e fabricas de tecidos, todos os outros serviços funcionaram normalmente.

M. F. C.

EM JUNDIAHY

Aqui a data foi passada bastante dignamente. Efectuou-se um comicio concorridissimo no teatro local, tomando a palavra varios oradores, João Fortes, Saturnino Correia, Manuel Pisani e João Correia, todos concordes em dar ao 1. de Maio a devida interpretação. Por ultimo falou o camarada E. Leuenroth, que expôs as diversas resoluções aprovadas no recente Congresso Operario. Foi, em resumo, uma boa sessão de propaganda, cheia de vida e animação.

NO RIO

O operariado do Rio, este anno, abandonou as ridiculas palhaçadas dos annos passados. Nisto, como em outras coisas, sente-se um pouco a influencia do Congresso Operario. Não se fez muito, persistem defeitos certamente; mas caminha-se.

Realizou-se um comicio operario muito concorrido e fez-se larga propaganda.

EM PORTO ALEGRE

Á guisa de curioso documento, narramos aqui o que foi o 1.° de maio nesta capital.

Os operarios da fábrica de calçado «Progresso Industrial», que todos os annos timbram em dar a nota ridicula nesta data, anunciaram com precedencia que fariam grandes festas em louvor ao dia do Trabalho e para as quaes os proprietarios da fabrica concorreriam com uma bôa quota.

Com efeito, ao alvorecer do 1.° de maio, depois das salvas do estilo, formaram em uma extensa procissão com duas bandeiras, puxada por uma banda de musica militar, e marcharam em direcção á estação em que se achava um trem que os conduziu a Canôas, onde, na chacara do patrão, os esperavam três vacas gordas gentilmente oferecidas pelo mesmo patrão para os seus bons operarios churrasquearem.

E lá discursaram, brindaram aos chefes, dançaram, beberam, comeram, etc., e, á tarde, ébrios de entusiasmo, voltaram dando vivas á «C. P. Industrial», ao «nosso director» e á «classe operaria».

Á noite chegavam á cidade, fazendo uma passeata, á luz de fogos de bengala, em demanda da oficina, que se achava enfeitada e iluminada, saudando de passagem o director-gerente da «Industrial» e os jornaes burgueses, que como se sabe, estão sempre prontos a defender os patrões em detrimento dos trabalhadores.

Outras sociedades operarias fizeram passeatas e as infaliveis discurseiras, para duas das quaes estavam inscritos jornalistas burgueses.

Para cúmulo de tudo isto, a imprensa burguesa içou bandeiras e deitou artigos de fundo, falando em Festa do Trabalho (com letras maiusculas) e repetindo, entre outras coisas, a balela de que no Brasil, por em quanto, não ha questão social, porque vivemos na abundancia e num regime liberrimo!...

Foi isto o 1.° de maio em Porto Alegre. É de entristecer...

3-5-6

CECILIO DINORÁ.

Pró Russia livre

CAMARADAS:

Auxiliemos de modo eficaz, na medida das nossas forças, os revolucionarios que na Russia se batem desesperadamente pela emancipação propria e, em virtude da solidariedade natural que liga todos os seres humanos, todos os países, todos os acontecimentos, pela emancipação de todos!

Continúa aberta em nossas colunas a subscrição pró Russia revolucionaria: o seu produto será enviado a Pedro Kropotkine, como tem sido feito de muitas outras partes, para ser destinado a auxiliar materialmente o movimento revolucionario russo.

Subscrição Pró Russia livre

Transporte	49$300
Do «Novo Rumo»	16$500
Resto da subscrição pró grevistas em Agua Branca	4$000
Attilio Gallo	2$000
Total	71$800

N. B. Brevemente será feita a 3.ª remessa.

CAIXA DO CORREIO

GEORGES VERSCHOORE, de Porto Alegre, prie le camarade VICTOR SCHUBNEL, de Rio Janeiro, de lui donner de ses nouvelles.

—

Rio. — *Magrassi.* Os fasciculos de «El Hombre y la Tierra» são para Alacid. O *Pensiero*, nunca mais o recebi! Mas o anno de 1905 está pago. Folhetos ha já muito poucos. Que dizem vocês á edição de outro? Ajudam? Para escrever e mandar folhetos — grande falta de tempo! *N. V.* *Firmino.* Recebido o cobre e a tua boa carta. Mandei folhetos; os do Inhatá ficarão para elle. Saude. *N. V.*

Sorocaba. — *E. G.* A falta de resposta explica-se pela falta de tempo e não termos as publicações pedidas. Muitos outros se queixam, mas que fazer? Procuraremos a colecção do jornal pedido; mandar-se-á vir «Il Tramonto». Saude.

Uberaba. — *M. Ponce.* Os folhetos P. S. A. já são raros. Só nos foi possivel mandar 27; poucos ficam para os pedidos avulsos. Quanto ao resto, muito bem. Saudações. — *S. Napoli.* Recebido o cobre. Far-se-á como dizes. Saude.

São Manuel. — *J. M. S.* Não foi feita nenhuma referencia a esse «Centro».

Santos. — *M. F. C.* Foram folhetos. — *M. Gonzalez.* Temos enviado o jornal.

Campinas. — *H. S.* Não temos trad. port. da «Conquista».

Porto. — *Vida.* Não recebemos o n.° 47.

Salto. — *G. L.* O artigo não vai neste n.° por falta de espaço. Irá no outro.

El Hombre y la Tierra

Esta grandiosa obra de Reclus tem uma edição espanhola monumental. A tradução é devida á penna do conhecido e integro revolucionario Anselmo Lorenzo, sob a revisão de Odón de Buen.

EL HOMBRE Y LA TIERRA divide-se em quatro partes — *Os primitivos, História Antiga, História Moderna, História Contemporanea,* — e formará 4 tomos de regulares dimensões, com cêrca de mil gravuras.

Publicar-se-á semanalmente em fasciculos de 24 páginas, por 50 CENTIMOS DE PESETA.

Os pedidos podem ser feitos directamente ao administrador ALBERTO MARTÍN — Apartado de Correos 266 — Barcelona.

*

Aos companheiros que ultimamente nos tem pedido a obra de Reclus, avisamos que não podemos tomar conta de mais assinaturas, porque não dispomos de tempo para fazer a distribuição dos fasciculos, nem de capital para poder mandar buscar, pagando antecipadamente como é necessario, os fasciculos atrasados para cada novo assinante.

*

A TODOS os que recebem El Hombre y la Tierra por nosso intermedio e ainda não pagaram os fasciculos recebidos, pedimos encarecidamente que façam o possivel para pagar quanto antes os fasciculos atrasados, do contrário nos colocarão num grande embaraço. Temos uma divida bastante avultada para com a administração da casa que edita a obra, e isto devido aos muitos assinantes que ainda não pagaram os fasciculos atrasados.

É necessario, urgente, que os assinantes em atraso saldem a sua conta e procurem regularizar o pagamento, fazendo-o por mês ou pagando por fasciculos logo que os recebam. Nós, como já dissemos, não possuimos capital; se temos angariado assinaturas para a obra de Reclus, não o temos feito com o fim de especular, mas para divulgar a grande obra e para facilitar a sua aquisição aos companheiros. Para poder continuar com as assinaturas de que já estamos encarregados, é necessario que todos paguem SEM FALTA logo que recebam os fasciculos.

Munições para "a Terra livre,,

SUBSCRIÇÃO VOLUNTARIA

Saldo do n. 7	57$000
De Porto Alegre: Carlos, 4. Um homem livre, 5. Cecilio, 2. Venda avulsa, 1.	12$000
P. Colli (Palmeira)	2$000
A. P. da C. (E. S. do Rio Pardo)	5$000
Lista de M. Gonzalez (Santos). M. Mesquita, 5. J. Perez, 5. M. Gonzalez, 5	15$000
Lista de P. Granado (Bebedouro) D. Hernandez, 5. A. Barrios, 5. D. Candido, 2. P. P. Granado, 5.	17$000
De Jundiahy: J. d'A. Leal, 3. J. M. Madeira, 3. T. F. de Campos, 2. A. J. Martins, 2. L. Martins, 2. A. de Mello, 1.500. J. Lucchese, 2. S. Marques, 2. J. Simões, 1. J. Pereira, 1. J. F. Bogalho, 2. A. Sacchetti, 1.	22$500
Lista de Armenio (Jundiahy); D. Lopes, J. T. da Costa, A. Pulheiro, S. F. da Silva, 500 cada; C. Bycinsky, 2. J. A. Ramos, 1.	5$000
A. Astolfi (Campinas)	2$000
De Salto de Itu: M. da Silva, J. da Silva, A. Genio, P. M. Fernandes, A. Betineli, 1 cada um; A. Bestemate, B. Alves, J. Santos, M. Santos, J. Oliveira, G. Rodolfo, L. C. Moraes, B. Domelio, E. Sapateiro, 500 cada um; A. Quinacele, 200. F. Rigo, 700. J. Felipe, 200. J. Gonzalez, 2. A. S. Almeida, 2. Lista de Barrote: G. da Costa, J. Baptista, J. Maria, M. S. Faria, Aldred, D. F. da Silva, 1 cada. J. M. Bento, A. Braski, M. Ludovico, 500 cada.	22$100
De Santos. Lista de La Scala: A. P. Pombo, J. Jano, L. La Scala, 1 cada. A. Carpinteiro, T. L. Marques, B. Helcias, M. F., 500 cada. Lista de Fernandes: M. R. Alves, 2. Lista de M. B. de Sousa: A. F. Miguel, 2. J. B. de Sousa, 3. E. Peres, 2 J. Fonseca, 2. C. Alvares, 2. M. B. de Sousa; 3.	21$000
Lista de A. D. (Campinas): A. D. 1.500. A. Leme, 1 Mattos & Ferreira, 1. R. Furtado, 1 L. d'Oliveira, 500.	5$000
Centro de Estudos Sociaes de Campinas.	10$000
Lista de Rios (Campinas): V. Mezalira, 2. A. Marotta, 1 S. R. 1. Um hespanhol, 500. M. Dias Fernandes, 5.	9$000
Ateo Emilio (S. Roque).	4$000
Do Rio: A. Julio, 2. Qualquer coisa, 500. N. N., 1. S. Monteiro, 2. M. N. Rezende, 2.	7$500
Lista da redacção: Pereira, 1. Ulysses, 2. Venda, 100. Gallo, 1$500. Edgard, 500	5$100
Lista de Herrera: A. H. 500. G. Rey, 500. A. Hernando, 1. G. Rey, 1.100. A. Herrera, 500.	3$600
P. C. Rego (Rio)	1$500
João Pinto d'Oliveira (Santos)	2$000
Primitivo R. Soares (Santos)	$500
Pedro de Mello	2$000
D. Vieira (Uberaba)	2$000
Ateo E. (São Roque) Entregue por B.	1$000
Qiuntino Ricci (Lapa)	1$000
Lista de A. Rodrigues (R. Alves): A. Rodrigues, 2, J. Cota, 1. E. Bernascon, 1. P. Rosa, 1 Q. Brega, 1. S. Lapiruta, 1. P. Cordeiro, 1. A. Casal, 1. J. d'Oliveira, 1	10$000
J. da F. Lamego (Santa Clara)	3$000
Lista de A. Lopes (Piracicaba): A. Fernandes, M. Izquierdo, J. Oliveira, F. Viso, Um homem, 500 cada; M. Fernandes, Dois irmãos, J. Cipriano, A. Lopes, 1. cada. Descontando os gastos do correio	5$500
G. Verschoore (Porto Alegre)	5$000
J. Viggiani (Barbacena)	10$000

ASSINATURAS

Semestraes. — De Santos: J. C. M. (lista de La Scala), S. S. (lista de Fernandes)	4$000
Trimestraes. — De Piracicaba (lista de A. Lopes): M. F., J. O., A. F.	3$000
Total	285$800

SAÍDAS (n.os 8 e 9)

Tipografia	100$000
Imp. e papel (n. 8 4000 ex.)	68$000
» (n. 9)	30$000
Correio	21$800
Carroça	8$000
Somma	227$800
Entradas	285$800
Saldo	58$000

A Terra Livre, São Paulo, 13 de Junho de 1906, Anno I, Número 10.

a Terra livre

O HOMEM LIVRE SOBRE A TERRA LIVRE. GOETHE

ANNO I | SÃO PAULO (BRASIL) — QUARTA-FEIRA, 13 DE JUNHO DE 1906 | NÚMERO 10

EXPEDIENTE

A TERRA LIVRE, que se publica por SUBSCRIÇÃO VOLUNTARIA, aceita tambem assinaturas nestas condições:

Serie de 25 números	4$000
« « 12 «	2$000
« « 6 «	1$000

Administrador: EDGARD LEUENROTH.
Toda a correspondencia a *Neno Vasco*, **Rua Maria Domitilla, 88 — São Paulo.**

As lições da experiencia

O recente movimento grevista, que certamente marcará epoca na história do proletariado no Brasil, foi cheio de preciosas confirmações.

Elle veio mostrar, á luz da mais deslumbrante evidencia, a estreita aliança existente entre a autoridade economica e a autoridade politica, e a impossibilidade de separar a luta contra uma da luta contra a outra. A luta contra a sociedade burguesa tem dois aspectos indivisiveis: economico e politico.

Vimos como estiveram unidos o capitalista, o policia, o juiz e mesmo o padre: todos elles pertencem a uma só classe. Aqui, mais do que em outros países, a liga foi manifesta. Os governantes ignoram, ainda mais do que lá fora, as condições do movimento operario; não estão habituados a estas lutas, como judiciosamente observou, em assembleia da sua associação, um comerciante que da Europa trouxe uma boa experiencia em tal assunto. E por isso foram brutaes, violentamente francos e descarados, sem disfarces nem habilidades, transformando um movimento, que poderia ser de fraca repercussão, numa larga expansão de propaganda, num forte sacudimento de energias, numa agitação de consequencias sérias. Quiseram manter intangivel e prestigioso o principio de autoridade: vibraram-lhe um golpe profundissimo!

⁂

Ficou igualmente bem patente a inutilidade das chamadas garantias constitucionaes. O principio fundamental do metodo libertario foi plenamente confirmado. Todas as liberdades que a lei diz garantir foram despreocupadamente violadas, desprezadas, esquecidas. O estado de sitio vigorou sem necessidade de ser decretado; não valia realmente a pena.

Foram invadidos domicilios, sédes de associações e a redacção dum jornal; os grevistas e os que com elles se mostravam solidarios não puderam livremente reunir-se, nem mesmo em sédes de sociedades: para impedir uma reunião pacifica, a policia foi até ao assassinato; o *habeas corpus* foi escarnecido; aprehenderam-se boletins e jornaes. Todas as pretendidas garantias legaes mostraram-se taes como são realmente: uma pura e refinada burla.

As liberdades de imprensa, de associação, de reunião, etc. estão consignadas na lei — na Lei! Lá estão. Não ha duvida alguma. Estão devidamente catalogadas, divididas em artigos, e estes em paragrafos... Mas lei e facto são duas coisas; liberdade e autoridade são outras duas. A lei vem a ser um papel dependurado jocosamente no water-closet da autoridade; a liberdade legal, um engodo que se recolhe vivamente quando algum simplorio para elle estende a mão; e a liberdade real, quaqluer coisa que se toma e usa, se regista nos factos e não nos codigos, e se defende com a união e com a energia.

⁂

Desta grande greve e suas consequencias resultou ainda a comprovação de outra verdade: que no seio do proletariado existe uma força immensa, uma vitalidade maravilhosa. Esta força é ainda descoordenada; uma grande desorganização a cérca de peias, a torna pesada e hesitante. Mas apesar disso — ou por isso mesmo — mostrou bem o que vale.

Com o pouco de organização existente, com a iniciativa e a actividade dum nucleo de conscientes — não chefes, como aquelles cavalgaduras de jornalistas e dirigentes puderam crer — o operariado conseguiu abalar um pouco a formidavel máquina sustentada pelo monopolio da riqueza e do poder e pela ignorancia.

A greve geral em S. Paulo foi uma surpresa, mesmo para os que estão mais ou menos ao corrente da vida operaria. Mas, se foi surpresa, deve ser agora um poderoso estímulo á actividade. A organização e a educação social do proletariado, se já eram tarefa urgente e inadiavel, receberam mais uma vez, nos recentes acontecimentos, a demonstração da sua importancia primordial.

Viu-se claramente o valor da organização. O movimento partiu da corporação que era, talvez, a mais bem organizada do Brasil: o pessoal da C.ª Paulista. A solidariedade foi admiravel, parecendo resultar dum já longo hábito neste genero de lutas! Dada a violencia das forças contra ella conjuradas, esta greve foi um bellissimo, um consolador exemplo de resistencia. A greve estendeu-se depois á Mogyana, organizada, e não póde ganhar, apesar dos repetidos apellos e das simpatias isoladas e dispersas no seu seio, as outras companhias ferroviarias, cujo espirito de solidariedade não se exercera na associação efectiva, mas se perdera na desunião e no engano duma beneficencia obrigatoria... E no entanto, dos empregados duma destas companhias, a Inglesa, estava dependente o exito do conflicto. Em S. Paulo, a greve foi iniciada pelas organizações e seguida, é certo, por categorias não associadas, mas abandonada por algumas inteiramente refractarias á organização.

A necessidade da organização tornou-se clara. E claro se tornou o interesse que cada oficio tem na organização de todos os outros: a solidariedade estende-se a toda a classe operaria. As barreiras que separam as corporações de oficio desfazem-se perante as necessidades da vida social. Os oficios precisam uns dos outros; o egoismo duma corporação é um mal que recai sobre ella propria.

Pois bem! que os operarios activos e conscientes saibam aproveitar a boa lição e a ainda melhor oportunidade!

⁂

E essa boa oportunidade foi fornecida pela greve... Aparentemente vencida, fructifica em esperanças, iniciativas e movimento; os vencedores de momento não têm nos labios mais do que um sorriso amarelo: as suas feridas sangram...

Houve victimas, sem duvida; mas victimas haveria, e em grande número, na inacção, na cobardia e na desunião. Estas derrotas — se derrotas são — são inevitaveis; e são aparentes, como, aliás, aparentes seriam as victorias passageiras. Estas e aquellas têm inconvenientes e perigos: se umas podem desanimar por um momento, as outras podem fazer adormecer as energias, fortificar uma confiança exagerada. São sempre escaramuças: não decidem da victoria real, mas abrem caminho para ella, exercitam. A victoria operaria não se fará dum bloco. O que resulta de verdadeiramente eficaz é a acção, e é a experiencia.

Assim, fez-se uma primeira tentativa — vá o termo — de greve geral. Sem estas tentativas, sem estas experiencias, num aperfeiçoamento gradual, não se faria o ensaio do que ha de ser a verdadeira greve geral — revolucionaria e expropriadora, e esta seria impossivel ou tanto mais dolorosa. A greve geral não se estraga, empregando-se: aperfeiçoa-se. Todas as revoluções vastas e eficazes têm sido precedidas de innumeras experiencias e tentativas da mesma natureza, as quaes são a sua melhor escola.

A greve geral mostrou-se agora tal qual é: facto natural, espontaneo, resultado das condições actuaes, não duma teoria de gabinete; instrumento duma classe, não dum partido, seja elle qual for. Para ella, qualquer partido é impotente; não póde mais do que dar a sua adesão. Foi o que, neste caso, fizeram os anarquistas, que não têm a ridicula pretenção da mosca do coche do fabulista; e foi o que fizeram corajosamente os que, em regra desconfiados da greve geral, a aceitaram em circunstancias especiaes. O que é aceitá-la definitivamente, porque ella não se faz a cada passo, a capricho, mas vem sempre em circunstancias especiaes que a tornam possivel e necessaria.

E vem a proposito notar que na acção, na luta de classe, perante o inimigo comum, todas as dissenções desapareceram como por encanto. Todos trabalharam, todos se portaram bem, sem distinção de partido. O proletariado formou um só bloco, e ofereceu um digno, um confortante espectaculo de armonia e solidariedade. Ha realmente um «partido de classe» — o partido do trabalho, baseado nos interesses comuns a todos os trabalhadores. A luta revestiu os aspectos economico e politico; mas o terreno de acordo foi achado na acção directa, que não é apanagio dum partido, mas é comum, é acção de classe.

⁂

Resumindo, tira-se desta lição de coisas excelente e sonora, um pouco graças á autoridade:

que capitalismo e Estado, patrão e governo, são aliados para a vida e para a morte, e não se póde combater um sem combater o outro;

que a lei não garante liberdades, unicamente defendidas pela união e energia dos interessados:

que o proletariado dispõi duma grande força, mas precisa de ser unido e activo, deve pôr de parte o exclusivismo de individuos ou de oficios;

que ha possibilidade, tanto como necessidade, de agrupar os trabalhadores, como taes, sem distinção de ideias politicas, com uma base segura de acordo na acção — e é isto o sindicalismo.

Um movimento que nos oferece taes ensinamentos não foi perdido! Muito ao contrario!

OBRA NECESSARIA

O que importa antes que tudo, hoje, é a organização das forças do proletariado. Mas esta organização deve ser obra do mesmo proletariado. Se eu fosse jovem, transportar-me-ia para um meio operario, e compartilhando a vida laboriosa de meus irmãos, com elles igualmente tomaria parte no grande trabalho dessa organização necessaria.

M. BACUNINE.

O atentado de Madrid

Assim como os bem jantados não comprehendem as reclamações dos explorados, assim tambem os que não sofrem perseguições não comprehendem que os perseguidos se desesperem. Para mais, no caso que nos ocupa, o acto de revolta não veio após uma ruidosa campanha, como as que foram motivadas pelas atrocidades do governo espanhol na questão de *La Mano Negra*, em Montjuich, e em Alcalá del Valle. Os jornaes descrevem-nos o mais insignificante gesto diplomatico ou amoroso dos «soberanos»; mas esquecem as violações da liberdade dos individuos. Não se sabia que havia caça; e quando a lebre se voltou contra o caçador, toda a gente gritou a sua surpresa indignada!

Os anarquistas, entretanto, poderiam apresentar-se como modelos de mansidão. Elles demonstram, com seus actos, á evidencia, que o seu maior empenho é discutir, criticar, fazer propaganda, e que só são levados a represalias por uma acumulação excessiva de violencias inenarraveis. Não é preciso fazer realçar o contraste entre a insolente pompa dos parasitas coroados e a atroz miseria das populações, morrendo de fome na Andaluzia. Não é preciso remontar a factos dum passado não muito remoto, cheios de horror e de infamia. Nas vesperas do atentado os anarquistas eram victimas constantes do furor da autoridade, idolo em que é perigoso tocar. As prisões, os processos, os *complots* inventados, as torturas eram de todos os dias; por mero *delicto* de imprensa, de pensamento, não foram raras as condenações a 7, 10, 12 annos de carcere!! E poucos dias antes do atentado fôra promulgada a lei chamada de jurisdições, que sujeitou á ferocidade dos tribunaes militares as ofensas á nacionalidade, á bandeira e ao exército! Uma real ordem explica: «Não existe delicto mais do que no facto, e no facto definido, claro, e terminante: no ataque armado contra a patria, *no ultraje contra a nação, na injuria ou ofensa contra o exército e a marinha e na apologia desses delictos.*» Esta lei póde ser manejada contra a mais inocua manifestação de ideias não muito ortodoxas. E o governo espanhol, mesmo sem lei, não tem deixado de perseguir essas ideias.

E apesar de tudo, a matilha vendida da imprensa, a corja abjecta dos poltrões que, ao menor ruido, ao menor boato, debandam com o rabo entre as pernas — como a burguesia de Paris no mês passado — todo o bando, que não se indigna com os atentados do alto, investiu contra o «cobarde»... que ousára arriscar a sua vida e expor-se aos odios dos ignorantes.

Reeditaram-se as costumadas baboseiras: falou-se de «complots», do projectado assassinato de tal e tal rei. Esquece-se ou ignora-se que o anarquismo não é um partido organizado para a prática do regicidio; que o atentado não é privilegio seu, sendo empregado, mesmo actualmente, por homens de outras ideias, e que não é o seu fim, nem a sua tatica, tão vasta e multiforme, nem ainda a forma principal da sua acção; que o atentado é mesmo rejeitado por grande numero de anarquistas, e é obra de iniciativa individual.

Em regra, o atentado não é destinado a resolver o problema social, que, afinal, não é resolvido de golpe por nenhuma outra fórma de acção: é uma reacção irreprimivel contra as violencias de cima, um episodio da luta. Que as tiranias cessem, e elle cessará. A repressão não fará mais do que provocá-lo.

A greve na Paulista

E

suas consequencias

Chefes e fomentadores

Os nossos leitores conhecem já as causas da greve ferroviaria, começada, nas linhas da Paulista, a 15 de maio e acabada no dia 30, á força de desenfreadas violencias. Essas causas foram, em resumo, as vexações sem conta da parte do pessoal superior, as ameaças contra a Liga Operaria — tudo isso agravando o descontentamento originario do peorar das condições economicas do pessoal. Depois de várias representações desatendidas com sobranceria, estalou a greve, para reclamar: a demissão do chefe da locomoção, Francisco Monlevade, do seu ajudante, Henrique Burnier, e do chefe da estação Jundiahy-Paulista, João Gonçalves Dias; a reintegração no seu logar do conferente Tomás Degani, cuja remoção arbitraria foi a causa determinante do movimento; e a inscrição facultativa, e não obrigatoria, na Sociedade Beneficente.

Como se vê, era uma simples questão de dignidade humana, era a luta de classes na sua fórma mais atenuada. Reconheceu-o uma parte da classe patronal, que aconselhou benevolencia e não hesitou em dizer justas e moderadas as reivindicações dos grevistas. Mas a directoria da Companhia e as autoridades quiseram tornar graves os acontecimentos. A imprensa quasi toda, sobretudo em S. Paulo, contribuiu poderosamente para alargar o abismo, para azedar a luta, mentindo, falsificando, asneando, empregando tanta má-fé como estupidez, e tanta estupidez como ignorancia.

A greve foi desejada por todos, unanimemente aclamada. Havia mesmo impaciencia, que alguns procuravam conter, para evitar irreflexões. Manuel Pisani, conhecido pela sua indole pacifica e serena, *era contrario á greve*: declarada ella, não fez mais do que portar-se como homem digno e operario consciente. Da Federação Operaria de S. Paulo partiram conselhos de adiamento. Os operarios é que não puderam suportar mais prepotencias E tanto a greve dependia da vontade de todos, que, apesar das violencias policiaes, apesar de serem obrigados a esconder-se os mais activos, apesar de serem impedidas as reuniões, apesar das armadilhas patronaes, e dos furagreves, fazendo circular raros comboios, apesar de garantir a policia o trabalho aos traidores e de procurar forçar á traição os grevistas, como José Miguel, — os grevistas resistiram tenazmente, e, quando conseguiram reunir-se clandestinamente, proclamaram a continuação da luta. Só cederam perante a brutalidade sanguinolenta da ultima violencia.

Tambem a solidariedade prestada aos grevistas pelo operariado de muitas localidades foi um facto natural, pelo menos tão natural como a solidariedade do governo e da imprensa com a Companhia. Solidariedade de classe, solidariedade de oprimidos, de seres ligados pelo mesmo interesse e pelo mesmo setimento. Os operarios, sabendo que só devem contar com as suas forças, vendo as violencias de que eram victimas os seus companheiros, tendo a solidariedade como garantia unica, fizeram uma manifestação de protesto.

Pois bem! Em tudo isso não se quis ver senão *complots* de fins occultos, tramados no misterio da sombra, por chefes e agitadores de profissão, com ramificações até em Buenos Aires! O «capricho» dos grevistas devia ser um pretexto: porque era delles o capricho, não da Companhia, que os vexava e fazia ouvidos de mercador ás suas respeitosas representações, primeiro, ás suas reclamações, depois!

Os satisfeitos, os mandões e os lacaios vis e rasteiros chamam capricho a qualquer assomo de dignidade revoltada: elles não concebem a revolta contra os seus caprichos autoritarios, e que haja descontentes, quando não são elles que sofrem. E não viram que, no decorrer dos sucessos, os verdadeiros «fomentadores», não só da luta, mas do odio, foram elles. Elles cavaram o abismo.

Noli me tangere

Por ocasião das ultimas greves de Longwy, em França, um capitalista afirmou francamente que não cedia ás reclamações operarias, não porque estas valessem grande coisa, mas porque era preciso não deixar minar a sua autoridade: não queria mesmo discutir com os seus escravos, queria ser e havia de ser o patrão, a todo custo.

Tal é o espirito que anima o capitalista, o senhor das coisas, e por ellas, o senhor dos homens. Tal foi o espirito que manifestaram os directores da Companhia, que quis fazer triunfar o «principio de autoridade patronal», embora, no fim de contas, o resultado obtido tenha sido muito diverso.

Isto mostra que as coisas — os instrumentos de trabalho, os meios de transporte (assim como os de produção), — devem pertencer aos trabalhadores; que pelos proprios obreiros deve ser organizado o trabalho; que não devem subsistir mais do que simples funções tecnicas, serviços, todos equivalentes porque igualmente necessarios, exercidos todos livremente segundo as aptidões, sem parasitismo nem caracter autoritario.

Algumas figuras

O presidente da Companhia é o velho áulico da monarquia, conselheiro Antonio Prado, o qual, como todos os graudos da realeza, tem grande cotação no mercado da ascorosa oligarquia republicana: é prefeito da Pauliceia, deu o seu nome ao largo mais central, que elle... perdão! os pedreiros e ingenheiros transformaram, e tem fama entre a alta casta e os engrossadores da imprensa, só porque, no seu reinado, tendo S. Paulo absoluta necessidade de atraír gente e capitaes, de se embellezar, os vereadores decretaram e os contribuintes pagaram os melhoramentos realizados em certos bairros felizes, e ainda porque prestou mão forte a certas empresas, como a Light, que póde e manda nesta terra.

Este escravocrata tem o pulso afeito ao chicote. Vejamos alguns traços do seu caracter autoritario.

Declarada a greve, o conselheiro parte para Jundiahy e convida os grevistas a uma conferencia no escritorio da Companhia. Os grevistas, desconfiados, pedem terreno neutro: tinham o exemplo de Santos. Volta o conselheiro para S. Paulo e declara, «com um sorriso triste», a um jornalista: «Os homens estão intrataveis...» Apresentava-se como victima, parecia todo disposto á conciliação, o bom do homem. Os grevistas, então, em face das suas declarações de paz e bons sentimentos, resolveram aceder ao convite. Para quê? Para ouvirem uma recusa...

O dr. Monlevade pede, prò forma, a sua demissão: o conselheiro nega-lh'a, e ainda o elogia. Mais tarde declara que era preciso regressarem os grevistas ao trabalho, sem condições, resolvendo depois a Companhia como intendesse...

E aquelle descaramento raro dum telegramma por elle enviado! «A greve infelizmente não está terminada, mas posso assegurar que, continuando o governo a prestar á Companhia o eficaz apoio da força publica, como está fazendo, o trafego estará completamente restabelecido dentro de alguns dias...»

Quando a policia, sem ser provocada, sem aviso, como fez sempre, atacou, em Jundiahy, uma reunião de grevistas, resultando do conflicto a morte dum soldado e de dois manifestantes — o conselheiro e a Companhia bateram palmas á infame violencia, comprometendo-se a fazer o enterro e a pagar uma pensão á familia — mas só do soldado morto!

Eis o homem!

Outro que se salientou foi o tal Monlevade. Em vista das vastas consequencias da sua atitude, dos prejuizos causados a muitas classes, devia, não pedir a demissão prò forma, mas ir-se embora, sumir-se, eclipsar-se... Não! Impava de vaidade e de satisfação, victorioso. Um homem célebre.

O comico do caso é que o conselheiro famoso não podia comprehender a irritação contra Monlevade, dedicado amigo dos operarios, apontado na C.ª como ardente partidario das ideias socialistas, porque... até partira delle a ideia da fundação da Sociedade Beneficente... contra a qual os grevistas reclamavam! Lembra aquella de chamarem socialista ao papa Leão XIII, por ser autor da enciclica *Rerum novarum*... destinada a combater o socialismo.

Que ideia farão do socialismo estes pandegos?

Fraudes e violencias

A fraude e a violencia foram as armas favoritas da Companhia e da sua aliada, a policia. Os telegramas, os boletins, as declarações verbaes, afirmando mentirosamente a terminação da greve e o restabelecimento do trafego, eram incessantes.

A autoridade forneceu pessoal da armada para o serviço, sequestrou os traidores cedidos por outras companhias, procurou coagir grevistas a voltarem ao trabalho, privou pela força os grevistas de advogados, impediu reuniões, prendeu, espancou, assassinou: isto nos logares da greve. Em S. Paulo, a policia, com os seus cosacos e o bando ignobil dos secretas, calcou todas as intituladas garantias do *cidadão!* A séde da Federação Operaria foi invadida e dissolvidas as reuniões ali efectuadas; o diario *Avanti!* foi aprehendido e rasgado; a redacção de *La Battaglia* foi assaltada, não recuando a violencia diante duma mulher e duma criança de 7 annos; os comicios mais pacificos foram dissolvidos pela cavallaria; foram realizadas e mantidas as prisões mais absurdas e escarnecidos os *habeas corpus*. A magistratura ou manifestou o seu rancor contra os grevistas ou se declarou impotente perante a vontade omnipotente da policia. No Rio houve tambem scenas analogas.

Os grevistas foram pacificos: a Companhia e a policia não tomaram isso em consideração. Se os grevistas usassem de represalias, haviamos de ver então bellas declamações contra a violencia! Ninguem, de cima, protestou contra as arbitrariedades sem nome do poder: mas quando se falava incertamente de atentados contra a propriedade da Companhia, eram clamores indignados de protesto. Entretanto, se os grevistas, arrogando-se, com justiça, um direito sobre as coisas, que são obra comum, quisessem impedir que ellas os traíssem, seriam, em todo caso, muito mais humanos (tanto mais que dariam trabalho a outros operarios) do que os prepotentes que não tiveram o minimo escrupulo em atentar contra a liberdade e a vida de pessoas — que bem podem reflectir agora, amargamente, que o pacifismo não evita as violencias do alto!

Poderiamos encher o jornal todo com as infamias praticadas; mas a Federação Operaria promete para breve uma narração circunstanciada dos sucessos ocorridos, e nós chamamos para ella a atenção dos leitores.

Decepção republicana

Um estudante de direito dirigiu a um jornal a seguinte carta:

Sr. redactor. — Tive hoje uma das maiores decepções na minha vida de moço republicano.

Precocemente descrente da efectividade do regime liberal e democratico implantado em nosso país pelo movimento altamente simpatico de 15 de novembro de 1889, desvirtuado depois pela politiquice rasteira e pequenina do coronelismo inepto — ainda assim pensava que o artigo 72 da nossa carta fundamental valia mais que a vontade ferrenha duma policia mal orientada.

Entretanto, hoje tive a mais completa desillusão no momento em que, levado mais pela curiosidade, me aproximei, no Largo de S. Francisco, ao meio dia, de um grupo de honestos operarios que cercavam uma autoridade policial, que pretendia embargar-lhes estupidamente o exercicio de um direito, respeitado em todas as sociedades adiantadas.

Vi-o, acompanhado de um policial, correctamente vestido de roupa cinzenta clara, os bigodes elegantemente frisados a emmoldurarem-lhe o rosto que a velhice, a experiencia da vida ainda não enrugou. Ao saber que lhe pesava aos hombros a tremenda responsabilidade do juramento de honrar a imagem sacrosanta da justiça e levantar bem alto a bandeira do Direito, ao receber naquella Academia — a cujos estudantes iam os operarios pedir protestos de simpatia, — um diploma, tive uma pouca de confiança.

E quando menos esperava, achei-me á frente da referida autoridade — o dr. João Baptista de Sousa. Nessa mesma ocasião dois colegas meus disseram-lhe que aquella reunião não fora convocada pelos academicos. Respondeu-lhes então o sr. dr. delegado que já sabia disso e tinha ido ao local para preveni-los de que lançaria mão de energia para impedir qualquer reunião.

— Mesmo pacifica? redarguiu um outro meu colega que estava a meu lado.

— Mesmo pacifica; é ordem que recebi, circunstanciou muito calmamente, sem ter o remorso de quem comete um crime...

— E a constituição? Ella garante o direito de reunião... (Art. 72 § 8°: A TODOS É LICITO ASSOCIAREM-SE E REUNIREM-SE LIVREMENTE E SEM ARMAS; NÃO PODENDO INTERVIR A POLÍCIA SENÃO PARA MANTER A ORDEM).

— Ah! A Constituição... Isso lá elles interpretam como intendem!!!... dogmatizou o elegante delegado, como dando a intender que *elles*, os seus superiores (naturalmente o dr. presidente do Estado e o seu chefe de policia) têm as atribuições majestaticas e divinas de um imperador de todas as Russias para calcar aos pés o estatuto fundamental da Republica!

Simplesmente ridiculo!

Não pude, sr. redactor, resistir aos gritos da minha consciencia a dizer-me que protestasse contra um tal sacrilegio, para que não pensasse o povo, que ali estava reunido, que a constituição politica do nosso país, apesar de tanto enxovalhada e rasgada, estivesse escrita nas patas dos cavallos policiaes.

Conselho de cristão

O vigario de Jundiahy fez distribuir o seguinte boletim:

Um pai velho aos seus filhos espirituaes em greve.

Carissimos:

Permiti que vos dirija a palavra para vosso bem e interesse. Todos os acontecimentos têm dois lados, e a paixão e os noveleiros nos ocultam o melhor.

A directoria da Paulista, crêde-me, está cooperando para o vosso bem com o fim de cortar novas greves, que poderiam mais tarde rebentar, se ella hoje consentisse em alguma clausula menos pensada que fosse ingerir-se na administração e governo da Companhia. 'As greves paralizam todas as actividades e prejudicam a todos e principalmente a vós que tendes familias a quem sustentar. Hoje é muito dificil encontrar emprego. Ha muita gente sofrendo necessidades por não encontrar serviço. Quando vaga um emprego, aparecem centenares de pretendentes.

Não abandoneis, pois, o honroso logar que tendes na Companhia Paulista, porque dahi tirais, com o suor do vosso rosto, o sustento para a vossa mulher, para os vossos filhos, que, com lagrimas pedem o mesmo que eu vos estou aconselhando — que é para vos conservardes no vosso emprego.

Olhai para o futuro que se póde tornar angustioso — onde ir encontrar outro salario bom?

E caso o encontreis, bem sabeis que é preciso obedecer sempre.

Não ha sociedade possivel sem obediencia.

O nosso Divino Mestre, como Homem, obedeceu até morrer.

O cristão obedece, sofre e cala — ahi está a sua força, a sua victoria e o seu merito.

Os caprichos, causa de tantos males, não ficam bem a ninguem.

Aqui não ha vencedores nem vencidos, — todos trabalham para o bem comum.

Atendei, enfim, ao vosso interesse e ao pedido de vossas esposas e filhos, e Deus abençoará a vossa resolução e o vosso trabalho.

Para homens de bem como sois, basta isto.

Sem o saber, o reverendo pôi em singular destaque a existencia duma questão social e o bem fundado do movimento operario. E até, indirectamente, aconselha uma das mais urgentes reivindicações do operariado: a redução das horas de trabalho, como remedio provisorio contra a desocupação de que elle nos fala.

Sim, reverendo, a Companhia zelou a sua autoridade; mas os operarios fizeram greve porque a resignação e a obediencia são ainda peores do que a derrota, e elles começam a perder a esperança no reino celestial, a notar que esta terra deve ser de todos. Exactamente por amor dos filhos e das familias acham que devem resistir e começam a perceber que devem ter ingerencia na administração e governo

das coisas, fruto do labor de todos, instrumentos necessarios da felicidade terrestre de todos os seres humanos e que só nas mãos de todos podem dar a liberdade e o bem-estar — tudo coisas muito terrenas, mas reaes e vitaes como diabo (perdôe v. rev. a comparação!). Elles começam a entrever a possibilidade duma sociedade sem obediencia, sem escravos nem senhores, de homens livres e de condição igual, de cooperadôres equivalentes para o bem-estar comum.

E já vão desconfiando fortemente do estranho empenho que os padres mostram em aconselhar resignação e obediencia sòmente aos pobres, ainda quando, como no presente caso, os caprichos, causa de tantos males, a prepotencia e outros sentimentos igualmente anti-cristãos estejam do lado dos cristãos patrões, que não trabalham para o bem comum, mas para o seu proprio e exclusivo interesse, e são parasitas incuraveis que, além da vingança, não têm outro prazer e outra ocupação.

Planta exotica

Como se viu, tratava-se afinal duma simples questão de dignidade humana. Podiam muito bem deixar o socialismo e o anarquismo socegados. Mas os ignorantes plumitivos, imaginando o socialismo (á Monlevade) um modesto movimento de anodinas reclamações e o anarquismo um simples gesto violento, desataram a clamar, a zurrar que o socialismo e o anarquismo não têm razão de ser no Brasil, que são plantas exoticas, trazidas por agitadores estranjeiros, que entre nós tudo é feliz e livre, — só lhes faltando afirmar que não temos patrões nem operarios, fazendeiros nem colonos, que a propriedade é comum e que não existe o Estado.

Ora, a situação economica dos trabalhadores, no Brasil, é, com ligeiras oscilações, para melhor e para peor, analoga á de muitos outros paises, superior, em média, á de alguns, inferior á de outros. Nas horas de trabalho, nos salarios, etc. ha fartissimos motivos para as mais justas e ardentes reivindicações: temos aqui documentado abundantemente esta afirmação.

Quanto á razão de ser do socialismo, ella é a mesma que em toda a parte onde reinam o privilegio e a exploração. Demais, essa gente poderia saber, se não fosse tão ignorante, que, em regra, é nas regiões mais miseraveis que as ideias revolucionarias estão menos arraigadas e a propaganda se torna mais dificil; e tambem que o movimento socialista e anarquista apenas começa no Brasil, não porque o país seja adiantado, mas, ao contrário, porque está atrasado alguns lustros: a industria fabril é incipiente, não ha um proletariado urbano moderno, e nas fazendas vigora ainda uma especie de feudalismo. E a propria ignorancia dessa matilha da imprensa tem a sua explicação nesse atraso industrial. Verdade seja, porém, que nos outros paises se repete por vezes que o socialismo está deslocado ali, que só se comprehende fóra, e que as agitações são obra dos estranjeiros — exactamente como aqui!...

Aqui, aparecem mais «estranjeiros» no movimento operario, simplesmente porque, em S. Paulo sobretudo, o operariado, na sua grande maioria, é estranjeiro. Entretanto, proporcionalmente, os operarios militantes «nacionaes» são talvez mais numerosos. Foram maioria no recente congresso operario; e tomaram parte activissima no ultimo movimento de protesto e solidariedade. A tal respeito, podem estar descansados os patriotas... Os operarios de todas as nacionalidades e de todas as cores confraternizam na conquista duma verdadeira patria, dum patrimonio, de que todos são igualmente privados.

O descontentamento dos operarios europeus no Brasil deveria significar que elles acham aqui os mesmos motivos de revolta que na Europa. Não o intendem assim os parasitas que vivem do trabalho dos operarios nacionaes e estranjeiros, e querem fazer crer que estes, aqui roubados e explorados, devem favores de hospitalidade aos vagabundos que elles engordam! Cegos pelo odio de classe, evocam o barbaro preceito latino: *hospes, hostis*, o estranjeiro é o inimigo, esquecendo que elles proprios só têm a mais um pouco de prioridade, que, no Brasil, a natureza é superior ao homem, e que a raça degeneraria e haveria retrocesso sem a immigração — como se póde ver de documentos oficiaes, das estatisticas da secção de Demografia deste Estado. No Brasil, país de immigração, de colonização, não se devia falar em estranjeiros.

Germinal! Germinal!

O proletariado brasileiro deve á decisão e ao sacrificio dos empregados da Paulista uma bella página da sua história. A data desta luta marcará epoca, assinalará um despertar; a data dos assassinatos em Jundiahy ficará como um «remember» energico, incitando á organização e ao protesto. O sangue derramado será fecundante.

Sim, houve sangue. Os brutos sanguinarios que o poder soltou sobre o povo, esquecendo a sua origem, inconscientes do mal feito a si proprios, não tiveram escrupulo, encorajados de cima, em derramar sangue proletario. E o odio da Companhia fez ainda mais victimas de outra especie: faltando ao seu compromisso de rejeitar apenas os membros da comissão da Liga Operaria, considerados como «cabeças», despede em massa. Mas se os operarios fossem demasiadamente apegados ao emprêgo, e por medo de o perder não fizessem um movimento, a sua situação seria muito peor. Nos logares onde não se fazem greves, mesmo aparentemente vencidas, a miseria é esmagadora.

Não; o esforço dos companheiros da Paulista não foi perdido. A grande repercussão que teve, a possibilidade que forneceu ao proletariado de S. Paulo de mostrar que não é uma massa inerte e insolidaria, e está preparado para a boa semente, isso, que é muito, bastaria a compensa-lo largamente.

Mas ha mais. A Companhia teve uma victoria de Pyrrho, que lhe custou muito e que lhe servirá de lição. O tempo o dirá. Essa lição serviu já ás outras companhias, como a Sorocabana, a Inglesa e a Light, que fizeram pequenas reformas e grandes promessas e satisfações.

Os que hoje parecem vencedores caminham para a derrota, através das suas victorias caras e efemeras.

Os vencidos serão os vencedores: a sua força aumenta, o mundo marcha com elles...

Gloria victis!...

Solidariedade operaria

COMPANHEIROS!

Não ha derrota para nós em nossas lutas, porque todas ellas, pelo menos, nos servirão de preciosa lição nas eventualidades futuras, para as quaes nos devemos preparar com ardor e tenacidade.

Mas havendo victimas causadas pela ferocidade dos que nos exploram e procuram esmagar todos os nossos direitos, nós devemos correr em seu auxilio, procurando fazer com que as suas dores sejam o mais possivel minoradas. Abandona-los seria destruir a nossa solidariedade, preparar para o futuro desconfianças e desanimos.

Companheiros, não os abandonemos!

As listas podem ser retiradas na séde da Federação, Travessa da Sé, 2.

Pedimos aos companheiros que activem o mais possivel a circulação das listas, que devem ser entregues acompanhadas da respectiva importancia no local indicado.

As quantias do interior devem ser enviadas a Attilio Gallo, *rua do Lavapés, 279, S. Paulo.*

A FEDERAÇÃO O. DE S PAULO.

Pela propaganda

Afim de continuar a propaganda por meio do folheto, decidimos encetar a BIBLIOTECA DA «TERRA LIVRE» *com a brochura de 16 paginas*

O QUE QUEREM OS ANARQUISTAS

do camarada Jorge Thonar, fixando desde já os seguintes preços:

1 exemplar	$100
25 exemplares	2$000
50 »	3$500
100 »	5$000

O produto da venda deste novo folheto é destinado á publicação de outro e ao jornal.

Os pedidos podem ser feitos desde já, e, sendo possivel, desde já acompanhados da sua importancia, havendo urgente necessidade de dinheiro para as primeiras despesas, que, dadas as nossas possibilidades, não são insignificantes. Não poderemos mesmo dar começo de realização a esta iniciativa sem esse adiantamento de fundos por parte dos camaradas.

O folheto, que vamos editar, é interessante, resumindo o socialismo anarquico, nos seus varios aspectos. Os outros opusculos da biblioteca serão o desinvolvimento do primeiro, que é, por assim dizer, o prologo, a introdução.

Apellamos vivamente para a boa vontade dos camaradas.

¡¡¡Huelga de Vientres!!!

por Luis Bulffi

Medios práticos para evitar las familias numerosas (em espanhol)

PREÇO 100 REIS

CARTA DE PARIS

A greve dos mineiros do Norte está terminada. Dizimados, perseguidos, traídos, os mineiros retomaram o caminho dos poços, com a cabeça baixa. As tropas deixam pouco a pouco a região, merguihada num triste silencio. Parece que as companhias praticam cortes sombrios no seu pessoal; a lei do mais forte aplica-se com todas as suas consequencias. Paciencia! os fracos de hoje serão amanhã os fortes por sua vez!...

Quanto á hecatombe de Courrières, quem é que fala disso ainda? É contra Monatte, contra Moinier, contra infelizes mulheres e pobres rapazitos que se encarniça a vingança chamada justiça. Assim, sempre é contra os pequenos que se volta a sociedade burguesa nas ocasiões de perigo. Mas os pequenos consentirão sempre em pagar pelos grandes?

*

Oito dias durou a greve dos carteiros. Foi tambem reprimida com os peores rigores: trezentos grevistas foram demitidos pelo governo, juiz e parte na questão. O governo venceu. Mas o mal-estar que motivára a greve permaneceu intacto. Os carteiros, como os professores, estão cansados de ser escravizados, sobrecarregados de trabalho e ainda por cima mal pagos. Sindicam-se para serem fortes contra o Estado que os explora e oprime. Para dizer a verdade, a sua cultura sindicalista é muito elementar. Far-se-á entretanto, sob o imperio da necessidade economica e dessa necessidade de ser livre que cresce em todos os individuos. E o sindicalismo postal, para só falar delle, convencer-se-á por experiencia de que uma solução estatista do problema dos correios é uma irrealizavel utopia e que o fim a atingir deve ser não já o acôrdo com o Estado, mas a ruptura com elle, a separação dos correios e do Estado, a entrega dos correios aos trabalhadores postaes federados e livres. Quando se decidir a proseguir tal fim, o sindicalismo postal, de reformista que é, tornar-se-á revolucionario e caminhará de acôrdo com o que Pouget acaba de chamar o «Partido do Trabalho».

*

O Primeiro de Maio foi o que devia ser, e o proletariado inteiro o festejou.

O movimento operario fez nesse dia o ensaio do seu vigor juvenil. A classe operaria afirmou a sua unanime vontade de emancipação. Certamente — e quem o negaria? — resta ainda immensamente que fazer: entre a vontade de agir e a acção, sobretudo quando se trata, não dos individuos, mas dos povos, entre a vontade de emancipação e a propria emancipação, ha uma distancia que não se póde desconhecer sem cegueira. Mas nunca se dirá demais: a Revolução social não é obra dum dia; só póde ser a conclusão violenta, rapida, dum longo e colectivo esforço de propaganda, de organização, de exercicio. Quanto ao Primeiro de Maio, é preciso, se não querem que perca por fim toda significação e toda força, que marque cada anno um novo passo sobre o caminho acidentado, dificil e tantas vezes sangrento da Revolução.

Não posso, nesta carta, fazer a narração minuciosa do Primeiro de Maio deste anno. Limitar-me-ei a mencionar a maquiavelica campanha dos jornaes reaccionarios que provocou no campo da burguesia um panico para sempre memoravel. O proprio governo, embora sabedor do verdadeiro caracter da jornada, fingiu crer na possibilidade duma insurreição e amontoou em Paris sessenta mil soldados. Para mais, desejando uma scena de efeito, esse governo (de que faz parte, não o esqueçamos, o antigo dreyfusista libertario Clemenceau, e o antigo greve-geralista Briand) inventou essa fabula inepta e monstruosa duma conspiração contra a segurança do Estado, urdida entre reaccionarios e revolucionarios. Foi assim que pôde mandar prender Griffuelhes e Lévy, perquirir na séde da Confederação do Trabalho, em casa de Delesalle e de João Grave. Trabalho perdido! Porque o proletariado inteiro respondeu ao apello confederal.

O Primeiro de Maio era apenas um primeiro acto — um «lever de rideau», como se diz no teatro. É agora que se representa a verdadeira peça. Só em Paris, á hora em que escrevo, mais de 100.000 trabalhadores estão em greve, exigindo todos a abreviação quotidiana do trabalho sem diminuição de salario.

Se a hora presente tem suas tristezas — na primeira fila das quaes, o mallogro das greves mineiras — é rica tambem de esperanças. Suceda o que suceder, o esforço dos militantes que procuram fazer passar o socialismo para os factos não se perderá, e o Primeiro de Maio de 1906 ficará sendo verdadeiramente uma primeira estação.

Não se pretende mais.

AMADEU DUNOIS.

Do Brasil proletario

SANTOS

Os ultimos acontecimentos, desenrolados pelo interior do Estado, preocupam seriamente a senhora policia santista, que temia a repercussão desses factos neste eldorado andrajoso, entre montes e montanhas plantado. E como o papel da policia é reprimir e não evitar, pôs-se de atalaia, pronta para o que désse e viesse...

Esperava de baioneta calada essa bicha terrivel que anda por toda a parte sem se enxergar em parte nenhuma, mas que se conhece pelo nome de GREVE, parede e não sei que mais.

Esperavam-na hoje, amanhã, todos os dias, porque sempre é ocasião de se fazer... parede, mas nada: a hidra não aparecia, e os carrascos da Republica queriam mostrar a essa «canalha» que na frase do poeta «não deixa descançar no seu leito a burguesia», que eram suficientes para vencer a hidra, que tanto perturba a chamada estabilidade social!

Enfim, depois de esperar algum tempo, eis que parece agora ser certo mesmo, e o dr. delegado assusta-se, porque um grupo de operarios vai solicitar-lhe licença para realizar um comicio na Praça Monte Alegre, para manifestar a sua solidariedade aos companheiros da Paulista. O homem negou permissão para tal, dizendo que para isso em lôgar nenhum o permitiria. Mas mesmo contrariando o seu «querer» ou «não querer», a reunião realizou-se na séde da «Internacional» falando alguns operarios sobre o inconstitucional procedimento dessa autoridade e sobre a luta homerica que sustentavam os operarios da Paulista e que era digna de ser apoiada.

Sobre isto nada se fez, não porque faltasse a vontade a alguns trabalhadores, mas porque desorganizados como estão, com poucos se póde contar firmemente!

— Mas estava a dona Violencia com os olhos postos nos carroceiros e demais serviços que são a vida de Santos, e inesperadamente rebenta a greve... das mulheres costureiras de sacos de café!

Temendo, talvez, que fosse alguma greve de ventres, pôs-se em campo contra o sexo fraco (?), garantindo a vil exploração que os comissarios exercem contra essas infelizes. Mas estas não desanimaram, e se não conseguiram o seu desideratum, alcançaram todavia mais 500 reis em pacote, passando o pacote de sacos, que era pago a 1$500, a 2$000.

Assim, assim é que é!

— Outra greve, mas com efeito negativo, se declarou tambem entre os trabalhadores das obras do saneamento.

Os operarios pediam aumento de salario, visto a ridiculez do ordenado, mas compareceram os esbirros, e os tibios, atemorizados pelas baionetas e receossos de ser expulsos desse inferno, onde o operario se estiola para ganhar um magro naco de pão que lhe não dá para matar suas necessidades fisiologicas, sujeitou-se á exploração patronal.

Operarios, organizai-vos; do contrario, sereis vencidos sempre; porque unidos poderemos vencer; desunidos, seremos sempre desrespeitados!

Avante!

— Agita-se a questão dos bondes por causa do novo contrato da Camara com a «City» para os decantados bondes electricos. O orgam da oposição, tão contrario á revolta, aconselha o povo a não consentir que se consume tal facto, e um boletim espalhado, talvez, pelos politicos, invoca e relembra ao povo santista a célebre noite do «quebra-lampeões».

Tambem, só se fôr a politica ambiciosa que consiga revoltar este povaréo, que para conquistar aumento de salario ou diminuição de horas de serviço, elle não quer!

F.

Santos, 3-6-906.

ATENÇÃO!

A edição do folheto *Porque Somos Anarquistas* está quasi esgotada: restam-nos apenas poucos exemplares, que reservamos para a venda avulsa, a 100 reis cada um. Não satisfaremos mais pedidos de pacotes de 50 a 500 reis.

Pró Russia livre

CAMARADAS:

Auxiliemos de modo eficaz, na medida das nossas forças, os revolucionarios que na Russia se batem desesperadamente pela emancipação propria e, em virtude da solidariedade natural que liga todos os seres humanos, todos os países, todos os acontecimentos, pela emancipação de todos!

Continúa aberta em nossas colunas a subscrição pró Russia revolucionaria: o seu produto será enviado a Pedro Kropotkine, como tem sido feito de muitas outras partes, para ser destinado a auxiliar materialmente o movimento revolucionario russo.

Subscrição Pró Russia livre

Transporte	71$800
A. Romero	1$000
De Ponta Grossa: Um grupo de homens livres, por ocasião do 1.º de Maio, recordando as victimas da autocracia russa, 18$500; Um espirita social, 500; Luis Bruel, 1$. Total, 20$000. Deduzidas as despesas postaes	19$000
Total	91$800
3.ª remessa a Kropotkine (5 libras)	75$800
Resto	16$000

FALTA DE ESPAÇO

De novo a braços com a falta de espaço, maior ainda. Como dissemos, ha um remedio, embora não radical: é publicar semanalmente a Terra livre. *Só assim poderemos em parte fazer face ás necessidedes actuaes da propaganda.*

Urge fazer um esforço em tal sentido.

SOBRE O CONGRESSO OPERARIO

Mãos á obra!

Desde os grandes laboratorios de ideias que foram os congressos da Internacional, os congressos operarios têm mostrado a sua utilidade: são excelentes meios de propaganda, de comunicação de ideias. As opiniões entrechocam-se, penetram-se, definem-se, os homens conhecem-se e relacionam-se, os equivocos desfazem-se, os antagonismos manifestam-se. E sobre tudo isso cai uma intensa luz de publicidade. Ha uma especie de revelação de ideias, de processos, de homens. Foi o que sucedeu com o primeiro Congresso das associações operarias de resistencia, ha pouco realizado no Rio de Janeiro.

Reflictamos, porém, nisto: o congresso só por si, pouco ou nada é. Não é a acção. Se os homens capazes de iniciativa não tratarem da agir, de realizar, o Congresso terá sido um clamor sem eco, perdido no deserto, e não a tradução duma força real, duma necessidade sentida, duma vontade determinada.

O congresso não foi um parlamento, não quis fazer leis: e se tal fosse a sua pretenção, tèria sido ridiculo, ao menos por esta razão simples — que não teria meios de as impor. O Congresso deu, necessariamente, conselhos — a ratificar pelos sindicatos, e, dentro destes, pelos associados.

No congresso é como no sindicato. Não ha aqui uma *maioria* que legisla, que impõi resoluções: o mais que póde haver é uma maioria que decide agir. A sua unica imposição, se tal é, é... a do exemplo! Essa *maioria* não é quasi sempre a maioria da corporação, nem mesmo do sindicato: é maioria dos activos, dos que agem, dos que se preocupam com a acção de classe, dos que discutem, dos que vão ás assembleias — e ás vezes nem isso. Convencer, arrastar com o exemplo da acção — tal é a caracteristica principal da acção sindicalista.

Na corrente das necessidades de acção movel e constante, das ideias e sentimentos de autonomia, foi o corporativismo arrancado aos vicios autoritarios do democratismo: em frente do direito democratico, com as suas maiorias legislantes, os seus referendos, os seus conselhos directivos, levantou-se o direito sindical, — maleavel e vivo. Só os miopes não o vêem...

O Congresso e a imprensa

A imprensa burguesa nem sequer suspeitava da existnecia das ideias que predominaram no Congresso. Esperava-se coisa muito diversa. O mundo burguês ignora o mundo proletario: será capaz de o ignorar na propria vespera da revolução!...

O barulho da imprensa em torno do Congresso foi grande — um pouco atenuado após a segunda sessão... Queriamos ter espaço para reproduzir ou resumir algumas previsões... Jornal houve, aqui, que chegava como que a insinuar certas candidaturas! E nisto, como na reportagem espalhafatosa das sessões, era uma ignorancia, evidente como o sol claro, das correntes de ideias, das aspirações que trabalham o proletariado, dos metodos e formas da acção operaria, uma ignorancia insondavel, misteriosa, tragica, que ia até ao desconhecimento da mais rudimentar terminologia usada na questão social! O jornal — farol do progresso!... O jornal! Elle ha de ser o estranho documento duma epoca! Elle mostra como, creadas pelo monopolio da riqueza e do poder duas classes, estas cavam entre si tal abismo que, vivendo lado a lado, uma á outra se ignoram perfeitamente!

Os jornalistas chegavam a ser ingenuos. Pasmavam francamente, confessadamente, ante simples operarios, *desconhecidos*, que discutiam sociologia como coisa familiar. Elles que os consideravam capazes apenas de eleger deputados e de fazer número nas manifestações... espontaneas!

O Congresso aconselhou a neutralidade das organizações na luta eleitoral! E então, um delles, mais sabido nestas coisas, o deputado Medeiros Albuquerque, autor de projectos de «leis operarias», com boas esperanças de calorosa simpatia entre as massas, botou fala sapiente. E entre coisas várias, disse que a «acção directa» aconselhada é fruto de leituras estranjeiras mal digeridas, fruto exotico. (O parlamento é de invenção brasileira...).

Como se a acção directa — a classe trabalhadora tratando ella só dos seus proprios negocios, directamente — não fosse de todos os países! Como se ella não fosse plastica, adaptavel a todas as necessidades, temperamentos e climas, pacifica ou agressiva, irrequieta ou moderada...

Os anarquistas no Congresso

O Congresso não foi, decerto, uma victória do anarquismo. Não o devia ser. A Internacional, desfeita por causa das lutas de partido no seu seio, deve ser memoravel lição para todos. Se o Congresso tivesse tomado um caracter libertario, teria feito obra de partido, não de classe. O nosso fim não é constituir duplicatas dos nossos grupos politicos.

Ainda mesmo que, hipotese pouco provavel, o sindicato, abrangendo a totalidade ou quasi totalidade da corporação, fosse todo composto de anarquistas, elle não deveria declarar-se anarquista e fechar as suas portas aos outros trabalhadores, com ideias politicas diversas, mas com interesses economicos identicos. Assim tambem, só por inconsciencia dos interesses de solidariedade operaria, se póde desejar que o sindicato, quando composto, na maioria, de partidarios da acção legal, faça neste sentido uma declaração de principios, excluindo os anarquistas.

Quando varios partidos, homens de diferentes opiniões se unem para tratar de interesses comuns, a regra simples seguida é procurarem todos um terreno de acordo. Pois bem: os trabalhadores, unicamente como taes, em torno dos seus interesses economicos associam-se em sindicatos, e facilmente se acham de acordo na acção propria do sindicato, a acção directamente exercida por elle, a acção de resistencia que deu origem e dá razão de viver a essa especie de associação operaria.

Assim, o operario anarquista sente-se bem no sindicato, não só porque este é o agrupamento essencial, organizado em torno dos interesses primordiaes, mas porque é susceptivel de reunir os trabalhadores capazes de lutar, predispostos para a emancipação, e define, pelo proprio motivo da sua constituição, pelo seu funcionamento, a situação do operario perante o patrão, o antagonismo de classe.

Mas se o Congresso não foi a victória do anarquismo, foi, porém, indirectamente util á difusão das nossas ideias. Muita gente, graças a uma lenda, filha da ignorancia e da malícia, fórma dos anarquistas um conceito estranho e supersticioso: fisicamente, imagina-os como monstros, de pelo hirsuto, olhos esgazeados, berros atroadores, com as mãos cheias de dinamite. Ora o publico viu-os, e a imprensa se encarregou de os mostrar ainda mais. Um jornal diz, com espanto ingenuo:

> É de justiça que se saliente a armonia reinante nesta numerosa assembleia, onde no mais acceso das discussões não foi quebrada a linha de conducta compativel com homens laboriosos e animados pelo sincero desejo de que dos seus trabalhos resulte verdadeiro beneficio para as dignas classes interessadas.
>
> Uma cousa, entretanto, se tornou notavel: — o elemento em cujo seio mais ponderação se manifestava era justamente no grupo dos anarquistas, que ali estão representados em grande numero. Nas duvidas acaso surgidas, nos naturaes atritos verificados no correr dos debates, era sempre o elemento anarquista o apaziguador, conciliando, explicando os minimos detalhes com admiravel calma.
>
> E, em quanto isso, os que mais exaltados se mostravam e mais calor davam aos debates eram justamente os conservadores, representados pelos socialistas oportunistas.

Pois bem: os nossos camaradas foram simplesmente coherentes com as suas ideias, que têm na sua essencia a mais serena tolerancia, aliada á mais franca intransigencia, sinonimo de sinceridade.

Nos numeros seguintes, voltaremos a tratar do Congesso e das suas resoluções.

OPERARIOS! lêde o interessante livro

de ELISEU RECLUS

Evolução, Revolução * * *
*** * * * e Ideal Anarquista**

Volume de 152 páginas pelo preço de 1$000

OS COMPANHEIROS que, para propaganda, desejarem adquirir um numero regular de exemplares, terão um abatimento razoavel: 10 ex. 10 %; 20, 20 %; 30, 30 %; 40, 40 %; 50 ou mais, 50 por cento. Apenas esgotado este livro, emprehenderemos a publicação de outro.

Aos nossos leitores pedimos encarecidamente que nos forneçam todas as informações possiveis, escrupulosamnte exactas, sobre as condições operárias, moraes e materiaes, nos diferentes logares e fábricas, horarios, salarios, custo da vida, etc.

Registo d'entrada

Livros e folhetos

HUMANIDAD DEL PORVENIR, por Enrique Lluria, epílogo de Carlos Malato. Escuela Moderna, Bailén, 56, Barcelona. Precio, una peseta.

O autor da *Evolución Super-organica*, que tão funda impressão produziu entre os que se dedicam ao estudo da antropologia e da sociologia, deu á luz uma nova produção que á primeira serve de complemento. Examinando o valor positivo dos dados historicos e seu desinvolvimento e influencia nas instituições sociaes, por indução matematicamente racional, chegou a formular uma previsão do futuro, que tem todo o valor duma determinação clara e concreta do ideal, e consignou-a em sua *Humanidad del Porvenir*, obra da qual diz o conhecido publicista Carlos Malato, no epílogo que a acompanha: «Nunca apareceram, como nesta obra, aliados em tão estreita e feliz conjunção, os dados irrecusaveis da sciencia positiva e as especulações ideaes pelos amplos horizontes do progresso futuro».

PRELUDIOS DE LA LUCHA, por Francisco Pi y Arsuaga, con prólogo y notas editoriales. Escuela Moderna, Bailén, 56, Barcelona. Precio 2 pesetas encuadernado, y 1 peseta en rústica.

Neste livro reflectem-se as impressões simplistas ou de primeira intuição causadas pela vista duma iniquidade social. Os juizos formulados sobre este genero de impressões represantam quasi sempre uma manifestação simples do senso comum, realçada pela belleza do sentimento, e isto os valoriza, tanto do ponto de vista racional como do artistico. Contra elles costumam erguer-se as preocupações atavicas, invocando como razões fundamentaes o que não passa de rotinas convencionaes dos estacionarios. Bom é que prevaleçam esses juizos, e melhor que os seus opositores fiquem anulados e no ridiculo. Neste sentido o trabalho de Pi y Arsuaga está bem, e a sua leitura é proveitosa, especialmente para a infancia, com cuja maneira de julgar tem analogia. Ha casos em que o autor, por efeito de restos atavicos ou influencias sectarias, desliza o germe do erro ou esquece um dado indispensavel para o juizo, e aqui, como se trata dum livro destinado á leitura nas escolas racionalistas, os editores julgaram necessario pôr a nota que sirva de aviso e possa dar ocasião a comentarios do mestre e á discussão entre os discipulos.

FLOREAL, drama social en tres actos escrito en francés por J. P. Chardon, versión española de A. Lorenzo. Escuela Moderna, Bailén, 56, Barcelona. Precio, 1 peseta.

O teatro predominante, absolutamente esgotado, reduzido a apresentar as infinitas modalidades da vida no quadro estreito da nossa civilização, considerada por nossos dramaturgos quasi insubstituivel, necessitava duma nova orientação, devia perder o seu caracter burguês para estender-se livremente até apresentar a humanidade sob novas combinações e novos pontos de vista. A essa tendencia corresponde *Floreal*, e o autor cumpre o seu fim com grande inspiração e verdadeira energia. Uma familia burguesa, miseravel resto do privilegio extinto, vê-se em frente de Naturalia, cidade livre onde teve solução o problema da armonia entre o capital e o trabalho, porque todos são produtores, compartilham a riqueza produzida, e ninguem é dono abusivo de nada. Do choque destas duas entidades, uma mesquinha e vil, a outra amplamente generosa, resulta uma acção dramatica interessante, desenrolada num meio comunista, onde as personagens se movem livres de toda moral convencional e contidas pela moral racional, produto da cultura individual e colectiva.

(Continúa)

Greve de ventres!

por Luis Bulffi

Meios praticos para evitar as familias numerosas (em português)

PREÇO 100 reis

FESTA DRAMATICA

O Grupo Dramatico «Máximo Gorki» realizará, no sabado, 23 do corrente, ás 8 1/2 da noite, no SALÃO ALHAMBRA (Galeria de Cristal), uma festa com o seguinte programa:

ESTREIA do drama em 3 actos e um epílogo original de *Filomeno S. Collado*, intitulado

Crímen Jurídico

A acção passa-se nos Estados de São Paulo e Mato Grosso.

Representação da farça num acto:

El teniente cura

Completará a festa um baile familiar

A Terra Livre, São Paulo, 28 de Junho de 1906, Anno I, Número 11.

a Terra livre

O HOMEM LIVRE SOBRE A TERRA LIVRE. GOETHE

ANNO I — SÃO PAULO (BRASIL) — QUINTA-FEIRA, 28 DE JUNHO DE 1906 — NÚMERO 11

EXPEDIENTE

A TERRA LIVRE, que se publica por SUBSCRIÇÃO VOLUNTARIA, aceita tambem assinaturas nestas condições:

Serie de 25 números . 4$000
« « 12 « . 2$000
« « 6 « . 1$000

Administrador: EDGARD LEUENROTH.
Toda a correspondencia a *Neno Vasco*,
Rua Maria Domitilla, 88 — São Paulo.

REUNIÃO

Para tratar de questões relativas á publicação da TERRA LIVRE, são convidados todos quantos se interessam pelo nosso jornal para uma reunião, que se efectuará no proximo sabado, 30 do corrente, ás 7 horas da noite, em nossa redacção.

Visita de agradecimento

Os jornaes noticiaram que o sr. Prado, presidente da Companhia Paulista, foi solenemente agradecer ao presidente do Estado o concurso prestado para sufocação da greve.

Que simbolo poderoso e sugestivo o do aperto de mãos destes dois presidentes! A autoridade economica enlaçada com a autoridade politica; por baixo este distico: *A União faz a Força!* Assunto magnifico para um quadro justo e substancial, como tudo que é realista.

Ao menos, a franqueza não se fáz rogada! Noutros paises haveria um pouco mais de «respeito pelas conveniencias»: aqui não é preciso. Quer dizer que não têm ainda em grande conta a força organizada dos trabalhadores — que devem [illegible] fortalecer-se! mas em todo caso a franqueza é sempre proveitosa.

Abaixo a hipocrisia!

Os sonhos do Tsar

— Os santos desarmados já não bastam para me guardar: o povo perdeu o medo á minha Igreja!

A caminho do trabalho

(ENTRE COMPANHEIRAS)

— Vamos lá, Joaninha, que já vão sendo horas.

— Vamos indo, Mariquinhas da minha alma, para esse inferno.... Estou bem cansada disto. Não se ganha nem para comer, e a gente em casa não faz senão passar necessidades... E' uma vida de amarguras!

— Olha, Joanna: isto não é viver no mundo. A culpa, tambem, é nossa. Estou farta de te falar, a ti e ás companheiras todas, mas vocês não querem ouvir...

— Cala a boca, que vem ali um espião.

— Já não me importo de espiões, nem do diabo que os carregue; que vão para o inferno e que vão contar tudo, se quiserem. Isto não é vida. Estou desejando que chegue o dia de ver todos esses sabujos corridos á pedra.

— Estás enganada, Mariquinhas; esses cachorros estão bem guardados pelos patrões.

— E os patrões, quem é que os guarda?

— Os soldados, a policia...

— Isso mesmo dizem os anarquistas...

— Os anarquistas? A proposito, Mariquinhas: outro dia ouvi dizer a um espião que os socialistas e anarquistas são uns canalhas e uns desordeiros, e só pensam em fazer mal... Será verdade?

— E tu vais dar ouvidos áquelles cachorros? Se não houvesse socialistas e anarquistas e todos fossem humildes e resignados, os patrões faziam de nós o que lhes viesse á cabeça, e a nossa miseria sería ainda maior. Tudo é pelos patrões: governo, juizes, soldados, espiões... e a grande manada dos operarios-ovelhas... Contra elles, e por nos, somos nós mesmos, aquelles que temos um pouco de [illegible] dos nossos direitos e de dignidade. Ora os anarquistas são dos nossos, e muitas vezes expõem a vida contra uma fera... E por isso é que os ricos e graudos dizem mal delles e procuram arranjar que os ignorantes lhes tenham odio: os patrões e governantes não querem ser incomodados nas suas empresas, querem explorar á sua vontade. Olha os socialistas e anarquistas que conheces e olha os patrões: verás logo quaes são os nossos. Vê as burguesas da fábrica, como andam todas no luxo... á nossa custa.

— E' verdade, tens razão. Bem dizia o padre, outro dia, na igreja, quando fez o sermão: quando nós morrermos, ficaremos vingados. Sofremos com paciencia em vida: mas depois se verá quem tem razão... Disse coisas tão bonitas! Para falar não ha como aquelles padres!

— Ah! Joana! E' por essas e outras que nos vemos neste estado... Pois tu ainda acreditas nos padres?! Queres que te diga? Padres, frades, bispos, toda essa canalha da Igreja, tudo isso é um bando de alcoviteiros dos patrões. Ajudam os patrões a explorar e vivem tambem á custa do nosso suor, vendendo-nos, muito caro, os seus latinorios e as suas mentiras... Dizem que devemos sofrer em vida, porque querem gozar sem trabalho, á nossa custa, em companhia dos patrões. Não vês como são amigos? Não vês como os ricos são religiosos? Se o prazer e a riqueza levam ao inferno, por que é que os padres, os bispos, o papa, não tratam de converter os ricos religiosos... á pobreza e não são pobres?...

— Sim... mas escuta, Mariquinhas, sempre devemos respeitar os padres porque são ministros de Deus, e é preciso ir á missa, ir á confissão...

— E de que te serve tudo isso? E como pódes tu, acreditando em Deus, que, como dizem os crentes, não se engana, nunca erra, não póde mudar de resolução, é sempre justo, como podes pensar que os teus pedidos sirvam para o fazer mudar de ideias? Se é Deus, se é como dizem, tem de julgar [illegible] do mesmo modo, não dando ouvidos nem aos insultos nem ás suplicas, não se deixando arrastar nem pela lisonja nem pelo despeito. Sabes por que ha igrejas? Pelo mesmo motivo que ha vendas: porque ha negociantes que vivem dellas... e tolos que se deixam roubar. Os padres, negociantes da religião, amparam a Igreja que é o seu ganha-pão. E a confissão? Vês esses espiões que o nosso patrão mantem para nos vigiarem, para lhe contarem os nossos protestos, as nossas palavras de descontentamento? Pois os padres fizeram ainda melhor: inventaram a confissão. Assim, surprehendem os segredos, dirigem as almas, governam as casas, apanham heranças. E' uma boa policia...

— Então os anarquistas e os socialistas não vão á igreja? não têm santos?

— E tu confias nos santos? Não tens de trabalhar constantemente para ganhar um pouco de pão? O que devem fazer todos é esperar tudo de si mesmo... Se nós confiassemos só nos nossos braços e na nossa união, não precisavamos de nos ajoelhar diante de qualquer santo de pau ou carne, nem o nosso trabalho sería tão duro e tão pouco proveitoso...

— Sabes uma coisa? Eu tambem, desde que comecei a ler os jornaes que me tens dado e que dizem tantas verdades, e um livrinho chamado «Porque somos anarquistas», tenho perdido a minha fé nos santos e, quando vou á igreja, já nem rezo: ponho-me a pensar, a pensar...

— Que aquillo tudo é uma mentira e os padres são uns ladrões, não é?

— Tanto não digo, mas... Ah! é verdade, Mariquinhas: sabes o que me disse a mim e a outras companheiras um anarquista?... Chegou-se a nós, com bons modos, e assim, em conversa, disse-nos que os patrões, os governos e os trabalhadores ignorantes e traidores que os ajudam estão todos aliados contra os pobres; que os anarquistas querem que as terras, as máquinas, as casas, as estradas de ferro, todas as coisas que servem para produzir e transportar, sejam de todos e administradas pelos mesmos que se servem dellas; que assim se produzirá muito mais do que hoje, porque não haverá quem tenha interesse em parar o trabalho só para vender mais caro, e porque não se trabalhará para um patrão, mas para satisfazer os consumidores; que todos trabalharão e todos consumirão, não sendo preciso dinheiro; que hoje as fábricas e as terras só dão em quanto haja quem compre e depois param e não servem para nada, ainda que haja muita gente com fome, nua e sem casa; que os homens são muito estupidos, consentindo isto; que a mulher terá os mesmos direitos que o homem e será senhora de si... Que precisamos ser unidos e resolutos! E outras coisas. Eu fiquei com vontade de saber mais...

— E tu fingias que não sabias nada dos anarquistas!... Mas cá está a penitenciaria. Outra vez conversaremos.

Salto, maio de 1906. G. L.

Aos nossos leitores pedimos encarecidamente que nos forneçam todas as informações possiveis, escrupulosamnte exactas, sobre as condições operárias, moraes e materiaes, nos diferentes logares e fábricas, horarios, salarios, custo da vida, etc.

Os presidios industriaes

A fábrica «S. Bento»

Por ocasião da greve da Paulista, estavam tambem em greve as tecedeiras da fábrica «São Bento», em Jundiahy. Eis o que dessa penitenciaria nos disse um diario:

O motivo da greve, segundo estamos informados, foi a redução dos salarios.

Na fábrica de tecidos «S. Bento», de Bento Pires & Comp., trabalha-se desde as 6 horas da manhã ás 8 e meia da noite, com 3/4 de hora para o almoço e 3/4 para o jantar. O filho do gerente e co-proprietario da fábrica possue, junto desta, um armazem que vende fiado, pelo preço da praça, descontando a divida no salario.

A fábrica tem 200 operarios, na maioria mulheres e crianças. Homens ha uns 20.

O preço da mão de obra é o seguinte: 2 peças, de 40 metros cada uma, 1$000. Isto só se consegue com dois teares.

Ha meses foi ali afixado um aviso dizendo que o preço de 1$200 passava a 1$000 e passaria a 800 reis se diminuisse a produção.

Ha multas de 1$000 e 2$000, quando não é produzido o que está marcado como tarefa do costume.

Parte das operarias moram longe da fábrica. Levantam-se ás 5 da madrugada, para caminharem uma hora, mais ou menos. Voltam ás 9 da noite, comem e deitam-se das 10 ás 11.

Na secção de carreteis, as operarias ganham 500 reis diarios; as dos teares praticam, nessa secção, um mês mais ou menos.

A fábrica aumenta constantemente; já aumentou por três vezes. Ha algum tempo, quando se inaugurou uma nova máquina, os operarios foram obrigados a dar 5$000 para o baptismo festivo da mesma, realizado por um padre.

Trabalham ali crianças de 5, 6 e 7 annos, analfabetas!

No dia seguinte, o mesmo jornal, dando noticia duma conferencia entre o proprietario, Bento Pires, e as grevistas, concluía:

Finda a conferencia, o nosso reporter que se achava em Jundiahy, entrevistou as tecedeiras e o sr. coronel Bento Pires. Este reclamou contra a parte de uma nossa local de hontem em que o nosso informante se referira a um pagamento obrigatorio de 5$000 para uma festa, declarando ser inexacto. As operarias, entretanto, disseram que se não pagaram ellas essa quantia, os operarios da fábrica foram obrigados a contribuir com 5$ cada um para a festa.

E os sinecuristas clamando sempre: No Brasil todos estão bem!...

1$000 reis por dia!! por 13 horas de pena!!

Do Brasil proletario

JUNDIAHY

Quando a autocracia republicana deu o golpe de misericordia na greve da Paulista, e os operarios se submeteram de novo, aparentemente vencidos, ao jugo de alguns tiranetes, alguem disse que o movimento proletario no Brasil se deteria na marcha que empreendera ultimamente.

Isto podia parecer um tanto justificado, e nós, que nos tinhamos achado em outras lutas operarias nas quaes esfriára o entusiasmo com uma rajada de reacção, temiamos até certo ponto que a seita Prado & C.ª pudesse gabar-se de estorvar a maré proletaria.

Não tinhamos razão; os factos o vieram demonstrar. Encarregado pela Federação Operaria de ir a Jundiahy verificar *de visu* as condições moraes dos operarios associados, trouxe eu de lá as melhores, as mais satisfactorias impressões. O entusiasmo não caiu, não enfraqueceu a constancia, a confiança nas proprias forças. A Liga mantem-se firme, com poucas deserções; e a da vizinha Campinas até se desinvolveu. Isto prova que o movimento operario brasileiro tem raizes e não é já o resultado dum passageiro impulso.

Ha victimas (e que batalha não as tem?) — mas a solidariedade operaria não é uma palavra vã; todo o proletariado brasileiro estenderá os braços aos companheiros perseguidos, opondo-se á obra nefasta e infame da Companhia que mandou para varios pontos a lista dos grevistas demitidos, afim de impedir que encontrem colocação! Esta infamia ha de ficar sem efeito.

O operariado não esquecerá tambem as listas de subscrição que a Federação Operaria distribuiu, para acudir aos desocupados e aos orfans dos assassinados pela policia.

Sem receio de desmentido, podemos hoje escrever que a greve da Paulista reforçou a união e solidariedade operarias e conteve ensinamentos de que os nossos companheiros saberão tirar proveito.

SORGI.

A ACÇÃO DO SINDICATO

«A sociedade operaria deve aderir a uma politica de partido ou conservar a sua neutralidade? Deverá exercer uma acção politica?»

Assim foi formulado o primeiro tema apresentado no recente Congresso Operario Brasileiro, que respondeu deste modo:

«Considerando que o operariado se acha extremamente dividido pelas suas opiniões politicas e religiosas;

«que a unica base solida de acôrdo e de acção são os interesses economicos comuns a toda classe operaria, os de mais clara e pronta comprehensão;

«que todos os trabalhadores, ensinados pola experiencia e desiludidos da salvação vinda de fora da sua vontade e acção, reconhecem a necessidade iniludivel da acção economica directa de pressão e resistencia, sem a qual, ainda para os mais legalitarios, não ha lei que valha;

«O 1.º Congresso Operario Brasileiro aconselha o proletariado a organizar-se em sociedades de resistencia economica, agrupamento essencial, e sem abandonar a defesa, por meio da acção directa, dos rudimentares direitos politicos de que necessitam as organizações economicas, a pôr fóra do sindicato a luta politica especial de um partido e as rivalidades que resultariam da adopção, pela associação de resistencia, de uma doutrina politica ou religiosa, ou de um programa eleitoral.»

Como se vê, esta moção está redigida com a mais perfeita neutralidade. Não ataca nem defende qualquer tactica ou meio de acção; registra simplesmente o facto dum desacordo existente nesse ponto, e busca, indiferente ás questões de partido, um terreno de acordo, que vai achar na acção propria do sindicato, considerado apenas como agrupamento de trabalhadores, com interesses economicos identicos. E para melhor fazer resaltar esta ideia, o Congresso nega-se a discutir o 2.º tema («Na sociedade actual o *operario* deve ser politico e *como?*), pois que ali unicamente se devia tratar do sindicato, do seu metodo de acção.

A acção directa, sem intermediarios, do sindicato sobre o patronato e a autoridade politica, é exercida com os meios proprios da associação, que precisamente para agir se constituiu. Fóra do sindicato, os individuos e os grupos politicos partidarios põem em acção as suas tacticas particulares. Só assim é que o movimento operario não ficará subordinado a um partido, e a solidariedade entre trabalhadores será eficaz e segura.

Aos camaradas, aos simpatizantes, aos amigos sinceros de Terra livre, *fazemos notar que devem sobretudo atender á* SUBSCRIÇÃO VOLUNTARIA, *porque a assinatura é mais para os estranhos, para os curiosos, do que para os camaradas que desejam colaborar eficazmente na nossa obra.*

Volta ao mundo

Portugal

Está no poder o autor da lei de 13 de fevereiro, contra os anarquistas. Desta vez, João Franco apresenta-se com cartaz liberal; diz que vai dar muitas «liberdades», que vai «modificar» a lei scelerada acima referida, calcando-a sobre as leis sceleradas da Republica francesa, e até com penalidades mais brandas...

Resultado obtido pelos republicanos... A lei portuguesa de 13 de fevereiro de 1896 inspirou-se sem duvida nas leis sceleradas de 1893-94 da muito republicana França. Imitou-as para peor, é certo: não fôra dado o bom exemplo por uma gloriosa democracia? Ninguem poderia lamentar-se! Mas nas leis sceleradas republicanas ha já todos os elementos sobre os quaes João Franco carregou a mão. «Ellas abrogam as garantias conferidas á imprensa, permitindo a aprehensão e prisão preventivas; violam uma das regras do nosso direito publico, deferindo delictos de opinião á justiça correccional; violam os principios de direito penal, permitindo declarar cumplices e associados dum crime individuos que nelle não tomaram parte directa e materialmente; ferem a humanidade, podendo punir com os trabalhos forçados uma amizade ou uma confidencia, e com a deportação um artigo de jornal.» (Un juriste, *Les Lois Scélerates de 1893-1894*, p. 9). E, como a lei portuguesa, tiveram aplicação retroactiva.

Perante este facto, que atitude deveria assumir um partido popular, sinceramente amigo da liberdade, superior ás fórmulas? Combater toda e qualquer lei de excepção, fosse ella de emanação republicana ou monarquica. Ora os republicanos portugueses faziam cavallo de batalha deste argumento: que a lei scelerada não era só contra os anarquistas; e, reforçando a preocupação sectaria de defender apenas o seu partido e a republica, asseveravam, mesmo com o auxilio da mentira, que as leis sceleradas democraticas não tinham servido de modelo á de João Franco, que não sofriam comparação com esta... Agora devem estar satisfeitos. E estão: contanto que na nova lei os anarquistas sejam bem definidos!...

Ah! quanto a isso, bons farçantes, podeis estar descansados: os anarquistas carregarão com o peso todo, mesmo sem leis.

Espanha

Em vesperas do atentado, as perseguições contra os anarquistas eram ininterruptas: as prisões estavam cheias delles. Em Tarrasa, Rabara, redactor do *Germinal*, em Madrid, o camarada Aguilar, por um artigo antimilitarista, haviam sido condenados a muitos meses de prisão. Três redactores de *La Huelga General*, de Madrid, todos os de *La Luz del Obrero*, de Cieza, e alguns de *Humanidad Libre*, de Jumilla, estavam na cadeia. Bonafulla, redactor de *El Productor*, de Barcelona, fôra posto sob a vigilancia da policia. Martinez, redactor de *Humanidad*, de Alcoy, Menendez, redactor dos *Tiempos Nuevos*, de Gijón, Jaime Cacás, redactor do *Proletario*, de S. Feliu de Guixols, e Juan Manent, redactor de *El Porvenir del Obrero*, de Mahon, estavam presos por periodos mais ou menos longos. Por um artigo intitulado «Os Algozes», o camarada Zeferino Gil fôra condenado a 8 ANNOS DE PRISÃO! O jornal *Tierra y Libertad*, de Madrid, tinha sofrido, nos ultimos 12 meses, toda especie de vexações: 56 processos, buscas domiciliarias, roubo de manuscritos, sellos, e até valles de dinheiro, e encarceramento de Sola, Romero e Castellar, á espera de julgamento.

E é impossivel pintar, dar uma ideia das consequencias destas perseguições para os anarquistas e suas familias, e do desespero provocado. As grandes gazetas e agencias não tratam destas pequenas coisas: são operarios! são anarquistas! E por isso ha quem se espante das represalias. Demais, só quem sofre as perseguições, ou as vê cair sobre os amigos, os parentes, os companheiros, é que sabe explicar a revolta, não é assim?

França

Apesar da invenção infame, já bem averiguada — pois que nada houve, nenhuma prova, nada! — do ex-Clemenceau de *La Mêlée Sociale*, o qual quis captar as simpatias da burguesia e do liberalismo, da opinião média, forjando um «complot» entre reaccionarios e revolucionarios sindicalistas e anarquistas (invenção, afinal, que data de 1900, e em que só acreditaram os interessados em manter o prestigio da «democracia»), apesar disso, o 1.º de Maio e o grandioso movimento que se lhe seguiu foram, como dizem os jornaes operarios que recebemos, além de toda expectativa, pois que ninguem, salvo os burgueses aterrados, esperavam uma revolução ou mesmo o triunfo completo de todas as reivindicações apresentadas, logo á primeira batalha.

As greves estenderam-se pelo país, numa vasta agitação, começando logo alguns patrões a ceder, antes do movimento. Houve para muitas classes redução de horas de trabalho, aumento de salario, ás vezes as duas coisas juntas, descanso semanal, etc.; mas o mais importante foi a propaganda, foi o despertar de consciencias que se verificou. Acordaram sindicatos adormecidos na modorra da indiferença; organizaram-se novas categorias de operarios, fortaleceram-se sindicatos velhos; passou por toda a parte um sopro de renovação e de vida. A experiencia foi em tudo fecunda de ensinamentos.

A Confederação Geral do Trabalho ganhou em força e a luta de classes ganhou em franqueza. Assim uma fracção importante do patronato — o das industrias mecanicas — resolveu resistir a todo transe ao «movimento revolucionario» e trabalhar para a constituição duma Confederação patronal do trabalho (seria mais justo: da exploração).

Ainda a proposito, é curioso o modo franco como o *Écho de Paris* deu a noticia do acto corajoso do tenente Tisserand Delange (depois expulso do exército), o qual foi á Bolsa do Trabalho declarar que estava ao lado dos trabalhadores, e como elle muitos dos seus colegas (que dizer então dos soldados?): o jornal intitula a noticia — «Um oficial que passa para o inimigo.» O inimigo não é o estranjeiro; é a classe trabalhadora. «A verdade está em marcha!»

Italia

A Italia é o país dos morticinios em tempo de paz. A força armada não poupa as suas balas contra o povo. *L'Aurora*, de Ravenna, organizou uma estatistica desses feitos desde 20 de maio de 1890 a 16 de agosto de 1905, desde Conselice a Grammichele...

São 49 morticinios, com um total de cêrca de 300 mortos e mais de 1.000 feridos. Na estatistica não estão incluidos os morticinios que deram causa á recente greve geral, que se estendeu por toda a peninsula; não estão incluidas as 6 matanças do anno que corre: Muro, Scorrano, Calimera, Torino, Budrio, Cagliari.

A imprensa mundial ocupa-se pouco disto: reserva as suas noticias e a sua indignação para o caso de haver alguma represalia.

Russia

Segundo o telégrafo, o movimento revolucionario ganhou nova intensidade. As revoltas colectivas, as insurreições agrarias, os actos individuaes, tudo continúa o seu caminho para o desenlace logico e necessario. A comedia constitucional não produz o efeito desejado.

Os immundos algozes de Maria Spiridonowa já estão fóra de combate, graças á coragem de alguns revolucionarios. Outros da mesma casta, espiões como Gaponi, assassinos agaloados, feras policiaes, como o capitão Constantinov, tiveram tambem na morte um ponto final á sua triste carreira.

Na Suissa foi publicado um apello aos operarios, assinado por Maximo Gorki, Leonidas Andreiev, Alexandre Amfiteatrov. É o seguinte:

«A Comissão internacional de Lausanne de socorros aos operarios russos desocupados, vossos irmãos pelo trabalho e pelo fim comum que proseguis, dirige-se a vós, operarios de Europa, fazendo-vos este pedido instante: Ajudai segundo as vossas forças o povo russo com vossa colaboração moral e material!

Os operarios do mundo inteiro devem ajudar-se uns aos outros em sua obra comum: a emancipação do trabalho do jugo do capital, da violencia, da autoridade.

Esta ajuda mutua os unirá numa força unica invencivel e apressará a victória da justiça sobre a força arbitraria, da verdade sobre a mentira, do homem sobre o bruto.

O povo operario russo decidiu lutar até alcançar a victória completa sobre o seu inimigo. Ajudai-o a apressar o combate!

Lausanne, 8 de maio de 1906.»

Para ajudar a revolução russa, continúa aberta a subscrição na TERRA LIVRE.

COMUNICADO

Alberto Gigon, vulgo Alberto Francês, domiciliado em Limeira ha muitos annos, pedreiro de oficio, trabalhava comigo e com outros nas obras do edificio do grupo escolar de Limeira, ganhando 5$500 por dia e era socio do Circulo Internacional. Deixou Limeira por ocasião da greve na Companhia Paulista e foi, como traidor, ocupar o logar dum companheiro, guarda de noite em Jundiahy, deixando aqui várias dividas. Não teve escrupulo em roubar o logar a um proletario, fazendo-se aliado da burguesia. Cuidado com esse falso irmão!

J. MARTIN.

Ecos das fazendas

Companheiros,

Na Fazenda de Santa Cruz, a 15 de maio, o fiscal Lourenço de tal, abriu a cabeça dum colono espanhol cujo nome não me lembra. O ingenuo colono foi queixar-se ao delegado de policia, come se a justiça existisse para os pobres, e é claro que a autoridade se fez surda. A fazenda citada pertence a Eduardo Pereira da Silva, conhecido por Major Eduardo, o qual costuma ser pouco cuidadoso em pagar aos colonos e em cumprir os contratos que faz com elles, explorando-os ainda com a venda que tem na fazenda. Os colonos trabalham muito, comem pouco e ruim e ainda por cima recebem pagamentos como os recebeu o colono acima referido. O fiscal, o administrador e o fazendeiro, que os consente, são todos da mesma natureza. É bom que isto se saiba, para que os colonos fujam de tal paraiso.

Bebedouro, maio de 1906. P.A.

Sempre a titulo de documento, e não de noticia, que viria muito tarde, entre os muitos factos ignorados e os poucos conhecidos, tiramos ainda de *La Tribuna Española*:

Da fazenda «Terra Vermelha», no municipio de Tambahu, fugiram 4 familias espanholas, fartas de aturar prepotencias. Sabedor da fuga e desejoso de vingança, o fazendeiro, um tal Gabriel, rodeado de 25 capangas armados, expulsou da fazenda referida, á meia noite, os outros colonos espanhoes, não permitindo que levassem roupa ou outro objecto, nem lhes pagando 9 meses de trabalho duro que lhes devia. Até as gallinhas dos pobres colonos lá ficaram.

Quando as mulheres pediram que as deixasse ali pernoitar, ao menos, pois receavam o ataque dalgum animal feroz, respondeu: «Não faz mal que os os bichos comam vocês.» Uma das mulheres, que 10 dez dias antes dera á luz, não pôde obter roupas para cobrir a criancinha, de noite!

Tambem não receberam os colonos as suas cadernetas, que seriam documentos comprometedores para o explorador. Imagine-se que eram obrigados a comprar banha a 5$000 a lata, quando o seu preço é de 2$000 em Agua Branca! Chegaram a dar 16$000 por 14 metros de tecido de algodão, vendido em qualquer parte a 400 reis o metro!

O chefe duma das duas familias expulsas á meia noite, Antonio Rosada, começou desde então com padecimentos graves, vindo a fallecer e deixando a viuva com 4 filhos na maior miseria.

* *

O correspondente de Araraquara para o *Avanti!* diz que na fazenda «Fosca», de Santa Lucia, os colonos fizeram greve em virtude do grande atraso no pagamento, e aproveitaram para isso a epoca da colheita do café. Foram logo para lá os soldados, que prenderam como cabeças três colonos. Nas fazendas como na cidade...

Noticias ulteriores, mandadas a «La Battaglia», dizem que, além de serem presos os três grevistas, oito familias foram expulsas á vergastada e á pranchada, sem receber um vintem! Trabalharam nove meses de graça, e acham-se na maior miseria. As mulheres e crianças, esfarrapadas, cobriam-se com sacos velhos, encontrados no lixo, pouco longe da máquina de beneficiar café.

O delegado de policia dizia: «Ide fazer greve na vossa terra». De modo que é patriotico prender... os roubados. É isso mesmo o patriotismo!

A la Voz de España
y al farsante Francisco Fernandez

PROTESTA
DE LOS ANARQUISTAS ESPAÑOLES

En el no. 315 de *La Voz de España* perteneciente al 14 del corriente, hemos leido un escrito, donde, refiriéndose al reciente atentado llevado á cabo contra el rey de España, se dirigen furibundos insultos á un anarquista italiano, recidente en esta capital, porque ha tenido la tremenda osadia de decir cuatro verdades sobre dicho atentado.

No es nuestro objeto defender al anarquista italiano en questión, que él lo haga si juzga conveniente tomar en consideración lo que *La Voz* le dice.

Nuestro fin es protestar enérgicamente contra la diferencia absurda que el citado periódico pretende hacer entre anarquistas españoles é italianos, haciendo saber á todos que los anarquistas españoles no reprovamos de ninguna manera el acto justiciero realizado por nuestro compañero Moral, porque consideramos que ha sido una justa represalia contra los que, no contentos con ejercer la explotación mas inicua y la tirania más denigrante contra la clase obrera de España, reduciéndola á la condición más miserable y abyecta que imaginarse puede, lanzan al pueblo hambriento el más insolente insulto, derrochando, para divertir á la canalla dorada, las riquezas que á costa de tanto sudor y sangue tanta, produce ese pueblo sumido en la mas negra miseria, y cuyos hijos, segun nos cuenta la misma *Voz de España*, llegan á diario á los puertos del Brasil, huyendo de *su* patria que los abandona en situación tan misera, colocándolos, em premio á sus sacrificios, en el terrible dilema de morir de hambre ó partir para el destierro, mientras recompensa generosamente á esa cohorte de parasitas chupadores de la sangre proletaria, á esa cuadrilla de bandidos, que, amparados en las leyes por ellos mismos fabricadas, despojan impunemente á ese pueblo castrado y sin energias, admirador de frailes y de toreros, que aún tiene paciencia y resignación para soportarlos...

En el mismo escrito, el citado periódico, haciendo entrar en juego el patriotismo, nos saca á relucir, tegiéndole elogios sin cuento, á un *anarquista* español que en Rio de Janeiro ha publicado una hoja, que á juzgar por el trecho que *La Voz* transcribe, es una protesta contra el atentado. Esto sirve de base á *La Voz de España* para establecer distinciones entre el anarquista *italiano* y el anarquista *español*, ¡como si hubiese tantos anarquismos como nacionalidades!

No hemos podido leer la hoja citada apesar de haberla procurado. Y nos extraña en verdad que una publicación hecha por un *anarquista* llegue primero á manos extrañas que á las de sus compañeros. Pero el caso se explica perfectamente. Ese tal Francisco Fernandez, autor de la hoja, conocido vulgarmente por "Paco el Tallista", ese tipo á quién *La Voz* llama *libertario convencido*, no es ni ha sido nunca anarquista ni tiene nada de común con los anarquistas.

Entre nosotros hay quién conoce á ese farsante que apesar de su ancianidad aún tiene descaro para mentir llamándose anarquista. Durante la guerra de Cuba, ese *anarquista* tomó parte activa en todas las reuniones y mitines patrioteros que contra la independencia de Cuba realizaron los españoles de Rio, siéndo redactor de un periódico patriota titulado *España*; en tiempo de elecciones ha estado al servicio de los politiqueros comprando votos, y hasta ha tenido la destachatez de tentar sobornar á algunos jóvenes obreros de ideas mas ó menos avanzadas; durante la huelga que se efectuó en Rio de Janeiro en 1902, donde como siempre intenta hacerlo, se entrometió entre el elemento obrero, mientras muchos compañeros nuestros fueron sacrificados, él, después de conferenciar con el jefe de policía en algunas ocasiones, resultó con un empleo en una repartición pública, obtenido por medio de un ministro. Ultimamente ha sido arrojado del seno de la clase obrera, y especialmente de entre los anarquistas, siempre que á ellos á intentado acercarse.

¿Que tal el *libertario convencido español* patrocinado por *La Voz de España*?

Pero para convencerse de lo que decimos basta leer el periodo siguente de su famosa hoja, que *La Voz* transcribe y del cual se hace eco:

> La personas sensatas, las que no se dejan arrastrar por bruscas impresiones, verán que el acto criminal y odioso cometido contra esos jóvenes monarcas es más politico que libertario.

No comprendemos bien lo que con eso de *politico* quiere decir ese *libertario*. ¿Pretenderá, talvez, reeditar la absurda y estúpida acusación lanzada contra Miguel Angiolillo, el ejecutor del odioso Cánovas del Castillo? Querrá afirmar que el autor del atentado contra Alfonso XIII era pagado por los carlistas, como ha insinuado la prensa al servicio de la clase dirigente?

La suposición es tan absurda, tan grosera, que ni vale la pena ocuparse de ella.

¡El hombre que expone su vida por un ideal que él cree justo y la sacrifica cuando el caso llega, no se vende!

Eso se queda para los *libertarios* de la calaña del tal Fernandez, y para los mercachifles de la prensa.

***

Conque el acto cometido contra esos "jóvenes monarcas", es "odioso y criminal", segun nos cuenta *La Voz de España* que dice ese "libertario convencido". ¿Y qué nos dicen ese "anarquista" y *La Voz* de la serie ininterrupta de atropellos infames que viene cometiendo la clase gobernante de España contra todos los hombres que cometen el crímen horrendo de pensar en una sociedad más justa que la que actualmente nos esclaviza? ¿Qué de la guerra á muerte, ó mejor dicho, la caza organizada por el inquisitorial gobierno de España no solo contra los anarquistas sino contra todos los obreros conscientes que tienen valor suficiente para rebelarse contra las iniquidades é injusticias de que son victimas? ¿Qué de las atrocidades escandalosas cometidas contra trabajadores dignos en Montjuich, Jerez, Alcalá del Valle, Barcelona, etc. etc., por el mero *delito* de propagar ideas de emancipación y justicia? ¿Qué de las incalificables condenas de 8 y 10 años aplicadas últimamente contra varios anarquistas, por la publicación de un simples artículo? ? Qué de la infame ley de jurisdiciones últimamente aprobada, destinada á amoldazar el pensamiento humano, entregando á la ferocidad militar á todo el que se etreva á levantar un grito de protesta contra esa institución inútil y nefanda, que sangra al pueblo de la manera más dolorosa, el bárbaro y cruel militarismo? ¿Qué de la miseria atroz que en todas las regiones de España está causando tantos estragos? ¿Qué de las legiones de miserables famélicos que invaden las ciudades de Andalucia, huyendo del aterrorizador espectro del hambre que los sigue á todas partes?

¿No nos dice nada de la infinidad de padres que en toda España ven sucumbir á sus hijos, anémicos y hambrientos, mientras que en Madrid un mozalbete presuntuoso á quien han hecho creer que vale para algo, un ser inútil, llamado á desaparecer con toda su camarilla por razón de higiene social, un parasita, un ladrón del pan de los hijos del pueblo español, un consumidor que jamás ha producido nada, rodeado de una turba de lacayos y alcahuetes de la más baja estofa, verdaderas sanguijuelas del pueblo, derrocha en sólo unos días lo suficiente para calmar el hambre á muchos seres que tienen más derecho que él á la vida? Y todo ese lujo insultante, todo ese aparato, todo ese fausto y esplendor escandaloso, porque vá á unirse á una mujer-porque vá á dar una reyna á los españoles, esto es, vá á introducir en España un parasita más, que consumirá sin nada producir, que chupará unas cuantas gotas de sangre más al pueblo exhausto y resignado....

"Para la personas sensatas, para las que no se dejan arrastrar por bruscas impresiones", para las que reflexionan detenidamente sobre las causas, en vez de juzgar superficialmente los efectos, el acto de Moral no es odioso ni criminal, ¡no! Es una respuesta á las insolentes provocaciones de los tiranos. Es un gesto airado del esclavo que al cruzar por su mente, velóz como el relámpago, un pensamiento de rebeldia y de impaciencia, sacude fiero sus cadenas...

***

La anarquía no es ciertamente un partido fundado para organizar regicidios y traguar complots. Nuestro ideal no es ese. Nosotros queremos la destrucción de la sociedad presente con todo lo malo que en si encierra, para implantar en su lugar otra más justa y equitativa, donde no existan esclavos ni señores, donde no haya privilegios de clase ni de raza, donde, enfin, cada ser tenga posibilidad de desarrollarse fisica é intelectualmente. Odiamos la violencia y la guerra, por eso queremos abolirla.

Nuestro deseo mas ardiente sería que todo esto se realizase sin derramamientos de sangre, que todos los seres llegásen á disfrutar el patrimonio común en paz, que un lazo fraternal uniese á todos los seres sin distinción alguna...

Pero esto es imposible. La burguesía misma se encarga de demostrarnos diariamente lo contrario, y de una manera bien prática.

A nuestra propaganda y á nuestras reclamaciones pacíficas, responde por medio del sable, las balas, la metralla, la cárcel, la inqusición y todo lo màs execrable que su mente obcecada por el deseo de venganza puede imaginar.

¿Quién provoca, pués, la violencia?

No os extrañe por lo tanto, mercaderes de la pluma, que de tarde en tarde surja del montón anónimo un justiciero é inmole un tirano. Es una consequencia lógica y fatal de la lucha de clases ya entablada. Mientras haya señores y esclavos, habrá rebeldes.

¡Mientras haya reyes, habrá regicidas!

Terminamos incitando al proletariado en general á la rebeldía contra todos los tiranos de la tierra, y recomendándole que declare guerra sin cuartel á la prensa asalariada, á la gran mistificadora.

A los *libertarios* (¿?) de la talla de ese Fernandez, nuestro mas profundo desprecio.

S. PAULO 20-6-906

Un grupo de anarquistas españoles

PELA PROPAGANDA

Afim de continuar a propaganda por meio do folheto, decidimos encetar a BIBLIOTECA DA «TERRA LIVRE» *com a brochura de 16 paginas*

O QUE QUEREM OS ANARQUISTAS

do camarada Jorge Thonar, fixando desde já os seguintes preços:

1 exemplar	$100
25 exemplares	2$000
50 »	3$500
100 »	5$000

O produto da venda deste novo folheto é destinado á publicação de outro e ao jornal.

Os pedidos podem ser feitos desde já, e, sendo possivel, desde já acompanhados da sua importancia, havendo urgente necessidade de dinheiro para as primeiras despesas, que, dadas as nossas possibilidades, não são insignificantes. Não poderemos mesmo dar começo de realização a esta iniciativa sem esse adiantamento de fundos por parte dos camaradas.

O folheto, que vamos editar, é interessante, resumindo o socialismo anarquico, nos seus varios aspectos. Os outros opusculos da biblioteca serão o desinvolvimento do primeiro, que é, por assim dizer, o prologo, a introdução.

Apellamos vivamente para a boa vontade dos camaradas.

Folheando a imprensa

O TERRITORIO DO ACRE. — Ha algumas semanas publicava *O Livre Pensador* o seguinte suelto:

> «O territorio do Acre, — diz «A Noticia», do Rio, — rendeu em 1903 911:846$000, em 1904 3.094:294$000 e em 1905, 8.177:945$000, o que dá um total de 12.182:085$000».
>
> O que «A Noticia» não diz é o sangue e as victimas que causaram esse rendimento.
>
> Pagarão esses milhares de contos de reis o sangue e as victimas que se consumiram naquelle inospito territorio?...
>
> É coisa que duvidamos.

Não pagarão as vidas, mas darão fartos rendimentos aos gordos capitalistas que nem mesmo lá põem os pés. No Acre, como em Courrières, como em toda a parte, o que sobretudo importa é o dividendo: este é amassado em sangue, mas dá para encher a burra, que não tem entranhas, e até para as ruidosas obras de filantropia...

*

A IGREJA vive bem com a Republica. É coisa já sabida, e as provas abundam. Ainda ha pouco, no «Commercio de S. Paulo», Artur Azevedo, depois de falar dos feriados da Igreja respeitados nas repartições públicas, concluía:

> Depois de proclamada a Republica, o fervor religioso invadiu a sociedade brasileira.
>
> Ha sinceridade nisso? A verdadeira religião é praticada? Eis o que resta provar...
>
> Ainda agora leio a noticia de que se projecta para o dia 14 de julho, anniversario da tomada da Bastilha, uma grande festa na Avenida Beira-Mar, cujo producto será destinado...
>
> Aos pobres?... aos velhos?... ás criancinhas?...
>
> Não!... será destinado á construção de um monumento á Immaculada Conceição!...
>
> Ora a minha vida!

*

EXPLORAÇÃO — tal é o motivo que o «Commercio de S. Paulo» descobre á nossa actividade, dizendo a proposito dum livro do advogado Evaristo de Moraes, «Apontamentos de Direito Operario»:

> O autor parece ter tido em vista apontar principalmente aos legisladores brasileiros o caminho a seguir a fim de evitar a luta de classes e a exploração do socialista anarquico.

Que especie de exploração será essa? A que rende dinheiro? A propaganda só nos dá despesas e nos tira tempo. A que rende glória?.. A nossa vaidade, se a tivessemos, seria afogada na conspiração do silencio e no ódio. A nossa «exploração» só nos póde render o afastamento, a calúnia, as perseguições do patrão e do governo.

É muito diferente da exploração da boa-fé e da ignorancia do povo por meio de leis inaplicaveis, forçosamente letra morta, porque se desfazem como bolas de sabão contra o bloco formidavel dos interesses dominantes (economicos e políticos); essa, sim, que é uma exploração rendosa, que aos governos dá socego nas suas manigancias, aos politicantes proporciona cadeiras parlamentares e boas situações, aos funcionarios dispensa magníficas sinecuras — ao passo que ao povo trabalhador offerece esplendidos impostos e excelente poeira-aos-olhos!

Quanto a «evitar a luta de classes» — temos conversado. Não a queremos sòmente nós; ella é superior á nossa vontade. Não só a aceitam francamente todos os operarios conscientes que não esperam que do ceu legal lhes caia a salvação, e confiam apenas na sua união e acção directa, isto mesmo nos países onde mais abundantes são as taes leis-poeira-aos-olhos, mas aceitam-na até os patrões, já sem hipocrisias. Ainda recentemente — em França! — os patrões das industrias mecanicas decidiram pôr em estudo a fundação duma Confederação patronal do trabalho (do trabalho! que ironia!) para dar combate ao proletariado, com dinheiro tirado dos seus salarios!

E assim a situação fica bem definida.

¡¡Huelga de Vientres!!
por Luis Bulffi
Medios práticos para evitar las familias numerosas (em espanhol)
PREÇO 100 REIS

Notas e informações

Sebastião Faure publica informações sobre a sua formosa colonia-escola *La Ruche* (A Colmeia). Ao cabo de 8 meses de vida, os resultados eram já notaveis. As 24 crianças, que enchem de alegria sã a bella colmeia, fizeram progressos surprehendentes sob todos os pontos de vista, fisico, intelectual e moral. Têm saude, aprenderam a observar, a escutar, a reflectir, são francas, serviçaes, afectuosas, alegres e vivas.

A situação financeira da esplendida obra educativa libertária é satisfactoria: a receita excedeu as despesas correntes e cobriu parte dos gastos de installação. Mas Faure e seus colaboradores têm grandes projectos, querem alargar a instituição e não desdenham o apoio de nenhuma boa vontade. E esperam aumentar o ruidoso enxame das suas lindas abelhas, livres e felizes, em contacto directo com a natureza, no ar puro e vivificante do campo.

O endereço é sempre: M. Sébastien Faure, à *La Ruche*, Le Pâtis — Rambouillet (Seine-et-Oise), France.

NÚMEROS ATRASADOS

De alguns números da Terra livre *ficaram-nos na redacção bastantes exemplares; se algum camarada deseja uma certa quantidade para propaganda, póde fazer o pedido, indicando quantos quer e enviando, se for possivel, um sello para a remessa.*

Se, pelo contrario, algum camarada tem exemplares do NÚMERO 9(16 de maio), grande favor nos fará devolvendo-os a esta redacção.

Registo d'entrada

Livros e folhetos

SEMBRANDO FLORES, por Federico Urales. Escuela Moderna, Bailén, 56, Barcelona. Preço, una peseta.

Em opposição ao enervante pessimismo de que se acha impregnada a literatura da juventude arrivista, dessa massa de individuos que, não tendo meritos sufficientes para inventar, seguem o inventor na moda, apresenta-se Urales com esta pequena novela, animoso, confiado e senhor desse optimismo simpatico dos que sabem até onde podem chegar a natureza e a humanidade, e expõi lisa e chãmente a sua vida intima, a que traz no fundo da sua consciencia, já que não precisamente a que vive, não existindo, entretanto, entre ambas, senão diferenças circunstanciaes, conhecidas sob o nome deste logar comum: «as impurezas da realidade». Em Floreal, homem bem equilibrado, de regular inteligencia e de caracter integro, dá-nos o tipo que delineou como modelo neste meio imperfeito, embora perfectivel, em que vivemos. Com a justiça por guia, despreza convencionalismos de toda classe, e não só resolve com a maior singeleza arduos problemas da vida, mas chega a inspirar um suave e racional optimismo. As restantes figuras que acompanham Floreal movem-se em perfeita armonia com o protagonista, e o conjunto resulta uma bella concepção artistica, que entra bem no plano da Biblioteca da «Escuela Moderna».

*

VIAGENS DE GULLIVER, por Jonathan Swift. Ferreira & Oliveira, editores. Rua do Ouro, 128, Lisboa.

Magnifica edição portuguesa, ilustrada, da obra prima de Swift (1667-1745).

Sob uma forma fantasiosa, Swift critica, com satira mordente, a sociedade do seu tempo; e a sua obra pullula de brilhantes páginas onde fulguram as ideias socialistas e anarquistas — antes do nome. Quem lê, por exemplo, a «Viagem ao país dos Huyhnhnms», escrita no fim do seculo 17.º, poderia considerá-la uma «novidade literaria», imbuida das ideias revolucionarias do nosso tempo. É uma banalidade repetir, a proposito, que, se o nosso ideal só ultimamente se diferenciou num todo organico de doutrinas, constituindo o programa duma fracção que exerce a sua influencia sobre a evolução social com um metodo de acção proprio e inconfundivel, tem, porém, raizes remotas na literatura e na história.

*

ALMANACH DE LA COOPÉRATION française, suisse et canadienne. 1906. Bureau du Comité Central, 1, Rue Christine (VI), Paris. Prix: 40 centimes.

Publicação muito documentada, cheia de informações interessantes. Insere artigos sobre as cooperativas suiças, canadianas e francesas e sobre várias questões directa ou indirectamente ligadas ao cooperativismo, bem como vários quadros estatisticos.

*

L'ANTIPATRIOTISME, G. Hervé. Em vente à la Bibliographie Sociale, 19, Rue Servandoni, Paris. Prix: 10 cent.

É o magnifico, o nobre discurso de defesa, não da sua pessoa, mas das ideias antimilitaristas e antipatrioticas, que Gustavo Hervé disse perante o tribunal que o condenou, por crime de pensar, a 4 annos de carcere! Como eco do ruidoso processo dos antimilitaristas e como exposição clara, embora sucinta, de doutrinas, é excelente: raros são os pequenos trabalhos em que se consiga dizer tanto e tão bem.

*

L' A. B. C. DU LIBERTAIRE, par Jules Lermina. Colonie l' *Essai*, Aiglemont (Ardennes) — France. Prix, 10 cent.

É a primeira duma serie de publicações periodicas editadas pela colonia comunista libertaria «L' Essai», fundada em Aiglemont, a nordeste da França, por Fortunato Henry, irmão de Emilio Henry. E' um folheto de 32 pág. em que o autor procura resumir, em linguagem familiar, as suas ideias anti-religiosas, socialistas e anarquicas.

A assinatura annual da serie custa 2 francos.

*

OS ESMAGADOS (La Vraie Justice), peça em um acto, por Eduardo Rothen, traduzida em português por Carlos Nobre. Editor: Grupo d'*O Constructor Civil*, rua do Almada, 641, Porto.

E' uma scena simples e bella. A filha dum justiçado vai suicidar-se: mas sobrevem a filha do assassinado que a leva, para irem ambas clamar a verdadeira justiça — a que evitaria os crimes. Ellas vão dizer aos desgraçados: «Não ha razão para sofrerdes tão duras penas pelo facto de terdes este ou aquelle pai, do acaso vos ter colocado em tal ou tal categoria social. O sol nasce para todos, e se a terra é prodiga mãi, é crime rastejar na miseria a pretexto de que ha grandes na terra que vivem felizes. Espoliados! Ocupai o vosso logar no banquete da vida!»

*

EM TEMPO DE ELEIÇÕES (tradução). Editor: Grupo «Acção Directa». Pedidos a Hilario Marques, Caes do Sodré, 88 — Lisboa. Preço: 100 reis (nesta redacção).

E' um interessante dialogo entre dois operarios sobre a politica eleitoral e parlamentar — diálogo animado e cheio de logica, como são todos os do mesmo autor, conhecido camarada italiano.

(Continúa)

Publicações periodicas

— *El Mundo Latino*, orgam dos interesses da raça latina. Interessante e variado. Calle de Jesús, 2, Pral. Madrid.

— *La Huelga General*, semanario anarquico, com boa colaboração. Calle Buena Vista, 22, Madrid.

— *El Obrero*, periodico destinado a propaganda societaria. Badajoz (Espanha).

— *El Nuevo Malthusiano*. Apareceu mais um número desta publicação destinada á defesa das ideias de procriação voluntaria e limitada. Plaza Comercial, 8, Barcelona.

— *Germinal*, semanario socialista anarquico de Salto (Uruguay).

— *Regeneración*, publicação libertaria, iniciada em Montevideo, Calle Rodríguez Larreta, 9 Pocitos.

— *El Despertar Hispano*, continuação de «El Despertar Gallego», publicação independente, no sentido mais largo e mais honesto da palavra, ocupando-se de crítica, sociologia e voriedades. Sabe dizer as coisas com desassombro e clareza, e com uma rara amplidão de vistas. Sob todos os pontos de vista, uma revista digna de apreço. Belgrano, 3980, Buenos Aires.

— *Rumbo Nuevo*, semanario de propaganda, variedades e polemica. Insere ilustrações e magníficos artigos libertarios. Mejico, 1182, Buenos Aires.

— *La Aurora del Marino*, orgam da sociedade de resistencia «Marineros y Foguistas», de Buenos Aires (Olavarria, 363, altos).

— *El Despertar*, orgam da «Federación Obrera Regional Paraguaya», Calle Genaral Diaz, 435, Asunción (Paraguay).

— *El Deber*, orgam bi-semanal da «Combinación Mancomunal de Obreros», publicado em Chañaral (Chile).

— *El Hambriento*, periodico mensal libertario. Casilla n. 904, Lima (Peru).

— *La Giustizia*, semanario de propaganda prática do anarquismo. Escrever a Roberto d'Angiò, Calle Pérez Castellanos, 37, Montevideo.

— *L'Agitatore*, periodico de propaganda revolucionaria. Calle 11 de Abril, 76, Bahia Blanca (Argentina).

— *En Marcha* . . ., publicação mensal de sociologia e letras. O seu primeiro número vem cheio de excelentes artigos de propaganda anarquista. Redacção e administração: «Centro Internaciona de Estudios Sociales», Rio Negro, 274, Montevideo.

— *L'Affranchi*, pequeno periodico quinzenal de propaganda libertaria. 74, rue des Six-Jetons, Bruxelles (Belgica).

— *Ideia Nova*, periodico socialista quinzenal, publicado nesta cidade, Largo do Palacio, 7. Quasi todos os artigos são em italiano, sendo apenas um ou outro em português ou . . . quasi.

— *Para as crianças*, contos tradicionaes portugueses, por Anna de Castro Osorio. Recebemos o n. 74, que publica: O gato o o ratinho; Historia de Roldão; A coruja fiadora. Praça do Bocage, 114, Setubal (Portugal).

— *A Voz Operaria*, de Campinas, neste Estado. É um bom indicio de que a semente das ideias de dmancipação proletaria germina entre nós com vigor.

— *Progresso Operario*, de Juiz de Fora. É orgam do «Centro das Classes Operarias» e declara-sa independente de qualquer fracção politica.

— *Trabalho Livre*, periodico consagrado á defesa dos interesses do trabalho, de Macció (Alagoas).

— *Aurora Social*, orgam do «Centro Protector dos Operarios», de Pernambuco.

— *O Carvoeiro*, orgam da Associação dos Trabalhadores em Carvão e Mineral, rua da Saude, 127, Rio de Janeiro. Traz artigos bem orientados.

— *La Voix du Peuple*, excelente semanario sindicalista, orgam da Federação das Uniões Operarias da Suissa francesa. Rue du Vallon, 28, Lausanne (Suissa).

AOS ASSINANTES

DE L'UNIVERSITÀ POPOLARE E LES TEMPS NOUVEAUX

Aos que nesta redacção tomaram assinaturas duma destas duas publicações, pedimos solicitude nos pagamentos, não só atrasados, mas do periodo já em vigor, pois nós, que nenhum proveito pecuniario tiramos deste encargo de intermediarios, antes pelo contrario, temos de pagar tambem a tempo.

MOVIMENTO OPERARIO

Depois do movimento de solidariedade aos operarios grevistas da Paulista, aqui efectuado ultimamente, parece que o operariado desta capital desperta e começa a sacudir a apatia e a indiferença que o tornavam surdo aos apellos dum pequeno grupo de operarios conscientes que com grandes esforços e muitos sacrificios, vêm trabalhando para chama-lo ao caminho da luta pela sua emancipação.

E é ao impulso da acção benefica e vivificante desse pequeno grupo, que muitos operarios que até aqui pouco se haviam preocupado da sua situação de miseraveis escravos, se aprestam para a luta contra a exploração iniqua de que são victimas.

Federação Operaria de S. Paulo

A Federação Operaria, que tanta actividade exerceu no ultimo movimento, publicou um bem feito manifesto incitando o operariado a associar-se para a luta contra o Capital.

Este manifesto mereceu a honra de chamar sobre si as iras da policia, que andou bastante atarefada, arranhando as paredes para destruir os exemplares colados.

É o caso de gritar com orgulho: viva a Republica brasileira e o art. 72 da sua Constituição!

*

Com o fim de activar o movimento, a Federação iniciou uma serie de conferencias de propaganda societaria.

A primeira destas conferencias realizou-se domingo, 24, falando Valentin Diego sobre assuntos de actualidade.

Que os operarios apoiem como merece esta excelente iniciativa, são os nossos desejos.

Operarios metalurgicos

Após algumas reuniões bastante concorridas, ficou constituida a Liga de Resistencia entre os Operarios Metalurgicos desta capital, tendo [illegible] meado uma comissão para realizar os [illegible] trabalhos necessarios para o funcionamento [illegible] nova associação.

Constructores de vehiculos

Tambem estes operarios constituiram [illegible] timos dias a sua associação de resistencia. Trabalham com actividade e já resolveram aderir á Federação Operaria.

*

Esperamos que as novas associações [illegible] desterrar do seu seio os formalismos inuteis [illegible] habitos rotineiros que dificultam a boa marcha [illegible] orientação da maior parte das associações operarias, dedicando uma grande parte do seu [illegible] á educação do proletariado.

Operarios ourives

A classe dos ourives, desta capital, conseguiu nestes ultimos dias a jornada de 8 horas, com excepção de duas casas, cujos operarios não quiseram aderir a tão justa reclamação. Tambem [illegible] cou constituida a Liga dos Ourives.

Felicitamos a estes operarios, e que saibam [illegible] consciencia para sustentar a reivindicação obtida, são os nossos desejos.

El Hombre y la Tierra

Esta grandiosa obra de Reclus tem uma edição espanhola monumental. A tradução é devida á penna do conhecido e integro revolucionario Anselmo Lorenzo, sob a revisão de Odón de Buen.

EL HOMBRE Y LA TIERRA divide-se em quatro partes — *Os primitivos, História Antiga, História Moderna, História Contemporanea*, — e formará [illegible] tomos de regulares dimensões, com cerca de mil gravuras.

Publicar-se-á semanalmente em fasciculos de 24 páginas, por 50 CENTIMOS DE PESETA.

Os pedidos podem ser feitos directamente ao administrador ALBERTO MARTÍN — Apartado de Correos 266 — Barcelona.

Munições para "a Terra livre"

SUBSCRIÇÃO VOLUNTARIA

Saldo do n. 9 . . . . 58$000

Do Salto: M. da Silva, A. Genio, B. Campos, J. P. B., 1 cada um; J. dos Santos, J. d.Oliveira, J. P. Ribeiro, T. J.S., M. dos Santos, 500 cada um; M. S., 600, K. 400 . . . . [illegible]

De Colonia Santa Barbara: R. Biffert e V. Artusi . . . . [illegible]

De Parahyba do Sul: A. Casagrande [illegible]

Lista de Garcia: A. Alves, F. Gomes, J. Dadio, C. Scella. J. Carrara, F. Pace, Garcia, 1, cada um; J. Peragine, 2. . [illegible]

Lista de Bellon (S.ta Rita do Passa Quatro): R. Fernandes, J. Ghilarducci, V. Greggio, G. Cavalli, G. Bellon, V. Fener, 1. cada um; A. Misquo, J. Castañez, J. Mariano, A. dos Santos, 2. cada um; G. Fener, 800. J. B. Miotto, 500. (Menos as despesas postaes) . . . . . 14$500

De C. Fino: B. Rosa e F. Urbano, 4$000

F. Braz (Rio de Janeiro) . . . . 2$000

Lista de Lois (Rio): S. Varella, J. M. Humia, M. F. Alvares, A. B. Lois, 2. cada um; F. Varella, Lourenço Fraguas, M. Fraguas, Lino Fraguas, F. Garcia. C. Fato, L. Paz, E. Fraga, E. Cachafeiro, 1. cada um . . . . 17$000

Lista da redacção: P. T. Brisoni, 1. venda, 200. J. W. 1.700. Fantelli, 2. B. Alves, 600. Edgard, 2. F. A. da Costa, 3. Mauricio e comp. 2 M. Corpa, 1. . 13$500

Lista de Tavani (publicaremos os nomes no proximo n.) . . . . 15$000

De Nictheroy: F. Frigo . . . . 5$000

Do Salto: M. Silva, F. Pietro, V. Donalivio, J. Oliveira, A. Quinarelli, J. Santos, 500 cada um; F. Galvão, L. Correia, A. Genio, G. Rodolfo, M. Santos, M. Carvalho, M. Santos, A. B., S. V., M. Faria, C. Costa, C. Fonseca, J. Barrote, G. P. Soares, J. Maria, 1 cada; J. Gonzalez, 1.600. J. Guage, 400 20$000

ASSINATURAS

F. de P. N. (S. Simão), 1. União dos Trab. em Madeira (Porto Alegre), 4. A. J. M. (Rio de Janeiro), 2. De Limeira: J. F. S., A. C., E. A., S. S., 4 cada um 23$000

Total 197$[illegible]

SAÍDAS (n.os 10 e 11)

Tipografia	100$000
Imp. e papel	60$000
Correio, gomma	22$[illegible]
Carroça	8$[illegible]
Somma	190$[illegible]
Entradas	197$[illegible]
Saldo	[illegible]

EVOLUÇÃO, REVOLUÇÃO E IDEAL ANARQUISTA

por Eliseu Reclus

PREÇO 1$000 REIS

A Terra Livre, São Paulo, 13 de Julho de 1906, Anno I, Número 12.

a Terra livre

O HOMEM LIVRE SOBRE A TERRA LIVRE. — GOETHE

ANNO I — SÃO PAULO (BRASIL) — SEXTA-FEIRA, 13 DE JULHO DE 1906 — NUMERO 12

EXPEDIENTE

A TERRA LIVRE, que se publica por SUBSCRIÇÃO VOLUNTARIA, aceita tambem assinaturas nestas condições:

Serie de 25 numeros	4$000
« « 12 «	2$000
« « 6 «	1$000

Administrador: EDGARD LEUENROTH.
Toda a correspondencia a *Neno Vasco*, Rua Maria Domitilla, 88 — São Paulo.

CAMINHO PERIGOSO!

Depois dos acontecimentos a que deu origem a greve na Paulista e nos quaes toda a violencia policiesca foi posta em scena sem provocação da parte dos operarios, a policia parece querer entrar num periodo de franca e brutal repressão. Dois factos novos o vem demonstrar.

Nesta cidade, após uma reunião pacífica de pacíficos trabalhadores, na maior parte do sexo feminino, reunião em que se tratára dos interesses duma pobre classe e se discutira a necessidade duma associação, um dos oradores, o tipografo Castaldi, foi preso e retido durante algumas horas.

Em Rio Claro, o delegado de policia invade, á noite, por duas vezes a casa particular onde se realizava uma reunião da Liga Operaria, faz uma busca domiciliaria e procura o companheiro Sorelli, que ali fôra preso já, durante a greve. Da segunda vez, ia acompanhado dum empregado da Companhia Paulista, afim de ver se algum dos seus operarios era socio da Liga — o que nos mostra de novo, bem claramente, como a policia está ao serviço duma empresa particular e como uma companhia, um patrão póde revogar, a seu gosto, o artigo da Constituição em que está consignado (não *garantido*) o direito de associação.

Nestes dois simples factos, a autoridade violou mais uma vez os direitos de reunião, de palavra e de associação e o domicilio do cidadão. Mau exemplo! Verdade é que a imprensa, em geral, se abstem cuidadosamente de falar dessas insignificancias, reservando-se para verberar com nobre indignação as violações (?) que partem dos oprimidos. Mas em todo caso a propaganda faz-se, o exemplo é conhecido apesar de tudo. Os homens acabam por ver com clareza que a lei não garante direitos, e que a autoridade está ao serviço dos ricos.

Os perseguidos poderão sofrer um pouco: mas o proveito para os perseguidores não é grande. O povo abrirá os olhos e convencer-se-á de que o meio de ter direitos e liberdade não é pedi-los á lei e á autoridade, mas toma-los por suas mãos e usa-los a despeito de todas a prohibições. A história ensina que a autoridade acaba sempre por levar a peor nesta contenda.

A monarquia reprimia violentamente o movimento abolicionista e o republicano, mas os dois movimentos triunfaram; agora a republica, que veio com mentirosas promessas de liberdade, emprega os mesmos processos contra os operarios, e em materia de liberdades só reconhece as de explorar e dominar aos que hontem foram aulicos e parasitas da realeza e hoje são cortesãos e sinecuristas da republica. O povo verá, como aliás já viu e está vendo, que o governo monarquico e o republicano se equivalem e, sob qualquer delles, o povo trabalhador tem de lutar vigorosamente contra os patrões e o governo, aliados para conquistar e manter os seus mais insignificantes direitos; que a camarilha realista e a oligarquia republicana são irmãs no apetite e no despotismo e têm até mais ou menos o mesmo pessoal; que, enfim, o regime democratico é uma reverendissima burla.

Melhor propaganda não a fariamos nós.

Quem perderá mais?...

Suspende! Unamo-nos e recusemos sustentar uma organização que vos obriga, a vós, soldados, ao fratricidio, e a nós, trabalhadores, ao sacrificio pelos grossos dividendos dos patrões!

(*Desenho de Walter Crane*) — (DE *Les Temps Nouveaux*)

O Brasil e os padres

4. O Estado não professa nem repelle nenhuma seita ou profissão religiosa, pelo que:

a) Nenhum culto ou religião gozará de subvenção oficial, ou manterá relações de dependencia ou aliança com o Estado.

d) O ensino publico é laico.

(Constituição do Est. de S. Paulo, Parte III)

No Brasil, *dizem* que o Estado está separado da Igreja; isto é, não reconhece oficialmente nenhuma religião, sendo a nação leiga.

Nós, porém, cremos o contrário: cremos que o Brasil é o país mais beato deste mundo, beato até ao extremo.

Não ha santo que não seja festejado; não ha padre que não se veja obsequiado em suas festas; não ha igreja velha que não se renove: — e tudo isso com a participação oficial do governo.

Não ha função onde não se encontrem os mais influentes «chefes», representantes do povo pecoril; não ha procissão onde não vá o chefe politico F. para segurar uma vara do pallio, ou o doutor X, para levar um cirio na mão.

Não ha festa constitucional onde não esteja representada a «santa madre bodega» com os seus mascarados, nem qualquer edificio póde ter principio se não lhe coloca a primeira pedra uma eminencia qualquer, ou um seu representante. Por toda a parte a dubia figura do negro reverendo.

Mais ainda. Para designar aldeias, cidades, Estados ha uma acentuada preferencia pelos nomes de santos: S. João, S. José, S. Benedicto, S.ta Catarina, Sant'Anna, Espirito Santo, etc. etc.

Nesta cidade, então, as esquinas estão cobertas de placas de ruas com os nomes de todos os santos do calendario catolico. Na verdade, pareceria que nos achamos em pleno paraiso... se não fossem essas pobres faces escuras que por ahi vagueiam.

Uma prova bastante clara nos foi dada pelas festas, ha pouco feitas ao cardeal Arcoverde. E não se diga que foi uma recepção privada; não! Foi uma manifestação nitidamente oficial, pois nella tomaram parte, desde o primeiro ao ultimo figurante, os homens do governo do Estado. O proprio presidente Jorge concorreu para a subscrição destinada a presentear a eminencia com um retrato e um calice de ouro cravejado de brilhantes. O presidente contribuiu com um conto de reis e os outros — na maioria os mesmos autores da Constituição — com 100, 200, 300 e 500 mil reis. Mas os senhores estadistas sabem perfeitamente que quem tudo paga é sempre o povo, a eterna besta de carga.

Os povos de todas as outras partes, quando alcançam uma liberdade, registada por uma lei menos reaccionaria, aproveitam-na sem hesitar, e tratam de pedir mais e melhor. Aqui, porém, a constituição, talvez por imitação, *consigna algumas liberdades* que o povo não usa. Assim o padre é posto de parte no papel; mas, quando chega algum, é recebido com o *hino nacional*. Viva a «ordem e progresso»! Vivaaa!

F. DE PAOLA.

Pró Russia livre

CAMARADAS:

Auxiliemos de modo eficaz, na medida das nossas forças, os revolucionarios que na Russia se batem desesperadamente pela emancipação propria e, em virtude da solidariedade natural que liga todos os seres humanos, todos os países, todos os acontecimentos, pela emancipação de todos!

Continúa aberta em nossas colunas a subscrição pró Russia revolucionaria: o seu produto será enviado a Pedro Kropotkine, como tem sido feito de muitas outras partes, para ser destinado a auxiliar materialmente o movimento revolucionario russo.

Subscrição Pró Russia livre

Transporte	16$000
José Alonso (Santos)	2$000
Total	18$000

Dinheiro enviado até hoje: 13 libras.

O ATENTADO DE MADRID

ENTREVISTA COM MALATESTA

Enviam de Londres ao *Secolo* de Milão:

«Dirigi-me esta manhã a Isington, onde habita o anarquista Malatesta, o conhecidissimo propagandista libertario italiano, e perguntei-lhe a sua impressão sobre o atentado de hontem.

Malatesta, embora por sua conta faça simplesmente propaganda doutrinaria, e viva mais do que outra coisa no meio dos livros, conhece muito bem os anarquistas militantes de todos os países, e especialmente os da Espanha, onde passou muitos meses.

— Que pensa do atentado de Madrid?

— A noticia, respondeu-me, nada me surprehendeu, pois que era de esperar.

— Crê então que tenha havido conspiração, e que esta tenha sido urdida em Londres, como asseverava o «Evening Standard», na vespera do atentado?

Malatesta encolheu os hombros, rindo:

— Não creio que tenha havido conspiração, ou antes, não houve com certeza; os anarquistas agem quasi sempre individualmente e cada um de sua propria iniciativa. Quanto ao recente *complot*, como é contado pelo «Evening Standard», trata-se duma invenção jornalistica; tanto assim que esse jornal, sem dar nomes, deixava perceber que Vallina partira poucas semanas antes para a Espanha, afim de cometer o atentado, e hontem á noite precisamente assistia elle a uma conferencia minha.

— Conhece o autor do atentado de hontem á tarde?

— Os nomes diversos que lhe dão os jornaes são-me absolutamente estranhos; quando a policia tiver dito com certeza quem é, talvez eu o reconheça.

— A policia espanhola, observei eu, não parece que tenha sido muito perspicaz, se é certo que o assassino tinha alugado, semanas antes, o quarto donde lançou a bomba.

— Que quer que saiba e que veja a policia espanhola!? Eu fui condenado á morte em contumacia na Espanha, mas certamente poderia lá voltar sem ser incomodado. Imagine que no acto de acusação se dizia que eu era um homem alto, de barba loira, e usava oculos de ouro... e Malatesta, que não usa oculos, que é moreno e tem uma barba negrissima, pôs-se a rir.

— Que consequencias pensa que terá o atentado de hontem?

— Que consequencias? Muitas prisões, muitas perseguições, muitas torturas... e outro atentado.

— Qual é a razão deste encarniçamento dos anarquistas da Espanha?

— Quem semeia ventos, colhe tempestades. A monarquia tem os seus dias contados na Espanha; se não é um dia, será outro, mas o fim da monarquia é seguro.

As torturas de Montjuich e os garrotamentos de Xerez estão muito vivos na memoria do povo, sem falar das terriveis condições economicas, em que se acha a maioria dos espanhoes, num país onde para viver é preciso roubar.

Por outro lado, os anarquistas ali formam o partido mais forte. Na Catalunha e na Andaluzia são numerosos.

Os socialistas democraticos, esses não têm influencia alguma, não têm um só representante no Parlamento. O seu chefe, Iglesias, permanece candidato vitalicio. Fóra de Bilbao e de algum outro centro industrial do norte, o socialismo parlamentar é nullo na Espanha; o movimento popular na Catalunha e todo o movimento revolucionario em nenhum outro país mantêm um acordo mais perfeito. E diferentemente dos outros países, o partido anarquista é sobretudo forte nos campos. Na Andaluzia, os camponeses vão a pé, de *cortijo* em *cortijo*, levar noticias, folhetos e jornaes. Em Espanha, os anarquistas não abandonaram o sistema violento de propaganda: viu-se hontem, e ha de ver-se ainda mais no futuro.»

ESTAMOS NO ELDORADO

[illegible] foi dado ler, tanscrito [illegible] jornal operario, o artigo que um Pangloss, satisfeito como o outro, escreveu n'*O Paiz*, por ocasião da greve da Paulista e a proposito da estupida prisão de Pinto Machado.

Acha, com razão, arbitraria e imbecil essa detenção, e lembra que «a força, a prepotencia, o arbitrio, a violencia são improficuos para impedir que triunfe a ideia que tem de triunfar», citando, como exemplo na história brasileira, os comicios abolicionistas e republicanos outrora dissolvidos a cacete e a tiro, sem nenhum proveito para a escravatura ou para a monarquia.

Mas depois escreve:

Os revolucionarios estranjeiros que para aqui emigram, prègadores da revolução social, extremados que afirmam que o operariado deve desprezar os recursos legaes e só confiar na subversão da sociedade *(brrr!)*, agem em contraste flagrante com o nosso meio, que elles desconhecem. Vêm de países superpovoados, em que a conquista dum palmo de terra é ideal inatingivel, e sem exame da situação do país novo em que se acham, continuam a fazer a mesma propaganda que faziam em suas patrias, com as mesmas alegações e os mesmos motivos, o que se explica, além de tudo, porque a verdade é que elles já não podem, e provavelmente já não sabem, fazer outra coisa.

O seu verdadeiro oficio, ao cabo de algum tempo, já não é aquelle com que começaram a vida: é exactamente esse de propagandista, de agitador, de *meneur* representante do partido extremo, do *Internacional*, que sonham com um levantamento em massa, no mesmo dia, de todos os operarios existentes sobre a face da terra *(caramba!)*, para reformarem a sociedade nas bases propostas pelo espirito admiravel do visionario Kuropatkine *(sic)*. Comprehendo sem dificuldade que o Estado mantenha *(o povo paga)* uma vigilancia *(leia-se: perseguição policial)* atenta sobre esses homens; mas não quisera que a Republica fosse menos liberal que o imperio britanico, que lhes deixa toda a liberdade de palavra, reservando-se para impedir materialmente qualquer acção material.

Entre esses radicaes e os que, como o sr. Pinto Machado, propugnam a adopção de leis que venham melhorar a sorte do operariado, vai a diferença que existe entre a situação do Brasil e a dos países super-habitados da Europa. A prova mais completa de que essa propaganda extremada, em desproporção com o nosso meio e sem relação com as necessidades, não encontra aqui terreno propicio para medrar, está exactamente no malogro dessa greve geral, que elles agora tentaram realizar, sem encontrar o apoio do operariado brasileiro.

E' dificil conceber um desconhecimento mais perfeito da questão social e das nossas ideias e metodos. Parece efectivamente que o articulista, a proposito, não leu os livros do sociologo anarquista Kropotkine, mas sim os de... Kuropatkine, o qual não escreveu livros, mas perdeu batalhas na Mandchuria; e que conhece apenas o pequeno mundo dentro do qual vive e acha tudo bem.

Em regime capitalista, no salariato, a superpovoação é sempre relativa, e existe em cada canto do globo, sob pena de morte para o regime, que vive precisamente de carestia. A população é apenas superior ao que se produz, mas não á capacidade de produzir; porque em nenhum país, se a produção fosse realmente destinada a satisfazer as necessidades reaes de todos, faltariam os meios de produção — que não são o dinheiro, mas a terra, as maquinas, a materia prima, etc. Na propria Italia haveria o suficiente para o tresdobro da população actual. Nos Estados Unidos, onde a questão social se apresenta com todo o seu vigor, e que muito mais do que o Brasil tem razão para se gabar da sua riqueza (nas mãos dos capitalistas), o poder latente de produzir é muito maior ainda.

O Brasil tem immensas riquezas naturaes, que darão a abundancia a uma população numerosa, quando estiver nas mãos dos verdadeiros productores; mas agora a sua produção não sobe em vista das necessidades reaes dos *consumidores*, mas é limitada pelo limitado poder de compra dos *fregueses*. Quando se produz além desse limite, ha *crise*, e todos falam em diminuir, prohibir e até queimar a produção...

Se em certos ramos a produção é superior á população, é porque então se produz *para exportar*. E, se a immigração é activada, é, como pública e oficialmente se confessa, se proclama todos os dias, para fazer baixar os salarios, para diminuir ainda a capacidade de compra, para aumentar mais a distancia entre a produção e as necessidades reaes do consumo: a produção aumentará em globo, mas diminuirá para cada individuo, que ganhará menos. O capitalismo brasileiro pretende que se diga do Brasil o que do Japão dizia um jornal de Paris, falando dos infimos salarios ali pagos: «Feliz miseria, que faz a grandeza e a prosperidade da sua patria!»

É assim o regime capitalista. Nelle, não se produz para consumir, mas para vender, para ganhar muito; a produção não é dirigida no interesse de todos, mas pelo interesse e privilegio de poucos. E isto tanto no Brasil como na Russia, tanto na America como na Europa. Como disse Eliseu Reclus, escrevendo precisamente para uma revista aqui publicada: «Haja sobre a reunião dos continentes mil e quinhentos milhares ou mil e quinhentos milhões de homens, quer esse número aumente quer diminua, pouco importa, se o princípio motor continuar sendo o mesmo, se o fim proseguido continuar sendo o de ganhar, de mudar os generos em dinheiro. Nada se fará em quanto não for modificada a orientação mesma da sociedade, em quanto os interesses privados dominarem a repartição do solo, em quanto este não for propriedade comum e em quanto o ideal, completamente deslocado, não for produzir com suficiencia e excelencia para todos os homens tudo quanto é necessario, util ou simplesmente agradavel á grande comunidade.» (*Aurora*, de S. Paulo, n. 3).

O salariato produz aqui os mesmos efeitos que em qualquer outra parte. E' um facto ignorado apenas dos interessados em não ver e dos satisfeitos. Na industria fabril como na lavoura, a exploração do homem pelo homem é infame. Vimos, no número passado, mulheres ganhando 1$000 por 13 horas de pena; e as mulheres e crianças fazem terrivel concorrencia aos homens, fazendo baixar os salarios e reduzindo os orçamentos familiares.

Ha terras com abundancia? Sim, tambem as ha na Russia, nos Estados Unidos, no mundo inteiro; mas não bastam as terras incultas e sem meios de comunicação e os braços nus; e quando bastassem... de que serviria isso? Não ha já *crise*? Não se fala mesmo em prohibir plantações?... Não se declaram os fazendeiros arruinados, incapazes de solver os seus compromissos, de pagar aos colonos? Quem consuma não falta; mas falta quem compre. Em regime capitalista, não ha solução: se Pangloss conhece alguma, porque não dá um salutar exemplo?... Ou estará muito ocupado com o seu oficio de jornalista, de defensor retribuido da ordem? Não fará como nós, que trabalhamos, e só nas horas que nos deixa o «oficio verdadeiro» é que fazemos propaganda, com a qual só perdemos tempo e dinheiro?

No Brasil sente-se o mal-estar economico como nos outros países; uma prova geral temo-la no exodo de immigrantes, para a Argentina, por exemplo.

Não estamos descontentes com o progresso das nossas ideias, que é relativamente importante, mesmo entre o elemento nacional; e a greve geral recente, que não foi decerto obra nossa, porque não podemos tanto, se não ganhou o Rio, talvez por estar muito longe do foco de agitação, teve exito inesperado em São Paulo, assinalando um bello despertar do movimento operario. Mas se este movimento tem encontrado obstaculos não é no bem-estar precisamente, porque é a miseria embrutecedora e humilhante que mais estorva a nossa propaganda, que em toda a parte penetra primeiro e mais profundamente na parte mais sã, mais instruida e mais independente do operariado (ver o nosso n. 8). Os maiores obstaculos, no Brasil, estão no grande atraso industrial, no feudalismo agricola, na falta de tradição revolucionaria, na desagregação de elementos heterogeneos, na fluctuação constante da população operaria extremamente oscilante, no embate dos prejuizos patrioticos, no pequeno desinvolvimento intelectual, e em outras causas derivadas ou concomitantes. E tudo prediz a violencia da luta entre o Capital e o Trabalho, como a que se trava nos Estados Unidos, essa infame republica de grandes bandidos sem escrupulos. A burguesia brasileira não está preparada na pratica habil das promessas e astucias; tem todos os habitos e ideias da escravatura. O seu prototipo é o famigerado Antonio Prado. Continuaremos.

PALAVRAS E ACTOS

De vez em quando, ha quem, entre nós, raciocina que, sendo impossivel ser perfeitamente coherente com as ideias proprias nesta sociedade, não vale a pena ser coherente apenas em parte, nas pequenas coisas, ou escolher de dois males o menor, quando é força escolher entre os dois. Tal é a ideia ainda ha pouco aventada em Portugal por um camarada («A Vida», do Porto, n. 47).

Sim: o meio social sufoca-nos, e a nossa acção contra elle é na verdade limitada. No entanto, essa acção existe, consciente ou inconsciente. As condições materiaes e historicas, fruto duma evolução anterior, são o terreno onde germina a iniciativa, e esta por sua vez influe sobre a evolução, sobre o ambiente social. Entre os individuos, entre o individuo e o meio, ha uma acção e reação continuas, um entrechoque emmaranhado de ideias e de factos, de grandes e pequenas revoluções.

Para despedaçar o anel de ferro que nos aperta, nós, tendo já recebido a influencia duma serie de ideias e factos, agimos sobre o meio, sobre os outros, procurando torná-los conscientes da transformação necessaria. As forças crescem, coordenam-se e vibram — porque não estão em suspensão para estalarem subitamente num facto unico e solitario. Ha um exercicio permanente. E valem sobretudo os factos, ainda que minimos, porque as ideias reduzidas a simples palavras, sem o esteio do exemplo, evaporam-se facilmente. Eis por que nos agrada a «acção continua, incessante, que cria o facto.»

Sem dúvida, na maior parte dos casos, somos impotentes contra o meio social, especialmente quando isolados. Mas por que desprezar as coisas minimas, nas quaes se faz tirocinio de coherencia, e que reunidas constituem as grandes? Sejamos coherentes segundo as nossas forças. Quando falamos em pôr de acordo os actos com as palavras, não nos referimos mais do que a um esforço, a uma *tendencia*. Repudiamos o absoluto. Não ha mais do que um bem maior ou um menor mal. A nossa vida, os nossos actos e teorias não assentam sobre relatividades, distinções, diferenças de grau?

Se empregamos um sincero esforço na propaganda pelo exemplo, se procuramos fazer a aprendizagem e o ensino da tolerancia e da iniciativa, embora só em pequenas coisas, não contribuimos para a preparação duma sociedade de tolerancia e sinceridade? Não vibrará o meio que nos cérca com as leves ondas concentricas do nosso acto?

Somos deterministas, e justificamos ou explicamos todos os actos, do algoz ou do revoltado. Mas, por isso mesmo, queremos determinar, dar a cada um o sentimento, não da sua responsabilidade moral, do seu livre arbitrio, mas da sua participação na vida social, no meio de que elle é membro integrante. Dizemos ao individuo: Tu és actor na comédia ou drama social; tal papel é nocivo aos interesses solidarios de todos, tal outro é util. Por este meio *contribues* para o bem teu e nosso, e por aquelle para o mal nosso e teu. Sofrerás a reacção natural dos teus actos. Exerce a tua vontade; não te julgues um simples fantoche.

Não aconselhamos o sacrificio da vida, o heroismo, porque isso não é coisa que se pregue, a não ser com o exemplo. Mas aconselhamos o esforço, o esforço continuado e sincero, e o esforço nada tem de absoluto.

Certamente, nem sempre é facil distinguir entre os actos uteis, inuteis ou nocivos. A vida é complexa e irreduzivel a fórmulas matematicas, e o nosso interesse, o nosso estomago entra frequentemente na discussão das questões mais vitaes, imprimindo á logica desvios singulares. Para obedecer á imperiosa necessidade de viver embora incompletamente, submetemo-nos, e, para tranquilizar o espirito, procuramos naturalmente justificar a submissão. Inventamos uma logica, arquitectamos uma teoria, e cedemos ao lisonjeiro prazer de acreditar nella e de a defender. Seria talvez melhor aceitar a necessidade simplesmente como tal, guardar um silencio digno, e deixar seguir, á nossa volta, o confiado esforço de armonia entre o pensamento e a acção: — «Felizes vós, camaradas, que podeis lutar ainda e tocar, levemente que seja, o fruto prohibido da coherencia! Felizes vós!»

Mas, ai! nem sempre sabemos ter a dignidade dessa atitude de silencio e de reserva. E isso é tão humano!

Através de todas essas dificuldades, porém, ergue-se a nobre e fecunda beleza do esforço, que nessas mesmas dificuldades de escolha se exercíta.

Procurai cooperar todos na obra consciente duma transformação que depende de todos, mas por isso mesmo depende de cada um. E quando a vida, embora na sua forma mais rudimentar, vos é obstaculo insuperavel á coherencia maxima possivel, quando tendes de curvar a cabeça sob as mais crueis contradições que o despotismo vos possa impor, então, na verdade, todas as teórias cessam...

Mas continúa a luta. Sois dignos de lástima, não ha dúvida; mas assim como sois determinados a fazer mal, nós somos determinados a defender-nos. Os vossos golpes ferem-nos como se partissem dos peores inimigos...

Livremo-nos de achar todos os actos indiferentes, só porque igualmente determinados, e fujamos de dizer a cada individuo que elle é apenas uma victima impotente. Não: cada ser humano é uma força, capaz de acção e reacção, de dar e receber influencia.

Foi o que já quis fazer resaltar o camarada Max Nettlau no seu excelente relatorio ao Congresso antiparlamentar de 1900, depois publicado em brochura—*A responsabilidade e a solidariedade na luta operaria.*

Fabulas e parabolas

OS COGUMELOS ENVENENADOS

Um individuo come cogumelos, e envenena-se. O médico dá-lhe um vomitorio e salva-o. O curado corre logo ao cosinheiro e diz-lhe:

— Os tortulhos de hontem, com môlho branco, envenenaram-me! Amanhã os prepararás com môlho negro.

O nosso homem come os cogumelos com môlho negro. Segundo envenenamento, segunda visita do médico e segunda cura de emetico.

— Diabo! — diz elle ao cozinheiro — não quero mais tortulhos com môlho negro nem com môlho branco. Amanhã os frigirás.

Terceiro envenenamento com acompanhamento de médico e vomitorio.

— Desta vez — exclama o nosso homem — não me hão de apanhar!... José, arranja-me os tortulhos encandilados.

Os tortulhos encandilados envenenam-no tambem.

— Mas é um idiota — direis vós. — Que atire os tortulhos ao lixo e não os torne a comer.

Sêde menos severos, peço-vos, porque este idiota sois vós, somos nós, é a humanidade inteira. Ha mais de quatro ou cinco mil annos que preparais o Estado — isto é o Poder, a Autoridade, o Governo — com todos os môlhos; que fazeis, desfazeis, cortais, limais constituições sobre todos os modelos e que o envenenamento continúa.

Tendes experimentado os reis legitimos, os reis de facto, os governos parlamentares, as republicas unitarias e centralizadas, e a coisa que mais vos danifica, o despotismo, a ditadura de Estado, essa a tendes escrupulosamente respeitado e cuidadosamente conservado.

Artur ARNOULD.

Em nome da patria

A palavra «patria» anda em todas as bocas e justifica todas as acções; não ha outra de que se abuse tanto.

Abre-se um jornal e aparece logo o grave e importante articulista politico defendendo as mais absurdas teorias, para honra e felicidade da patria, seguindo-o immediatamente o negociante anunciando drogas venenosas e patrioticas.

Não ha lei que não seja inspirada pelos «sagrados interesses da patria»; não ha bandido que não justifique as suas proezas em nome do patriotismo; não ha despota que não se firme sobre o terreno glorioso do «bem publico»; não ha imposto, não ha carga, não ha servidão que não caia sobre as costas do povo a bem da independencia, da previdencia, do bem-estar nacional.

Um tirano, um tsar qualquer deseja mandar a distante Mandchuria, ao matadouro, alguns milhares de criaturas? É a gloria e a honra da patria que o exigem. O proprio despota incarna a patria: desobedecer-lhe é crime de alta traição. Elle é que é a patria.

Um sindicato de exploradores provoca um litigio acerca dum territorio? promove um conflicto com uma população? Um bando de aventureiros origina uma revolta ou quer saquear a seu gosto? Filhos da patria, ás armas! A patria está em perigo! Ide morrer por ella!

Um governo decreta a lei do serviço militar obrigatorio ou tenta aplica-la, isto é, procura amontoar a mais vigorosa e util juventude do país em antros de embrutecimento e de desmoralização? Excelentes jornalistas desatam a clamar que é a segurança e a independencia da patria que o exigem.

Em nome da patria, patriotas satisfeitos roubam e exploram amados compatricios, montam empresas lucrativas; em nome da patria, são fuzilados operarios que pedem um pouco mais de pão... podendo assim arruinar a industria nacional; em nome da patria, da prosperidade do país, pedem-se e votam-se leis prohibitivas, alfandegas e passaportes. Protegei o «trabalho nacional», patriotas... morrendo de fome. Em nome da patria foi que em França se combateu e caluniou a «liga antialcoolica» que viria arruinar uma industria «nacional»...

Ha só uma coisa que não se faz em nome da patria: é assegurar a todos os seus pretendidos filhos, em premio do seu trabalho, um quinhão justo de bem-estar e de liberdade. Para isso, a patria mostra-se impotente.

E infelizmente o proletariado ainda se deixa guiar bastante por ôcas declamações. E por meio de sonoros palavrões — amor da patria, independencia nacional, dedicação patriotica — que os exploradores (dispondo aliás de outros meios poderosos) conseguem manter o proletariado numa condição abjecta que será a vergonha desta epoca chamada de civilização e progresso.

Dizem ao cidadão que elle é livre, autonomo, independente, que elle goza de todas as regalias. Mas em verdade, onde estão essas regalias, essa liberdade? Não está a patria dividida em classes de homens, de tal forma que uns dispõem de tudo e os outros são obrigados a vender os braços por uma miseria afim de poderem comer?

E se o proletariado consegue um sopro de liberdade, uma migalha de bem-estar, é a patria que lhe dá isso? Não. Elle é quem o conquista pelo seu penoso e sangrento esforço contra a avidez e ferocidade dos verdadeiros possuidores da patria. A patria só lhe dá chumbo e cadeia, miseria e opressão.

Se interrogamos um declamador patriota sobre o que é a «patria», vemo-lo immediatamente enleado, gaguejando, mastigando palavras misteriosas e indecisas. Ninguem conseguiu ainda definir de modo seguro e positivo o idolo «patria», em cujo altar se têm immolado tantas victimas humanas. Que é a patria? Porventura o sabes tu, leitor? Conheces quem o saiba? Ha por ahi alguem que m'o possa dizer?

Seria um homem de valor, porque hoje ninguem o disse de modo certo e categorico, dando uma definição de acordo com os factos. E' uma ideia vaga, indefinida... pela qual, entretanto, se batem os homens! pela qual entretanto se entusiasmam as turbas!

Gente com fumos de sapiencia aventura vagamente que a patria é a «comunidade de interesses»... Comunidade de interesses entre quem?

Mentira. Dentro da patria não ha comunidade de interesses de nenhuma especie. Não ha armonia de aspirações, nem de sentimentos, nem de interesses materiaes dentro de certas fronteiras marcadas sobre o mapa.

Os patrões bem o sabem. Os capitalistas não têm patria. Os capitaes emigram, dão-se as mãos por cima das fronteiras, fazem ardente internacionalismo. Os seus interesses estão por toda a parte; o patriotismo não lhes importa... a não ser para enganar os outros.

Que os trabalhadores façam o mesmo. Os seus interesses estão igualmente por toda a parte. O internacionalismo é a sua arma.

«Proletarios de todos os países, uni-vos!» tal é o grito que, desprezando todos os confins, significa o toque a reunir para a batalha decisiva.

K. M.

A La Voz de España

Esperavamos uma resposta leal e directa, e obtivemos uma «broza» que não responde nada...

O articulista confunde um episodio da luta, um acto de defesa, com um acto de instintos meramente vingativos... Veremos como elle aprecia as vinganças de que são agora victimas os anarquistas, só por terem as mesmas ideias que o autor do atentado... Não, candido e pacifico patriota, tu não aprovas os vingativos marroquinos; mas aprovarias, contra elles, as vinganças espanholas... E não seria dificil surprehender-te a aplaudir a vingança da lei, a dos juizes, a dos algozes, a que parte de cima. Ha vingança e vingança, não é verdade, tolstoiano... só duma banda?

E tem que ver o Brasil com o nosso caso? Nós falavamos da Espanha, não do Brasil. Do Brasil tem-se ocupado quasi exclusivamente *a Terra livre,* desde o seu primeiro número, falando até muito pouco da Espanha. Os signatarios do protesto em espanhol pertencem todos ao grupo editor deste jornal e têm-se dedicado de alma e coração á propaganda em lingua portuguesa e a ajudar os companheiros brasileiros na revelação e fustigação das vergonhas e infamias deste país... que decerto não desculpam as da Espanha inquisitorial.

E quando nos viu o articulista aconselhar o lançamento de bombas? Quando viu em nós uma tão grande e tão deshonesta distancia entre o conselho e a acção? Não, e preciso mesmo achar util o atentado para o explicar e justificar, e para reivindicar Mateo Morral como um nobre revoltado, que póde ter-se enganado, mas que soube sentir as dores de todos numa larga solidariedade e teve a coragem de agir, a custo da propria vida.

Quanto a fugir na ocasião do perigo, é preciso ser claro, dar provas, citar nomes. Na última greve, á parte os grevistas, foram os anarquistas que deram maior contingente á prisão entre os operarios militantes. E nós demos *toda a nossa actividade,* fazendo atrasar até o jornal e perdendo dias de trabalho. Estivemos sempre no logar do perigo: não é uma vanglória, é um facto.

Póde o articulista de *La Voz de España* desmenti-lo? Póde provar a sua insinuação? Ou quer deixar que a consideremos uma insidia perfida e velhaca?

Venham as provas!

Al Sr. Francisco Fernandez

He tenido ocasión de leer la carta que usted ha enviado á la redacción de *a Terra livre*, donde entre otras cosas dice que los autores de la protesta firmada por «Un grupo de anarquistas españoles», publicada en este periódico, se escudan «con el vil anónimo».

Como autor de la protesta en questión, me apresuro á desmentir esa afirmación asumiendo entera responsabilidad de lo que en ella se dice.

Espero leer el escrito que dice ha enviado a *La Voz de España*, para responderle desde estas columnas.

São Paulo, 10 — 7 — 906,

MANUEL MOSCOSO.

Recibo de uma carta

Envia-nos o sr. Francisco Fernández uma carta que... confirma as ideias criticadas pelos companheiros espanhoes em nosso anterior número.

É possivel que o sr. Fernández proceda de boa fé. Mas como qualificar a sua teimosia em considerar Morral como pago pelos jesuitas e carlistas, depois do que já se conhece desse homem? O atentado discutido, caso na verdade muito complicado, póde dar logar aos mais desencontrados comentarios, mas parece-nos bem... estranho o juizo que o sr. Fernandez fórma dum homem que sacrificou a vida!

O sr. Fernández protesta contra o facto de lhe terem negado a qualidade de «anarquista». «Eu intendo que todo ser humano é completamente livre e autonomo para se declarar libertario ou *lo que le de la gana*». Essa é boa! Mas sim, sr. Francisco, declare-se tudo que quiser! Se o proprio tsar da Russia se lembrasse de se dizer anarquista, que haviamos nós de fazer?... Mudariamos de nome, talvez.

O que nós fazemos é, segundo a concepção que temos da anarquia e do anarquismo, contestar o caracter anarquista a certos actos ou ideias. Foi o que fizeram os companheiros aludidos, baseando-se sobre certos actos do sr. Fernández, e é o que fazemos nós, depois da leitura do manifesto enviado com a carta.

Ecos das fazendas

Uma folha de Piracicaba dá a seguinte notícia:

GREVE DE COLONOS

«Hontem circularam nesta cidade insistentes boatos de que na fazenda de *S. Antonio,* de propriedade da exma. sra. d. Anna E. de Almeida se havia declarado uma greve de colonos.

Efectivamente, esses boatos tinham todo o fundamento, pois que, mais tarde, para aquella propriedade agricola seguiram o delegado de polícia, dr. Bias Bueno, tenente Pedro Alexandrino de Almeida, o comandante do destacamento local e 8 praças de polícia.

A greve fôra parcial e devida a exigirem alguns colonos aumento de salarios e tentarem impedir os companheiros de voltar ao serviço *(sic).*

O dr. Bias Bueno, ali chegando, efectuou a prisão dos espanhoes José Rodríguez López, José Sarabia, Antonio Rodríguez e Pedro Ortiz López, indigitados cabeças da greve.

Os presos foram removidos para a cadeia desta cidade e as pessoas que haviam seguido para a fazenda S. Antonio regressaram, deixando já conjurada a greve e acalmados os animos.

Neste sentido o sr. Pedro Doria recebeu por dois pombos correios algumas informações que teve a gentileza de comunicar-nos.»

Assim mesmo, como se fosse uma notícia de *sport!*

Girando pela cidade

Scenas de quartel

É já bem conhecido o drama que se desenrolou no quartel da Luz. Um sargento da brigada policial matou a tiro um oficial da missão francesa que o governo chamou para instruir militarmente a força, e casualmente, com a bala destinada a outro oficial francês, um alferes brasileiro. Finda a sua façanha guerreira e patriotica — pela qual era justo que recebesse uma medalha — gritou: «Viva o exercito brasileiro!»

Patriotismo e militarismo em acção, como se vê. E é possivel que, como dizem muitos, o caso tivesse origem nas brutalidades dos oficiaes franceses, a ellas habituados em França, e no descontentamento da tropa, fomentado pela oficialidade brasileira... Mas a hipocrisia do governo, dos agaloados e da imprensa, abafou tudo da maneira mais servil. O inquerito *provou* que aquillo foi um mero acto individual de loucura esporadica...

Agora ha outra scena. Já por ocasião da greve houve na guarda civica uma insubordinação por excesso de trabalho, pois a propria guarda fôra obrigada á instrução militar na Luz. E ha dias houve quem visse muitas praças embarcarem mascaradas numa estação da cidade: que vão ser deportadas; que vão ser agregadas aos batalhões do exército...

Só alguns jornaes falaram disto em fórma de *conta*; como se sabe, não ha aqui jornaes de oposição: é tudo incolor.

Em parte, não é mau que os dirigentes assim procedam com os seus servidores, a ver se estes traidores do poletariado, agentes da violencia contra todas as reivindicações, tomam horror ao logar de cão de guarda da classe dominante.

In hoc signo vinces

Com este sinal vencerás — assim diz a lenda dos primeiros tempos do cristianismo. Hoje a Igreja não vence com a cruz: vence sobretudo com o dinheiro e com as influencias politicas. Assim é que o novo cardeal brasileiro foi recebido com todas as honras oficiaes no Rio, e, ha pouco, nesta cidade.

Foi uma grande festa. Até a «Light», que deve estar nas mãos de capitalistas protestantes e que tanto explora os seus operarios, inaugurou um rico bonde luxo.

A *Sociedade Humanitaria dos Empregados no Comercio,* que admite socios de todas as crenças, obteve a bençam cardinalicia para a sua nova séde. Etc.

No Braz, tambem vimos ha dias desfilar uma interminavel procissão, com ricos andores, com innumeras irmandades, compostas de mulheres de todas as idades, principalmente jovens, e de crianças. Uma demonstração de força.

Eram todos crentes sinceros? Não importa! O que é preciso é impressionar, mostrar força. E para isso não ha nada como a mulher. Sabem ou não os padres tratar dos seus interesses?

Afinal não lhes é dificil: todas as grandes forças estão do seu lado... O diabo é esse proletariado consciente, com interesses opostos aos da padralhada, e o «veneno da análise»...

Factos da actualidade

Juiz roubado

Noticia um diario:

O sr. dr. Eugenio Rocha, juiz de direito da comarca de Caçapava, actualmente nesta capital em tratamento da saude de uma sua filhinha, recebeu um telegrama daquella cidade, comunicando-lhe que os ladrões penetraram na casa de sua residencia, fazendo uma limpeza geral e completa.

O dr. Rocha foi totalmente roubado.

Vejam a ironia do caso! Roubado, um homem que a sociedade encarregou de a defender do roubo, de suprimir os ladrões... Verdade seja que, sem criminosos, não haveria juizes, como sem doentes não haveria medicos. E se o espirituoso ladrão causou um certo desgosto ao «integerrimo magistrado», por outro lado provou-lhe dum modo bastante palpavel que a sua função tem razão de ser: motivo de contentamento... Se, como querem esses canalhas de anarquistas, fosse suprimida, com a propriedade privada, a razão de roubar, e abolidas as funções dos interessados em manter o crime, porque vivem delle, bem como as prisões, que são focos de delinquencia, então é que seria o diabo!...

Não, não; mais vale a situação presente, mesmo com riscos de sermos roubados de vez em quando. Nós nos desforraremos depois, á custa dos ladrões que nos cairem nas garras...

A Igreja e o Estado

Um diario paulistano recorta dum seu colega português:

No momento em que os catolicos franceses pretendem, com razão, que são interpretes do Vaticano renegando a lei da separação, é curioso saber que a Santa Sé acaba de repulsar categoricamente o oferecimento que lhe fez de assinar uma concordata um Estado politicamente separado della.

Isto pode parecer inverosimil, mas é verdade. É sabido que o Brasil, no momento em que passou para o regime republicano, ha alguns annos, denunciou a concordata que ali regulava as relações da Igreja e do Estado. Ficaram cada um com a sua respectiva liberdade. No Brasil, como em França, a Santa Sé começou porprotestar energicamente contra a ruptura, depois acabou por se conformar.

Sob a direcção mais ou menos visivel do Vaticano, os catolicos brasileiros organizaram-se em partido politico e, embora este partido esteja ainda em minoria, adquiriu pela sua organização uma importancia suficiente para obrigar o governo a contar com elles.

Parece, até, que o governo brasileiro recebeu algumas inquietações a respeito da extensão desse partido num país em que a instrução está muito pouco espalhada. E, sem dúvida para dominar os catolicos organizados, mandou oferecer á Santa Sé uma nova concordata.

A proposta foi feita oficiosamente pelo cardeal Albuquerque quando veio a Roma buscar o chapeu de cardeal.

A Santa Sé tratou de pedir teempo para pensar. Reuniram-se as congregações competentes e estudaram demoradamente a questão. Finalmente o papa tomou a sua decisão.

Esta data de quinze dias. A Santa Sé, declarando apreciar como convem o «sentimento de Justiça e equidade» a que obedeceu o governo brasileiro, fazendo-lhe tal proposta, rejeita-a categoricamente pois julga que a independencia reciproca da Igreja e o Estado garante, melhor do que qualquer concordata, os interesses da Igreja no Brasil.

Isto, naturalmente, dá motivos para todos se admirarem de a Santa Sé teimar em protestar em França contra uma separação que aprova, ou antes, que impõi no Brasil.

Em França, a Igreja apresenta-se como martir: é lucrativo. E não será porque ali está quasi separada do povo. que não se quer separar do Estado?...

Atentados capitalistas

Os jornaes norte-americanos divulgaram os crimes dos *beefpackers*: presuntos em decomposição, aves infectas, massa de carne preparada com animaes mortos por doença ou colorida artificialmente, azeite que servira de caldo de cultura á cólera-morbus — tudo isso vendido sem escrupulo ao consumidor.

Um dos acusadores, Upton Sinclair, já ameaçado de morte pela gente do *trust*, escreve:

«Afirmo que seres humanos cairam em toneis onde se tritura a banha e foram esmagados e vendidos para consumo humano. Apresentei ao comissario os pormenores dum caso em que morreram dois homens assim, sendo vendidos como banha.» (A banha norte-americana vem para o Brasil: aviso aos antropofagos sem o saberem!)

«Nunca se faz parar uma máquina que faz salsichões quando ella corta o dedo ou a mão dum operario. O membro desaparece e sai no salsichão.

«Casos destes são tão frequentes que já não originam menor comentario.»

COMUNICADOS

Circulo de Estudos Sociaes do Salto de Itu

O Circulo de Estudos Sociaes reunido em assembleia geral no 1.º de julho deliberou unanimemente declarar o seguinte:

1. Que o Circulo, do 1. de março p. p. em diante, sempre funcionou, fazendo um trabalho serio de propaganda com toda a actividade possivel.

2. Não respondeu primeiro á redacção do *Avanti!* por não ter-se reunido primeiro.

3. Confirma plenamente o protesto antecedente contra «Gobbo», que o *Avanti!* não publicou.

4. O Circulo não faz questões individuaes, mas sim uma propaganda seria e activa, sempre pronto a desmascarar os mistificadores e os falsos socialistas que por odios individuaes procuram impedir o trabalho de propaganda e cobrem de vergonha o Socialismo.

5. O Circulo votou um protesto contra aquelles que se chamam socialistas e não são nem nunca o foram, porque quando se encontram em frente da verdade limitam-se a cuspir toda a baba venenosa sobre o nosso Circulo, com o fim de o aniquilar, coisa esta que não conseguiram nem conseguirão.

6. Participar a presente declaração a todos os jornaes livres e independentes.

Salto, 1 — 7 — 906.

A Comissão:

JOSÉ GONZALEZ, MIGUEL DA SILVA, J. CARFORA.

BIBLIOTECA DE ESTUDOS SOCIAES

Balancete do segundo trimestre de 1906

Entradas

Venda de livros e folhetos	160$100

Saídas

Deficit anterior	141$900
Pago aos editores (210 liras)	131$000
Gastos de expedição, etc.	10$200
Total	283$100
Entradas	160$100
Deficit	**123$000**

Se aquelles que, ha tanto tempo, receberam opusculos, não querem que lhes publiquemos os nomes nos jornaes, procurem dar sinal de si quanto antes. Este aviso vai especialmente dirigido aos companheiros de *Santa Eudoxia, Ribeirão Preto, S. Pedro de Piracicaba e Jundiahy.*

S. Paulo, 2 de julho de 1906.

O encarregado
ATTILIO GALLO.

Na fábrica do Votorantim

Várias vezes a imprensa operária se tem ocupado do mestre de tecelagem Godofredo da Silva, que não perde ocasião de exercer os seus instintos vingativos e rufianescos contra as pessoas que não são do seu agrado ou que, não sendo cegas, vêem os seus actos dignos dum lupanar.

Ha cêrca de 3 meses, quem escreve estas linhas teve que procurar, por causa do serviço, o dito mestre, tendo a má sorte de o apanhar em atitude equívoca(?) com uma operaria. O abaixo assinado fez o que outro teria feito: retirou-se envergonhado, sem ousar dirigir a palavra ao lascivo mestre.

Este *mau passo* bastou para me tornar victima de tenaz perseguição e duma serie contínua de insultos, como quando me disse, falando-lhe eu do emprego dum meu irmão, que não podia atender-me, porque os de Sorocaba eram «gente de maus costumes».

Se em Sorocaba ha gente de maus costumes, não será, porém, facil encontrar aqui uma pessoa tão corrupta como esse D. João que abusa do logar que ocupa para se aproveitar das pobres operarias que vão ganhar o pão áquella penitenciaria, tendo ainda de sofrer as exigencias libidinosas dum satiro.

Em summa, a sua perseguição chegou ao extremo de me chamar ao escritorio por qualquer motivo futil, vendo-me por fim obrigado a abandonar a fábrica.

Sorocaba, 8 de julho.

ANTONIO RODRIGUES PADILHA.

Registo d'entrada

Livros e folhetos

ALMANACCO SOVVERSIVO — 1906-07. Edito a cura della Biblioteca del Circolo di Studi Sociali di Varre, Vt. — P. O. Box 1 — Estados Unidos.

É uma bellissima edição, de formato elegante, capa atrahente, nitidas ilustrações e artigos de escolha. São 110 páginas de leitura tão variada como agradavel e emancipadora. Formulamos um voto: é que todas as edições de propaganda sejam pelo menos tão bellas como esta dos nossos companheiros de Barre! Porque, sem contudo nos deixarmos subjugar por qualquer preocupação exclusiva ou predominante, achamos que, não só a boa fórma literaria, mas a propria estetica tipografica contribue grandemente para a propaganda.

*

JORNADAS DO MINHO. Impressões, aventuras e travessuras de dois excursionistas meridionaes. Por D. João de Castro. Ferrreira e Oliveira, editores, rua do Ouro, 132, Lisboa. 1906.

Um bello dia, dois amigos, antigos companheiros na vida academica e na esturdia, resolvem abandonar á civilização da cidade e ir por esse Minho fóra, á cata de impressões, ar puro e natureza virgem.

Percorrem todo o «jardim de Portugal», desde Braga a Barcellos, passando por Arcos, Ponte da Barca, Vianna, Valença e Caminha, e como sejam dois espiritos cultos e estetas vão anotando na sua derrota os encantos da paisagem, aqui e além manchada pelo Progresso ou pela fantasia profanadora de brasileiros de torna-viagem; os costumes dos povos, tipicos e ingenuos, quasi infantis; os padrões de um passado heraldico e glorioso; os ridiculos da politica de campanario; tudo, enfim, quanto constitue o relevo fisico e a vida da pitoresca região minhota.

O relato dessa encantadora excursão acaba de faze-lo D. João de Castro num volume intitulado JORNADAS DO MINHO.

*

NOVA GVILIBRETO POR SOLDATO en ciuj landoj, trad. Fi-Blan-Go kaj Ludovik.o 1906. Eldonajoj de Asocio «Paco-Libereco»—45, rue de Saintonge, Paris (III). Prezo: fr. 0, 10.

E' a tradução em esperanto, a já célebre lingua internacional, do não menos célebre «Novo Manual do Soldado», ao qual a perseguição judicial, como se fosse uma excomunhão catolica, fez um reclamo admiravel. Depois das innumeras edições francesas, vem agora a lingua internacional divulgar o famoso folheto das Bolsas do Trabalho pelos esperantistas, já bastante espalhados pelo mundo.

(Continúa)

Publicações periodicas

— *Novos Horizontes*, publicação mensal operária de propaganda e de crítica. Recebemos o primeiro n. desta bella revista publicada em Lisboa por camaradas nossos. Insere: *Apresentação.* — *Deus e seu profeta*, H. Heine. — *Posse, e não saque*, Luisa Michel. — *... outras ideias*, B. A. — *Meditando*, Alfredo Krok. — *Sésta*, J. Dicenta. — *A Policia*, Malatesta. — *Os homens fortes*, Gorki. — *Ilusão desfeita*, G. Lange. — *O Transformismo*, Giordano Bruno. — *Procriai!*, G. — *Ecos e comentarios.*

Preço do exemplar nesta redacção: 200 reis.

— *Serões.* Recebemos o n. 11 desta magnífica revista ilustrada, editada em Lisboa pela casa Ferreira & Oliveira.

Meus senhores! Ante as nossas mesas abundantemente guarnecidas, quem ousará negar estarmos no Eldorado? Quem terá o arrojo de afirmar que no Brasil a miseria existe? Ninguem! — a não ser esses agitadores «estranjeiros», extremados cujo oficio é prègar a desordem, e que ignoram completamente as condições do nosso meio. Ten... Não ...gador é muito cumprimentado.)

Não foi espirito...

O amigo Tommasini sentiu-se ofendido porque, no *Registo d'entrada*, do n. passado, dissemos que alguns dos artigos da *Ideia Nova* são em português ou ... quasi.

Pois bem, já que nos deu o ensejo, queremos mostrar-lhe que não é tão pueril como lhe parece a nossa observação. Não são os artigos em questão destinados á «propaganda entre o elemanto indigena»? Elemento que deve supôr-se não totalmente despreocupado da fórma e só cuidadoso do fundo. Ora os artigos em pseudo-português são daquelles dos quaes se póde dizer; antes fossem escritos em italiano! Talvez fossem lidos mais depressa pelo elemento a que são destinados...

Desculpe-nos a franqueza, mas é isto. Não sòmente a sintaxe e o genio da lingua são miseramente esfaqueados, mas as proprias palavras são frequentemente estranhas ao nosso vocabulario ou, pelo menos, fóra do uso corrente. O brasileiro ou português de mais rudimentar instrução ou se ri do escrito, pondo-o de parte, ou não o comprehende... Não queira que nos demos ao trabalho de o mostrar aos nossos leitores com algumas transcrições.

Quanto ao convite de escrevermos nós, agradecemos penhoradissimos, mas não aceitamos, porque é já excessiva a nossa tarefa. Pelo contrario, precisariamos de quem nos ajudasse.

E agradecemos ainda a lição de bom senso da parte de quem, para responder a uma só palavra pueril e insensata, gasta nada menos de meia coluna...

MOVIMENTO OPERARIO

Costureiras de sacos

Os operarios que costuram sacos, quasi todos do sexo feminino, depois do bello exemplo dos de Santos e do Rio, resolveram tambem associar-se para a defesa dos seus interesses e melhoramento das suas tristes condições.

Reuniram-se para tal fim num local particular da rua Oriente e falaram ou ouviram falar sobre a necessidade da associação, um dos bem poucos meios de resistencia que restam aos explorados.

Finda a reunião, o companheiro João Castaldi, que tomára a palavra, esperava tranquillamente o bonde que o conduziria ao centro da cidade, quando foi preso e conduzido á policia, e ali retido durante algumas horas.

Federação Operaria de S. Paulo

A comissão federal fez publicar pela imprensa um energico protesto contra as duas ultimas arbitrariedades policiaes.

Demais, nem aqui nem em Rio Claro, o movimento operario sofreu o minimo desánimo. A obra de propaganda e organização continúa cada vez com maior entusiasmo, e esta é na verdade a melhor fórma de tornar eficaz o protesto.

Tanto assim que, para Rio Claro, foi outro operario em nome da Federação, afim de fazer uma conferencia, e no primeiro de agosto aparecerá o orgam da Federação Operaria — *A Luta Proletaria.*

A persistencia é a melhor resposta ás violencias.

El Hombre y la Tierra

Esta grandiosa obra de Reclus tem uma edição espanhola monumental. A tradução é devida á penna do conhecido e integro revolucionario Anselmo Lorenzo, sob a revisão de Odón de Buen.

EL HOMBRE Y LA TIERRA divide-se em quatro partes — *Os primitivos, História Antiga, História Moderna, História Contemporanea,* — e formará 4 tomos de regulares dimensões, com cêrca de mil gravuras.

Publicar-se-á semanalmente em fasciculos de 24 páginas, por 50 CENTIMOS DE PESETA.

Os pedidos podem ser feitos directamente ao administrador ALBERTO MARTÍN — Apartado de Correos 266 — Barcelona.

Biblioteca de Estudos Sociaes

Livros e folhetos de propaganda anarquista, em idioma italiano

Os pedidos, acompanhados da respectiva importancia, devem ser dirigidos a ATTILIO GALLO, Rua do Lavapés, 279, ou a esta redacção.

Aos camaradas que desejarem fazer propaganda das nossas ideias entre o elemento italiano, recomendamos esta biblioteca, onde poderão adquirir excelentes folhetos a preços bastante reduzidos.

Avisos de administração

A todos aquelles que nos enviarem alguma quantia para o jornal, directamente ou por intermedio de outra pessoa, e não a virem publicada na secção competente, pedimos que no-lo façam saber immediatamente.

O mesmo pedido fazemos quanto ás irregularidades no recebimento do jornal.

A todos pedimos igualmente que devolvam as listas de subscrição que porventura lhes tenham sido enviadas, seja qual for a quantia subscrita. Temos necessidade urgente de recursos.

AOS ASSINANTES lembramos que não ganhando nós a vida com a propaganda, não dispomos de tempo para fazer a cobrança, nem podemos pagar a cobradores. Um pequeno esforço, um pouco de boa vontade será o suficiente para que cada um possa pagar espontaneamente a sua assinatura e contribuir para uma obra cujo merito maior é ser absolutamente sincera, livre de interesses pecuniarios — no que não tememos nenhuma especie de desmentido.

Propaganda pelo opusculo

Afim de continuar a propaganda por meio do folheto, decidimos encetar a BIBLIOTECA DA «TERRA LIVRE» *com a brochura de 16 paginas*

O QUE QUEREM OS ANARQUISTAS

do camarada Jorge Thonar, fixando desde já os seguintes preços:

1 exemplar . . .	$100
25 exemplares . . .	2$000
50 » . . .	3$500
100 » . . .	5$000

Os pedidos podem ser feitos desde já, e, sendo possivel, desde já acompanhados da sua importancia, havendo urgente necessidade de dinheiro para as primeiras despesas, que, dadas as nossas possibilidades, não são insignificantes. Não poderemos mesmo dar começo de realização a esta iniciativa sem esse adiantamento de fundos por parte dos camaradas.

Basi scientifiche dell' anarchia

di Pietro Kropotkine

Prima edizione italiana
Preço, 200 reis

"Terra livre,, semanal

Circunstancias imprevistas, sobrevindas após o anúncio que fizemos publicar em nosso n. 9, forçam-nos a adiar para melhor oportunidade a publicação semanal desta folha.

Entretanto, como os leitores podem ver, aumentamos um pouco o formato, alongando as colunas, e procuraremos fazer com que o jornal apareça três vezes por mês — esperando que os nossos amigos e camaradas cooperem activamente nesse esforço.

Leiam:

NOVO RUMO.
Periodico socialista-anarquico.
Endereço: Rua do Hospicio, 210 (1.º andar)
Rio de Janeiro.

LA BATTAGLIA
Periodico settimanale anarchico.
Anno, 10$000; semestre, 5$000; trimestre, 3$000.
Caixa postal 547 — S. Paulo

L'UNIVERSITÁ POPOLARE
Rivista quindicinale diretta dall'avv. Luigi Molinari
Via Tito Speri, 13 — Mantova, Italia.
Anno, 5$000; semestre, 2$500. (Nesta redacção)
(Manda-se um número especime).

LES TEMPS NOUVEAUX
Ex-journal «La Révolte»
Paraissant tous les samedis
avec un supplément littéraire illustré
4, rue Broca — Paris, V
Anno, 6$000; semestre, 3$000. (Nesta redacção).
(Manda-se um número especime)

Munições para "a Terra livre,,

No proximo n. publicaremos a relação das quantias entradas para o presente, a somma das quaes não é, na verdade, muito importante.

O deficit é já grave: urge sufocá-lo á nascença.

Tambem para dar começo á nossa biblioteca, com o folheto anunciado, não temos recursos para as primeiras despesas, pelo menos.

Para sustentar uma obra como a nossa, é necessario um esforço prolongado e pertinaz — e nós nem só com palavras fazemos o incitamento.

«Terra livre» á venda

Desde o presenten número a Terra livre *será vendido nas ruas e nas agencias de jornaes.*

Lembramos aos camaradas que poderão facilitar e desinvolver essa venda, reclamando o nosso jornal aos vendedores da rua e das agencias, animando tanto a estes como aos compradores do público.

El Estado, su papel histórico

por Pedro Kropotkine

Folleto de 64 Páginas
Preço, 300 reis

Festa Libertaria

Transcrevemos da *Battaglia*:

Sabato sera, 14 corrente, a cura del gruppo «La Propaganda», nel *Salone Alhambra* — Galleria di Cristallo — verrà dato un tratenimento famiiliare col seguente programma:

1. *SANGUE FECONDO*, dramma sociale in 2 atti;
2. *CONFERENZA*;
3. *QUALCUNO GUASTÒ LA FESTA*, bozzetto sociale di Marsolleau;
4. Tombola di vari oggetti;
5. Ballo familiare.

A Terra Livre, São Paulo, 28 de Julho de 1906, Anno I, Número 13.

a Terra livre

O HOMEM LIVRE SOBRE A TERRA LIVRE.
GOETHE

ANNO I — SÃO PAULO (BRASIL) — SABADO 28 DE JULHO DE 1906 — NÚMERO 13

EXPEDIENTE

A TERRA LIVRE, que se publica por SUBSCRIÇÃO VOLUNTARIA, aceita tambem assinaturas nestas condições:

Serie de 25 números	.	4$000
« « 12 «	.	2$000
« « 6 «	.	1$000

Administrador: EDGARD LEUENROTH.
Toda a correspondencia a *Neno Vasco*, **Rua Maria Domitilla, 88 — São Paulo.**

DO OUTRO LADO DA BARRICADA...

Agradecendo um dia a remessa duma das nossas publicações periodicas, um jornal dirigia-nos as seguintes observações: «Vê-se que esta folha é feita por moços entusiastas e sem experiencia. Como! No Brasil ainda não fizemos verdadeiramente a republica e já começam a falar-nos de socialismo e de anarquia!» E os leitores hão de recordar-se daquelle politico conhecido, velho republicano, que um dia exclamou: «Ah! não era esta a republica dos meus sonhos!» — ou daquelle espirituoso que ameaçava um presidente com a proclamação da... republica!

Mas então qual é essa sonhada republica? Ou antes: como garantir que ella seja «verdadeira»? Por meio da lei? Mas não temos nós já o sufragio estendido até á suprema magistratura, e leis liberaes, e uma Constituição democratica, cujo maior defeito é o de não ser aplicada?... Ou quereis fazer segundas leis para fazer respeitar as primeiras, e terceiras para fazer respeitar as segundas, e assim até ao infinito?...

Ou, reconhecendo essa dupla ilusão republicana, a ilusão do sufragio e a ilusão da lei, quereis admitir que é necessario fazer a educação do povo e que essa é a unica garantia da liberdade? É então a lei que guarda o povo, ou o povo que guarda a lei? Neste ultimo caso, não reconheceis, como nós, que a lei é inutil e é uma ilusão perigosa? Não ensinais assim, como nós, que o povo só tem as liberdades que sabe conquistar e defender com uma vigilancia, uma acção permanente, contra a vontade e os interesses dos que porventura estejam no poder? Não sustentais, como nós, que a evolução não se faz nas formas de governo, na lei, no pessoal dirigente, do centro para a periferia, mas contra esse centro, nas consciencias, no segredo das inteligencias e das vontades, na iniciativa dos individuos e na somma voluntaria e coordenada das iniciativas? Não propagais, então, como nós, numa palavra, o nosso metodo anarquista ou libertario, que ao sufragio e á garantia da lei não presta crédito?

O vosso erro fundamental contra nós é pensar que temos unicamente uma construção idealista da cidade futura, a anarquia, e não um metodo, que não é novo, não é inventado, mas simplesmente sistematizado, desembaraçado de contradições que o obscureciam e debilitavam. O anarquismo foi sempre, no fim de contas, o metodo para avançar, para tomar liberdades, para evoluir e fazer revoluções, e hoje é de aplicação actual e não uma simples divagação sobre o futuro. A evolução não é *legal*, mas *real;* não se regista nos codigos, mas nos factos; não está nas fórmulas exteriores e superficiaes, mas no movimento intimo e profundo das multidões.

E a prova geral da teoria está nas republicas onde impera o arbitrio desenfreado e nas monarquias onde ha uma liberdade relativa. Está neste Brasil, onde todas as «garantias» legaes são a cada passo violadas, e mais nuns pontos do que noutros do mesmo territorio, regido pelas mesmissimas leis — tudo conforme o grau de resistencia da consciencia publica...

E a França, em recentes acontecimentos, veio confirmar, não só a inanidade da utopia republicana, irrealizada e irrealizavel, dos sonhadores democraticos na oposição, mas ainda esta verdade: que, sejam quaes forem as ideias dos governantes, estes se colocam fatalmente contra os interesses das classes dominadas; que ha uma só maneira de governar e é servir os interesses duma classe social contra os interesses de outra. Assim o confessou francamente Clemenceau, quasi anarquista antes de ser ministro. Visitado por três membros da Confederação operaria, que queriam protestar contra as perseguições da policia, disse-lhes: *Nós não estamos do mesmo lado da barricada. Devo cumprir as minhas funções de membro do governo.*

Quanta verdade! Estamos quasi inclinados a crer que o *camarada* Clemenceau subiu ao poder com a intenção reservada de desacreditar o poder e de favorecer o anarquismo... Já com os seus actos — repressões, *complots* inventados, elle que trovejava contra a razão de Estado! — parece dizer: «Eu proprio, o radical de ideias largas, faço como os outros!»

Mas, coisa um pouco nova, diz aquillo mesmo verbalmente, com uma franqueza louvavel.

E o que elle disse a Jaurès! Jaurès expôs um socialismo que está muito longe do nosso, com a sua expropriação legal, as suas indenizações, a sua conquista dos poderes publicos, e que está mesmo longe do de socialistas como Barbato: mas disse boas coisas e teve pontos de crítica muito justa — o que ainda é mais nocivo, porque dá prestigio ao parlamentarismo, com um simples discurso eloquente! Digamos, porém, que Clemenceau deu estocadas terriveis...

«O sr. Jaurès que responda: quando for ministro do interior — esta desgraça póde acontecer-lhe! — acaso deixará sem protecção os operarios que se virem ameaçados de morte por quererem trabalhar? Peço-lhe instantemente que me responda. (*E depois de uma pausa*). Ah! não o quer? Pois o seu silencio é uma resposta. O sr. pensa, como eu, que o direito de greve é tão sagrado quanto o direito ao trabalho.» (Este *direito ao trabalho* equivale aqui ao de trair os companheiros, reduzindo-os á impotencia, e ao de servir os interesses dos capitalistas).

E examinando o programa eleitoral do partido socialista: «Eis um programa absolutamente burguês. Tenho o direito de dizer ao sr. Jaurès: *Esse programa estava no nosso bolso; vós no-lo tirastes.*» Desta vez não somos nós que dizemos que o parlamentarismo fez baixar o socialismo ao nivel dum partido radical...

Vejamos ainda: «Por que razão Jaurès, no momento das greves de Chalon, por ocasião das greves do François, não teve uma palavra de censura contra os seus amigos do governo, cujos gendarmes tinham assassinado operarios? Porque não tomou a penna para escrever um artigo na *Petite République?*» Apanha!... Clemenceau ajuntou ainda que Jaurès defendia agora, depois das eleições, os homens que atacára antes: os militantes da Confederação operária. Esta acabava de dar provas da sua vitalidade...

Mais outra. Jaurès acusára Clemenceau de ter perseguido, em virtude duma pretendida conspiração, os militantes da Confederação operária. Que faz Clemenceau? Lê um ascoroso artigo de denúncia do jornal socialista democratico *Le Réveil du Nord*, orgam do canalha que dá pelo nome de Basly, deputado, e acrescenta: «Parece-me que a magistratura de Bethune, fazendo prender os homens contra quem o jornal socialista, *Le Réveil du Nord*, formulava as acusações que acabo de vos ler, não fez se não seguir as indicações que lhe eram dadas pelos socialistas... Transmiti ao procurador da Republica os papeis de policia que estavam em meu poder e não sinto embaraço algum em vos dizer que nesses papeis *nada havia de particular* contra os membros da Confederação Geral do Trabalho. Entretanto, foram presos; eu soube da sua prisão, como vós, por meio dos jornaes. Mas quando vejo que a acusação de ter distribuido dinheiro nas greves, e isto em proveito dum interesse reaccionario, que é o facto pelo qual foram presos esses homens, quando vejo que esta acusação foi mencionada num jornal, no principal jornal socialista do Nord, tenho o direito de me dirigir a vós, que me censurais por ter ferido esses mesmos homens, e de vos dizer: Fostes vós que antes de mim os feristes, acusando-os de serem bandidos, apostolos do furto e do saque, e afirmando que tinham recebido da reacção sommas consideraveis...»

A tudo isso, como podia responder Jaurès, enredado em compromisos e transacções parlamentares, senão com evasivas?

Ha, na verdade, uma linha divisoria entre duas classes, uma barricada. E quantos, que o povo imaginava da sua banda, não são vistos subitamente do outro lado?...

Ah! trabalhemos para conquistar directamente os nossos direitos e não prestemos os hombros á escalada do poder por parte de quaesquer homens, sejam elles radicaes como Clemenceau, ou socialistas como Jaurès!

OPERARIOS! lêde o interessante livro

de ELISEU RECLUS

Evolução, Revolução * * * * * * * e Ideal Anarquista

Volume de 152 páginas pelo preço de 1$000

OS COMPANHEIROS que, para propaganda, desejarem adquirir um numero regular de exemplares, terão um abatimento razoavel: 10 ex. 10 °/.; 20, 20 °/.; 30, 30 °/.; 40, 40 °/.; 50 ou mais, 50 por cento. Apenas esgotado este livro, emprehenderemos a publicação de outro.

Controversia Barbato-Galleani

(Dedicaremos, de hoje em diante, uma ou duas colunas á exposição de principios fundamentaes do anarquismo, publicando estudos, polemicas, etc. Para começar, encetamos a publicação da resenha que duma interessante controversia falada em Barre (Estados Unidos), entre o ilustre socialista democratico Dr. Nicolau Barbato e alguns anarquistas, nos dá a *Cronaca Sovversiva* daquella cidade).

I

Em substancia, a conferencia de Barbato póde resumir-se neste teorema: tudo muda e o burguesia deve tambem resignar-se a ver mudado o instituto da propriedade; tudo é mudado no cosmos e na vida, e os trabalhadores não devem desesperar; o futuro lhes dará a redenção.

Assim o exige o determinismo historico, que não é senão a resultante da experiencia historica. E este determinismo historico, que não deve ser tomado no seu sentido metafisico que exclue a vontade, é precisamente o que nos permite bem esperar no futuro do proletariado, pois nos mostra que o instituto economico está sujeito ás mesmas leis de transformação que dominam o cosmos.

A terra não foi sempre como hoje; o resfriamento favoreceu o processo de incrustação; e sobre a crosta terrestre, obra lenta e inadvertida de seculos, apareceram as primeiras fórmas de vida, os vegetaes. E isto não o dizemos nós, os socialistas; isto o estabelece a mesma sciencia burguesa. Assim o homem não foi sempre tal qual é. Nasceu nu e inerme, viveu procurando bagas e glandes na floresta, peixes no rio, e evoluindo das fórmas primitivas ás superiores, chegou ao seu estado actual de desinvolvimento.

No campo sociologico, observamos o mesmo processo. Da propriedade, que foi no principio direito intangivel de usar e abusar das coisas proprias — e não se esqueça que tempo houve em que o mesmo proletariado era *coisa* e era possuido, e que a escravatura como fenomeno natural inelutavel achou nos mais ilustres pensadores da epoca a sua sanção — chegamos hoje á concepção da função social da propriedade.

O principio intangivel partiu-se, pois, com a queda da escravatura, mas não caiu a civilização, que chegou mesmo a estabelecer que a propriedade em si é bem pouca coisa, que o seu papel é satisfazer a pluralidade das necessidades humanas. Assim ao antigo proprietario, vimos substituir-se, fruto do mudar de criterios, o burguês filantropo.

Já não nos dizem hoje: somos os patrões, os privilegiados, os eleitos de deus (alguma pobre mente inférma fala ainda, é certo, dos fortes, dos superhomens, mas pertence ao manicomio) e fóra de nós não ha direito nem vida: hoje dizem-nos: está bem, tendes direito á vida, á escola, á saude, ao voto, á tutela da maternidade, ao repouso, á assistencia na velhice, á protecção contra o infortunio.

Que devemos fazer neste ponto, nós, os socialistas democraticos e os anarquistas?

Podemos confundir-nos entretanto com os trabalhadores e dizer-lhes: pois que o burguês reconhece que a propriedade deve contribuir para dar ao homem as condições da vida livre, que a propriedade tem uma função social, que o criterio desta função não deve ser procurado no direito capitalista mas nas necessidades sociaes, o logar que o socialismo e o anarquismo te indicam, proletario, pondo-te contra o instituto da propriedade privada, é o logar da sciencia e da história.

A sciencia e a história estão contigo; robustece a tua vontade na escola da observação e da experiencia e caminha ao lado de nós, socialistas, anarquistas, subversivos, para a abolição da propriedade individual.

A observação te dirá que se manifesta já um principio de dissolução nesse ultrapassado instituto da propriedade individual; que quando, para aumentar o ganho, a propriedade é obrigada a fazer faltar os productos ao mundo, ou a deixar sem trabalho centenas de milhares de trabalhadores, *quando a propriedade social não aumenta a produção social*, é a bancarrota.

Aqui é preciso que anarquistas e socialistas saibam dizer a palavra verdadeira da redenção, a palavra que ilumina e enrobustece a consciencia proletaria, a palavra que interpreta o conflicto dos interesses sociaes e chama os trabalhadores á *luta de classe*, demonstrando-lhes que os seus interesses são opostos aos do proprietario, aos da classe burguesa.

Como se póde falar de armonia e de aliança entre o proletariado que no mercado dos braços quer cinco e a burguesia que lhe pretende dar um?

Falar de armonia é um absurdo; a luta de classes é tão antiga como a especie humana; fomos nós que a inventámos, porventura? Devemos unicamente esforçar-nos por que seja agora conscientemente conduzida e sirva de base á organização e acção operarias. As actuaes organizações de oficio americanas e inglesas, desviadas pelo absurdo da possibilidade duma armonia entre o capital e o trabalho em mãos diversas, são simples viveiros de egoistas, fábricas de fura-greves; e não falemos então das chamadas associações italianas de socorros mutuos que, com os seus presidentes honorarios, as suas bandeiras e os seus santos, transplantam para aqui a idade média com todos os seus mesquinhos prejuizos de campanario.

Em conclusão: a necessidade historica impôs a redenção do proletariado; os meios de a apressar que estão ao nosso dispor resumem-se na necessidade de fortalecer a vontade e a consciencia dos trabalhadores, de modo que elles saibam, no terreno da luta de classes, fazendo tesouro de todos os meios oferecidos pelo ambiente, conquistar a sua emancipação.

... Se alguem agora de[illegible] fazer observações, coloco-me á disposição do auditorio.

*

Terminada esta conferencia, a controversia abre-se logo, embora Barbato, logo no principio, tivesse manifestado a sua relutancia pelas polemicas entre socialistas democraticos e anarquistas.

CAVALAZZI pergunta ao conferente que pensa elle em geral da anarquia e dos anarquistas, e dos socialistas que empregam a palavra *anarquia* como sinonimo de confusão e desordem.

Barbato responde que recusa definir o anarquismo: emprestaram-lhe ideias muito diversas das suas para que queira correr o mesmo risco de atribuir aos adversarios ideias diferentes das que realmente possam ter. Disse o que intende por socialismo, deixa aos anarquistas o cuidado de dizerem o que intendem por anarquia. Quanto aos que dizem «anarquia» em vez de confusão ou desordem, são dignos de compaixão quando cedem irreflectidamente a um costume vulgar: deplora sincera e vivamente os que o fazem com maligna e sectaria premeditação. (No proximo n.º continnaremos).

O ALVITRE DA HUMANIDADE [1]

O atentado de Madrid, sem dúvida um dos mais impressionantes nesta categoria de factos, veio demonstrar mais uma vez a ineficacia das leis de excepção e dos processos de terror a que os governos dos diversos países têm recorrido para os evitar.

A ineficacia, — que digo eu! O efeito em tudo contraproducente dessas medidas.

Com efeito, que vemos nós? E precisamente nos países onde se tomaram maiores medidas de repressão que os atentados são mais frequentes. Essas disposições, quasi sempre deshumanas e iniquas, destinam-se a inspirar o medo a todos os que pugnam por uma transformação radical das sociedades. As autoridades dizem ao anarquista: «Consideramos-te uma fera, e tratar-te-emos peor que ás feras. Não te deixaremos exprimir um só pensamento, nem te deixaremos levantar um braço. Reservamos-te o garrote, a forca, a guilhotina e a tortura. Os peores criminosos terão garantias de defesa que a ti não te serão concedidas. Pensamos em organizar contra ti uma liga internacional que não permitirá que, no vasto mundo, tu tenhas um canto de terra em que livremente possas viver. Só terás as galés dos presidiarios, e a vala dos supliciados. Lembra-te de Montjuich, onde se morre aos retalhos, e da celula de Bresci, onde se enlouquece. Pensa em tudo isso, e submete-te, quer dizer: renega o teu ideal, abandona ou denuncía os teus companheiros. Senão, maiores tormentos te esperam do que os flagicios que a mente sombria do Dante creou para castigo dos malditos!»

O anarquista repara donde vem esta voz, — e parte immediatamente para lá, com a sua bomba na mala, ou o seu punhal na algibeira.

*

Sim: são precisamente essas repressões terriveis que engendram os atentados. Ellas representam, na realidade, um desafio, — desafio que, por se dirigir a uma seita internacional, ultrapassa os convencionaes limites de fronteiras, e se espalha aos quatro confins da terra. Falei ha pouco em Monjuich. O genio inquisitorial da Espanha ahi teve uma atavica manifestação. Correspondendo a um atentado igual ao do último dia de maio, elle foi punido com um atentado ainda mais grave, por parte do governo espanhol, contra os direitos sagrados da personalidade humana. Assim como uma bomba fôra arremessada pela mão frenetica dum anarquista contra uma multidão innocente, (2) assim tambem esse governo agarrou em meia duzia de innocentes, e os encarcerou na fortaleza maldita, para os torturar. Aquelles a quem se não concedeu o fuzilamento, que poderemos qualificar de misericordioso em taes condições, foram mutilados com requintes de crueza, em que revivia a alma de Torquemada. Se se queria reprimir, aterrorizando, o anarquismo militante, devemos confessar que seria impossivel dar, num quadro mais horroroso, um exemplo mais desapiedado. Mas o resultado foi inteiramente o contrario do que se esperava. O nome só de Montjuich acendeu odios formidaveis em corações ulcerados e em energias inabalaveis. Canovas supusera, porventura, garantir assim os dias da velhice, — e Angiolillo lhe surgiu, como um espectro das suas victimas. Supusera talvez garantir a sociedade com um exemplo terrorista, e á bomba da calle de Cambios Nuevos, sucede, com alguns annos da intervalo, a bomba da calle Mayor.

*

Era de prever; será eternamente de prever, em quanto se não adoptar como um processo de tactica o que ao coração se impôi como uma determinação de justiça. O vasto sistema de repressões que se tem organizado contra o anarquismo, agitando, como espantalhos, as suas leis sceleradas e os seus flagicios montruosos, não constitue, na realidade, uma sufocação da teoria que tantas paixões, de lado a lado, conturbam: constitue, na verdade, o maior incentivo a todo o genero de atentados. E o que ainda mais confunde o espirito esclarecido e imparcial é que taes violencias da lei, que para o ser, na justa acepção do termo, nunca deveria despojar-se de serenidade, — o que mais confunde o espirito esclarecido e imparcial é que ellas nunca atingem os que se pretende atingir.

São verdadeiros golpes no vacuo, os que os governos despedem contra os anarquistas de acção. Outro dia um jornal estranjeiro classificava, com rigorosa propriedade, os mais terriveis desses sectarios com esta denominação precisa: *os solitarios*. Não são com efeito, na grande maioria dos casos, os anarquistas conhecidos como militantes, embora dos mais audaciosos na propaganda, aquelles que praticam os actos formidaveis que fazem estremecer as sociedades. Quando esses actos se dão, e os seus autores se descobrem, fica-se atonito ao vêr que se trata de desconhecidos. A polícia não os conhece; muitas vezes os proprios anarquistas em foco não os conhecem tambem. É este ou aquelle sombrio espirito que, sabendo que uma grande iniquidade se praticou, toma a resolução de a vingar, recorrendo a meios tão violentos e ferozes como aquelles que despertam a sua indignação.

Digam-me se é possivel adoptar qualquer recurso eficaz contra a determinação desconhecida destes desconhecidos fanaticos? Um dia qualquer delles pega num jornal. Está na America, está na Asia, está na Africa, está em qualquer confim do mundo. Lê a narrativa dum desses casos de despotismo delirante. Um pensamento de vingança se lhe aposse do cerebro; converte-se numa verdadeira obsessão. Um dia parte possuido da sua ideia fixa, e dentro em pouco mais um atentado se comete, que decerto se não realizaria se não tivesse tido esse lugubre incentivo.

Que meio ha para um governo ou uma sociedade se garantirem do proposito deste homem? Ninguem sabe o que elle pensa, ninguem póde prever o que elle projecta. Não ha lei, regulamento ou prevenção que o atinjam. Póde ser o homem que cruzamos na rua; póde ser o estranjeiro em cuja existencia nunca ninguem pensou. Para evitar um tal facto, seria necessario prender a humanidade inteira!

*

Não! Governos e autoridade, quaesquer que sejam, estão seguindo caminho errado, e quem lh'o aponta com maior eloquencia é a previdente Inglaterra. Outro dia, um jornal alemão insurgia-se contra a tolerancia com que são tratados em Inglaterra os anarquistas mais conhecidos pelas suas ideias violentas. E explicava com azedume: «A familia real inglesa sabe que ninguem contra ella atentará, e por isso não se importa que o seu país seja um refugio dos que tramam contra a existencia dos representantes dos outros governos.» Mesmo que esta arguição demonstrasse da parte da familia real inglesa um certo egoismo, elle seria o mais justificavel possivel. A sua tolerancia não seria um beneficio gratuito: seria uma especie de tacito compromisso dum governo que não ofende a liberdade com aquelles para quem a liberdade é uma religião exclusiva, que servem com um entusiasmo de fanaticos e martires. Mas a Inglaterra tem a justificá-la o mais rudimentar bom senso. Com o seu exemplo ella demonstra a forma de se desarmar o braço dos anarquistas. Apresenta-o ao mundo, com a maior das simplicidades. E por isso poderia responder ao jornal alemão: «Se nós assim garantimos a vida aos nossos governantes, porque não fazeis vós o mesmo?»

Se a Inglaterra se dá bem com a sua tolerancia, para que havia de abandona-la, seguindo na esteira dos governos repressores? Se ella não vê que essas repressões dêem outro resultado que não sejam atentados como o da calle Mayor, agravando-se ainda esse espectaculo com o desgosto de todos os espiritos liberaes e justos que não podem nunca aplaudir leis de repressão, que não hesitam em qualificar de sceleradas, e processos de castigo, que não hesitam em qualificar de inquisitoriaes?

*

Se aos oprimidos que ha tantos annos sofrem não se desculpa um desvairamento sanguinario, como poderemos desculpa-lo aos homens da ordem, aos governos que se presumem de sensatos e equilibrados? Se esses se desvairam, quando um punhal reluz ou uma bomba rebenta, até ao ponto de renegarem os principios liberaes das suas constituições, o seu desvairamento é muito menos admissivel. Em cerebros ignorantes ou perturbados, não é de admirar que taes violencias se engendrem. Mas a acção dos governos deve ser fria e ponderada: a sua obrigação é estudar as causas e não olhar só para os efeitos, — e se essas causas estão na miseria e na opressão, procurar debelar uma e restringir a outra.

A acção dos governos seria então mais bella e mais proficua. Não se mancharian com rasgões violentos e dementados no pacto da liberdade. Não dariam pretextos a factos que a todos compungem e doem. Seriam elles proprios que arrazariam os seus Montjuichs e castigariam os seus Portas. Porque o não fazem? Porque não ensaiam a bondade, como base de reconciliação humana? Fazendo-o, estou certo, velariam mais pela sua propria segurança e exterminariam mais o germe dos atentados, de que com todos os garrotes e todas as guilhotinas do mundo.

Os braços que se abrem para abraçar tem mais força do que os braços que se erguem para ferir.

MAYER GARÇÃO.

Notas da Redação.

(1) Este artigo é transcrito do *Mundo*, diario republicano de Lisboa, e dedicado por nós a certa imprensa republicana do Brasil.

(2) O autor refere-se ao atentado de Cambios Nuevos: uma bomba lançada contra uma procissão, e não sobre a testa do cortejo onde se achavam os mais altos representantes do exército, mas sobre o povo que caminhava na retaguarda!... *Nunca* se provou que o autor ignorado fosse um anarquista. Contra este acto estupido, que atacava uma manifestação de crenças ou ideias, protestaram os anarquistas espanhoes e outros, entre os quaes Malatesta, num artigo que fez ruido. O atentado de Morral, contra o coche real, faz grande diferença. Este tem outro igual ou... peor, quanto ao desastre que causou: o do republicano Orsini contra Napoleão III. A bomba de Orsini, em vez de atingir o imperador, feriu 156 pessoas, sobre cujos corpos foram medicadas 511 feridas. Entre as victimas havia 21 mulheres, 11 crianças, 55 soldados e polícias. Seis pessoas morreram. Este acto suscitou grande entusiasmo e eperança, e o retrato de Orsini era vendido na Italia e exposto nas vitrinas das lojas.

Ás jovens costureiras de S. Paulo

COMPANHEIRAS!

Em vista da apatia que vos domina e que ninguem ainda pôde sacudir, nesta cidade em que somos tão exploradas, resolvemos nós fazer uma nova tentativa em defesa de todas, esperando que não nos deixareis sós a reclamar os direitos que nos cabem indiscutivelmente. É justo recordar que já por vezes alguns amigos, nas colunas do *Avanti!*, de *La Battaglia* e da *Terra livre*, surgiram em nossa defesa, e as suas palavras não foram ouvidas. Mas esperemos que não nos deixareis, a nós tambem, prègar no deserto.

Devemos demonstrar enfim que somos capazes de exigir o que nos pertence; e se todas forem solidarias, se nos acompanharem nesta luta, se nos derem ouvidos, nós começaremos por desmascarar a cupidez dos patrões sanguesugas.

No ultimo movimento de greve geral nesta cidade, ficou provado claramente que a nossa classe é a mais ignorante, a mais atrasada. Nesse movimento de solidariedade operária tomaram parte todas as corporações de oficio, desde o mecanico ao marceneiro, desde o ferreiro ao carpinteiro, chapeleiros, pedreiros, sègeiros, quasi todos os trabalhadores graficos, os operarios e operarias das fábricas de fosforos, de tecidos, de camisas, etc., os marmoristas, os ourives e muitos outros. Em Jundiahy, o comercio fez causa comum com os grevistas, fechando as portas. Aqui, em S. Paulo, os proprios estudantes manifestaram as suas simpatias pelos operarios, tendo de ser fechada a Faculdade. E nós, as costureiras, que fizemos?

Nós passámos indiferentes pelo meio dos grevistas que enchiam as ruas da cidade e fomos trabalhar, mostrando que não tinhamos sentimentos, que não tinhamos sangue nas veias. E no entanto naquella multidão estavam nossos pais, nossos irmãos, nossos noivos, por entre os quaes nós passámos sem pensar que elles reclamavam um direito para nós tambem. E assim demonstrámos ainda que não tinhamos afectos de familia nem amor!

Reflecti, companheiras, que devemos, nós tambem, ser sempre solidarias com os que lutam pela libertação do trabalho, se queremos igualmente ser ajudadas nas nossas mais do que justas reclamações.

Companheiras! É necessario que recusemos trabalhar tambem de noite, porque isso é vergonhoso e deshumano. Em muitas partes, os homens conseguiram a jornada de 8 horas, já desde 1856; e nós, que somos do «sexo fraco», temos que trabalhar até 16 horas! — o dôbro das horas de trabalho delles, que são do «sexo forte»! Pensai, companheiras, no vosso futuro de mãis, e que, se continuarmos a consentir que nos depauperem, nos tirem o sangue deste modo, depois, tendo perdido a nossa energia fisica, a maternidade será para nós um martirio e nossos filhos serão palidos e doentes.

E vós, os que sois nossos pais, certamente nos ajudareis, porque não temos força para trabalhar, muitas vezes até ás 11 horas da noite! Não deveis falar só quando estamos em casa, mas na cara dos nossos deshumanos patrões, cujos negocios crescem dia a dia. Ide á noite protestar, á bengalada, se for preciso, contra esses vilissimos ladrões! Vinde, quando tardemos, arrancar-nos com energia ás garras dos avidos exploradores! Terieis muito que perder? Que nos dão elles, os abutres, em paga de tanta fadiga? Um salario ridiculo. Uma miseria!

E nós tambem queremos as nossas horas de descanso para dedicarmos alguns momentos á leitura, ao estudo, porque, quanto a instrução, temos bem pouca; e se esta situação continúa, seremos sempre, pela nossa inconsciencia, simples máquinas humanas manobradas á vontade pelos mais cupidos assassinos e ladrões.

Como se póde ler um livro, quando se vai para o trabalho ás 7 da manhã e se volta para casa ás 11 da noite? Das 24 horas, só nos ficam 8 de repouso, que nem bastam para recuperar no sono as forças exhaustas! Nós não temos horizontes, ou antes, temos um horizonte sem luz: nascemos para que nos explorem e para morrer nas trevas como brutos.

Mas esperamos que não nos abandonareis, companheiras, e que nos ajudareis a denudar e a fustigar a infame atrocidade dos patrões, que deve ter um fim. Sim! contamos com o vosso apoio de irmãs e de companheiras, e assim a victoria será nossa. Mãos á obra!

TECLA FABBRI
TERESA CARI
MARIA LOPES

Nota. — Aceitaremos com prazer e desde já agradecemos todas as informações ou conselhos que qualquer companheira nos queira enviar. A correspondencia póde ser dirigida a este jornal.

Folheando a imprensa

A imprensa anarquista

O *Jornal do Comercio*, doRio, transcreve do reaccionario *Gaulois*, de Paris, um artigo de informação sobre a imprensa libertaria, o qual mostra mais uma vez a ignorancia que sobre o nosso movimento, aliás bem á vista de todos, têm os foliculários burgueses.

Ao lado de alguns dados exactos, colhidos á pressa, na maior parte, supomos, no n.º 5 de *Les Temps Nouveaux*, quanta mentira!

Além das costumadas imbecilidades malignas dos *complots*, das sentenças contra este ou aquelle rei, entre os quaes o de Inglaterra (percebe-se a manobra policiesca: pretendem que o governo inglês entre na aliança dos Estados contra os anarquistas), o artigo contém informações... que fazem rir.

Assim a *Tribune Russe*, orgam dos socialistas revolucionarios russos em Paris, é anarquista. *L' Homme Libre* de Bruxellas, que nasceu em 1892 e não chegou a viver 2 annos, é dado como existindo ainda com 20 annos! Na Italia, temos, em Cagliari, Sardegna, *Il Grido della Folla*... de Milão. É na America que temos maior número de periodicos! Só em Nova York, 42. Etc., etc.

A nossa *Terra livre* publica-se, diz elle, no Rio de Janeiro. Entretanto, em *Les Temps Nouveaux*, lá está bem claro: «jornal de São Paulo.» Pensaria o jornalista do *Gaulois* que São Paulo é o nome do redactor? É o caso da fábula:

> Notre magot prit, pour ce coup,
> Le nom d'un port pour un nom d'homme.

Genebra é «o grande centro da anarquia» e, no entanto, «ainda não conseguiu manter um jornal do partido»: *L' Action Anarchiste* está moribunda. O pobre informador não conhece *Le Réveil-Il Risveglio*, excelente semanario no sexto anno da sua vida.

Nota um «facto particular»: os jornaes anarquistas parisienses da semana do atentado não se referiram a este.., Oh! misterio! O periodiqueiro nem sequer sabe como se faz um semanario de propaganda: a data era de 2 de junho, mas o jornal ficou pronto antes do facto. Mas já na semana seguinte falavam largamente: apostemos que o leal informador não veio confessar o seu erro...

Em *Les Temps Nouveaux* narravam-se os atentados do governo e da polícia contra os anarquistas, dias *antes do acto de Morral:* o foliculario policial apresenta essas perseguições como *sendo depois da bomba* e esquece-se cuidadosamente de falar dos 8 annos de prisão por mero delicto de pensar. Não é canalha?

Ora venha de lá uma verdade:

> Nada de ilusões: essa imprensa, que não ha dez annos feitos mal vegetava, tem hoje certa importancia. Tem muitissimos leitores que a sustentam com os seus vintens, facilitando a tiragem de numeros de propaganda. A anarquia já não congrega um punhado de individuos — fórma um partido sempre crescente, com oradores seus, escritores seus e jornaes seus.

Ora ainda bem! É conveniente, porém, fazer notar que não é só pela imprensa que deve ser avaliada a nossa força. Os nossos jornaes, com poucas excepções, não têm uma vida regular e segura. Não vivem de anuncios, nem de subsidios escusos e fartos, nem de *chantage:* vivem dos magros vintens de pobres trabalhadores. Ás vezes é a polícia que os assassina, porque a liberdade de pensar é uma burla — ou diante da violencia policial, ou o ante o arbitrio dos patrões que, recusando trabalho aos redactores em vista, muitas vezes os obrigam a uma vida errante e miseravel.

Não falemos mesmo na potente infiltração das nossas ideias no mundo literario, filosofico e scientifico; mas recordemos a actuação do nosso metodo no movimento proletario, a acção dos anarquistas que não sabem que o são.

Conselhos de reaccionario

Entre os artigos de mais feroz e estupido ataque contra os anarquistas, está uma correspondencia de Espanha, publicada no *Diario Popular*, desta cidade.

O autor, Juan Rubino, fala-nos de Lombroso, faz divagações pseudo-scientificas (pobre sciencia!), e aconselha a caça furiosa aos anarquistas — em nome da civilização. Diz elle: «Contra o atentado toda a defesa é legítima, e para que ella seja eficaz ha que opor a um internacionalismo da morte um outro internacionalismo — o da vida.»

Endireite-se o conselho desta pobre mente reaccionaria e fica certo. Ha efectivamente um internacionalismo da morte; é o dos governos e dos capitalistas. A morte! A morte lenta, de miseria, de esgotamento, de anemia, de tuberculose, de fome, de falta de ar, de torturas, de desastres não evitados por cupidez, de explosões de grisu por imprevidencia de companhias avidas de dividendos, a morte nos tugurios, nas oficinas, nas minas, em todo o inferno do salariato e nas prisões, eis, na verdade, a morte dada internacionalmente, apesar da riqueza inaproveitada da Terra, a morte á qual urge opor o internacionalismo da Vida. Efectivamente: é preciso organizar quanto antes a defesa contra os atentados permanentes, monstruosos, sanguinolentos, que os governantes e os exploradores praticam, cobrindo de sangue o planeta.

Mais conselhos praticos

Alguns jornaes ingleses quiseram tambem dar conselhos — em que continúa a expandir-se, a espojar-se, em toda a sua hediondez tranquila e satisfeita, não só a maldade, mas a ignorancia supina da imprensa da «ordem».

Assim, o *Standard* diz que o castigo dos simples «instrumentos» que executam os atentados não inspira nenhum terror no gremio libertario. Os anarquistas, em sua opinião, encontrarão sempre bastantes instrumentos, em quanto dispuserem dos fundos necessarios ou em quanto tiverem fé no triunfo ulterior da sua causa.

O verdadeiro meio de destruir a anarquia consistiria, — diz o *Standard*, — em dar toda a liberdade de acção a um homem de talento e habilidade, que vigiasse sem descanço os anarquistas, vivendo no meio delles, até conseguir desvendar todos os seus «manejos» e poder entregar os «chefes» na mão da polícia. Esse homem deveria ser dotado de todas as qualidades dum grande actor, e conhecer bastantes linguas; mas o *Standard* crê que talvez fosse possivel encontrar um homem nessas condições.

Outro alvitre que aparece nos jornaes é o de deportar os anarquistas para uma ilha longinqua que poderia ser a ilha Kerguelen *(a "Terra da Desolação" — ah! canalha!).* Ser-lhes-ia dada uma quantidade suficiente de provisões para um anno, sementes e utensilios necessarios para cultivar a terra. Ahi teriam que trabalhar para assegurar a sua existencia e já não haveria que recear na Europa os seus actos de violencia.

A *Terra livre*, não querendo ficar atrás de tão sabios conselheiros, ousa propor um alvitre á sapiente consideração dos governos e jornalistas. Para acabar com os anarquistas, parece-nos que o unico meio é o seguinte: faça-se um enorme buraco que vá até ao centro do planeta, encha-se todo de dinamite, dê-se-lhe fogo e o globo voará em pedaços pelo espaço infinito, ficando mortos todos os anarquistas. A não ser que prefiram... abolir a propriedade privada e o Estado... Mas... isso, decerto, não o quererão: ficaria toda a gente anarquista! Que horror!

Entretanto, como solução provisoria, propomos que... sejam internados num hospicio de loucos aquelles jornalistas, que dão evidentes sinaes de alienação mental.

Mayer Garção, no artigo que transcrevemos, encarrega-se de o provar.

As ideias de Kropotkine

Demetrio de Toledo escreve ás vezes boas cartas de Paris para *A Tribuna*, de Santos. É preciso, porém, notar que a que traz a data de 15 de junho não prima pela exactidão.

Imagine-se que, falando da entrevista do *Éclair* com Kropotkine, dá o eminente escritor como crendo na obra revolucionaria dum governo, na sua eficacia para a expropriação da burguesia! Kropotkine é anarquista e as suas ideias neste ponto podem achar-se, por exemplo, no capitulo *O Governo revolucionario* do seu livro *Paroles d'un Révolté*. Ali se lê, por exemplo: «Um governo revolucionario! Ahi estão duas palavras que bem mal soam aos ouvidos de todos os que sabem o que é a revolução social e o que significa o principio de governo, duas coisas que se contradizem, que se destroem.»

O sr. Toledo diz que Kopotkine não conta com a resistencia burguesa, quando é precisamente por contar com ella que Kropotkine não crê na expropriação legal nem no parlamentarismo. E quando dá como causa da «profecia» revolucionaria de Kropotkine as recentes victorias eleitoraes de radicaes e socialistas, comete outro erro, não menos formidavel que os antecedentes, a respeito dum homem que está precisamente demonstrando, em documentada história da Revolução francesa, a impotencia, a má vontade e a nocividade das assembleias legislantes, mesmo radicaes, em tempos de revolução.

Não, senhor; o nosso camarada não tem esperanças nesse genero de victórias, que são frequentemente resultado de compromissos, de *trucs*, de golpes de efeito, como foi o do *complot* inventado para antes das eleições em questão. A opinião que sai das eleições é muito vaga, muito fluctuante, muito incoherente, e o deputado é escolhido por um amálgama de pessoas agrupadas muito indistintamente, com indecisas ligações idealistas e interesses muitas vezes opostos, para que em qualquer «victória eleitoral» se possam pôr esperanças seguras.

O socialismo puro, popular, revolucionario, do bom, esse não está no parlamento, como fazem crer pessoas superficiaes, que não ouvem senão os discursos parlamentares: está no movimento sindicalista e revolucionario, que confia pouco ou nada nas arengas da comédia representada no palacio Bourbon. Está no movimento baseado sobre a *luta de classes*, clara, categorica, positiva; está no agrupamento operario, exclusivamente operario, onde todos têm os mesmos interesses bem definidos, contra a aliança capitalista-governamental de interesses nitidamente opostos. É nesse movimento firme, profundo e claro do operariado consciente, que já tem dado bellas provas da sua força, a ponto de provocar o *namôro* dos socialistas do parlamento, que Kropotkine funda as suas esperanças... e nós tambem.

Palavras de concordia

O *Avanti!*, orgam socialista democratico desta cidade, em seu número de 20 de julho, fecha um artigo da redacção com estas palavras: «Os socialistas-anarquistas admitem a luta de classe, a organização dos trabalhadores, a socialização dos meios de produção e de troca. Portanto estão de acordo conosco em muitos pontos essenciaes. Que importa que repudiem a luta eleitoral? Por ora, no Brasil, nem mesmo nós pensamos nella. Que importa que tenham da organização política da sociedade futura um conceito diverso do nosso? Temos tanto caminho que andar juntos até lá, que bem podemos esperar, para nos engalfinharmos, que tenhamos realizado, juntos, a expropriação da burguesia.»

Perfeitamente. Nós não queremos renunciar á propaganda do nosso metodo de acção, mas fazemo-la sem animosidades e em geral quando falamos do movimento na Europa ou contra os politicantes burgueses desta republica. E fazemo-la pela mesma razão por que propagamos o «socialismo sem adjectivos», ainda que nos repitam mil vezes que elle no Brasil não tem razão de ser. Mas comprehendemos o que o *Avanti!* pretende dizer; ha efectivamente, entre nós, acôrdo em pontos fundamentaes, mesmo sem necessidade de ser expresso, e a nossa acção será muitas vezes comum, mesmo sem pactos estabelecidos.

O que sobretudo nos importa, é o acôrdo dentro das associações de resistencia; e do artigo do *Avanti!* resulta, na afirmação da acção directa (pelo menos do sindicato operario) como propriedade comum de todo o «socialismo sem adjectivos», que é esse tambem o desejo dos redactores do *Avanti!*, como já era o dos operarios socialistas sindicados. Sempre defendemos aqui essa ideia. E o Congresso Operario aclamou-a com uma quasi unanimidade, contra dois votos de pessoas com as quaes o *Avanti!*, decerto, nada tem de comum. Entretanto, então... Mas não; não queremos perturbar esta hora de armonia, com recordações penosas, aliás de pouca importancia. O que passou, passou...

Do Brasil proletario

RIO DE JANEIRO

O movimento operario por aqui é sempre a mesma coisa, moroso, frio.

Os empregados no comercio começam a agitar-se; parece-me que têm vontade de levantar a cabeça, tendo já os empregados em casas de calçado obtido o fechamento ás 8 horas da noite. Não obstante ter a maior parte dos proprietarios de taes estabelecimentos, concordado com as respectivas comissões dos empregados, não fecharam sem a isso se verem obrigados pelos actos de energia praticados por um numeroso grupo de rapazes decididos, sem o que nada elles haveriam feito.

Os jornaes deram noticia muito resumida dos acontecimentos, mas eu os presenciei e fiquei satisfeito.

Houve energia digna de quem se sabe escravo e sente necessidade de liberdade: de quem está resolvido a sacudir o jugo, e não está satisfeito, mas trabalha para melhor conquista.

Os barbeiros organizaram-se em sindicato; os empregados em casas de fazendas e armarinho reuniram-se no dia 17, e é possivel que alguma coisa resolvam.

ALMEIDA.

ITU E SALTO

Como sempre nos recomendais, a todos os camaradas do interior, que vos informemos sobre as condições moraes e materiaes do operariado, envio-vos algumas notas relativas á vida operária no Salto e Itu.

Começarei pela «Força e Luz Ituana». Esta Companhia, composta de pessoas muito religiosas, despediu os operarios, por ocasião de acabar o serviço, em fevereiro p. p., sem fazer pagamentos. Alguns operarios, desconfiando dos taes, trataram de liquidar as suas contas como puderam; outros ainda não receberam. Outros ainda, mais resolutos, foram ter com o presidente da Companhia, sr. Octaviano, dono duma fábrica de tecidos, e disseram-lhe que queriam dinheiro ou generos da sua fábrica. Octaviano impingiu alguns metros de tela ao preço que lhe aprouve, e aos que lhe pediram dinheiro respondeu que ha de pagar quando tiver e que vão «amolar» o consul, que elle está tambem até as orelhas.

E vamos agora á mencionada fábrica do tal Octaviano. Ali o pagamento demora 3 meses ou 2, no minimo. Agora, para aproveitar até os esqueletos dos operários, pôs uma venda, e quando um operario lhe vai pedir dinheiro, responde: — Dinheiro, comigo, não ha; ali tem o que precisa, no armazem: tem medico, tem medicamentos, tem tudo. É só trabalhar bastante.

Passemos a Itu. Existe ali uma fábrica de tecidos, cujo dono tem todas as aparencias dum santo. Quanto aos operarios, só lhes conto um caso recente que posso testemunhar. Chegou aqui, ao Salto, um operario que vinha de lá, seguindo a linha ferrea, com um saquito ás costas. Como eu o interrogasse, disse-me que trabalhára naquella fábrica de Itu 6 meses, não lhe tendo sido possivel ganhar ao menos para a viagem. Dizem-me que aquella fábrica é uma mina... para os capitalistas.

Aqui, temos ainda a fábrica do Weisson ou «Companhia Italo-Brasileira». Os operarios desta fábrica não têm razão de queixa: podem estar todos contentes. É verdade que muitos estão tuberculosos... mas isso decerto é dos bailes e das pandegas. Do excesso de trabalho é que não é, porque elles *só* trabalham a bagatela de 12 horas por dia e ganham um desproposito!

Quanto á infancia, isto, aqui, é o ceu aberto. Miseras crianças dos dois sexos, de 6 a 7 annos de idade, entram no presidio de madrugada, encolhidas de frio, meio nuas, analfabetas, sem protecção de ninguem... Faço alto, porque não posso escrever isto sem comoção. Quando colherá a burguesia o fruto de tanta infamia? Só por isto a palavra «burguês» causa horror!

E os colonos, os nossos companheiros do campo? A este proposito, quero referir-vos uma conversa, que tive ocasião de ouvir, entre fazendeiros.

— O senhor tem muitos colonos e camaradas, *seu* Chico?

— A mim colonos e camaradas não me faltam.

— Pois eu precisava bem de uns poucos.

— Vocês não conhecem o meio de sujeitar colonos na fazenda. Eu na minha fazenda não consinto que espanhoes e carcamanos *façam camisa* (juntem dinheiro, peculio); nem que os caboclos sustentem cachorros... Da minha fazenda ha de sair tudo limpo!...

O Codigo fala-nos de salteadores... Mas, estejam descansados, não é destes: é dos pobres diabos que possam roubar um pão... a um rico.

Salto, julho de 1906. G. G.

CURITIBA

Declarou-se uma greve de sapateiros, que pediam um aumento de 25 o|o. Os patrões acabaram por ceder, exceptuando duas casas — as de Muggiati e de Hatsba e C.ª — contra as quaes foi proclamado o *boycottage* (o interdito economico, a abstenção da parte do público de comprar naquellas casas). Em vista da simpatia geral aos grevistas, o boycottage deve ter bom exito.

A greve foi auxiliada pela Federação Operaria Paranaense.

A primeira assembleia dessa Federação, que conta mais de 400 socios, reuniu-se no dia 15 do corrente. Ali foram aprovados os estatutos e escolhida a «directoria». Permitam-nos os companheiros organizados algumas observações á boa paz.

Que funções exercem o presidente e o vice-presidente? E se as funções não correspondem ao nome, para que esse nome equivoco então?

E que especie de «federação» é essa, com uma directoria, em que ha presidentes, vogaes? Mas uma verdadeira federação operaria (coisa diversa da federação dos Estados brasileiros, que representa um federalismo espurio) não tem mais do que uma comissão executiva federal, composta de delegados das sociedades federadas, com funções executivas perfeitamente iguaes, e escolhendo entre si apenas um secretario e um tesoureiro e, quando necessario, o redactor dum manifesto, etc., tudo em casos de pura divisão de trabalho, indispensavel numa organização.

Ou a «federação» não será associações federadas?! Seria, na verdade, um caso bem estranho!...

Um artigo de João Chagas

O número de 7 de julho do *Paiz*, do Rio, publicou um artigo sobre a *bomba* de Madrid, do conhecido escritor republicano português João Chagas.

Como esse escrito sai fóra da banalidade chocha dos pseudo-criticos do atentado, faremos sobre elle algumas considerações no proximo número.

Entretanto, recomendamos a leitura do mencionado artigo, cuja lealdade é digna de nota.

«A Luta Proletaria»

Está em distribuição o primeiro número deste mensario, orgam da Federação Operaria do Estado de S. Paulo. Inicia a publicação do relatorio da greve na Paulista.

Especulador ou policia?

Veio-nos ás mãos um folheto em espanhol, publicado no Rio de Janeiro com os seguintes dizeres na capa: «El atentado contrs Alfonso XIII. Causas del atentado. Justificación del hecho. Conspieacioões frustradas que fueron conocidas. Conspiraciones que se preparan. Interesantisimas revelaciones de un «Anarquista Español» que acaba de llegar a Rio Janeiro. 2.ª edición. Casa Editora: Hospicio, 214». Nome do autor, nehum...

Por este summario póde parecer que se trata unicamente da especulação dum vendilhão sem escrupulos, especie numerosa na bella sociedade actual. O momento é propicio para vender bem aquella mercadoria ignobil, e o publico engole com facilidade e deleite aquellas estupendas bestialidades sobre a anarquia e os anarquistas: é um romance á Ponson du Terrail, com bombas, punhaes, conspirações, e outras coisas de arripiar.

Mas certas passagens, todas as páginas mesmo do opusculo, fazem suspeitar que o autor é antes, ou tambem, um agente de policia.

Além de falar em «complots» frustrados, em sociedade secreta, em sorteios de executores e quejandas invenções da imprensa e da policia aliadas, tem estas palavras, atribuidas a um inventado e absurdo «anarquista español» que nem sabe o que é anarquia e chama anarquistas a Benot, Estévanez e Pi y Margall: «O rei de Espanha morrerá numa caçada. Depois do rei de Espanha tocará a vez á familia real portuguesa *(alegra-te, juis Veiga !)*. Tambem estão na lista de sacrificio outros dois reis europeus e dois presidentes de republicas hispano-americanas. Cairão, além disso, dois arcebispos.»

Ora, como se sabe, a policia internacional procura a adesão de todos os governos a um *comclot* contra os anarquistas.

Dum modo ou doutro, o papel em questão é uma immundicia bem digna das restantes porcarias da nossa sociedade, contribuindo para espalhar sobre os anarquistas uma lenda caluniosa e perversa.

NOVO RUMO

Periodico anarquista do Rio de Janeiro

Acha-se á venda nesta redacção e na AGENCIA JORNALISTICA de A. S. Jorge & C.ª

Rua de S. Bento (Charutaria Lealdade)

Registo d'entrada

Livros e folhetos

Os meus dez dias em Paris, por Campos Lima. Coimbra. 1906.

É um livro que se lê dum folego. leve, espumante e util. Rapidas impressões de viagem, a poesia do amor e das mulheres, recantos de paisagem, retratos de homens que estimamos, anedotas, curiosidades, pinceladas finas e ligeiras de critica a convenções, uma donzella vestida de azul ou um monumento iluminado na treva, tudo perpassa, impressiona e vibra no caleidoscopio do nosso camarada, — e o leitor, quando mal se precata, já voltou a ultima folha e fica chorando por mais...

Os estudantes portugueses emprehendem uma viagem a Paris. Vão carregados de graves responsabilidades... diplomaticas; Campos Lima é mesmo da comissão organizadora, que é por todos considerada uma especie de providencia... Ora para quem sente poucas disposições para carregador de bagagens... representativas e solenes, mais valeria escolher outra ocasião e ir ignorado, anonimo, ao contrário das majestades «incognitas». Mas o nosso amigo consegue desprender-se, ao menos em parte, e corre a visitar Jean Grave e o Louis Matha do *Libertaire*, banqueteia-se na semana santa com os livres pensadores, vê Janvion e Malato, almoça em casa deste, e, em quanto os colegas são recebidos pelo presidente da republica, como graves diplomatas, vai á *Ruche*, a doce colmeia onde Sébastien Faure — o Sebastião familiar das crianças — educa em liberdade o seu enxame de suaves abelhas. E aqui vêm as palestras interessantes sobre ideias e tacticas, as observações, os pontos de vista, os traços biograficos, tudo posto e disposto de tal modo que não ha um só cantinho para o enfado.

Campos Lima conseguiu fazer um livro que interessa a todos e que penetrará em todos os recantos sociaes.

Os camaradas vão certamente escrever-nos a pedir o volume; mas Campos Lima foi tão imprevidente que só nos enviou um exemplar. Mandámos pedir mais. O preço será naturalmente de 1$000 reis.

•

Une colonie communiste, Émile Chapelier. «L'expérience», colonie communiste libertaire de Stockel-Bois, par Woluwe (Belgique). Prix: 10 centimes.

São as razões de ser dum «meio livre» expostas por um dos seus fundadores: «como vivemos e porque lutamos».

Logo que no-lo permita o espaço, começaremos a tradução desta brochura na *Terra livre*, fazendo-a seguir de considerações nossas ou de escritos pró e contra este genero de experiencias.

No fim do opusculo, o autor anuncia-nos que a policia procura matar esta obra pacifica dos nossos camaradas. Isto põi em destaque a necessidade que ha de reivindicar revolucionariamente o direito á livre experiencia, que inclue o reconhecimento aos outros de igual direito. E os imbecis dizem que os violentos são os anarquistas!

•

Ainda as greves, a ordem republicana e a reorganização social.

A proposito da greve da Companhia Paulista de Vias Ferreas e Fluviaes. Igreja do Apostolado Positivista do Brasil. Rio de Janeiro.

Os comtistas defendem o direito de greve pacifica, a arbitragem, e combatem a intervenção da força publica nas greves.

•

As relações entre os catolicos e os positivistas. Do mesmo editor.

É a exposição resumida das ideias de Comte sobre a separação do Estado da Igreja e do ensino, entre o poder temporal ou politico e o poder espiritual, e sobre a influencia do catolicismo para salvar a ordem e manter a disciplina (a que nós chamamos roubo e opressão).

•

Em leitura:

Pobre mulher, drama, Nathanaël Pereira;

Os Rebeldes, José Augusto de Castro;

Gli anarchici nel movimento sociale in Italia, Domenico Zavattero;

E alguns folhetos.

— Recebemos os periodicos: *A Nova Era, O Operario, La Révolte, L'Action Directe*, sobre os quaes diremos algumas palavras no n.º proximo.

El Estado, su papel histórico

por Pedro Kropotkine

Folleto de 64 Páginas

Preço, 300 reis

El Hombre y la Tierra

Esta grandiosa obra de Reclus tem uma edição espanhola monumental. A tradução é devida á penna do conhecido e integro revolucionario Anselmo Lorenzo, sob a revisão de Odón de Buen.

EL HOMBRE Y LA TIERRA divide-se em quatro partes — *Os primitivos, História Antiga, História Moderna, História Contemporanea*, — e formará 4 tomos de regulares dimensões, com cêrca de mil gravuras.

Publicar-se-á semanalmente em fasciculos de 24 páginas, por 50 CENTIMOS DE PESETA.

Os pedidos podem ser feitos directamente ao administrador ALBERTO MARTÍN — Apartado de Correos 266 — Barcelona.

"Terra livre,, no interior

Para assinaturas, para a entrega de qualquer quantia destinada á «Terra livre» ou á sua biblioteca, os nossos leitores dirijam-se:

Em **Jundiahy**, a José Miguel Madeira;

Em **Santos**, a Saturnino Fernandes.

Procuraremos arranjar agentes voluntarios em outras localidades, tanto do interior como dos Estados.

Aquelles que costumam encarregar-se de listas de subscrição poderiam escrever-nos, dizendo se aceitam ou não o encargo de agentes. A existencia dum agente facilita muito o pagamento das assinaturas e quotas voluntarias.

Leiam:

NOVO RUMO
Periodico socialista-anarquico.
Endereço: Rua do Hospicio, 210 (1.º andar)
Rio de Janeiro.

LA BATTAGLIA
Periodico settimanale anarchico.
Anno, 10$000; semestre, 5$000; trimestre, 3$000.
Caixa postal 547 — S. Paulo

L'UNIVERSITÀ POPOLARE
Rivista quindicinale diretta dall'avv. Luigi Molinari
Via Tito Speri, 13 — Mantova, Italia.
Anno, 5$000; semestre, 2$500. (Nesta redacção)
(Manda-se um número especime).

LES TEMPS NOUVEAUX
Ex-journal «La Révolte»
Paraissant tous les samedis
avec un supplément littéraire illustré
4, rue Broca — Paris, V
Anno, 6$000; semestre, 3$000. (Nesta redacção).
(Manda-se um número especime)

RÉGÉNÉRATION
Organe de la Ligue de la Régénération Humaine
Fondée par Paul Robin.
Procréation consciente et limitée
27, rue de la Duée — Paris, XX
Anno (12 numeros), 1$500 (nesta redacção)

Dinheiro extraviado

Já por várias vezes se tem extraviado dinheiro enviado á «Terra livre». Da ultima vez foi por falta de cuidado ou por preguiça do portador duma quantia mandada do Rio pelo companheiro Magrassi.

Recomendamos, em vista disso, com instancia: que os companheiros que encarregarem um portador de nos trazer dinheiro no-lo comuniquem immediatamente, sem falta, pelo correio, para que possamos reclamar logo a quantia.

E se qualquer quantia, por este modo remetida, não for publicada, o remetente deve sem demora avisar-nos disso, afim de remediar um esquecimento que por ventura tenha havido.

PORQUE SOMOS ANARQUISTAS?

E' inutil fazer pedidos deste folheto, porque a edição está inteiramente esgotada.

Propaganda pelo opusculo

Afim de continuar a propaganda por meio do folheto, decidimos encetar a BIBLIOTECA DA «TERRA LIVRE» *com a brochura de 16 paginas*

O QUE QUEREM OS ANARQUISTAS

do camarada Jorge Thonar, fixando desde já os seguintes preços:

1 exemplar	*$100*
25 exemplares	*2$000*
50 »	*3$500*
100 »	*5$000*

Os pedidos podem ser feitos desde já, e, sendo possivel, desde já acompanhados da sua importancia, havendo urgente necessidade de dinheiro para as primeiras despesas, que, dadas as nossas possibilidades, não são insignificantes. Não poderemos mesmo dar começo de realização a esta iniciativa sem esse adiantamento de fundos por parte dos camaradas.

Para aquelles que enviarem o dinheiro desde já, antes da publicação do opusculo, os preços são os seguinte:

6 exemplares	$500
15 »	1$000
35 »	2$000
60 »	3$000
100 »	4$000
130 »	5$000
280 »	10$000

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço, somos forçados a deixar para o proximo n. um artigo sobre a PATRIA *do camarada L. M. F., a continuação do artigo* ESTAMOS NO ELDORADO, *do n. anterior, etc.*

Biblioteca de Estudos Sociaes

Livros e folhetos de propaganda anarquista, em idioma italiano

A 100 REIS

Giovanni Most, *La Peste Religiosa.*
Domenico Zavattero, *Il Giuoco della Borghesia*
» » *Scienza e Famiglia*
» » *Ozio e Lavoro*
» » *Il Pudore*
Paolo Delesalle, *La Resistenza Operaia*
Nicolò Converti, *Che cosa è il Socialismo*
F. Domela Niewenhuis, *La donna e il Militarismo*
Emilio Silvieri, *Giorgio e Silvio*
Eliseo Reclus, *L'evoluzione legale e l' Anarchia*
Nino Samaja, *La Legislazione Operaia*
R. Rousselle, *Il Maestro* (bozzetto drammatico)
René Chaughi, *L'immoralità del matrimonio*
F. Pelloutier, *Sindacalismo e Rivoluzione Sociale*
Sebastiano Faure, *I delitti di Dio*
Pietro Gori, *Guerra alla Guerra*
Errico Malatesta, *La politica parlamentare nel movimento Socialista*
Pietro Kropotkine, *Basi scientifiche dell' Anarchia*
Carlo Malato, *Religione e Patriottismo*
Lo Sciopero Generale, il suo scopo e i suoi mezzi

A 200 REIS

Pasquale Pensa, *Vittime e pregiudizi*
Pietro Gori, *Emilio Zola*
» » *Ideali e battaglie* (poesie scelte)
Emilio Z. Arana, *La medicina e il proletariato*
Erriro Malatesta, *Al Caffè*
Abbate ***, *Le vergogne del confessionale*
Carlo Malato, *Ricordi su Luisa Michel*
W. Tcherkesoff, *Pagine di Storia Socialista*
Carlo Albert, *Il Libero Amore*
D. Zavattero, *Gli anarchici nel movimento sociale*
Libero Merlino, *L'Azione Parlamentare*

A 300 REIS

Edoardo Milano, *Primo Passo all' Anarchia*
Luciano Descaves, *La Gabbia* (dramma sociale)
Abbate F. Bigliazzi, *Ciò che si fa nei seminari e nelle parrocchie*
Giulio Cesare, *Idoli infranti* (dramma sociale in 4 atti)
Michele Bakunine, *Il Socialismo e Mazzini*
Pietro Kropotkine, *Lo Stato*

PREZZI DIVERSI

[illegible] Rafanelli-Polli, *Un sogno d'amore* (romanzo sociale)	1$200
Gerardo Hauptmann, *I tessitori* (dramma)	$500
Leonida Andreieff, *Il riso rosso*	$500
Luigi Fabbri, *Lettere ad una donna sull' Anarchia*	$800
Luigi Molinari, *Il tramonto del diritto penale*	$800
Leone Tolstoi, *Gli orrori del Militarismo*	1$000
Pietro Gori, *Gente Onesta* (dramma)	$400

Os pedidos, acompanhados da respectiva importancia, devem ser dirigidos a ATTILIO GALLO, Rua do Lavapés, 279, ou a esta redacção.

CAIXA DO CORREIO

Portugal. — *Cid e Nobre.* Pedimos mandem alguns dramas, peças em português.

Jundiahy. — *Armenio.* A quantia que tem para «a Terra livre», pode entrega-la ao companheiro J. Miguel Madeira, assim como qualquer quantia que no futuro tiver que enviar-nos.

Munições para "a Terra livre,,

SUBSCRIÇÃO VOLUNTARIA

Saldo do número 11	7$000
Lista de Fernandes Casal (Santos) T. F. Alves, 3. A. José, 2. J. d'Almeida, 1.500. — Lista do Nilo: A. Teixeira, 2. C. Reis, 1. A. Pinheiro, 1	10$500
Lista de Almeida (Rio): M. D. d'Almeida, 3.600. A. Braga, J. Braga, A. Cardia, A. Côrte, J. Couto, J. Belleza, 500 cada um; Sousa, A. Campos, Lobo 300 cada um; O. Rosas, Velludo, A. S. Santos, O. Poffetti, P. Vicenzi, 200 cada um; Vidal, 400. D. Cunha, 1. Garcia, 100. Do extinto Gremio familiar de S. Cristovam, 5	15$000
Lista de Saturnino Fernandes (Santos): V. Marotta, 2. S. Fernandes, 2. M. G. Anta, M. Gago, H. A. Coriscos, Faustino M. A., A. da Cunha, José de... (?), G. Barreira, A. G. Rodrigues, J. Martins, A. Espineta, 1. cada um; M. Nicolau, 500. A. Cêhóviz, 500. Um anonimo, 500. Menos 800 para o correio	14$700
De Palmeira: S. Minardi, R. Ganassoli, C. Mezzadri, L. Ferrando, A. Artusi, A. Zefiro, P. Colli, Aldino, J. Mota, P. Bonanzin, 1 cada um; G. Lotticì 500. M. D. Piceni, 500. C. Carzino. 2. Total 13.000, metade a *La Battaglia*	6$500
Do Salto: M. da Silva, E. M., F. Antunes, A. Jene, J. Amaro, Tiburcio G., M. F., José Pinto B., A. C. Almeida, M. Ferreira, 1 cada um; G. Rodolfo, J. A. Bento, J. de Oliveira, A. Quinarelli, G. Moraes, O Anti-Cristo, 500 dada um: J. Gonzalez, 1.500	14$500
De Rodrigues Alves: A. Rodrigues, 2. B. Barretto, 1.500. E. Bernascon, J. Fortunato, J. d'Oliveira. D. Barbeiro, A. Casado, S. d'Almeida, T. Braga, G. Balion, G. Bréga, M. Cotta, 1 cada um	13$500
C. Reina (Curitiba)	2$000
Lista de Garcia: A. Alves, J. Dadio, F. Norberto, F. de O. Gomes, P. Simões, 1 cada um; Garcia, 7	12$000
Lista do Tavani: Mingacci, 9. Sandri M. 5. F. Mena-Rini, Senza Confini, E. P., Raimondi, G. Piccolo, 1 cada um; Annita Sandri, 500. Manelli, 500. Desta lista foram publicados 15$ no n. 11. Resto	5$000
Lista de Compaña: F. Benevento, 2. Sanz Duro, 1. Compaña, 2	5$000
Lista de V. Fener (Santa Rita): Un povero, 200. Perisca il papato e avanti «a Terra livre», 200. Dov'è, o' papato, il tuo prestigio? É perduto! 200, E la fin del tuo dominio è prossima, o rettile immondo, 200. Il nemico di dio e dei suoi santi è la Bestia apocaliptica che S. Giovanni descrive coiì bene in Apocalipsse (Cap. XIII e XVIII), 200. Smascherate gli ipocriti! F. Tarabella, 500. E chi non sà che la chiesa papale è una sinagoga ei sotana! 500. La pace di Dio sia con gli uomini da bene. L. Barro, 300. Le religioni sono menzogne, 300. Un prete, 200. Vasco Rigonati, 500. Simpatizante do socialismo, 500. Um assinante da «Battaglia», 500. Livrai-nos das fronteiras, 500. Um que não crê em nada, 500	5$700
Lista da redação: P. Alarcon, 2. Venda, 700. Poccai, 500. F. A. Costa, 3. Cordeiro, 2. B. Garré, 1. Gallo, 1. Pascoal, 1. Guerrero, 1. Romero. 1. Batini, 5. Edgard, 1.800. Vasconcellos, 300. M. Artacho, 1. Telles, 1. Gallo (folhetos), 3. Baptista, 1. Artur, 5. J. Corona (Rio), 800. Bollas. 800. Camacho, 800. 1 exemplar do «Germinal», enviado por Cid 1.500 Sanz Duro, 1, J. Puerta, 2. Filipe, 1	39$200
José Selles (Ribeirão Preto)	5$000
Olimpio Inhatá (Rio)	2$000
ASSINATURAS	
S. Paulo: T. R., 2. E. V., 1. Campinas: S. E., 2. A. G., 2. A. S., 4. L. R., 1. J. M., 1. R. D., 2. A. F., 1. J. M., 1. Santos: L. C., 2	20$000
Total	177$600

SAÍDAS (n.os 12 e 13)

Tipografia (n. 12)	50$000
» (n. 13) (1)	55$000
Imp. e papel	60$000
1.000 listas de subscrição	12$000
2 livros em branco	1$600
Correio	20$000
Carroça (2)	12$000
Somma	210$500
Entradas	177$600
Deficit	32$900

(1) Houve aumento de composição.

(2) Por engano, foram impressos 2.000 exemplares do n. 12, sendo reenviadas as pág. para mais 1.000 exemplares. D'aih o aumento do carreto.

A Terra Livre, São Paulo, 15 de Agosto de 1906, Anno I, Número 14.

a Terra livre

O HOMEM LIVRE SOBRE A TERRA LIVRE. GOETHE

ANNO I — SÃO PAULO (BRASIL) — QUARTA-FEIRA, 15 DE AGOSTO DE 1906 — NUMERO 14

EXPEDIENTE

A TERRA LIVRE, que se publica por SUBSCRIÇÃO VOLUNTARIA, aceita tambem assinaturas nestas condições:

Serie de 25 numeros	4$000
« « 12 «	2$000
« « 6 «	1$000

Administrador: EDGARD LEUENROTH.
Toda a correspondencia a *Neno Vasco*,
Rua Maria Domitilla, 88 — São Paulo.

Casos & Ocorrencias

Lá se vai a «revolução» de Mato-Grosso. Pouco ou nada mais foi do que uma rixa entre duas oligarquias — porque o governo, o poder cubiçado, nem sequer é capaz de satisfazer ao mesmo tempo todos os ricos e influentes: mesmo entre estes ha contendas e altercação em torno da mesa do orçamento, do queijo da influencia e do mando; dentro do proprio privilegio se formam privilegios. Em todos os países ha sempre, pelo menos dois bandos que disputam e se revezam no poleiro, e que conseguem interessar nas suas brigas uma multidão de pobres diabos inconscientes dos seus vitaes e verdadeiros interesses.

O presidente do Estado foi morto pelos pseudo-revolucionarios, e nem por isso houve grande alarma. Até, como o presidente da republica, parece que por odios de capella, pedisse o estado de sitio depois daquelle presidenticidio, foi-lhe negado, e os jornaes disseram que, restabelecida a paz, tudo estava bem... Como se vê que a questão é entre «homens de ordem»! Imagine-se que se tratava de verdadeiros revolucionarios...

*

Os salvadores andam em viagem cara, á custa do contribuinte, o qual está muito satisfeito e confia extremamente nos salvadores e nas viagens. Ai! ainda não passou o tempo dos messias! Viaja o futuro presidente, providencia por eleição... á socapa, gastando dinheiro á farta, e já o país de norte a sul se julga salvo! Depois virá a desilusão, desejar-se-á outro messias, serão feitas promessas, esperar-se-á, e assim por diante — nessa infantil ilusão messianica, feita de inercia e de cobardia, alimentada pela existencia e pela acção dos governos!

*

Outro caixeiro-viajante, de quem muito se espera, é o sr. Pierpont Morgan, perdão! o sr. Elihu Root, que, segundo vagas informações diplomaticas e oratorias, procura formar o *trust* dos governos americanos... contra os povos — como são todos os *trusts*, inclusive o da carne, que envenena.

Quanto ao falso internacionalismo do convenio conspiratorio pan-americano, não nos diz *rien qui vaille*... Que internacionalistas! O internacionalismo da exploração e da tirania, com conluios e medidas secretas contra os revolucionarios, esse é ali possivel: e a republica norte-americana, ninho de sanguesugas prepotentes, que prohibe a entrada á gente «perigosa» e tem moderado respeito pela liberdade de pensar e de agir, é boa inspiradora.

O verdadeiro internacionalismo surge de baixo: elle apagará as fronteiras e varrerá os *trusts* e governos...

*

Antonio Prado, o da greve, dizem que será candidato á presidencia deste Estado. Esse ou outro, afinal, pouco nos importa; a nossa questão não é de pessoas, é com a propria função inutil e nociva do governo. Demais o governo, dum modo ou doutro, cai sempre nas mãos dos homens daquella classe. Mas, ainda assim, não é mal escolhido o momento de subir, para este homem nada simpatico ao elemento operario! Oh! a «vontade popular»!...

É mais um antigo aulico que ocupa as cadeiras do poder, com barrete frigio na cabeça. Como se lembra que devem ser trazidos pa[illegible] do imperador, nós lembramos que venha toda a familia imperial subsistente, para fornecer pessoal á alta magistratura republicana. Significativo e justo esse abraço fraterno entre a republica e a monarquia! Propomos que o principe imperial seja nomeado presidente — vitalicio: D. Pedro III, presidente perpétuo dos Estados Unidos do Brasil, republica hereditaria e constitucional, sob a protecção da Santa Madre Igreja... Armas: uma coroa imperial, encimada por um barrete frigio, e uma carabina e um chicote cruzados...

Aos camaradas, aos simpatizantes, aos amigos sinceros de Terra livre, *fazemos notar que devem sobretudo atender á* SUBSCRIÇÃO VOLUNTARIA, *porque a assinatura é mais para os estranhos, para os curiosos, do que para os camaradas que desejam colaborar eficazmente na nossa obra.*

Falam três loucos e criminosos...

O suplicio público dum rei muda o espirito duma nação para sempre.

DIDEROT.

*

Quando leio as crueldades dum tirano feroz, as subtis negruras dum padre infame, de boa vontade iria apunhalar esses miseraveis, embora nisto tivesse de perder mil vidas.

ROUSSEAU.

*

Tudo, digo tudo, é permitido ao homem para romper as suas cadeias... Um despota, um carcereiro ou um mercador de escravos são três seres consagrados ao punhal daquelle que elles agrilhoam, se elle tiver a menor esperança *de despedaçar os grilhões por tal preço.*

MIRABEAU.

A BOMBA DE MADRID

SOBRE UM ARTIGO DE JOÃO CHAGAS

No seu artigo publicado no n. de 7 de julho do jornal *O Paiz*, João Chagas começa por afirmar que a bomba de Madrid não é uma ideia, mas um homem. Se quer dizer — e noutro ponto do artigo, falando lealmente e com simpatia do anarquismo parece confirmá-lo — que ella não representa um partido, está bem. O acto de Morral, mais do que atentado anarquista, deveria chamar-se acto de rebeldia, de revolta ou de protesto. É de todos os tempos e de todas as ideias, e se alguem quisesse refugiar-se, atemorizado, no seio de algum partido livre desses actos, teria de recolher-se... á vida privada, sem ideias.

Mas seria o acto de Morral um acto de loucura? João Chagas diz que sim, sem hesitar. Nós, um pouco mais cautos, não temos a pretenção de garantir que todos os actos praticados por anarquistas não sejam de demencia. É tão facil conceber-se o desespero nos perseguidos! É tão facil enlouquecer nos calabouços dum Montjuich! Mas o facto é que, a respeito de Morral, a autopsia foi um desastre para a sciencia oficial e servil. Vejamos, ao menos, se as razões de João Chagas são inteiramente seguras.

> A bomba não é nova. Desde que se descobriram os explosivos que se atiraram bombas. Essas bombas, porém, tinham um objectivo patente, que sempre foi um homem. Por via de regra, a bomba foi uma arma regicida. Continha um pensamento explicito e sobre o qual não houve equivocos: A bomba atirada sobre a multidão não contém pensamento algum: é vazia de sentido.
>
> O dementado que atirou a bomba de Madrid poderia talvez responder que o seu objectivo era igualmente um homem e que esse homem era o rei da Espanha. Similhante objectivo é, porém, tão obscuro que elle não o atinge. Atira a bomba sobre a carruagem do rei, que sai ileso, e mata meio mundo, ao qual, segundo essa presunção, o seu ingenho não era dirigido.
>
> Se devessemos admitir que esse homem queria matar o rei, teriamos que o julgar como um alienado. Só um doido seria capaz de conceber um plano tão disparatado para destruir uma existencia alheia. Pôr em risco a vida de toda a gente, para dar cabo de uma só, não é ideia de quem está no seu juizo.

Se o ilustre escritor tivesse reparado mais atentamente na historia dos atentados, veria que o objectivo da bomba de Orsini, contra Napoleão III, era igualmente equívoco e pouco explicito, a avaliar pelos resultados: o imperador sai ileso, e a bomba atinge meio mundo, entre o qual 11 crianças e 21 mulheres. No entanto, o mundo revolucionario, então patriota e republicano, viu claro o objectivo — e regozijou-se. Mais: o exemplo foi seguido. Entre outros, o atentado num quartel de Roma, a 22 de outubro de 1867, o qual fez tambem victimas innocentes.

Quantum mutatus ab illo! «Em quanto a republica andou pela Europa, foragida, a bater-se nas barricadas, ella embriagou»... Hoje triunfou, a revolução passou adiante, e os republicanos — mesmo na oposição, mesmo quando, como em Portugal, são mais «verdadeiros» e numerosos do que... nas republicas — assustam-se com os actos ameaçadores que ultrapassam as linhas do seu programa só antimonarquico, e investem contra elles desordenadamente, servindo-se de argumentos que *provam demais* (respeito á vida, víctimas innocentes, etc.) e esquecendo que a reacção governamental, — que não se importa das víctimas innocentes, das crianças e das mulheres, quando se trata de guerras ou de fuzilar o povo desarmado que reclama, — explora ignobilmente neste momento o facto de ter a bomba de Madrid causado «desgraças», como disse o proprio Morral ao bom Nakens.

Tambem uma insurreição póde causar víctimas innocentes. Não as fez o 31 de janeiro no Porto? É seguro pôr-se a disparar tiros em pleno coração duma cidade? João Chagas, ultimamente, achou impraticaveis as insurreições; mas simplesmente por causa dos meios de repressão existentes, e não porque sejam infamias, ou actos de loucura, ou inuteis, mesmo quando vencidas, mesmo quando alguem profetisára: «Vai ser um desastre»... João Chagas atribuiu ao 31 de janeiro, revolta vencida, uma boa parte dos progressos do seu partido em Portugal.

Pelos resultados obtidos, é certamente de lamentar o acto de Morral, que póde mesmo ser uma contra-indicação para o emprêgo da bomba em muitos casos. Mas, com um pouco de boa vontade, não é dificil «admitir que esse homem queria matar o rei». Uma simples coincidencia, a obra dum instante o impediu: o coche parou naquelle momento. É possivel que Morral não se importasse de ferir um ou outro cortesão ou general; mas os jornaes reconheceram que a bomba ia bem calculada, e as proprias palavras de Morral a Nakens revelam as suas intenções. Elle, que era um propagandista, um homem afectuoso, um bom amigo das crianças!

Para que escolheu então aquella ocasião? É tão simples! Ali não havia apenas «uma rua cheia de gente», cheia, por exemplo, com uma manifestação operaria de grevistas... Havia um cortejo real, a côrte mais faustuosa, precisamente no país mais miseravel. Havia uma pompa insolente, provocadora, diante da miseria atroz de populações famintas emigrando em massa, em quanto se encarceravam, se perseguiam *continuamente*, nesse mesmo instante, homens que ousavam pensar em voz alta e se condenavam alguns a muitos anos de presídio por meros artigos.

«Morrer, matar, são actos negativos e a vida afirma-se pela vida»... Sim; mas seria preciso convencer disso primeiramente os autores dos verdadeiros atentados contra a liberdade e a vida, o caçador e não a lebre. Ora, muitos querem por força convencer-nos de que foi a lebre que começou a caça... Mata-se muitas vezes precisamente em nome da vida, para a defender: e era em nome da vida, por exemplo, que um dos membros do actual directorio do partido republicano português, Antonio José d'Almeida, invocava eloquentemente em público comicio, o *direito de matar* contra os infames algozes de Maria Spiridonoff.

Mas «mata-se um tirano e vem outro. É raro que um regicida traga consigo a liberdade». Oh! quantos actos elogiados este raciocinio condenaria! O do homem que, com perigo evidente, se lança á agua para salvar um similhante — e perece afogado... E os de tantos que, na história, se sacrificaram... inutilmente — ao menos, nos efeitos immediatos e superficialmente visiveis.

Mas, se um erro de cálculo, em materia tão dificil, em que os elementos não são todos bem conhecidos, é bastante para merecer a um homem o qualificativo de louco, então estamos num mundo de loucos! Que pechincha para os psquiatras á Lombroso! Ha tanta gente que, para curar os males sociaes, nos fala em substituir o pessoal do governo, em fazer uma modificaçãozinha na máquina central! Ha tantos que atribuem as desgraças dum povo a um rei, a um ministerio! Está tão espalhado o erro centralista! O proprio João Chagas não está bem certo: «É raro que...» ¿Porque não disse: «é impossivel»...

E quem lhe disse que Morral pretendia tanto? O proposito do atentado é muito mais modesto; e a prova mais flagrante é que não se dá em países como a Inglaterra, de liberdade muito relativa. Rei morto, rei posto; mas não poderá este último ser mais ajuizado? Engano? Talvez; mas é bastante dificil de provar; o mesmo Ferri, que não é anarquista, caiu um dia nelle...

Demais, é provavel que o fim de Morral fosse chamar a atenção para um contraste violentamente injusto, abalar com um protesto clamoroso as consciencias adormecidas. Não o conseguiu? São suficientes para responder os efeitos superficiaes e evidentes? Podemos neste caso ter a segurança de matematicos manobrando dados conhecidos? Ó «sociologos» precipitados e arrogantes, meditai!

Por trás do acto de Morral, não se vê bem a demencia; vê-se mais claramente a revolta!...

OPERARIOS! lêde o interessante livro de ELISEU RECLUS

Evolução, Revolução e Ideal Anarquista

Volume de 152 páginas pelo preço de 1$000

OS COMPANHEIROS que, para propaganda, desejarem adquirir um numero regular de exemplares, terão um abatimento razoavel: 10 ex. 10 %; 20, 20 %; 30, 30 %; 40, 40 %; 50 ou mais, 50 por cento. Apenas esgotado este livro, emprehenderemos a publicação de outro.

Pró Russia livre

CAMARADAS:

Auxiliemos de modo eficaz, na medida das nossas forças, os revolucionarios que na Russia se batem desesperadamente pela emancipação propria e, em virtude da solidariedade natural que liga todos os seres humanos, todos os países, todos os acontecimentos, pela emancipação de todos!

Continúa aberta em nossas colunas a subscrição pró Russia revolucionaria: o seu produto será enviado a Pedro Kropotkine, como tem sido feito de muitas outras partes, para ser destinado a auxiliar materialmente o movimento revolucionario russo.

Subscrição Pró Russia livre

Transporte	18$000
Romero	2$000
Total	20$000

Dinheiro enviado até hoje: 13 libras.

OS NOSSOS MEIOS DE ACÇÃO

No penultimo número da *Terre livre* tratámos de mostrar a pobreza de ideias do tal Pangloss do «Paiz» em materia de doutrinas economicas e quanto á razão de ser do socialismo no Brasil. O que elle diz sobre os partidos revolucionarios e suas tacticas não revela menos ignorancia. Segundo elle, nós afirmamos «que o operariado deve desprezar os recursos legaes e só confiar na subversão da sociedade». Dito deste modo, isto poderia significar que nós só temos um meio de acção permanente — o emprêgo da força, e que desdenhamos as liberdades que porventura a lei se tenha lembrado de registar. Ora não é nada disso.

Certamente, como qualquer outro partido, entre os quaes o republicano, não repudiamos o emprêgo da força *revolucionaria*, e não por gosto, mas por necessidade. Da nossa parte, fazendo propaganda, iluminando consciencias, difundindo a necessidade sentida, a vontade de melhorar, de mudar, auxiliamos até a evolução pacífica e contribuimos para tornar mais rapidos, menos dolorosos e menos frequentes os conflictos entre uma sociedade nova que quer abrir passagem e uma sociedade combalida que teima em ficar; ao passo que as classes monopolizadoras, contrariando a propaganda, reprimindo os protestos, espalhando o odio, não fazem mais do que favorecer a violencia da explosão e o prolongamento das dores do parto.

Não repudiamos a força; mas nenhum partido nos póde censurar por isto. Antes, ao contrário de todos os outros partidos, nós damos á força um papel muito limitado: só a admitimos em forma de *resistencia*, isto é, para destruir a *violencia*, para reivindicar um direito. A violencia impede-nos o exercicio dum direito, que reconhecemos nos outros, estorva a livre exposição e experimentação das nossas ideias; e então nós destruimos com a força essa violencia inconvertivel, mas paramos ahi e deixamos que os outros livremente exponham e experimentem as suas ideias proprias, procurando pôr-nos de acordo para o respeito mutuo.

Ao passo que os não-anarquistas, os autoritarios vão mais longe: destroem a violencia nos outros, mas usam-na em proveito proprio. Sobem ao governo, ditam leis, impõem aos outros a sua vontade e as suas ideias.

Nós sabemos que o direito reivindicado não é duradouro e firme por causa do golpe de força destruidor da violencia que o impedia, mas sim por causa da consciencia nitida que tivermos desse direito e por causa da vontade decidida que tivermos de o gozar; e por isso esforçamo-nos principalmente por incutir essa consciencia e essa vontade. Ao passo que os autoritarios, atribuindo á violencia um poder criador, servem-se da força para resolver tudo; e por isso procuram sobretudo conquistar o poder, para lá de cima, pela imposição, darem solução a todas as questões. Elles impõem-nos até uma arte, uma sciencia, uma religião; e quando obrigados a satisfazer o espirito novo, desistem da imposição duma religião oficial, por exemplo, só sabem fazê-lo empregando ainda a violencia contra novos perseguidos. Para evitar os crimes, para resolver um problema economico, para ensinar, para tudo, só têm um meio: a violencia! E são elles que dizem que nós só confiamos na subversão da sociedade!

*

Quanto a desprezar os recursos legaes, é preciso que nos intendamos. Já, em termos claros, o explicou um nosso camarada, Malatesta: «Nós somos adversarios do *legalismo*, que consiste em pretender resolver a questão social e conquistar a emancipação mediante a lei; mas isso não quer dizer que recusemos servir-nos dos meios que cremos uteis, quando porventura a lei não os prohibiu, e só porque a lei os não prohibiu. Fazemos um jornal, que é coisa perfeitamente legal; associamo-nos, o que tambem é legal; e pretendemos reunir comicios populares, falar em público, fazer demonstrações, etc., tudo coisas legaes, embora a polícia, aproveitando a docilidade do povo e a nossa fraqueza, se permita agora muito frequentemente impedi-las. Demais nenhum revolucionario pensou jamais em renunciar a respirar, a comer, etc., só porque a lei fez o grande favor de não o vedar!»

Sucede até com frequencia que somos nós que estamos dentro da legalidade e que é o governo que se coloca fóra della, fazendo uma excelente propaganda pelo facto contra a lei. É que as liberdades, que elle consente no papel, são apenas para vista; quem lhes tocar, o governo, como o leão da fabula, começará por lhe torcer o pescoço.

Tambem sucede, ainda que muito menos vezes, que nós, pouco respeitadores de fórmulas arbitrarias, estamos fóra da lei. Mas como progredir sem isso? A lei é sempre retardataria, e se nós evoluissemos no círculo estreito que ella nos traça, marcariamos passo eternamente. Em geral, porém, agimos dentro da lei, usando a até ao seu limite extremo — o que não é muito do agrado da autoridade, que não concede as liberdades para que... sejam usadas, e que quer ter o privilegio das violações e dos golpes de Estado.

E depois ha toda uma esfera da vida individual e social, uma categoria indeterminavel de actos sobre os quaes a autoridade não tem presa alguma, que não são legaes nem ilegaes, mas estão fóra da alçada da lei, são ignorados por ella. Como se póde pôr um polícia dentro de cada lar, junto de cada consciencia, ao lado de cada braço? E o proprio polícia é incontaminavel, um automato de ferro?

Ás vezes esses actos parecem insignificantes, não têm etiqueta, quando são vistos; mas difundem-se, aglomeram-se, coordenam-se, formam bloco, formam ambiente, e quando a autoridade desperta e quer intervir é já tarde: ella propria é arrastada no turbilhão.

Em summa, a resistencia á autoridade não se restringe aos largos gestos de força reivindicativa. Ha uma vasta resistencia activa e passiva que escapa a toda sanção. Ha actos de resistencia positivos inaprehensiveis, realizações de cada dia, afirmações da vontade, expansões, satisfações de necessidades, esforços pertinazes e silenciosos para viver o mais intensamente possivel, o mais solidariamente possivel. Ha actos de resistencia negativos, ainda mais irreprimiveis, irrefreaveis, que consistem em não prestar apoio a instituições condenadas, em furtar-se a exigencias, em abster-se de cooperar no prestigio e no fortalecimento de mentiras, de dogmas, de poderes. Em tudo isso, o Estado é impotente. Nós clamamos sempre: agir! agir! Mas a acção não se confina em limites estreitos, e tem, apesar de tudo, um campo bastante vasto, onde a anarquia se expande.

*

Uma coisa em que, por exemplo, não cooperamos é o fabrico das leis: não queremos fazer uma educação antilibertaria, colaborar no prestigio da autoridade com o nosso consentimento expresso no voto eleitoral. Para nós, as leis são inuteis porque nada garantem; e são nocivas (bem como as eleições e o parlamento) porque adormecem as iniciativas e fazem confiar em providencias.

E Pangloss é um pouco da nossa opinião! Elle diz no mesmo artigo:

> Se só isto (o pensar «que as garantias constitucionaes tambem abrangem aos que não reputam um ideal a organização economico-social ora existente») basta para fazer um homem suspeito, se nesta Republica democratica, professar estas ideias e propagar estas opiniões, é bastante para colocar os cidadãos sob a vigilancia da polícia e legitimar a prisão delles, sem embargo das garantias legaes, então não vejo bem a diferença que ha entre esta republica e a autocracia do tsar de todas as Russias.

Justo! É por isso que é provavel que se verifique a desalentada profecia com que Pangloss fecha o artigo:

> O que cumpre é encarar de frente a questão, e atender, por meio de uma conveniente legislação sobre o trabalho, ao que representa necessidades reaes e ingentes, que cada dia mais vigorosamente se impõe, e que, a continuarem a ser desconhecidas, vai determinar certamente um periodo agudo de lutas e de amargura.

E a tal legislação, se for feita, poderá talvez reter o movimento com o engano; mas descoberto este... Do que suceder, não seremos precisamente nós os culpados!

EM COLONIA LIBERTARIA

Como vivemos e porque lutamos

I Propaganda pelo exemplo

«De todos os meios de propaganda, dizia-me um dia Eliseu Reclus, o exemplo é certamente o melhor.» E tinha razão, o célebre sabio. Fazer bellos discursos e bellos livros, está muito bem; amamo-los porque nos encantam e nem sequer pensamos em lhes negar a influencia emancipadora; mas, por maior que seja o genio dum orador ou dum escritor, nunca poderá atingir a poderosa eloquencia duma boa acção! Por isso, em nossa humilde opinião, todos quantos se proclamam seguidores da filosofia anarquica devem tomar a peito provar com seus actos, muito mais do que com as suas palavras, que constituem o partido dos sinceros.

Não dogmatizamos, e por demais sabemos como é dificil, no barbaro caos das instituições modernas, conformar a vida com principios de fraternidade. Mas nem por isso deixa de ser verdade que o individuo modifica o meio como o meio modifica o individuo. E esta luta contra o ambiente é possivel para nós, que achamos nas sublimes grandezas das nossas aspirações um reservatorio de forças que se multplicam tanto mais quanto mais de lá são tiradas. Usemo-las, pois, e nunca esqueçamos que é sobretudo praticando a liberdade, a justiça, o respeito da consciencia humana, que com maior segurança habituaremos as multidões á visão de melhores futuros...; que é sobretudo acentuando cada vez mais a violencia dos contrastes entre o que é e o que deve ser, que nellas faremos brotar a energia dos combates necessarios!

II. Da teoria á prática

O anarquismo, ou, por outra, a teoria anarquica forçou a admiração de todos os que a estudaram sem ideias preconcebidas, sem o estupido apriorismo das pessoas de pouca capacidade.

Já não é possivel imaginar o número de herois que lhe sacrificaram a sua vida. Literatos, poetas, dramaturgos, como Anatolio France, Octavio Mirbeau, Jean Rictus, Paulo Paillette, Brieux, Mauricio Donay, etc., impregnaram delle as suas obras geniaes. Elias e Eliseu Reclus, Miguel Bakunine, Jean Grave, Henrique Malatesta, Carlos Malato, Sebastião Faure, Carlos Alberto, Domela Nieuwenhuis, e uma multidão de outros, traçaram-lhe as grandes linhas com uma maestria indiscutivel. Muito recentemente, o nosso sabio companheiro Pedro Kropotkine, em sua última obra, *L' Entr' aide*, retomando e desinvolvendo uma das mais maravilhosas descobertas do último seculo, provou mais uma vez que a concepção libertária não é em summa senão a conclusão logica das leis mais certas da evolução natural.

Mas todas essas obras são apenas estudadas por um número ainda relativamente restricto de mentalidades evoluidas.

Justamente por causa da sua logica e da sua majestosa grandeza, a teoria escapa á estreita comprehensão do grosso público.

Todos aquelles que vivem das mistificações sociaes têm uma tarefa facil; não lhes é dificil provocar contra nós zombarias e perseguições abominaveis, invocando pretextos infames. Mas suponde que o nosso orador ou o nosso polemista póde responder ao seu adversario:

«Como! vós pretendeis que o nosso ideal de evoluções livres e progressivas, de vida fraternalmente igualitaria é irrealizavel?

«Pois bem! ide ver em tal parte... Ahi achareis um número sempre crescente desses homens que qualificais de loucos, de maus e de assassinos. Vivem como numa grande familia, não tendo deus nem amos, nem regulamentos impostos, não conhecendo entre si nem propriedades, nem retribuições; ahi trabalha cada um livremente, segundo as suas forças e as suas aptidões, e consome não menos livremente, segundo os seus gostos e necessidades. Todos aquelles que entram na vida ahi encontram um berço e beijos, em quanto os velhos passam os seus últimos annos em repouso, na suprema felicidade de serem acarinhados por pessoas que não especulam sobre a sua morte. O amor, libertado de todos os seus obstaculos, resulta ali das necessidades fisiologicas e das vibrantes afinidades psiquicas; por isso nunca é ali manchado pela violencia ou pela corrupção: cada união é uma apoteose das embriagadoras bellezas da vida!»

Que responder a isto? Nada! O sceptico só poderá ir ver e inclinar-se perante o facto consumado...

EMILIO CHAPELIER.

(Continuará)

A lei faz talvez mais criminosos que os que corrige.

OUIDA.

Volta ao mundo

Espanha

O governo continúa a perseguir com sanha feroz os anarquistas. Contra a «Escuela Moderna», a bella instituição de ensino de que tantas vezes falámos aqui, foi cometida uma enorme violencia, no verdadeiro sentido do termo, contra a qual a imprensa, tão unanime e fogosa em verberar um acto de revolta de perseguidos, fazendo caso omisso das perseguições anteriores, não levantou senão debeis e raros protestos.

O director, Francisco Ferrer, foi preso, só porque era amigo de Morral, tradutor na «Escuela Moderna»! E para cúmulo, a Escola foi encerrada arbitrariamente, sob pretextos futeis, e confiscados os bens que Ferrer tão nobremente dedicava a tão elevados fins! Não é isto a peor, a mais inquisitorial das violencias, a violencia contra o ensino? Se houver um protesto desesperado, provocado por estas novas prepotencias perturbadoras e fomentadoras de odio, vereis então como a matilha se levanta de novo a ladrar furiosamente.

Russia

A luta continúa, como uma das maiores tragedias que a história regista. Ali se mostram, ao lado das brutalidades de que ainda é capaz a besta humana, os mais bellos actos que são já apanagio consolador da nossa especie.

Vejamos um contraste. Numa proclamação de Bauer, governador geral dos distritos de Gori e Duchette, Caucaso, havia, entre outras infamias, a seguinte passagem:

Annuncio que, a seguir a esta intimação, não tomarei mais nenhuma medida contemporisadora; formularei sòmente requisições precisas cuja falta de execução será castigada com a destruição e aniquilamento das aldeias que não obedecerem **sem que se faça nenhuma distinção entre os innocentes e os culpados.**

Em face disto, está a bella declaração dos socialistas revolucionarios e dos anarquistas de Bielostok, que, acusados policiescamente (como no caso de Cambios Nuevos, em Barcelona) dum acto de violencia propriamente dita protestam:

«Nós, socialistas e anarquistas, em nome das unicas organizações que praticam aqui a luta terrorista, declaramos o seguinte: Considerando o nosso metodo de luta indispensavel sob o regime actual, considerando a execução dos opressores como uma justa medida contra os seus crimes, nunca dissimulámos os nossos actos e nunca nos ocultámos por trás das costas d'outrem. Sempre soubemos afrontar o inimigo face a face, sem empalidecer diante das suas forças. É uma homenagem que nos deve ser prestada por nossos proprios inimigos. Pois bem, declaramos em face do mundo inteiro que nenhum membro dos nossos grupos, nenhum socialista ou anarquista isolado lançou uma bomba sobre a procissão ortodoxa ou atirou um só tiro antes de começar o *progromo* (matança geral de israelitas, organizada pelos inconscientes). A nossa qualidade de revolucionarios não nos permitiria lançar bombas ou atirar sobre a multidão pacifica; com mais forte razão não o fariamos no caso de que se trata, sabendo que um acto similhante provocaria o *progromo* desejado pela polícia. Afirmamos além disso que não disparámos *um tiro sequer, em primeiro logar*, na quinta e sexta-feira, quando a cidade estava exposta ao fogo dos soldados, sob pretexto que os anarquistas disparavam sobre os edificios publicos. Só atiravamos sobre os soldados e khuligans quando elles atacavam».

Note-se, a proposito da última parte, que embora, *nesses dois dias*, os revolucionarios fossem os primeiros a atacar a força armada (ás vezes o ataque é uma fórma necessaria de defesa), ninguem os poderia acusar de terem *começado*, pois que a violencia de cima vinha de longe. Feita esta reserva, está resumida nessa declaração a verdadeira teoria do emprgêo da força pelos revolucionarios. Tudo o mais é de autoritarios, como o russo Bauer ou como Torquemada, que não conhecem innocentes e tudo resolvem pela violencia.

E a revolução continúa. A *Duma* foi dissolvida. Sob a pressão revolucionaria, sob a vigilancia dos homens de acção, e sem grandes atribuições legislativas, não era tão perigosa como outro parlamento. Mas ainda entretinha com palavras... O tsar matou-a, mas parece ter-se ferido com a mesma arma, pois que a agitação recrudesce... Que a ferida lhe seja mortal!

Estados-Unidos

Nesta infamissima republica de bandoleiros e de falsificadores filantropos, de envenenadores em grande escala, procura-se reeditar o drama de 11 de Novembro, em Chicago.

Moyer, Haywood e Pettibone, da Federação dos mineiros do Oeste, foram presos e acusados dum atentado, apesar de estarem muito longe do logar onde fora cometido. Graças ao dinheiro de capitalistas, a influencias e manigancias, a prepotencias sem nome, os governantes e capitalistas (o proprio Roosevelt) esperam obter uma condenação iniqua e dar um golpe no movimento operario.

Entretanto ha já uma agitação de protesto contra esta nova infamia republicana.

Controversia Barbato-Galleani

II

CROLLA desejaria saber com que meios, na opinião de Barbato, poderão os trabalhadores alcançar a sua emancipação economica.

BARBATO: Com todos os meios! com todos os meios á nossa disposição, sem exclusão de nenhum. Alude ao actual movimento russo no qual poucos herois sacrificam a liberdade e a vida para realizar uma finalidade politica burguesa que não será sequer — para longe vá o agouro! — uma republica democratica; e deduz d'ahi que somos constrangidos pela necessidade a servir-nos de *meios que em si não são bons:* a luta de classe, o parlamento.

A luta de classe póde parecer um contrasenso para nós que queremos e teremos uma sociedade na qual será riscada toda distinção de classe; e o parlamento tambem, pois que sabemos que desaparecerá qualquer fórma parlamentar na sociedade que temos em vista: mas é forçoso recorrer a isso, tendo embora sempre a percepção clara do escasso bem que de taes meios nos póde vir, não nos iludindo sobre o seu alcance. Assim, se cremos que o reconhecimento juridico do nosso direito é uma garantia, um bem, se cremos que a acção parlamentar educa a massa para o estudo e para a gestão da producção que um dia terá de dirigir e regular, abstemo-nos, porém, de infundir nas massas o prejuizo que nos tornaremos um dia maioria no parlamento e que, conquistados os poderes publicos, transformaremos com uma ditadura proletaria a sociedade burguesa em sociedade socialista.

Quem taes ideias nos atribuisse, diria uma tolice. Antes de sermos maioria no parlamento, antes de termos conquistado os poderes publicos, será abolida a propriedade privada.

E outra tolice diria quem nos atribuisse a intenção de fazer no parlamento obra legislativa. Mas quaes leis nem legisladores! No Parlamento não se faz nada a não ser talvez alguma ligeira e insignificante arranhadura.

CAVALAZZI pergunta então a Barbato por que razão, fazendo da acção parlamentar tão fraco juizo, a adopta e entra no parlamento; e se é colectivista ou comunista.

BARBATO responde que crê não dever esposar nenhuma fórmula, pois que toda hipoteca ideal sobre o futuro não póde ser senão parto mais ou menos genial da fantasia de cada um, e não fruto de experiencia e de deduções historicas. Mas, recusando homenagem a fórmulas, intende, porém, dever repudiar como *burgueses* os postulados do colectivismo que dão numa sociedade emancipada *a cada um segundo o seu trabalho.* (*)

Quanto á outra pergunta de Cavalazzi, crê que a resposta seria uma repetição. A obra dos socialistas no parlamento não é senão uma das muitas fórmas de actividade do partido; mas seria um mal cultivar um particular desdem pelas leizinhas, pois que o reconhecimento nas leis burguesas de certos direitos proletarios tem sempre um valor innegavel. Se hoje posso declarar-me livre pensador e subtrair-me aos deveres religiosos e deixar de ir á igreja sem incorrer nas sanções penaes da inquisição e na ira inconsciente das plebes, é porque este meu direito é reconhecido na legislação burguesa, garantido por um artigo da constituição. Se assim não fosse, o padre me agarraria e o povo inconsciente me abandonaria estupidamente ao santo oficio e á fogueira.

«Afinal verifica-se precisamente o que dizia ha pouco sobre a absoluta inutilidade dos contradictorios: altercamos por insignificancias, pois que nós e vós queremos igualmente a abolição da propriedade privada e a diferença entre nós reduz-se no fundo a isto: que vós repudiais a luta parlamentar, e a nosso ver erradamente, ao passo que nós, acolhendo todos os meios de acção que o ambiente nos oferece, a adoptamos — sem isso seriamos anarquistas — e talvez erremos tambem, no sentido que nem nós nem vós temos ainda a experiencia historica necessaria para um juizo seguro a tal proposito. É de notar ainda que da maior ou menor eficacia dum dado meio de luta não se deve julgar pelas consequencias immediatas; é preciso esperar e reservar prudentemente qualquer juizo. Por isso, limitamo-nos a dizer, porque até ahi nos ampara a documentação historica e a indução scientifica: sobre o terreno da luta de classes queremos a abolição da propriedade privada com todos os meios.»

CAVALAZZI: Com todos os meios; portanto com a força quando seja necessario?

BARBATO: Mas certamente! mesmo com a força, com a pederneira ou com o canhão, com todos os meios.

GALLEANI pede a palavra.

(Continuará)

(*) Nós cremos que é necessario ter desde já planos, ideias práticas sobre a sociedade futura, porque a vida social não sofre interrupções, e, se, no momento da expropriação, nada levassemos estudado, era possivel que... voltassemos ao estado antigo; e cremos que o comunismo libertario é a melhor fórma de relações sociaes.

Entre tanto reconhecemos que o essencial está em garantir á todos e a cada um a igualdade de condições, uma situação que coloque a todos em pé de igualdade para o contrato, o acordo livre. E isto consegue-se:

a) Socializando, isto é, pondo á disposição de todos e de cada um a terra, todos os meios de producção;

b) Reconhecendo como base da vida social a cooperação livre, voluntaria, entre os individuos e entre os grupos, tanto na organização da producção e do consumo, como nos outros ramos da actividade humana.

E reconhecemos que muitas vezes, sobretudo tratando-se de operarios, a *unica* diferença existente entre as duas escolas socialistas mais importantes — a democratica e a anarquica — está na questão do metodo, no valor ligado á lei e á luta eleitoral e parlamentar. E vem a proposito notar que, embora se provasse ter a lei algum valor, restaria ainda demonstrar se, para conquistar a lei que *reconhece* direitos, é eficaz a luta parlamentar.

(Nota da "Terra livre")

Congresso U. dos O. das Pedreiras

Escreve-nos um companheiro protestando contra certos actos desta forte associação operária do Rio. No «Congresso», orgam da mesma sociedade, lemos, porém, um artigo, firmado por um estimavel companheiro, em que são enumeradas as vantagens e obras da «União dos O. das Pedreiras» e repelidos os ataques, injustos na opinião do articulista, de alguns descontentes. Por isso, porque aquelle jornal tem mostrado boa orientação, porque conhecemos e consideramos o redactor e porque não temos elementos suficientes para fazer um juizo seguro, abstemo-nos de qualquer apreciação da nossa parte.

Não queremos, todavia, que nos tomem por sufocadores de protestos e que considerem parcial a nossa atitude, e publicamos, portanto, a carta que nos foi enviada, deixando ao seu autor, cujo nome reservamos por em quanto, toda a responsabilidade do que nella é dito. Generalizaria elle um caso excepcional, que não anulla certamente as vantagens daquella sociedade? Exagerou porventura defeitos muito naturaes? Ou pôs o dedo num chaga perigosa que é preciso remediar? Seja como for, desejamos que tudo se resolva bem, e que, se erros houver, francamente sejam reconhecidos, de parte a parte, porque não é deshonra, mas é util, reconhecer e sanar o mal de que se é victima.

Eis a carta:

Companheiros de TERRA LIVRE:

Saudações.

Venho por meio desta carta fazer-vos scientes dos factos que se estão dando no «Congresso U. dos O. das Pedreiras» do Rio.

Como já deveis saber, houve uma greve dos companheiros da Ponta de Areia, greve esta que era mais do que justa, e á qual aderiram 40 oficinas que forneciam cantaria para as obras do porto. Estas adesões resultaram da decisão tomada numa assembleia bem constituida. Depois realizou-se nova assembleia que resolveu que os companheiros em luta fossem socorridos com a quantia de 100 mil reis por mês, para que não se vissem forçados a atraiçoar o movimento.

No fim das contas, tudo ficou em aguas de bacalhau, e isto por causa do tal Congresso não agir na devida fórma, deixando os grevistas abandonados por completo, sem uma assembleia para pôr os demais companheiros ao facto do que sucedia; de modo que até nos chamaram vagabundos, que não queriamos trabalhar!

Enfim, não tivemos um pequeno auxilio, por causa do egoismo com que são guardados os 22 contos de reis que existem em caixa, porque dizem elles que, acabando o dinheiro, decai a sociedade! Em summa, companheiros, esta sociedade não tem caracter de resistencia, mas sim de irmandade. Não vos posso dizer tudo porque é por demais. Espero que publiqueis alguma cousa a este respeito.

Do Brasil proletario

RIBEIRÃO PRETO

EXPULSÕES ARBITRARIAS. — VIOLENCIAS E VINGANÇAS. — ESTADO DE SITIO. — SILENCIO DE CUMPLICES.

A Companhia Mogyana começou a expulsar e a perseguir os empregados que fazem parte da Liga Operaria. Isto é: uma simples empresa particular revoga o artigo da Constituição que «garante» a liberdade de associação — o que prova mais uma vez que a lei escrita não garante direitos que não estão já garantidos pelos factos e que as liberdades politicas são bem debeis quando se depende dum patrão.

O sr. José Pereira Rebouças, quando ha dias passou em Ribeirão Preto, chamou o maquinista Emilio Moço, e intimou-o, sob pena de expulsão, a declarar pela imprensa que não mais pertenceria á Liga. Emilio Moço, muito dignamente, recusou-se a fazer essa declaração. Então o dr. Rebouças, furioso, ameaçou de expulsão todos os empregados socios da Liga, e está pondo em prática a sua ameaça, encarregando Torquato Elias da Silva, chefe das oficinas, dessa ignobil tarefa.

Este algoz é um tiranete atrabiliario e devasso, habituado a servir-se da sua autoridade de chefe para as suas conquistas de mulheres casadas, e conhecido pelo odio especial aos portugueses. «Ha de leva-los o diabo!» exclama elle, todo satisfeito com os seus novos poderes.

Ha dias, o maquinista Manuel dos Santos, tendo sido despedido, pediu-lhe o pagamento do ordenado.

— Quer a conta? grita o impulsivo Torquato. — Espere!

E pegando numa barra de ferro, descarregou uma violenta pancada no honrado trabalhador, que, aparando-a com os braços, ficou com estes partidos! A policia, essa só persegue os trabalhadores.

Senão veja-se. No dia 28 de julho, Emilio Moço, já suspenso do serviço, ia embarcar no expresso da manhã para tratar dos seus negocios, quando o ajudante do tráfego e o chefe da estação, *acompanhados de soldados*, o intimaram a receber o dinheiro da passagem e a não embarcar, sob pena de prisão!! Note-se que se trata dum homem conhecido e respeitado por todos como pacífico e laborioso.

Dizem que o consul português vai tomar providencias. Mas que poderá elle fazer? O mais seguro, para os operarios, é associarem-se sem distinção de nacionalidades, sobre a base dos seus interesses comuns, e contarem sobretudo com as suas proprias forças. Do contrário, serão victimas de todas as prepotencias e a intervenção de qualquer autoridade, ainda que sincera e energica, lhes será de bem fraco auxilio.

Quanto á imprensa, são justissimas estas considerações do *Livre Pensador*, donde extrahimos a presente noticia:

«Por méras questões politicas, alguns jornaes de Ribeirão Preto chamaram á policia assassina e facinora e descobriram as infames torturas inquisitoriaes a que eram submetidos muitos presos. Mas, como a questão operária não é uma questão politica e sim economica, os jornaes que diziam horrores dos «mantenedores da ordem» são os primeiros a tecer elogios ás autoridades que reprimem e violentam com sanha de cosacos os pobres operarios que se atrevem a protestar contra as inauditas torpezas com elles cometidas!»

SANTOS

No dia 28 de julho, no armazem do sr. Rafael Sampaio, á travessa do Cayuby, o trabalhador conhecido pelo nome de Maneco Espanhol foi victima dum desastre, quando marcava os lotes de café, lotes estes empilhados desastrosamente pela grande altura, a mando de homens sem consciencia e ignorantes do serviço, que, para bem servir os patrões amados, fazem pouco caso do sangue e da vida dos proletarios.

Este pessimo modo de empilhar começa já na estrada de ferro inglesa. Antes de mandarem certos servidores entusiastas, as pilhas eram de 9 ou 10 sacos; agora são de 18 a 20. Os humildes operarios que nessa Companhia trabalham parece-me que não sabem colocar-se no logar que lhes pertence, ou receiam as façanhas do terrivel Soares. Sabem quem é esse terrivel Soares? É o que arranjou emprêgo ao cobrador da «União dos Operarios», J. J. Marques, só para que este acusasse os grevistas da Estrada de ferro, isto é, os empregados do sr. Soares ou da Inglesa. Este tiranete da Inglesa não é o segundo Monlevade; porque antes da greve da Paulista, causada pelo Monlevade, já este da Inglesa era... Monlevade primeiro, por sua natureza e por suas façanhas.

Os operarios da Inglesa são resignados, mas quem sabe lá o que póde acontecer? Como diz o ditado: "Tantas vezes vai o cantaro á fonte, que um dia lá deixa a asa...

O CORRESPONDENTE.

Definição de Patria

Ao homem que se alimenta de ideias claras não é dificil dar esta definição.

Li em A TERRA LIVRE, n. 12, o artigo «Em nome da patria», no quál K. M., depois de falar de todas as iniquidades que se cometem em nome da patria, pergunta aos leitores se sabem dizer-lhe o que é a patria.

Pois bem, eu respondo: A patria, «de acordo com os factos», não é mais do que o poder constituido pela classe dominante, poder que vai desde o presidente geral aos presidentes menores, e tem representantes nos conselheiros, prefeitos, chefes politicos, deputados, senadores, militares, etc. bem como nos poderosos millionarios, nos grandes e pequenos industriaes, nos fazendeiros, em todos aquelles que exploram o trabalho util e monopolizam a riqueza social.

Esta organização, chamada oficialmente patria, tem um poder formidavel sobre todos nós, os que produzimos e trabalhamos para o seu bem-estar. A classe proletaria, despojada dos seus direitos, ignorante, faminta, desprezada, não tira nenhuma vantagem dessa «patria» e suporta-lhe todos os encargos. Ella paga todos os impostos. Ella fornece, sob o estimulo da miseria, os servidores da patria, os quaes, quando esta está em perigo, se lançam como cegos sobre os seus irmãos do interior ou do exterior, matando a torto e direito para vantagem dos benjamins e unicos possuidores da patria.

Então esses filhos unicos da patria gritam aos proletarios: «Armemo-nos e... correi a defender a nossa patria querida! Se morrerdes de fome ou á bala, será grande honra para vós... sob a sepultura! Se vós, com toda a vossa ferocidade, matardes muitos dos *vossos inimigos,* subireis de posto e ganhareis uma medalha e mais dois vintens por dia! Podereis então apanhar uma boa bebedeira no dia do pagamento, que nós cheios de dó, vos poremos ao fresco na solitaria, num delicioso calabouço, para que... não morrais de febre amarela!»

Na sociedade actual assim acontece: a burguesia é filha unica da patria, e a patria é a propriedade sagrada da burguesia. E nós, que somos? Servidores gratuitos da patria, escravos roubados da burguesia. E para sairmos desta triste condição, é preciso que trabalhemos todos para convencer os nossos companheiros da necessidade urgente de conquistar uma patria livre e comum, não renunciando a direitos e liberdades em nome... duma «patria», isto é, duma oligarquia de exploradores e tiranos. Quando, em numero suficiente, formos conscientes dos nossos direitos e possibilidades, então poderemos arrancá-los aos dentes das feras patrioticas que nos esmagam em nome da patria e constituir uma sociedade que ofereça a todos bem-estar e liberdade.

Entretanto, jacobinos, embriagados de ideias patrioticas, levantam-se e gritam com toda a força dos seus pulmões:

«Não, senhor! A patria é a mãi comum de todos os homens que vivem no país... Os trabalhadores que defendem a patria são herois, homens conscientes... Defendem um territorio que lhes pertence, onde elles ganham o seu sustento e gozam da mais ampla liberdade...»

E eu respondo, sorrindo perante essa cega teimosia: Os trabalhadores nada possuem das bellezas da patria; nada mais têm do que dois braços, que são forçados a alugar em qualquer parte, e com os quaes trabalham como bestas de carga para o vosso bem-estar, ó filhos da patria, que procurais submetê-los a todas as infamias e pagar-lhes o salario mais baixo possivel, apenas suficiente para vegetarem e produzirem, e que não raras vezes lhes pagais com insultos e chicotadas, como quando lhes dizeis: «Que querem mais?... Vocês já comeram e beberam á minha custa... e se fizermos as contas sou eu ainda o crèdor!...» E quando elles pedem mais uma migalha de pão para si e para os filhos, não lhes manda a «patria» a sua heroica força, a pé e a cavallo, para que a resposta seja dada á cutilada ou á bala?

S. Paulo, julho de 1906. L. M. F.

A proposito da revolução russa

... Sim, os que comprehenderam, os que annunciaram, ha muitos annos já, que a classe operária poderia, com uma vasta recusa concertada de trabalhar, assustar e abalar as forças de reacção e de privilégio, acertaram. A greve geral é uma consequencia natural e necessária do movimento economico.

(L'Humanité, *novembro de 1905*)

JEAN JAURÈS.

Nós saudamos com alegria essa experiencia decisiva (a da greve geral na Russia). O que foi feito — justamente e com exito — para a conquista do poder politico, poderá, chegando a ocasião e sob o imperio da necessidade, fazer-se — tambem justamente e com igual exito — para a conquista da justiça social.

(L'Européen, *novembro de 1905*)

F. DE PRESSENSÉ.

Ás jovens costureiras de S. Paulo

II

Avante, companheiras!

Desta vez — devemos dizê-lo francamente — parece-nos que as nossas palavras algum resultado deram, e que as companheiras nos comprehenderam.

De todos os lados nos chegam incitamentos para continuarmos na nossa justa campanha, afim de reivindicar direitos que são bem nossos. Nunca como agora se viu em S. Paulo tanto entusiasmo da parte das nossas companheiras — as boas — e da parte do público consciente e da imprensa livre que nos deu todo o seu valioso apoio moral.

Muitos patrões, mesmo entre os peores, tiveram que reconhecer a justiça das nossas reclamações e ficaram um pouco abalados diante da nossa atitude firme. Já muitos disseram que estão prontos a conceder-nos em parte o que pedimos, os *se os outros patrões os seguirem*...

Não devemos, porém, esperar que nos *concedam* o que nos pertence, quando lhes agrade: devemos tomá-lo por nossas mãos, pois que temos o direito e o poder de o fazer. Não nos deixemos sobretudo adular com falsas concessões e promessas por parte dos nossos sanguesugas.

Agora que nos vêem bem encaminhadas, servem-se de todos os meios hipocritas para que se perca o nosso esforço. Mas não hão de ter essa satisfação, porque nos uniremos e venceremos a batalha: e se entre nós houver alguma traidora, nós a apontaremos ao desprêzo público, ao desprêzo das pessoas laboriosas e honestas, conscientes dos seus direitos.

Infelizmente, força é dizê-lo, não faltam entre nós as servis que de tudo se enveagonham, menos de se deixarem esfolar santamente como ovelhinhas. E o que é sobretudo vergonhoso é haver da nossa parte consideração pelos patrões, quando têm trabalhos que acabar á pressa e consentirmos em trabalhar até á meia noite, submissas e resignadas, em vez de ir embora, sem tantos servilismos de escravas!

Vêde como elles aumentaram os seus estabelecimentos na cidade, e como progridem rapidamente, dia a dia! E nós, companheiras, que melhoramento temos em quanto trabalhamos nas suas oficinas? que melhoramento pecuniario? que progresso moral? Nenhum! Sempre as mesmas escravas, sempre as mesmas exploradas, perdendo gradualmente a saude nesses ergastulos!

Meditai, reflecti bem, companheiras, pensai que, se vós mesmas não tratais de melhorar a vossa sorte, ninguem se importará de vós!

Decidimos convidar-vos, num proximo *manifesto*, a uma reunião na qual se discutirão assuntos de summa importancia para os interesses da nossa causa justissima; e nisto fomos encorajadas por muitas companheiras que nos mandaram a sua adesão.

Agradecemos vivamente a toda a imprensa livre que se interessou por nós: *Avanti!*, *La Battaglia*, *Lucta Proletaria*, *Ideia Nova* e *Terra livre*.

Coragem e sempre avante!

S. Paulo, 11—8—906.

TECLA FABBRI
TERESA CARI
MARIA LOPES.

Sobre o mesmo assunto, recebemos dum camarada a seguinte carta de aplauso e incitamento:

ÁS INTELIGENTES OPERÁRIAS
Maria Lopes, Teresa Cari e Tecla Fabbri

Companheiras,

Não podeis imaginar com que prazer soube da vossa bella e corajosa iniciativa a favor das costureiras, cuja defesa eu tomára desde o n. 19 de *La Battaglia* (6 de Novembro de 1904) até o n. 45 (8 de junho de 1905), e tambem no n. 1197 do *Avanti!* (20 de julho de 1905).

A decisão que haveis tomado e que vos torna tão simpaticas suscitou nesta cidade o aplauso de todas as pessoas honestas. Nas familias onde ha costureiras, não se faz senão discutir o vosso manifesto (1) e a vossa coragem, digna de toda a atenção da classe operária, na qual não ha muitas como vós.

Continuai, companheiras, a marcar com o ferrete infamante todos esses salteadores que vos roubam e vos assassinam. O meu ardente desejo é que as vossas palavras sejam mais eficazes e convincentes do que as minhas; ninguem, melhor do vós, póde descrever a verdade rigorosa dos factos, revelar a exploração infame, as pessimas condições de horario e de salario.

Continuai firmemente na vossa campanha, que toda a classe operária está convosco. Do meu lado, declaro-me desde já ao vosso dispor, se as minhas debeis forças vos forem de algum proveito.

S. Paulo, 9—8—906.

Vosso

F. DE PAOLA.

(1) O artigo publicado no n. passado da «Terra livre», foi reproduzido e profusamente espalhado em manifesto (*N. da R.*).

El Estado, su papel histórico

por Pedro Kropotkine

Folleto de 64 Páginas

Preço, 300 reis

Propaganda pelo opusculo

Afim de continuar a propaganda por meio do folheto, decidimos encetar a BIBLIOTECA DA «TERRA LIVRE» *com a brochura de 16 paginas*

O QUE QUEREM OS ANARQUISTAS

do camarada Jorge Thonar, fixando desde já os seguintes preços:

1 exemplar	*$100*
25 exemplares	*2$000*
50 »	*3$500*
100 »	*5$000*

Os pedidos podem ser feitos desde já, e, sendo possivel, desde já acompanhados da sua importancia, havendo urgente necessidade de dinheiro para as primeiras despesas, que, dadas as nossas possibilidades, não são insignificantes. Não poderemos mesmo dar começo de realização a esta iniciativa sem esse adiantamento de fundos por parte dos camaradas.

Para aquelles que enviarem o dinheiro desde já, antes da publicação do opusculo, os preços são os seguinte:

6 exemplares	$500
15 »	1$000
35 »	2$000
60 »	3$000
100 »	4$000
130 »	5$000
280 »	10$000

Quantias recebidas

Almeida (Rio)	5$000
Marcelino Ramos (Rio)	4$000
P. Santos (Porto Alegre)	2$000
Bianchini	1$000
Lista de M. M.: Piccolo 1. Moscoso, 1. Grassini, 2. Alexandre, 1. P. Orellana, 2. N. N. 500. Um desempregado, 100. A. O., 2. Attilio Gallo, 2. A. Contieri 1. Compaña, 1. Pereira, 2	15$600
Total	27$600

Nota. — O folheto aparecerá dentro de poucos dias. Aquelles que quiserem aproveitar as vantagens oferecidas aos que pagam adiantadamente, não têm tempo a perder. Nós precisamos urgentemente de dinheiro para as primeiras despesas (papel, impressão, brochura).

El Hombre y la Tierra

Esta grandiosa obra de Reclus tem uma edição espanhola monumental. A tradução é devida á penna do conhecido e integro revolucionario Anselmo Lorenzo, sob a revisão de Odón de Buen.

EL HOMBRE Y LA TIERRA divide-se em quatro partes — *Os primitivos*, *História Antiga*, *História Moderna*, *História Contemporanea*, — e formará 4 tomos de regulares dimensões, com cêrca de mil gravuras.

Publicar-se-á semanalmente em fasciculos de 24 páginas, por 50 CENTIMOS DE PESETA.

Os pedidos podem ser feitos directamente ao administrador ALBERTO MARTIN — Apartado de Correos 266 — Barcelona.

COMUNICADOS

Salud y Fuerza

Revista mensal da Liga de Regeneração Humana

Em agosto, esta revista para a propaganda da procreação consciente e limitada reata a sua publicação, notavelmente melhorada. Conta com a colaboração dos mais conhecidos escritores, tanto literarios, como scientificos e medico-sociaes. Os textos serão ilustrados com gravuras no logar correspondente.

Assinatura annual: 1,50 pesetas em Espanha e Portugal; 1,80 nos outros paises. Número avulso, 10 centimos. Os assinantes podem remeter a importancia da assinatura ao seguinte endereço: Administracción de *Salud y Fuerza*, Plaza Comercial, 8 — Barcelona.

Correspondentes no Brasil: Manuel Moscoso, rua Maria Domitilla, 88, S. Paulo e Antonio Domingues, rua Visconde de Maranguape, 25, Rio de Janeiro.

Circulo de Estudos Sociaes

Por iniciativa de alguns individuos, foi aberto, na rua Monsenhor Andrade, 50 (Braz), um *Circulo de Estudos Sociaes*.

O escopo precipuo desta iniciativa é difundir entre os trabalhadores, por meio de leituras, conferencias e dramas sociaes, a instrução necessaria para os libertar do jugo que os oprime. Para tal fim, o Circulo dispõi já duma biblioteca do leituras sociaes, franqueada a todos que della queiram servir-se, das 7 ás 10 da noite nos dias uteis e das 2 da tarde em diante nos dias feriados.

O grupo iniciador apella para todos os que aprovam esta iniciativa, á qual podem aderir, quer pagando uma quota mensal, quer oferendo livros e opusculos; e pede ás redacções de periodicos defensores dos explorados que enviem alguns exemplares das suas publicações.

Pelos iniciadores,

LUÍS TROMBON.

Leiam:

NOVO RUMO
Periodico socialista-anarquico.
Endereço: Rua do Hospicio, 210 (1.º andar)
Rio de Janeiro.

LA BATTAGLIA
Periodico settimanale anarchico.
Anno, 10$000; semestre, 5$000; trimestre, 3$000.
Caixa postal 547 — S. Paulo

L'UNIVERSITÁ POPOLARE
Rivista quindicinale diretta dall'avv. Luigi Molinari
Via Tito Speri, 13 — Mantova, Italia.
Anno, 5$000; semestre, 2$500. (Nesta redacção)
(Manda-se um número especime).

LES TEMPS NOUVEAUX
Ex-journal «La Révolte»
Paraissant tous les samedis
avec un supplément littéraire illustré
4, rue Broca. — Paris, V
Anno, 6$000; semestre, 3$000. (Nesta redacção).
(Manda-se um número especime)

RÉGÉNÉRATION
Organe de la Ligue de la Régénération Humaine
Fondée par Paul Robin.
Procréation consciente et limitée
27, rue de la Duée — Paris, XX
Anno (12 numeros), 1$500 (nesta redacção)

Basi Scientifiche dell' Anarchia

di Pietro Kropotkine

Prima edizione italiana

Preço, 200 reis

Biblioteca de Estudos Sociaes

Livros e folhetos de propaganda anarquista, em idioma italiano

A 100 REIS

Giovanni Most, *La Peste Religiosa*.
Domenico Zavattero, *Il Giuoco della Borghesia*
» » *Scienza e Famiglia*
» » *Ozio e Lavoro*
» » *Il Pudore*
Paolo Delesalle, *La Resistenza Operaia*
Nicolò Converti, *Che cosa è il Socialismo*
F. Domela Niewenhuis, *La donna e il Militarismo*
Emilio Silvieri, *Giorgio e Silvio*
Eliseo Reclus, *L'evoluzione legale e l'Anarchia*
Nino Samaja, *La Legislazione Operaia*
R. Rousselle, *Il Maestro* (bozzetto drammatico)
René Chaughi, *L'immoralità del matrimonio*
F. Pelloutier, *Sindacalismo e Rivoluzione Sociale*
Sebastiano Faure, *I delitti di Dio*
Pietro Gori, *Guerra alla Guerra*
Errico Malatesta, *La politica parlamentare nel movimento Socialista*
Pietro Kropotkine, *Basi scientifiche dell' Anarchia*
Carlo Malato, *Religione e Patriottismo*
Lo Sciopero Generale, il suo scopo e i suoi mezzi

A 200 REIS

Pasquale Pensa, *Vittime e pregiudizi*
Pietro Gori, *Emilio Zola*
» » *Ideali e battaglie* (poesie scelte)
Emilio Z. Arana, *La medicina e il proletariato*
Errico Malatesta, *Al Caffè*
Abbate ***, *Le vergogne del confessionale*
Carlo Malato, *Ricordi su Luisa Michel*
W. Tcherkesoff, *Pagine di Storia Soci[alista]*
Carlo Albert, *Il Libero Amore*
D. Zavattero, *Gli anarchici nel movimen[to]*
Libero Merlino, *L'Azione Parlamentare*

A 300 REIS

Edoardo Milano, *Primo Passo all' Anarchia*
Luciano Descaves, *La Gabbia* (dramma soci[ale])
Abbate F. Bigliazzi, *Ciò che si fa nei se[minari] nelle parrocchie*
Giulio Cesare, *Ideali infranti* (dramma sociale [in] atti)
Michele Bakunine, *Il Socialismo e Mazzini*
Pietro Kropotkine, *Lo Stato*

PREZZI DIVERSI

Leda Rafanelli Polli, *Un sogno d'amore* (romanzo sociale) [illegible]
Gerardo Hauptmann, *I tessitori* (dramma) [illegible]
Leonida Andreieff, *Il riso rosso* [illegible]
Luigi Fabbri, *Lettere ad una donna sull'Anarchia* [illegible]
Luigi Molinari, *Il tramonto del diritto penale* [illegible]
Leone Tolstoi, *Gli errori del Militarismo* [illegible]
Pietro Gori, *Gente Onesta* (dramma) [illegible]

Os pedidos, acompanhados da respectiva importancia, devem ser dirigidos a ATTILIO GALLO, [Rua] do Lavapés, 279, ou a esta redacção.

Aos camaradas que desejarem fazer propaganda das nossas ideias entre o elemento italiano, recommendamos esta biblioteca, onde poderão adquirir excelentes folhetos a preços bastante reduzidos.

NOVO RUMO

Periodico anarquista do Rio de Janeiro

Acha-se á venda nesta redacção e na AGENCIA JORNALISTICA de S. Jorge & C.ª

Rua de S. Bento (Charutaria Lealdade)

Munições para "a Terra livre,,

SUBSCRIÇÃO VOLUNTARIA

Lista de A. Molina (Santos): J. D. Garcia, 1. L. Esperito, 2. L. Marrero, 2. L. Rocha, 1. F. Perdigão, 500. S. Gomes, 500. A. Molina, 2. menos 800 para o correio	8$[illegible]
Lista de Garcia: J. L. da Costa, J. Carrara, F. Pace, F. de O. Gomes, 1 cada um; J. G. da S. Junho, 2. Garcia, 2	8$[illegible]
Lista de J. H. Martín (Limeira): Martín, P. Boldrini, J. Lombardo, L. Rossi, J. F. Cintra, D. Juliano, C. Angulo, E. Boldrini, J. Livalde, M. Soler, M. Rissatte, 1 cada um	11$000
Lista de Orellana: A. Rebollo, 2. Cartolin, 2. P. Orellana, 3 A. Orellana, 3	10$000
Do Rio: S. Solha, 2. H. Lumarone, 1. A. V. Martins, 1. B. Peralva, 1. J. Rial, 2. M. Pinheiro, 1. M. Lage, 1	9$000
Lista de A. J. de Moraes (Rio): Adriano, 1. Nogueira, 1. Campos, 1 Junior, 1. Paiva, 1. Antonio, 200. Gonzaga, 500. Augusto, 2. Correia, 1. Dario, 400. Onilio, 500. Ildefonso, 500. Alarico, 500. Esteves, 500. Hilario, 500. Chagas, 500. J. Vasconcellos, 500. Achilles, 1. Menezes, 500. Duarte, 500. Luís, 500. Carlos A. de Lacerda, 500	16$100
Lista de Nogueira (Rio): Paiva, 200. Dario, 200. Onilio, 100. Ildefonso, 200. La Cuesta, 1. Esteves, 200. Simas, 500. Hilario, 200. Ernesto, 200.	2$8[illegible]
Lista de C. Amato (Araraquara): J. C. Tremes, 4. R. Oliveira, 4	8$000
Rosendo Fernandes (Rio Claro)	2$000
Lista de Stefan Michalski (Porto Alegre)	10$000
Lista de M. Ramos (Rio): M. Valladares, J. Martins, M. J. Gomes, M. P. da Silva A. Barão, D. M. Ramos, B. Rodrigues, J. F. dos Santos, M. Tatto, J. Garrido, F. Ponza, A. Gomes, A. F. Cardoso, M. F. Povoas, M. Pardo, 1 cada um; M. Ramos, M. Villaboa, F. P. da Silva, 2 cada um	21$000
De Porto Alegre: Kuplich, 4. Baptista, 2. J. Cesar Alencastro, 1.500. Cecilio 2. Homens livres, 5. Venda avulsa, 1	15$500
Lista de A. Escaño (Sorocaba): B. Escaño, 1.500. A. Escaño, 2. C. Lopes, 500. A. Miranda, J. Garrido, A. Prado, J. de Moraes, Joaquim, J. Caro, A. Marques, R. Cavalari, V. Coelho, L. Pedroso, A. J. D., M. B. D., J. A. Q., P. M., J. da Gracia, J. Garcia, 1 cada um	20$000
Lista de E. Nervo: Elvio, 1. Fiume, Emilio, Pereira, Michele, J. M. Sousa, 1 cada um	6$000
Lista do Nilo (Santos): Matea Gracia, 2. C. G. Reis, 1. Saturno, 500. E. Antunhas, 600. A. Teixeira, 1. J. Tiago, 700. J. Malavasi, 1	6$800
Lista de F. de Paola: Valentini, 500. F. de Paola, 2. B. Oreste, 1. A. Baracello, 500	4$000
Lista de A. Pereira: Elvio, 1. G. Angrimani, 1. F. Filho, 500. A. Weiss, 500. G. Rey, 1. A. Rinotto, 500. Arnaldo, 500. A. George, 500	5$500
Lista da redacção: Guerrero, 500. Folhetos do Gallo, 800. Cordeiro, 4. A. C. Duarte, 3. F. A. Costa, 100. R. Artacho, 1. Attilio Gallo, 1	10$400

ASSINATURAS

C. S. (São Paulo)	2$000
Total	176$[illegible]

SAÍDAS

Tipografia	55$[illegible]
Imp. e papel	30$[illegible]
Correio	[illegible]
Carroça	4$[illegible]
Deficit anterior	[illegible]
Somma	[illegible]
Entradas	176$[illegible]
Saldo	[illegible]